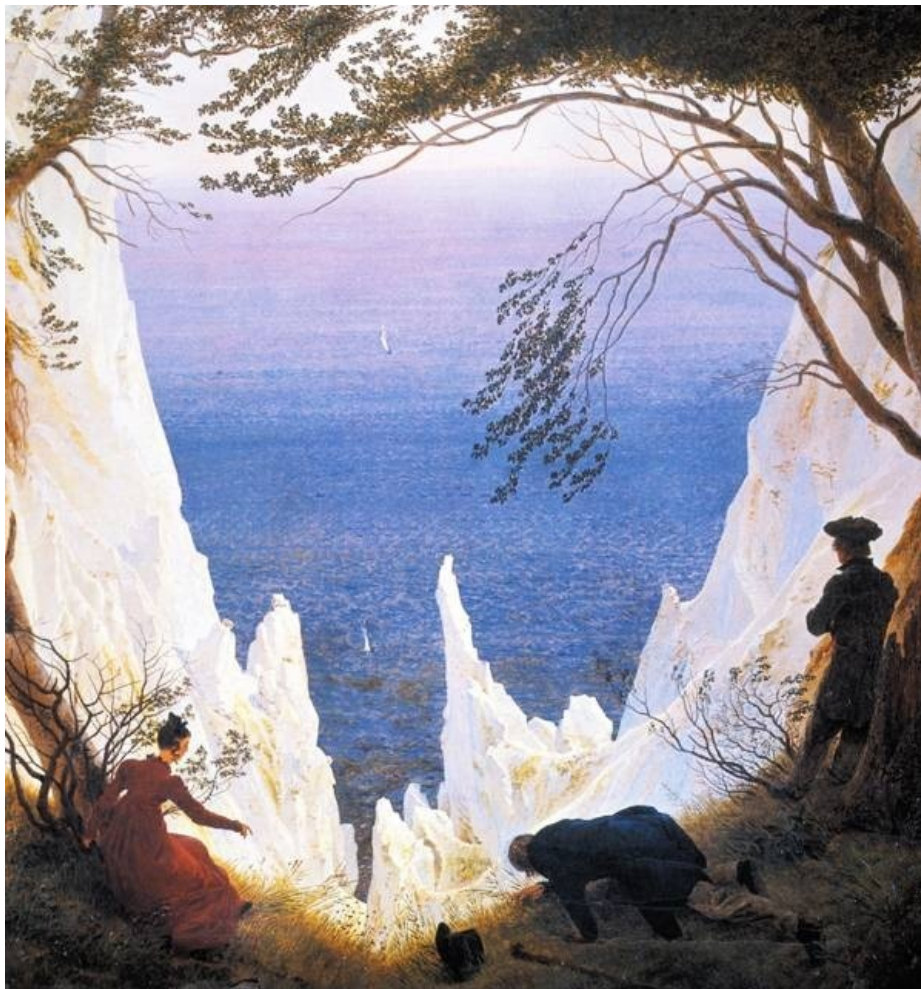




ROMANO TORRES

ANN RADCLIFFE
*Os Mistérios do
Castelo de Udolfo*

ANN RADCLIFFE

Os Mistérios do
Castelo de Udolfo



THE
MYSTERIES OF UDOLPHO.

A Romance.

INTERSPERSED WITH SOME PIECES OF POETRY.

BY ANN RADCLIFFE.



CHISWICK:

Printed by C. Whittingham;
FOR C. S. ARNOLD, TAVISTOCK STREET,
COVENT GARDEN; AND
SIMPKIN AND MARSHALL, STATIONERS' COURT, LONDON.

1823.

"OBRAS ESCOLHIDAS DE AUTORES ESCOLHIDOS

Sangue Azul, de Jane Austen

A Letra Escarlata, de Nathaniel Hawthorne

O Homem e o Espectro, de Charles Dickens

O Talismã, de Walter Scott

Feira das Vaidades, de William Thackeray

Quo Vadis?, de Henryk Sienkiewicz

Caminho da Vida, de Samuel Butler

Rómula, de George Eliot

Ivanhoe, de Walter Scott

Orgulho e Preconceito, de Jane Austen

A Cabana do Pai Tomás, de Beecher stowe

O Cavaleiro da Escócia (Quentin Durward), de Walter Scott

O Fauno de Mármore, de Nathaniel Hawthorne

O Encanto de Lorna Doone, de R. D. Blackmore

Tempos Difíceis, de Charles Dickens

A Mulher de Branco, de Wilkie Collins

A Noiva de Lammermoor, de Walter Scott
O Grande Amor de Jane Eyre, de Charlotte Bronté
Ben-Hur, de Lewis Wallace
A Estranha História de Oliver Twist, de Charles Dickens
O Pirata, de Walter Scott
Os Últimos Dias de Pompeia, de Bulwer Lytton
A Dama Velada, de Nathaniel Hawthorne
As Aventuras Extraordinárias do Sr. Pickwick, de Charles Dickens
Monte dos Vendavais, de Emily Bronté
A Donzela do Nevoeiro, de Walter Scott
Fabiola, do Cardeal Wiseman
David Copperfield, de Charles Dickens
Rob Roy, de Walter Scott
Tom Jones, de Henry Fielding
A Eterna Cegueira do Amor, de Wiikie Collins
A Aventura de Waverley, de Walter Scott
A Vida era assim em Middlemarch, de George Eliot
O Diamante da Lua, de Wiikie Collins
O Romance da Família Chuzzlewit, de Charles Dickens
A Vitória de Montrose, de Walter Scott
O Mistério de Northanger, de Jane Austen
Encantamento nas Trevas, de George Eliot
Eveline, a Castela, de Walter Scott
Amélia, de Henry Fielding
Na Corte da Rainha Isabel, de Walter Scott
Dois Destinos, de Wiikie Collins
O Mistério de Edwin Drood, de Charles Dickens
O Coração de Shirley, de Charlotte Bronté
O Noivado de Adam Bede, de George Eliot
A Lenda da Dama Branca (The Monastery), de Walter Scott
O Grande Egoísta, de George Meredith
O Pajem de Maria Stuart, de Walter Scott
Domfaey & Filho, de Charles Dickens
O Astrólogo, de Walter Scott
Rienzi, O Último dos Tribunos, de Buiwer Lytton
Os Mistérios do Castelo de Udolfo, de Ann Radcliffe
ANN RADCLIFFE

OS MISTÉRIOS DO CASTELO DE UDOLFO

ROMANO TORRES

Título do original inglês: THE MYSTERIES OF UDOLPHO.

Tradução de LEYGUARDA FERREIRA

EDIÇÃO DA LIVRARIA ROMANO TORRES

JOÃO ROMANO TORRES & C." — Casa fundada em 1885 Rua Alexandre Herculano, 70 a 76 — LISBOA-1960

Composto e impresso na Tipologia. H. Torres — R- de S. Bento, 279-1." - Lisboa



Pequena Biografia da Autora

Ann Ward Radcliffe, romancista inglesa, nascida e falecida em Londres (1764-1823).

Casou em 1787, com o jornalista William Radcliffe, que viria mais tarde a ser o diretor da English Chronicle.

Em 1789 publicou o seu primeiro romance *The Castles of Athlin and Dunbayne*. *The Sicilian Romance* no ano seguinte (1790), surpreendeu e encantou tanto pela riqueza descritiva como pela fantasia da invenção. Mas é com o aparecimento *The Romance of the Forest* (1791), que data verdadeiramente a sua reputação de escritora. Hábil em coordenar as peripécias duma narração maravilhosa, de mistério e terror, novidade nessa época. *Os Mistérios do Castelo de Udolfo* (*The Mysteries of Udolpho*) que se publicou em 1794, foi recebido com enorme sucesso- A grande romancista Jane Austen, no seu romance: *Northanger Abbey*, publicado em 1798, através do diálogo dos seus personagens demonstra o entusiasmo que *The Mysteries of Udolpho* despertara no meio literário inglês.

Mas, apesar deste sucesso, Mrs. Radcliffe escolheu precisamente esse momento para renunciar a escrever e dividir a sua vida entre as viagens e o conchego da sua casa.

Pretendeu-se que o horror dramático de tantas situações inventadas por ela a perseguia e enlouquecia, mas isso não se confirmou. As suas obras póstumas, publicadas em 1826, compreendendo o romance *Gaston of Blondville*, provam-no amplamente. A correspondência e as Memórias estão cheias de páginas de alto valor literário.



Os Mistérios do Castelo de Udolfo

I

O Castelo do Vale

Em 1584, na margem do Garonne, erguia-se um pequeno castelo cujas janelas davam sobre um dos mais ricos vales da Guyenne, coberto de bosques, vinhas e oliveiras. A paisagem era limitada ao sul pela imponente cordilheira dos Pirenéus, cujos picos, escavados e agrestes, se esbatiam no nevoeiro azul do horizonte, enquanto nas encostas, estranhamente recortadas, cresciam os abetos, que o vento sacudia sem cessar. Profundos abismos rasgavam-se por meio dos prados verdejantes nos quais se aninhavam graciosas choupanas, alcandoradas nos rochedos. A norte e ao oriente, estendiam-se as vastas planícies do Languedoc e, para ocidente, ficavam as longínquas perspectivas do golfo da Gasconha. O dono deste castelo, Saint-Aubert, era o último representante masculino de ilustre família. Depois da morte do pai casou com uma senhora a todos os respeitos digna do seu amor e do seu nome e viviam felizes, conquanto a fortuna de ambos pudesse considerar-se medíocre.

Saint-Aubert encontrou o seu património por tal forma desfalcado pelas prodigalidades do pai, que se viu obrigado a alienar parte dele a Quesnel, irmão de sua mulher, reservando apenas para si aquele castelo na Gasconha, chamado o Vale, onde se instalou, partilhando a vida entre as alegrias de esposo, os deveres de pai e as tranquilas horas de estudo.

Nessa altura, o castelo não era mais do que um pavilhão onde uma família não poderia alojar-se. Saint-Aubert, não querendo modificar-lhe o aspecto elegante e severo, ergueu novas construções no mesmo estilo, o que o tornou mais cómodo do que harmonioso. A decoração interior foi confiada a sua esposa, que o mobilou com gosto e simplicidade. Em volta de dois abetos, que cresciam em frente da casa e que Saint-Aubert não quis sacrificar, plantou um bosque de faias, pinheiros e freixos. No terrado, que dominava o ribeiro,

cresciam laranjeiras e limoeiros, cujo perfume inebriava. Era ali que, debaixo de enorme plátano, costumava sentar-se nas noites de Verão, entre a mulher e os filhos, para assistir ao maravilhoso espetáculo do anoitecer, seguindo com olhar enternecido as brincadeiras das crianças, conversando com sua mulher ou lendo. Muitas vezes afirmava, com as lágrimas nos olhos, que preferia aquelas ocupações simples aos prazeres ruidosos de uma sociedade onde só encontrava decepções e amargos desgostos. Naquela época perturbada por lutas, numa sociedade influenciada pelos costumes italianos, aqueles que não procuravam a paz do claustro, refugiavam-se na família.

Saint-Aubert não gozou esta felicidade sem nuvens durante muito tempo. Perdeu, sucessivamente, dois filhos numa idade em que as graças infantis dão tão grande atrativo às crianças e, embora tentasse moderar as expressões da sua dor para não aumentar a de sua mulher e se esforçasse por suportar a sua infelicidade como um filósofo, compreendeu que não existia filosofia capaz de atenuar semelhantes golpes.

Todo o seu amor se concentrou na única filha que lhe restava. Desde muito pequena, Emília demonstrara rara delicadeza de sentimentos, um coração afetivo e muita bondade, qualidades estas prejudicadas por exaltada sensibilidade e uma susceptibilidade que, no futuro, lhe seriam muito prejudiciais. Com a idade, estas disposições tomaram um cunho melancólico, emprestando-lhe uma graça pensativa, que a tornava ainda mais interessante. Contudo, o pai, pressentindo o perigo, esforçou-se por lhe fortificar o caráter, habituando-a a dominar os primeiros impulsos e a suportar com calma as vicissitudes da vida.

No físico, Emília parecia-se com a mãe: em ambas as mesmas feições delicadas, os cabelos loiros e olhos azuis. Mas o que lhes dava um encanto irresistível era, principalmente, a extrema mobilidade do semblante que refletia tudo quanto sentiam.

Saint-Aubert também não descurou a educação da filha, dando-lhe algumas noções de ciência e obrigando-a a estudar a literatura italiana e latina, mãe de tantas obras-primas. Em sua opinião, uma instrução variada era o melhor alimento para o espírito, tanto no campo como na cidade. No primeiro caso, evitando os inconvenientes de uma vida apática e no segundo, ocupando o lugar das distrações fúteis que abrem a porta a tantos perigos.

Graças aos ternos cuidados do pai, quando atingiu os dezesseis anos, Emília reunia os mais belos dotes do coração e do espírito. A educação artística também não havia sido descurada e no seu pequeno gabinete, cuja janela deitava para o parque que rodeava a casa, reunira livros, pincéis, instrumentos, gaiolas com aves e algumas flores raras. Dessa janela, sem interromper os seus trabalhos, Emília podia alongar a vista pelas alamedas floridas até às margens frescas do Garonne.

O seu passeio predileto era um pequeno pesqueiro, dependente das propriedades do pai, junto à margem do pequeno ribeiro que, descendo em cascata do alto dos Pirenéus, retomava ali o seu curso suave, perdendo-se sob as ramarias que as suas águas cristalinas

refletiam. Do pavilhão deste pesqueiro, a vista alcançava as rochas distantes, as graciosas choupanas e os bosques verdejantes.

O pavilhão era, também, o ponto de reunião da família, que ali procurava refúgio contra o calor do dia ou a doce tranquilidade da noite, escutando o mavioso canto dos rouxinóis. Por vezes também, Saint-Aubert tocava oboé e Emília cantava.

Certo dia, depois de um destes deliciosos serões, Emília encontrou, entalado numa trave do pavilhão, um papel com alguns versos escritos a lápis, versos que terminavam assim:

Quando apareces, tudo à minha volta esplende

Quando partes, fico envolto em trevas

E assim como a noite quando o sol se esconde

Mergulha a terra na escuridão profunda

Tu deixas na sombra meu pobre coração

Como os versos não nomeavam ninguém, Emília não pensou que lhe fossem dirigidos e, não dando demasiada importância ao caso, voltou aos seus livros e aos seus estudos.

Pouco tempo depois, Saint-Aubert adoeceu. E, conquanto essa doença não assumisse caráter grave, abalou-o bastante. A esposa e filha velaram-no noite e dia, mas enquanto o marido se restabelecia, lentamente, sua mulher foi atacada pela mesma doença.

Mal pôde sair, Saint-Aubert quis visitar o pesqueiro. Mandaram para lá um cesto de provisões, os livros e o alaúde de Emília. Comeram ao ar livre e o convalescente sentiu-se em absoluto feliz. Quando saímos de um quarto de doente nada pode comparar-se ao prazer experimentado com o contato da Natureza: os bosques verdejantes, o azul do céu, o perfume das flores, o murmúrio das águas, o zumbido dos insetos, tudo parece vivificar-nos e dar novo valor à vida.

Madame Saint-Aubert, entregue à alegria de ver o marido restabelecido, não deu importância ao ligeiro mal-estar que a tomou quando passeava mas, ao contemplar os dois entes queridos, as lágrimas chegaram-lhe aos olhos. Saint-Aubert também se comoveu, sem bem saber porquê, talvez por pressentir que aquele instante de felicidade, por ser o maior da sua vida, seria o último. No entanto, não quis obscurecê-lo com tristezas prematuras e, para dissipar estas ideias melancólicas, pediu a Emília para ir buscar o alaúde e tocar algumas melodias. Quando se dirigia ao pavilhão onde se encontrava o instrumento, a rapariga ficou muito admirada ao verificar que alguém o fazia vibrar, acompanhando a música com um canto suave e mavioso, canto que cessou quase logo. Hesitante, aproximou-se da porta e entrou. Não viu ninguém e tudo estava nos seus lugares, exceto o alaúde que deixara no parapeito da janela e se encontrava agora em cima da mesa. Assustada sem saber porquê, mais alarmada ficou quando, ao olhar para o papel dos versos, notou que aos primeiros outros se seguiam e que, desta vez, mencionaram o seu nome.

Enquanto meditava no estranho acontecimento, pareceu-lhe ouvir um ruído de passos

atrás do pavilhão; assustada, agarrou no alaúde e correu para junto dos pais que se encontravam sentados debaixo de uma figueira, num ponto em que podiam abranger com a vista as vastas planícies da Gasconha. Quando a filha se aproximou, levantaram-se e abandonaram o bosque, com tristeza, como se pressentissem que madame Saint-Aubert nunca mais lá voltaria.

Ao chegarem ao pesqueiro, madame Saint-Aubert deu por falta de um bracelete que deixara em cima da mesa do pavilhão e que, apesar do seu pouco valor, ela muito estimava por encerrar o retrato da filha. Procuram-no por toda a parte, mas em vão. Ao ter a certeza desta perda, Emília corou e ficou pensativa. O poeta músico e o ladrão do bracelete não seriam a mesma pessoa? Não se atreveu a revelar aos pais o que sabia, mas de si para si jurou nunca mais visitar o pesqueiro sem eles.

Regressaram ao castelo diversamente preocupados. Quando chegaram perto notaram desusada animação. Criados atravessavam o terraço e um coche estava parado na alameda. Saint-Aubert reconheceu a libré do cunhado a quem, com efeito, encontrou na sala com sua mulher. Dispunham-se a visitar a sua propriedade — a que Saint-Aubert lhes havia vendido — e, de passagem, pararam ali. Os laços que uniam os dois cunhados eram muito superficiais, devido à diferença de caracteres. Quesnel fizera carreira na sociedade à custa de intrigas e ostentação. Visava subir muito alto e vira com desgosto o casamento da irmã com um homem simples e sem ambições como Saint-Aubert, pois não hesitaria em obrigá-la a um casamento de conveniência, se dele resultasse algum proveito para si. Ele próprio desposara uma jovem riquíssima, italiana, rapariga fútil e sem predicados.

Começou logo a falar da sua alta posição na corte de Henrique III, do duque de Joyeuse, da forma como Henrique de Navarra era tratado, enfim, de tudo quanto supunha poder deslumbrar um pobre provinciano como o cunhado. Por seu lado, madame Quesnel, no desejo de despertar a inveja da cunhada, descreveu os bailes e os banquetes realizados na altura do casamento do duque de Joyeuse com Margarida de Lorraine, falando ambos de muitas coisas que haviam, de fato, visto e de outras que nem sequer tinham presenciado. Emília escutava-os com a ardente curiosidade própria da mocidade, mas seus pais pensavam que todas aquelas galas não se comparavam às doces e calmas alegrias do lar.

— Há doze anos que te comprei Epourville e há mais de cinco anos que não vou lá.

Agora tenciono dispendir ali trinta ou quarenta mil libras em melhoramentos a fim de receber o duque de Dufort e o marquês de Gramont, que me prometeram permanecer em minha casa algumas semanas, durante o Verão.

Saint-Aubert quis saber quais os seus projetos.

— Tenciono demolir a ala direita para construir vastas cavalariças. Quero também um grande salão, sala de jantar e alojamentos para o pessoal, porque, como está agora, nem sequer posso alojar os meus criados.

— Os de meu pai cabiam lá todos — comentou Saint-Aubert.

— É natural. O que nesse tempo consideravam bastante, hoje torna-se insuficiente e até intolerável — replicou o outro com ares importantes; depois continuou — Tenciono também fazer um desbaste no arvoredado que tira a vista ao castelo, principalmente, cortar um velho castanheiro que não serve senão para queimar.

— Em nome de Deus! — protestou Saint-Aubert — não arranques esse castanheiro que deve ter séculos. Já era velho quando o castelo foi construído e toda esta região tem orgulho nele. Recordo-me de que, em pequeno, quando chovia, me recolhia debaixo da sua copa e, enquanto em volta os terrenos ficavam inundados, nem uma só gota de chuva me atingia.

— Podes ter a certeza de que não deixarei de o mandar cortar — afirmou Quesnel — Em seu lugar plantarei choupos de Itália, que minha mulher adora e fazem o mais belo efeito. Na propriedade de seu tio, em Veneza, havia muitos.

— Cada coisa tem o seu lugar — protestou Saint-Aubert — Ladeando elegantes pórticos e colunatas, dominando pinheiros e ciprestes, essa árvore pode completar as linhas de uma perspectiva harmoniosa. Mas ao lado dos gigantes das nossas florestas, decorando a arquitetura pesada dos nossos castelos, fará triste figura.

— Não quero discutir contigo — replicou Quesnel com ar superior — Tenho de voltar a Paris antes que as nossas ideias possam concordar. Mas, a propósito de Veneza, talvez seja forçado a fazer uma viagem a Itália por causa da propriedade do tio de minha mulher a que já me referi. Nesse caso, deixarei os meus projetos sobre Epourville para mais tarde e passarei o Verão em Itália.

De si para si, Emília admirou-se com a declaração. Um homem cuja presença era tão necessária em Paris, empreender tão longa viagem! Saint-Aubert, que já conhecia bem o cunhado, alegrou-se com a notícia, contando que os tais projetos de embelezamento acabassem por esquecer.

Os dois esposos passaram a noite no castelo, enquanto os seus numerosos criados, não tendo ali alojamento, foram dormir para a povoação mais próxima.

No dia seguinte de manhã, antes de partir, Quesnel teve demorada conversa com o cunhado. Ninguém soube o que disseram, mas madame Saint-Aubert ficou alarmada com a alteração das feições do marido quando este voltou ao salão. No entanto, não fez perguntas, pois gostava mais de aguardar do que provocar confidências.

Depois da partida dos viajantes, Emília voltou aos seus trabalhos, mas nessa tarde, quando se dispunha a ir dar o habitual passeio, sua mãe recusou acompanhá-la, queixando-se de fadiga. Emília partiu sozinha com o pai.

A ausência foi demorada. Ao regressarem a casa encontraram madame Saint-Aubert muito pior e no dia seguinte a febre declarou-se. O médico reconheceu os sintomas da doença da qual o marido se restabelecera, doença que a compleição muito fraca da pobre senhora

tornava mais grave. A enferma, embora o médico não se pronunciasse, não tinha ilusões sobre o seu estado e a ternura com que fitava o marido e a filha revelava bem quanto lamentava a vida, principalmente pela dor que a sua morte lhes causaria.

No sétimo dia deu-se a crise. O semblante do médico tornava-se cada vez mais sombrio. Aproveitando um momento em que ficou sozinha com ele, madame Saint-Aubert pediu:

— Não tente enganar-me, doutor. Sei que tenho pouco tempo de vida e estou preparada para morrer. Não ceda a falsa compaixão e não engane os meus, dando-lhes ilusórias esperanças. Prefiro que saibam a verdade. Tratarei de lhes incutir resignação com o meu exemplo.

Comovido, o médico prometeu obedecer-lhe e foi logo ter com Saint-Aubert a quem revelou o verdadeiro estado da doente. A filosofia do infeliz não pôde resistir a este golpe. No entanto, em presença de sua mulher, tentou moderar a sua dor. Emília ficou aterrada, mas, talvez pela força dos seus mais ardentes desejos, não perdeu por completo as esperanças. A resignação da doente parecia aumentar à medida que o mal se agravava, mas a sua firmeza perante a morte, inspirada pela consciência de uma vida pura, fraquejou na altura do último adeus. Na hora de abandonar os que lhe eram tão queridos, tentou animá-los com a esperança de se encontrarem na eternidade, mas nem por isso a separação foi menos dilacerante. Emília ficou aniquilada com o desgosto e o pai, igualmente esmagado pela dor, não teve forças para a consolar.

II

O Retrato

Madame Saint-Aubert foi enterrada na igreja da vila mais próxima. Toda a população a acompanhou à última morada e as lágrimas vertidas foram bem sinceras.

Ao regressar a casa, Saint Aubert, pálido e acabrunhado, mas corajoso, mandou reunir todo o pessoal da sua casa. Depois foi buscar Emília para assistir também à oração da noite e à prece pelos mortos. Durante a leitura muitas vezes a voz lhe faltou e as lágrimas correram sobre o livro, mas a sua fé ardente elevou-o a regiões mais altas e encontrou consolação na misericórdia de Deus.

Cumprido este dever, mandou sair todos e ficou sozinho com a filha.

— Minha filha — disse — cumpre-me empregar todos os meus esforços para que adquiras o domínio próprio que será a tua defesa em todas as circunstâncias da vida.

Devemos moderar as nossas emoções, mesmo as mais louváveis, porque todo o excesso é censurável; mesmo o desgosto, legítimo em princípio, torna-se repreensível quando descuramos os nossos deveres por causa dele, tanto os que temos para com os outros como para nós mesmos. Uma dor excessiva enerva-nos e a tua, minha querida Emília, é uma dor inútil. Não me censure por estas palavras. Desejo apenas moderar os teus impulsos. Sabes

como o meu desgosto é profundo e, no entanto, penso pôr em prática para mim os conselhos que te dou. Não nos entreguemos a excessos, porque depois o desânimo torna-se um hábito que sufoca todos os movimentos do nosso espírito; Promete-me que farás o possível para me contentares.

— Sim, meu pai, prometo. Quero...

Os soluços sufocaram-na e não a deixaram dizer: "tornar-me digna de ser sua filha".

Dias depois, Saint-Aubert recebeu a visita de madame Chéron, sua única irmã, que vivia em Toulouse. Foi pródiga em condolências, mas faltou-lhe a ternura do olhar e as inflexões carinhosas nascidas da alma, que são um bálsamo para todas as feridas morais. Afirmou a parte que tomava no desgosto do irmão e da sobrinha, louvou as virtudes da falecida, mas demonstrou o maior espanto ao verificar que Emília ainda não deixara de chorar pela mãe. Mais calmo, Saint-Aubert deixou-a falar e não lhe respondeu.

Ao despedir-se, aconselhou:

— Devem sair daqui por um tempo. A mudança far-lhes-á bem. É um erro entregarem-se assim ao desgosto.

O irmão reconheceu a sensatez destas palavras, mas custava-lhe muito abandonar aqueles sítios onde a cada passo encontrava recordações da esposa adorada.

No entanto, como havia prometido uma visita a Quesnel e, além disso, desejava arrancar Emília ao seu abatimento, decidiu partir para Epourville.

Quando o coche penetrou na floresta que rodeava os seus antigos domínios e avistou as torres do castelo, não conseguiu reprimir um suspiro de pesar. Pouco a pouco, surgiam a torre principal, a porta abobadada, a ponte levadiça e o fosso seco que rodeava o velho solar. O rolar da carruagem fez acudir à escadaria uma turba de criados. Saint-Aubert apeou-se e dirigiu-se com Emília a uma sala gótica donde haviam desaparecido as armas antigas e os estandartes. Os tetos e as paredes apainelados estavam caiados de branco. A enorme mesa e os bancos que a rodeavam haviam sido substituídos por objetos e ornamentos frívolos, que bem revelavam a falta de gosto e de sentimentos do atual proprietário.

Saint-Aubert seguiu o elegante criado que o conduziu à sala onde foi acolhido com cerimoniosa delicadeza pelos Quesnel, que dir-se-ia não se recordarem já de ter tido uma irmã.

Depois de alguns momentos de conversa geral, Saint-Aubert pediu ao cunhado para falarem em particular. Emília soube, entretanto, pela tia, que nesse dia esperavam numerosos convidados.

Entre esses convidados encontravam-se dois italianos: Montoni, parente afastado de madame Quesnel, homem dos seus quarenta anos, moreno, feições acentuadas, exprimindo orgulho e audácia, atitude altiva e imperiosa. O outro, chamado Cavigni, teria trinta anos. Inferior ao amigo pelo nascimento, se não o igualava em dignidade, suplantava-o pela

delicadeza e graça de todos os seus gestos.

Madame Chéron encontrava-se entre os convidados e Emília ficou magoada com os seus modos frios e desprendidos quando se dirigiu ao pai.

— Estás com mau parecer — notou — devias consultar o médico.

Com melancólico sorriso, Saint-Aubert afirmou que, à parte o seu desgosto, se sentia como habitualmente. Emília, porém, cujas inquietações despertaram com a observação da tia, achou que, de fato, o pai estava muito mudado.

Se o seu estado de espírito fosse diferente, o ambiente em que se encontrava, as conversas, tudo tão novo para ela, não teriam deixado de a interessar. Montoni, chegado havia pouco de Itália, referia-se às perturbações que dividiam aquele país, deplorando as consequências lamentáveis das ferozes lutas internas, e exaltava a superioridade de Veneza, sua pátria, sobre todas as outras repúblicas daquele país. O amigo, depois de ter concordado com Montoni, voltou-se para as senhoras e falou-lhes de modas e de espetáculos, dirigindo-se em especial a Emília, cuja modéstia e reserva formavam flagrante contraste com a sociedade que a rodeava.

Depois do jantar, Saint-Aubert, fugindo das salas, foi pela última vez visitar o castanheiro condenado por Quesnel. Sentado debaixo da frondosa copa, evocou recordações da meninice. Parecia-lhe ver ainda os seus amigos, falar-lhes, embora a maior parte já tivesse morrido. Depois lembrou-se de sua mulher e as lágrimas chegaram-lhe aos olhos ao pensar que estava sozinho. Só Emília, a filha adorada, o prendia à vida.

Para espalhar estes tristes pensamentos, regressou à sala. Nessa mesma tarde regressou a casa.

Pelo caminho, Emília notou que o pai estava mais abatido e sombrio do que nunca. Ela própria, ao entrar no castelo, se sentiu como que abandonada, como se tudo em volta de si estivesse deserto.

Por fim, o tempo foi realizando a sua obra pacificadora. O desespero de Emília atenuou-se, dando lugar a suave melancolia. Saint-Aubert, pelo contrário, dia a dia ia perdendo as forças, como se a sua constituição, ainda abalada pela recente doença, não pudesse resistir ao golpe sofrido com a morte da esposa. O médico aconselhou uma viagem, na esperança de que o movimento e a mudança de ambiente lhe restabelecessem o espírito abatido.

Emília ocupou-se dos preparativos, enquanto o pai calculava as despesas. Dias depois, Emília soube com espanto que ele havia despedido todos os criados, exceto Teresa, sua criada de quarto, e atreveu-se a perguntar-lhe a razão.

— Por economia. A viagem que vamos fazer é muito dispendiosa.

O médico aconselhara os ares do Languedoc e da Provença. Foi, portanto, sobre estas províncias que recaiu a escolha de Saint-Aubert.

Na véspera da partida, pai e filha separaram-se cedo. Emília ainda tinha alguns livros e

outros objetos para arrumar e, em consequência, passava da meia-noite quando tudo ficou concluído. De repente, lembrou-se de alguns lápis que haviam ficado na sala e foi buscá-los. Como passasse perto do quarto do pai, viu a porta entreaberta e logo calculou que estivesse no gabinete de trabalho onde, devido às insónias, costumava refugiar-se para encontrar um pouco de repouso.

Acabou de descer a escada e espreitou para o gabinete. O pai não estava lá. Tornou a subir e foi bater à porta do quarto. Não obteve resposta. Inquieta, entrou.

O quarto estava mergulhado na escuridão, mas, por uma porta envidraçada, via-se luz na sala contígua. Emília, supondo o pai doente, avançou, tendo o cuidado de deixar a luz no corredor, para não o assustar com brusca aparição. Ao chegar junto da porta envidraçada, viu-o sentado diante de pequena mesa. Estava a ler alguns papéis e chorava. A inquietação que a conduziu até ali, juntou-se um pouco de curiosidade e também ternura. Gostaria de descobrir a causa de tão grande desgosto. Não revelou, portanto, a sua presença e continuou a observar o pai. De repente, viu-o ajoelhar e, com as feições transtornadas pela tristeza e por uma espécie de horror, orar longamente.

Quando se levantou estava terrivelmente pálido. Sentou-se, afastou os papéis que deviam ser cartas, abriu uma caixinha e tirou uma miniatura. À claridade da lâmpada, projetada sobre ela, Emília viu um retrato de mulher... e essa mulher não era a sua mãe!

Saint-Aubert contemplou-o por muito tempo e depois levou-o aos lábios, soluçando, convulsivamente. Emília mal podia acreditar no que via!

Saint-Aubert guardou o retrato e arrumou a caixa.

Emília, considerando-se culpada por ter surpreendido assim os segredos do pai, retirou-se, o mais discretamente possível.

III

Encontro

Em vez de escolher a estrada do Languedoc, Saint-Aubert preferiu atravessar os Pirenéus, cujas paisagens eram mais belas e pitorescas.

Chegando ao alto da colina, voltou-se para ver o seu castelo — Oprimia-o o pressentimento de ser aquela a última vez que o via. Contemplou-o por muito tempo, voltando-se repetidas vezes para trás, até que o seu vulto se esbateu no horizonte.

Emília também se sentia profundamente triste, mas, decorrido algum tempo, a beleza da paisagem distraiu-a.

Calculando não poderem encontrar hospedaria onde comessem, os viajantes levavam comida no coche.

Quando atingiram um ponto dos mais altos, donde o olhar podia abranger parte da Gasconha e do Languedoc, Saint-Aubert chamou Miguel, o cocheiro, e perguntou-lhe se havia perto uma povoação e quanto tempo levariam para lá chegar. O rapaz informou ser possível

irem até Mateau, mas disse que, se seguissem pela estrada do Roussillon, poderiam chegar a uma aldeia antes do pôr do sol.

Os viajantes aceitaram o alvitre. Em volta deles reinava a solidão e o silêncio. Ao longe, ouviam-se os chocalhos dos rebanhos e os apelos dos pastores, cujas choças se avistavam também. As frondosas copas dos castanheiros e carvalhos formavam uma abóbada cerrada. Nos vales verdejantes corriam regatos, onde os carneiros dispersos iam beber.

O Sol descia no horizonte e Saint-Aubert, inquieto, interrogou Miguel sobre a distância provável da aldeia a que se referira, mas o rapaz respondeu com hesitação. Emília receava que se tivessem perdido e naquelas proximidades não havia ninguém que pudesse valer-lhes. A noite aproximava-se cada vez mais. Para se animar, Miguel cantava, mas o seu canto era tão lúgubre que mais entristecia do que alegrava.

Continuaram a caminhar em silêncio, como que esmagados pelas sombras da noite e pela solidão. Miguel calara-se também. Só o murmúrio do vento, passando através da folhagem, se fazia ouvir, quando, de repente, o estampido de uma detonação os sobressaltou. Saint-Aubert mandou parar o coche e engatilhou as pistolas. Pouco depois, soou uma trompa e um rapaz saiu do bosque, seguido por dois cães. Trajava como um caçador. Trazia a espingarda a tiracolo, uma trompa e na mão uma espécie de dardo que brandia com graça. Saint-Aubert decidiu interrogá-lo para saber se podia indicar-lhe onde encontrarem abrigo. O rapaz respondeu que a aldeia ficava a cerca de meia légua e, como se dirigia também para lá, lhes ensinaria o caminho. Saint-Aubert, encantado com os seus modos francos e simples, agradeceu-lhe e ofereceu-lhe um lugar no coche, oferta que o rapaz recusou, afirmando poder muito bem acompanhá-los a pé.

Quando chegaram perto da aldeia, ofereceu-se para ir adiante a fim de arranjar alojamento perto daquele que ocupava, mas Saint-Aubert, apeando-se, insistiu em acompanhá-lo, enquanto Emília continuava seguindo no coche.

Pelo caminho, perguntou-lhe se havia feito boa caçada.

— Não era esse o meu intuito — respondeu o desconhecido — Viajo com os meus cães mais por prazer do que para caçar e uso este traje para me facilitar mais as coisas e obter a consideração que recusariam a um simples passeante ocioso.

— Concorro com a sua opinião — aprovou Saint-Aubert — A nossa viagem tem outro fim. O senhor viaja para se divertir, eu faço-o na esperança de recuperar a saúde.

Quando chegaram à aldeia, começaram a procurar instalações, mas na maior parte das humildes casas só encontraram miséria e o desconhecimento absoluto dos objetos mais indispensáveis à vida. Nem uma cama, por exemplo.

Notando o ar abatido do pai, Emília lamentava que tivessem seguido um caminho tão pouco cómodo. Quase todas as casas eram compostas de dois aposentos, um para os animais e outro para a família, quase sempre numerosa. Pais e filhos dormiam juntos, em cima

de peles de carneiro estendidas no chão. Não usavam janelas. O fumo que saía por uma abertura feita no teto e o cheiro a aguardente sufocavam.

Emília olhava para o pai com inquietação que não passou despercebida ao desconhecido. Chamou Saint-Aubert de lado e propôs-lhe ceder-lhe a própria cama.

— Se a compararmos com isto que vemos aqui, podemos considerá-la cómoda. Noutra altura teria vergonha de lhe oferecer.

Saint-Aubert quis recusar, mas o rapaz insistiu:

— Nada de desculpas. Não poderia dormir, sabendo-o deitado nestas peles. Venha. Vou indicar-lhe o caminho e estou certo de que a minha hospedeira conseguirá acomodação para sua filha.

Saint-Aubert aceitou por fim, admirando-se, de si para si, por o rapaz se preocupar primeiro com um velho e depois com uma rapariga bonita. Emília, porém, não pensou assim e sorriu-lhe reconhecida. '

O rapaz, que se chamava Valancourt, foi avisar a hospedeira, excelente mulher, que conseguiu arranjar duas camas, as únicas que existiam em sua casa. Como comida, só tinha ovos e leite, mas Saint-Aubert recorreu às provisões que trazia no carro e convidou Valancourt para as partilhar, convite que este aceitou. A ceia decorreu com animação. Saint-Aubert estava encantado com o seu convidado e com o entusiasmo que este demonstrava pelas belezas da Natureza.

Depois retiraram para o quarto, enquanto Valancourt se embrulhava na capa e se estendia em cima de um banco.

IV

O Ferido

Saint-Aubert acordou cedo e, como se sentisse mais bem disposto, quis pôr-se a caminho imediatamente. Durante o almoço, Valancourt aconselhou-o a ir até Beaujeu, cidade importante do Roussillon.

— O caminho por onde viemos e a estrada de Beaujeu cruzam-se a légua e meia daqui; Se quiser, posso servir-lhe de guia até lá.

Saint-Aubert aceitou a proposta. Meteram pela estrada que atravessava ridente vale onde abundavam os prados e bosques. O Sol ainda não despontara, os pastores conduziam os rebanhos para a montanha e o ar matinal estava impregnado de mil perfumes. Saint-Aubert respirava a plenos pulmões, sentindo-se reviver.

Pouco a pouco, as brumas da manhã dissiparam-se e para oriente o céu começou a tingir-se com um clarão rosado. Os primeiros raios do Sol espalharam as últimas sombras e fizeram cintilar as gotas de orvalho e a água cristalina do ribeiro. A Natureza despertava.

Emília quis apear-se e Valancourt uniu-se aos dois viajantes num comum sentimento de admiração pelas obras do Criador.

Saint-Aubert simpatizava cada vez mais com o rapaz e não foi sem pesar que viu aproximar-se o cruzamento das duas estradas.

Despediram-se de Valancourt com mais carinho do que, habitualmente, inspiram conhecimentos tão recentes. Quando ele se afastou depois de ter prolongado o mais possível os minutos que antecedia a separação, Saint-Aubert não pôde deixar de notar o olhar triste que relanceou a Emília e que esta correspondia com timidez à sua saudação de despedida.

Em breve, a região mudou de aspecto e os viajantes encontraram-se rodeados por montanhas quase a pique, cobertas por espessas florestas. Os picos mais altos, cobertos de neve, escondiam-se nas nuvens. A estrada subia e já não se encontravam povoados nem sequer choças de pastores. Caminharam todo o dia até que o crepúsculo veio acentuar o aspecto triste da paisagem.

Saint-Aubert supunha estar próximo de Beaujeu, mas a escuridão aumentava.

Montanhas, bosques e torrentes, tudo se confundia nas sombras da noite. Miguel avançava com precaução, a custo distinguindo a estrada. '

Ao contornarem uma montanha viram, de súbito, um clarão brilhante que se elevava a certa distância! Partia de uma fogueira acesa, por acaso ou de propósito, por um desses bandos de salteadores que infestavam os Pirenéus. Saint-Aubert receava que a estrada passasse perto e, embora fosse armado, refletia no perigo que ele e a filha correriam se fossem atacados, quando atrás deles, a certa distância, alguém ordenou ao cocheiro que parasse. Assustado, o pai de Emília ordenou-lhe que andasse mais depressa, mas, ou por-: que fosse impossível ou porque o homem não estivesse para isso, continuaram no mesmo andamento. O galope de um cavalo ouvia-se cada vez mais perto e já se avistava o cavaleiro que tentava alcançar o coche, renovando a ordem para pararem.

Saint-Aubert, não duvidando das más intenções do desconhecido, engatilhou a pistola e fez fogo. O cavaleiro cambaleou na sela e soltou um gemido. Pode calcular-se o terror de Saint-Aubert quando reconheceu a voz! Mandou parar o coche e correu para o ferido. Não se enganara. Era Valancourt que ainda conseguia manter-se a cavalo, mas cujo sangue corria em abundância.

Fora atingido num braço e parecia sofrer muito, conquanto, para tranquilizar o seu agressor, afirmasse não ser mais do que leve arranhadura.

Auxiliado por Miguel, fê-lo descer do cavalo e tentou ligar-lhe o braço. Mas as mãos tremiam-lhe tanto que não o conseguiu. Chamou por Emília e como ela não lhe respondesse, foi ver ao coche e encontrou-a sem sentidos.

Nesta cruel situação, receando tanto pela filha como pelo ferido, cujo sangue continuava a correr, gritou ao cocheiro para ele lhe trazer um lenço molhado na água do ribeiro.

Entretanto, Valancourt, ouvindo-o chamar por Emília, compreendeu o que se passava e fez um esforço para ir socorrê-la. Felizmente, quando conseguiu aproximar-se, já ela tinha voltado a

si. Desmaiara por causa dele! Com voz trémula, apressou-se a garantir a pouca gravidade do ferimento.

Saint-Aubert, vendo que o sangue de Valancourt continuava a correr, rasgou a própria roupa para fazer uma ligadura. Depois acomodaram o ferido no coche e continuaram o caminho para Beaujeu.

Como Saint-Aubert manifestasse o seu espanto pelo novo encontro, Valancourt explicou:

— Depois de os deixar, senti-me mais só do que nunca. Como viajo por prazer, voltei para trás na ideia de os alcançar e partilhar os perigos que pudessem correr nestas montanhas.

— E eu respondi com um tiro a tanta amabilidade — lamentou Saint-Aubert que deplorava a sua precipitação.

Entretanto, estavam mais próximos da fogueira. Era um acampamento de ciganos cujo aspecto assustou Emília. Alguns homens e mulheres estavam agrupados em volta de enorme caldeirão que aquecia sobre o fogo. Mais longe, via-se uma espécie de tenda grosseira, em volta da qual brincavam crianças esfarrapadas e alguns cães. O quadro era repugnante e ao mesmo tempo pitoresco.

Os viajantes viram o perigo e cada um deles empunhou uma pistola. No entanto, passaram sem novidade. Ou os ciganos não estavam preparados para o encontro ou a ceia ocupava toda a sua atenção.

Percorrida légua e meia, os viajantes chegaram a Beaujeu. Mal se instalaram na única hospedaria da cidade, mandaram chamar o médico, se tal nome se podia dar a uma espécie de ferrador que tratava homens e animais ao mesmo tempo, e que, nas horas vagas, desempenhava ainda o ofício de barbeiro. Examinou o braço do ferido e, tendo verificado não ter a bala penetrado na carne, limitou-se a recomendar-lhe descanso. Ao mesmo tempo, observava o semblante fatigado de Saint-Aubert como se dissesse de si para si: “Eis um homem que precisa mais do médico do que o ferido”. Saint-Aubert, no entanto, não quis confiar-se aos cuidados daquele Esculápio da província, mas como nos arredores não seria fácil encontrar outro mais competente, aconselhou Valancourt a seguir as suas prescrições e resolveu aguardar em Beaujeu O restabelecimento do rapaz.

Decorrido pouco tempo, já se encontrava em estado de viajar, mas não de montar a cavalo. Saint-Aubert convidou-o a acompanhá-los mais alguns dias e ofereceu-lhe lugar na carruagem, convite e oferta que o rapaz aceitou.

Prosseguiram a viagem, parando quando a paisagem merecia a sua atenção e subindo a pé até onde o: coche não poderia chegar. Saint-Aubert colhia plantas para estudo e os outros dois passeavam. Valancourt recitava a Emília algumas passagens dos poetas preferidos ou então limitava-se a contemplá-la em silêncio. Nessas ocasiões, se começava a falar, a voz tremia-lhe, revelando uma perturbação que em vão tentava ocultar. Se ficava muito tempo

calado, começava então a falar com animação para evitar a influência perigosa do silêncio. Percorridas léguas, começaram a descer para o Roussillon. Saint-Aubert sentia-se cada vez mais fraco. Mas como Montigny, a cidade mais próxima, ficava ainda distante, desesperaram de a alcançar antes de anoitecer, tanto mais que a estrada era péssima e em muitos pontos foram obrigados a seguir a pé.

A certa altura, um badalar de sinos animou-os. Saint-Aubert orientou-se na direção do som e, apoiado no braço da filha, começou a subir. A Lua que subia no horizonte, permitiu-lhes avistar as torres que se elevavam no alto da colina.

Saint-Aubert não podia dar nem mais um passo e para descansar sentou-se na relva, entre a filha e Valancourt. No ponto em que se encontravam podiam abranger com a vista todo o vale que acabavam de percorrer e que estava já envolto em trevas, enquanto os cumes das montanhas começavam a ser iluminados pelo luar. O espetáculo era soberbo.

— Paisagens como esta fazem-nos vibrar como se escutássemos música divina — comentou Valancourt — e, numa hora destas, parece-me que o meu amor pelos entes queridos ainda se torna mais profundo.

Uma lágrima correu pelas faces de Saint-Aubert e foi tombar na mão que a filha apertava entre as suas. Emília adivinhou o que se passava na sua alma, porque também ela se lembrara da mãe, — Sim — concordou o doente — nestes momentos pensamos mais nos entes queridos que desapareceram. É como uma harmonia longínqua, escutada no silêncio da noite. E pensar que existem corações endurecidos que desconhecem estas doces emoções!

— E existem, de fato? — perguntou Emília.

— Daqui a alguns anos talvez sorrias quando te lembrares dessa pergunta, se as lágrimas de tristeza te não recordarem. Mas já me sinto melhor agora. Podemos continuar. Abandonaram o bosque e logo avistaram no planalto o convento que tanto haviam procurado. Dirigiram-se à porta e bateram. Um frade abriu e conduziu-os à cela do superior. Estava sentado numa cadeira de braços, diante de um livro aberto em cima da mesa. Recebeu os viajantes com amabilidade, fez-lhes algumas perguntas e mandou-os acompanhar à sala onde lhes foi servida a ceia. Saint-Aubert sentia-se muito doente para poder comer e Valancourt, inquieto e pensativo, só pensava em o animar.

Separaram-se cedo e cada um recolheu à sua cela. Preocupada com o estado do pai, Emília não conseguiu conciliar o sono e foi encostar-se à janela.

A noite estava calma e ligeira brisa agitava o arvoredo do vale. A voz suave dos religiosos elevava-se da capela. Esmagada por uma emoção muito pura, a alma de Emília pareceu transcender o universo visível para subir à fonte de toda a misericórdia.

V

O Castelo das Torres

No dia seguinte de manhã, Saint-Aubert encontrou-se em estado de poder continuar a

viagem. Era perto de meio-dia quanto atingiram uma estrada tão perigosa que tiveram de descer da carruagem. Era ladeada por bosques de faias, de pinheiros e castanheiros, semeados por agradáveis e frescas clareiras onde os viajantes podiam descansar.

Valancourt e Emília entendiam-se cada vez melhor e ela não podia enganar-se sobre as sensações que também compartilhava.

Saint-Aubert, fingindo preocupar-se com os livros, contemplava, tristemente, os dois jovens, tão simples, tão nobres, tão em harmonia com a natureza que os rodeava, e que não podiam conceber a felicidade senão no enlace dos seus corações puros.

Já era tarde quando começaram a descer montanhas que rodeavam o Rouseillon.

Emoldurada por estas barreiras majestosas, a bela província só está descoberta pelo lado do mar. Os viajantes alcançaram a cidade de Aries onde encontraram acomodações simples, mas asseadas; teriam dormido bem se a ideia da próxima separação não os afligisse. Saint-Aubert desejava partir no dia seguinte e dirigir-se ao Languedoc, seguindo ao longo do Mediterrâneo. Valancourt, já restabelecido, não tinha pretexto para acompanhar os seus amigos. Aquela noite foi a mais triste das que haviam passado juntos. Saint-Aubert mostrou-se afetuoso, mas triste. Emília estava séria, embora, por vezes, tentasse aparentar alegria.

Na manhã seguinte, Saint-Aubert mostrou-se abatido e a filha, mais preocupada do que nunca, não deixava de o observar.

O almoço não foi menos silencioso do que a ceia da véspera. Quando o rolar da carruagem lhes recordou que chegara a hora da separação, Valancourt ergueu-se muito comovido. Saint-Aubert disse-lhe que contava vê-lo no Vale, convite que o rapaz lhe agradeceu. Emília tentava sorrir, a despeito da sua profunda tristeza. Pai e filha entraram para o coche e Valancourt ficou encostado à portinhola, sem que qualquer deles encontrasse coragem para pronunciar as palavras de despedida. Saint-Aubert foi o primeiro a fazê-lo. Emília repetiu a palavra fatal do adeus e Valancourt, com um sorriso forçado, respondeu. Depois o coche pôs-se a caminho.

Emília debruçou-se na janela e viu Valancourt parado no ponto onde o haviam deixado, seguindo com a vista o coche que se afastava. Viu-a e acenou-lhe com a mão. Emília correspondeu-lhe, agitando o lenço até que uma volta da estrada o ocultou.

— É um rapaz muito simpático — comentou Saint-Aubert — A sua franqueza e ingenuidade são como um sopro vivificante para o coração de um velho e doente como eu. Emília apertou-lhe, ternamente, a mão como se lhe agradecesse o elogio que apreciara mais do que se lhe fosse dirigido.

Saint-Aubert estava ansioso por chegar a Perpignan onde devia encontrar cartas de Quesnel. Era noite quando chegaram e as cartas do cunhado provocaram-lhe grande comoção. A filha pediu-lhe que lhe revelasse o motivo de tanta aflição, mas o pai limitou-se a responder-lhe com lágrimas. No dia seguinte, contudo, mostrou-se tão magoada com o

silêncio do pai, que este resolveu abandonar a sua reserva.

— Gostaria, pelo menos durante esta viagem, de poder ocultar-te certas circunstâncias que um dia deves conhecer. Mas reconheço que a inquietação te faz sofrer também. Vou contar-te a verdade. Já te falei de Motteville, mas não sabes que a maior parte da minha fortuna se encontrava nas suas mãos. Depositava nele a maior confiança e não posso, ainda hoje, admitir a sua indignidade. Seja como for, está arruinado e eu com ele.

— Teremos de vender o Vale? — perguntou Emília depois de breves minutos de silêncio.

— Não sei ainda — respondeu Saint-Aubert — Como sabes, a minha fortuna não era grande e agora está, praticamente, reduzida a nada... O fato desola-me por tua causa, minha filha.

Emília sorriu-lhe com ternura.

— Não se aflija por minha causa, meu querido pai... Se podermos ficar com o Vale, seremos felizes, acredite. Nunca vivemos com luxo e a pobreza não poderá roubar-nos as doces alegrias do lar, nem fazer-nos perder a própria estima e a dos outros.

Saint-Aubert apertou a filha contra o peito e as suas lágrimas confundiram-se, mas não eram lágrimas de tristeza. Após demorado silêncio, recuperou a calma e pôde conversar em coisas indiferentes.

Chegando a pequena vila do Languedoc, quiseram parar, mas a festa das vindimas chamara ali muita gente e as hospedarias estavam todas cheias. Forçoso foi, portanto, continuarem a viagem.

Por todos os campos do Languedoc ecoavam risos e cantigas, mas o pobre doente não podia tomar parte naquela alegria. A sua tristeza contrastava com ela. Pensava que em breve cerraria os olhos para o espetáculo sublime da Natureza. Depois, quando olhava para a filha e pensava que ia deixá-la sozinha no mundo e sem proteção, sentia-se esmagado pela dor. Como o seu estado se agravasse, mandou parar o coche a fim de indagar a que distância ficava o povoado mais próximo.

— A quatro léguas, pouco mais ou menos.

— Não conseguirei chegar até lá. Procuremos uma casa, mais perto, onde possam receber-me por esta noite.

O cocheiro fez estalar o chicote e os animais partiram a galope até que, quase a desfalecer, Saint-Aubert fez sinal à filha para mandar parar. Aflita, Emília deitou a cabeça pela portinhola e viu um camponês o que se aproximava. Quando ele chegou perto perguntou-lhe se havia por ali casa onde pudessem abrigar-se.

— Existe um castelo na floresta, mas creio que não recebe ninguém. De resto, não poderia indicar-lhe o caminho porque eu próprio sou estranho à terra.

E afastou-se depressa.

De momento a momento, se tornava mais escuro. A noite aproximava-se. Passou outro

camponês.

— Qual é o caminho para o castelo? — perguntou o cocheiro.

— Para o castelo! Referem-se às Tourelle?

— Não sei se o nome é esse — replicou Miguel — Mas desejo saber o caminho para lá.

— Aconselho-os a mudarem de ideia. Não vão ao castelo.

— Nesse caso — perguntou Saint-Aubert — está desabitado?

— Não sei — respondeu o homem, afastando-se tão bruscamente como o primeiro.

Miguel dispunha-se a meter pelo bosque, quando Saint-Aubert, pegando na mão da filha, gemeu:

— Sinto-me tão mal!

— Meu Deus! E nós aqui sem socorro! Que fazer? E amparava a cabeça do pai que lhe descaíra sobre o ombro.

Nesse instante, soou ao longe uma música suave.

— Estamos perto de alguma habitação! — exclamou Emília — Vamos pedir auxílio.

A música afastava-se. Por entre o arvoredor, Emília teve a impressão de avistar pesado edifício parecido com um castelo. Mas como ir até lá se o pai desmaiara?

Pediu ao cocheiro para ir buscar um pouco de água no chapéu e salpicou com ela a cara do pai. Estava pálido como um cadáver.

Emília, confiando o pai aos cuidados de Miguel, saltou para o chão e tentou alcançar o castelo entrevisto por entre o arvoredor. A música longínqua guiava-lhe os passos. Caminhou por um atalho, no meio da escuridão, porque o luar não conseguia filtrar através da folhagem. De repente, a música cessou. Sem ter como orientar-se, caminhou ao acaso, sem encontrar uma casa, um ente vivo ou sequer um animal. O silêncio era profundo. Por fim, avistou uma alameda que terminava numa clareira. Dispunha-se a segui-la, quando um ruído de vozes e de risos lhe chegou aos ouvidos. Correu para a clareira e viu alguns rapazes e raparigas sentados na relva. Em volta viam-se umas poucas de choças. Festejavam as vindimas com música, cantos e danças. Emília correu para eles, descreveu-lhes a situação em que se encontrava e pediu-lhes auxílio. Muitos deles se levantaram e a seguiram até à estrada onde se encontrava o coche.

Saint-Aubert recuperara os sentidos, mas estava vivamente inquieto. Quando viu chegar a filha ficou mais sossegado. Informou-se logo se havia perto castelo, hospedaria ou cabana onde pudesse ficar aquela noite.

— O castelo não pode recebê-los — declarou um velho que seguira Emília — mas se quer dar-me a honra de aceitar a minha hospitalidade, venha até à minha choça onde encontrará uma cama para se deitar.

Puseram-se a caminho. As danças pararam quando os viajantes se aproximaram. Por fim, detiveram-se diante de uma casinha de modesta aparência. O velho auxiliou Saint-Aubert

a descer e amparou-o e conduziu-o a um aposento de tetos baixos onde o doente se deixou cair numa cadeira de braços.

O ar fresco e os aromas balsâmicos que entravam pela janela aberta, reanimaram o pobre viajante. O velho, que se chamava Voisin, serviu-lhes fruta, nata e todos os modestos recursos de que podia dispor. Já um pouco restabelecido, Saint-Aubert começou a conversar com o seu hospedeiro, que lhe contou a sua vida.

— Só tenho uma filha, que fez excelente casamento e é tudo na minha vida. Quando Deus chamou para Si a minha pobre mulher, vim para casa de Agnés. Tenho muitos netos, robustos e alegres como passarinhos. Deus os conserve assim. Espero morrer aqui. É uma consolação sabermos que morreremos nos braços dos nossos filhos.

— Não pense em morrer, meu amigo — retorquiu

Saint-Aubert — Há-de viver ainda muitos anos para felicidade sua e dos seus.

— Já tenho muita idade e não desejo viver muito, porque tenho esperança de ir encontrar-me com a minha pobre mulher que morreu há muitos anos. Quantas vezes me parece vê-la errar por estes bosques que ela amava tanto!

— Acredita que as nossas almas possam voltar à terra?

— O nosso futuro é como noite escura. A fé e a esperança, como dois faróis, guiam-nos pelo caminho. A esperança de que as almas dos entes queridos velam por nós, suaviza a dor da separação.

— Como eu desejaria ter a certeza de encontrar depois da morte aqueles a quem tanto quis na vida!

— Não duvide. A separação seria superior às nossas forças se a considerássemos eterna. Sim, encontrar-nos-emos um dia no Além.

Ao mesmo tempo erguia os olhos ao céu e a sua expressão tornou-se sublime.

Voisin, não querendo insistir mais no assunto, mandou acender a luz, mas Saint-Aubert protestou:

— Não acenda. Sinto-me tão bem assim! Gosto desta atmosfera perfumada e esta música suave embala-me. Quem toca assim?

— Ouve-se muita vez esta música na floresta, mas ninguém sabe quem toca. Por vezes, é acompanhada por canto, por uma voz tão doce que chegamos a acreditar que seja a de um fantasma. Muitas noites, perto da meia-noite, ouço-a quase por baixo da minha janela. Recordo-me então da minha pobre mulher e choro. Afirmam que este canto é um prenúncio de morte, mas há muito que o escuto e ainda estou vivo.

— E ninguém teve ainda a coragem de seguir a direção da música? Se o fizessem, descobririam quem toca.

— Já o fizeram. O som, porém, fugia e parecia sempre à mesma distância. Os curiosos, então, tiveram medo e não foram mais longe. É raro ouvir-se tão cedo como hoje. Em geral,

só se ouve à meia-noite, quando se esconde para lá da floresta o brilhante planeta que se avista por cima dos torreões.

— Não os vejo...

— Além. Não vê um deles batido pelo luar? Em frente estende-se a alameda e o castelo fica oculto pelo arvoredor.

— A quem pertence esse castelo?

— Ao marquês de Villeroy.

Saint-Aubert estremeceu ao ouvir este nome.

— Estamos então perto de Blangy?

— Exatamente. Este castelo era, antigamente, a morada favorita do marquês. Depois aborreceu-o e havia muitos anos que não o visitava. Morreu há pouco mais de um mês e o castelo passou para outras mãos.

— Morreu! É extraordinário!

E absorveu-se em profunda meditação, que abandonou para perguntar o nome do actual possuidor do castelo.

— Disseram-me o nome, mas esqueci-o. Sei que vive em Paris e não se mostra disposto a vir habitar esta propriedade. O castelo está fechado, a cargo de um casal já de idade que vive perto e vai lá arejá-lo de vez em quando. Mesmo assim, aquilo parece um deserto sombrio e nem por todo o dinheiro do mundo me resolveria a passar lá a noite. Saint-Aubert voltou a estremecer. Depois, para desviar atenções, perguntou a Voisin há quanto tempo vivia naquela região.

— Nasci aqui, senhor.

— Lembra-se da defunta marquesa? — perguntou Saint-Aubert com voz alterada.

— Muito bem. Ninguém conseguiria esquecê-la.

— Ninguém, sim, e eu tanto como os outros.

— Era uma boa senhora e merecia melhor sorte.

— Cale-se, meu amigo! — pediu o viajante com as faces inundadas pelas lágrimas.

Emília, embora surpreendida, não se atreveu a fazer perguntas, e Saint-Aubert, para mudar de conversa, observou:

— Falávamos da música que se fazia ouvir no bosque.

— É verdade e ... escute, ei-la que recomeça. Com efeito, ouvia-se ao longe uma voz suave e melodiosa, mas tão fraca que não podiam distinguir-se as palavras. Depois calou-se e foi substituída pelos acordes de um instrumento mais sonoro do que a guitarra e mais melodioso e comovente do que o alaúde. Decorrido alguns instantes, tudo recaiu em silêncio.

— É estranho! — murmurou Saint-Aubert.

— Muito estranho, sim — concordou Voisin — Há-de haver dezoito anos que pela primeira vez ouvi esta música. Era no Verão e, precisamente, a esta hora. Passeava sozinho

pela floresta, muito aflito porque tinha um filho doente e receava perdê-lo. Quando a música se fez ouvir, supus que fosse o Cláudio a tocar flauta diante da porta de casa, como era costume. Mas quando cheguei a um ponto onde as árvores eram mais raras, a música soou mais perto e tão bela... dir-se-ia um concerto tocado por anjos. Nunca poderei esquecê-lo. De regresso a casa contei o que me tinha acontecido e todos zombaram de mim. Na noite seguinte, porém, minha mulher também ouviu e ficou tão assustada como eu. A Irmã Francisca ainda nos assustou mais, dizendo-nos que talvez o Céu nos mandasse uma espécie de aviso para nos preparar para a morte do nosso filho, e que aquela música, em geral, se fazia ouvir perto da casa onde se encontrava um moribundo. No entanto, a criança salvou-se e viveu, a despeito dos tristes presságios da Irmã Francisca.

— Uma freira, não? Estamos então perto de um convento?

— Sim, o convento de Santa Clara, que fica à beira-mar.

— O convento de Santa Clara! — repetiu o doente com uma expressão misto de horror e de tristeza.

Fez-se muito pálido e mais parecia uma dessas estátuas de mármore que adornam os túmulos.

— Paizinho — lembrou Emília para o distrair dos seus pensamentos — Não seria melhor ir deitar-se? Se o nosso bom hospedeiro me permite, irei preparar-lhe a cama.

— Tens razão—concordou, tristemente, Saint-Aubert — Amanhã, se estiver melhor, partiremos muito cedo e voltaremos para trás. No estado em que me encontro não desejo prolongar a viagem. Quero regressar ao Vale quanto antes.

Emília, conquanto desejasse esse regresso, alarmou-se com a resolução do pai.

Quando este se deitou, por sua vez recolheu ao seu quarto. Por muito tempo, refletiu na conversa sobre as almas dos mortos e sua sobrevivência, problema que muito a preocupava desde a morte da mãe e desde que se via ameaçada de perder também o pai. Abriu a janela e encostou-se ao parapeito. Ao erguer os olhos para o céu, picado por miríades de estrelas pensou que, talvez, elas fossem habitadas pelos espíritos libertos do corpo. Conservou-se ali até que o brilhante planeta indicado por Voisin desapareceu para lá da floresta. Recordava a atitude de Saint-Aubert quando o velho lhe revelara a morte do marquês. Que segredo lhe ocultava?

Aguardou, desejando e ao mesmo tempo temendo que a misteriosa música se fizesse ouvir, mas coisa alguma perturbou o silêncio da noite. Então, pensando nas fadigas que o dia seguinte lhe reservava, se tivesse de partir, procurou no sono um lenitivo para os seus sofrimentos e temores.

VI

Supremo Adeus

Despertada pelo barulho que partia de fora, Emília reconheceu a voz de Miguel que

falava aos animais. Levantou-se, preparou-se e foi ter com o pai que já estava pronto também, mas mais enfraquecido do que aliviado com a noite febril. Auxiliou-o a descer para a sala, em baixo, onde na véspera haviam ceado e onde os seus hospedeiros já os esperavam com o almoço.

Inquieta com o estado do pai, Emília pediu-lhe para adiar a partida. Saint-Aubert, porém, ansioso por se encontrar em casa, insistiu, afirmando que havia muito tempo não se encontrava tão bem disposto e a viagem se tornaria mais fácil com a frescura matinal. Mas quando, já pronto para partir, agradecia ao seu hospedeiro, Emília viu-o empalidecer, vacilar e cair sobre uma cadeira, antes de ter tempo para o amparar. Sentiu-se tão mal que, pondo de parte toda a ideia de partir, pediu para o levarem para o quarto e auxiliarem-no a deitar-se.

Quando se acomodou, mandou chamar a filha, que entrou no quarto, simulando serenidade, e pediu para os deixarem sozinhos. Pegou-lhe na mão e olhou-a com tanta ternura que a firmeza de Emília a abandonou e começou a chorar. Ele próprio se sentia sufocado pelas lágrimas. Por fim, conseguiu falar.

— Minha filha — disse — os minutos são preciosos e escassos para o que tenho a dizer-te. Gostaria de poder mascarar a triste realidade, mas não posso. Vou morrer.

Encaremos o cruel momento e preparemo-nos para a separação.

Como se pela primeira vez tomasse consciência do perigo que ameaçava o pai, Emília fitou-o com indescritível aflição e desmaiou. Aos gritos de Saint-Aubert acudiram Voisin e a mulher, que prodigalizaram todos os cuidados à pobre menina. Por seu lado, Saint-Aubert sentia-se tão fraco que nem tinha forças para falar. Pediu um cordial e depois ficou de novo sozinho com a filha.

— Coragem, Emília — exortou — conformemo-nos com a vontade de Aquele que sempre nos protegeu e amparou. Não chores. A morte não tem nada de surpreendente, pois todos nós sabemos que temos de morrer, nem de terrível para aqueles que confiam em Deus. Calou-se uns momentos e, vendo a filha mais calma, continuou:

— Escuta-me com atenção, minha filha, pois não podemos dispor de muito tempo. Vou revelar-te um segredo de grande importância e exigir-te uma promessa, antes de te fazer conhecer o principal motivo desta conversa. Jura-me que executarás, fielmente, o que vou ordenar-te.

Emília, subjugada com o tom solene do pai, fez o juramento exigido.

— Conheço-te bem para rezear que faltes à tua promessa — continuou o moribundo — Vou dizer-te do que se trata. Conheces o gabinete contíguo ao meu quarto, no nosso castelo do Vale. Existe aí uma espécie de alçapão, encoberto com uma tábua do chão, a ante penúltima em face da porta. Perto da janela verás uma fenda, como se a tábua tivesse sido substituída. Carrega nessa linha e, quando ela ceder, facilmente, a farás deslizar sob a tábua

vizinha...

Parou um instante para descansar e depois insistiu, olhando para Emília:

— Entendes o que te digo?

Emília confirmou com a cabeça.

— Quando voltares para casa. ..

E calou-se, esmagado pela emoção, enquanto a filha cobria o rosto com as mãos.

— Quando voltares para casa — repetiu — vai sozinha ao meu gabinete. No esconderijo que te revelei encontrarás um maço de papéis ... Agora presta bem atenção, pois é este o juramento que te exige... Queimarás esses papéis sem os ler, sem olhar para eles... É esta a minha vontade, o meu último desejo. Se pudesse explicar-te a razão deste pedido, o teu juramento seria inútil. Basta dizer-te que o seu cumprimento é de extrema importância... No mesmo sítio encontrarás duzentos dobrões metidos numa bolsa de seda. Agora resta-me fazer-te outro pedido. Nunca, seja qual for a tua situação, vendas o Vale, e desejo que, se casares, fique estipulado no contrato de casamento que o castelo nunca deixará de pertencer-te.

Em seguida, deu-lhe mais pormenores sobre a sua fortuna. — Os duzentos dobrões e o dinheiro que encontrarás na minha bolsa é tudo quanto posso deixar-te. Ficas pobre, mas não na miséria.

Emília não conseguia responder-lhe. De joelhos junto do leito, limitava-se a chorar.

Depois desta conversa, Saint-Aubert ficou mais calmo, mas, esgotado pelo esforço dispendido, caiu em profundo abatimento. Emília continuou a velar à sua cabeceira até que leve pancada na porta interrompeu a sua meditação. Era Voisin, para lhe dizer que um frade do convento próximo se encontrava ali a fim de assistir aos últimos momentos do pai. A pobre rapariga esperou que o pai saísse daquela sonolência para lhe perguntar se desejava um confessor. Como ele lhe dissesse que sim, com a cabeça, mandou entrar o frade e saiu do quarto. Decorrida meia hora, voltou a entrar e, com Voisin e a filha, ajoelhou, enquanto o padre lia a oração dos agonizantes.

Quando a triste cerimónia acabou, Saint-Aubert chamou Voisin com um gesto, estendeu-lhe a mão e murmurou com voz extinta:

— Meu amigo, conhecemo-nos há pouco tempo, mas esse bastou para me revelar a bondade do seu coração. Quando eu morrer, peço-lhe para velar por minha filha. Confio-a aos seus cuidados durante o pouco tempo que permanecer aqui. O senhor é pai, deve compreender o que sinto.

Voisin prometeu-lhe que olharia pela filha e que, se o desejasse, a acompanharia à Gasgonha. O oferecimento sensibilizou o moribundo que, como não pudesse já falar, se limitou a agradecer com um aperto de mão. Depois de descansar um pouco, chamou a filha e falou-lhe de madame Chéron. — Temos tido pouca convivência, mas é a única parente que te resta.

Julguei conveniente, como poderás verificar pelo meu testamento, entregar-te à sua proteção até à tua maioridade. Não é, precisamente, a pessoa a quem desejaria confiar-te, mas não tinha por onde escolher e, no fundo, não é má. Faz o possível por conciliar as suas simpatias. Emília afirmou que todas as recomendações do pai seriam cumpridas religiosamente.

— Será essa — exclamou soluçando — a minha única consolação.

Saint-Aubert calou-se. Pouco a pouco, o olhar enevoou-se-lhe, a palidez espalhou-se-lhe pelas faces e um frio de morte lhe tomou os membros. Estendeu a mão para abençoar a filha e a cabeça recaiu-lhe na almofada. Emília apertou contra si a cabeça querida, beijou os lábios já frios e recebeu nesse beijo o último suspiro do pai.

Voisin e a filha a custo a arrancaram do quarto e tentaram suavizar a sua dor, chorando com ela.

VII

A Orfandade em Emília

O frade que ali estivera de manhã voltou para consolar Emília. Trazia uma mensagem da abadessa de Santa-Clara, que a convidava a ir visitá-la. A infeliz órfã prometeu fazê-lo logo que os restos de seu pai recolhessem à última morada. As exortações de padre acalmaram-lhe um pouco a dor.

— Meu pai vive hoje como vivia ontem. Morreu apenas para mim, mas a vida da alma é sempre a mesma.

À noite, quando recolheu ao quarto, o pensamento flutuou muito tempo em volta da imagem do pai até o sono a venceu. Sonhou que o pai e a mãe estavam a seu lado e a olhavam com bondade. Sorriam-lhe e moviam os lábios como se quisessem falar-lhe... mas em vez de palavras chegava-lhe apenas aos ouvidos uma música suave e longínqua. Ao som desta melodia, viu o pai transfigurar-se como se uma luz viva o iluminasse... A sua emoção foi tão forte que a despertou...

O sonho terminara, mas a música persistia. Recordou as estranhas revelações feitas na véspera por Voisin e as considerações sobre a vida da alma depois da morte.

Dominada por supersticioso respeito, levantou-se e foi à janela. Viu brilhar por cima da floresta o planeta solitário a que se referira o velho. Pouco depois, ele ocultava-se e a música extinguia-se.

Saint-Aubert pedira para o enterrarem na igreja das religiosas de Santa-Clara. Ele próprio escolhera o lugar na capela do norte, junto da sepultura dos Villeroy. O seu desejo foi realizado e a cerimónia fúnebre teve lugar na manhã seguinte. Emília teve a coragem de assistir. Ao sair da igreja, a superiora levou-a consigo e prodigalizou-lhe todos os cuidados sugeridos pela sua bondade.

Emília, vencida por uma febre lenta, incapaz de partir para o Vale, demorou-se ali algumas semanas. Entretanto, escreveu a madame Chéron e à governanta, a fim de as

informar do triste acontecimento.

Durante a sua permanência no convento, a paz daquele santo asilo, a beleza do sítio e os cuidados afetuosos da abadessa provocaram-lhe tão grande impressão, que ainda se sentiu tentada a renunciar ao mundo para sempre. Mas as atraentes perspectivas que a sua imaginação emprestava à vida claustral foram suplantadas por outra imagem que ainda se conservava bem viva no seu espírito, a de Valancourt.

Recebeu da tia uma carta com banais frases de condolências.

Dizia-lhe também que mandaria alguém buscá-la para a reconduzir ao Vale, pois os seus afazeres e compromissos mundanos não lhe permitiam empreender tão longa viagem.

Decorreram alguns dias até à chegada do criado de madame Chéron e até poder empreender a viagem de regresso. Antes de partir foi despedir-se de Voisin e da família para lhes exprimir o seu reconhecimento.

Por fim, foi visitar pela última vez o túmulo do pai. Era já tarde quando entrou na igreja. O ar regelado das naves laterais, iluminadas pelo luar, que penetrava por uma das janelas góticas, e a tristeza do ambiente inspiraram-lhe supersticioso terror. Seria ilusão ou teria visto uma sombra deslizar por entre as colunas? Trémula, parou, de ouvido à escuta, mas não se apercebeu de qualquer ruído. Por fim, a dor sobrelevou o medo e, ajoelhando sobre o túmulo do pai, orou até que a sineta do convento, tocando a matinas, lhe indicou serem horas de se retirar.

Na altura de partir, no dia seguinte, a abadessa despediu-se, carinhosamente, pedindo-lhe para voltar para junto dela se não encontrasse no mundo a felicidade com que contava e de que era digna.

A viagem de regresso não teve o condão de a distrair. Pelo contrário, mais lhe fez recordar aquele que, havia pouco tempo, admirara a seu lado tão grandioso espetáculo. Como se sentia só!

Quando chegou perto do Vale e avistou as torres do castelo, não pôde deixar de pensar que o pai nunca mais veria aqueles lugares que tanto amava.

— Tudo está calmo e sossegado como quando partimos! — pensou — Mas falta aquele que animava esta solidão!

O coche parou e Tereza abriu o portão. O cão que pertencera ao pai correu para a carruagem ladrando e, quando ela se apeou, saltou lá para dentro como se procurasse alguém.

— Minha menina... -exclamou Teresa. E não conseguiu dizer mais nada.

Com passo vacilante, Emília encaminhou-se para casa, abriu a porta da sala e foi sentar-se junto da janela. Pouco depois, Teresa entrava com o café.

— Quem me diria que a menina voltava sozinha! — exclamou — Que dia aquele em que recebi a notícia!

Emília ocultou o rosto nas mãos e fez-lhe sinal para se calar. Por fim, decidiu ir, imediatamente, ao gabinete do pai. Quanto mais tempo passasse mais lhe custaria. Quase desmaiou quando abriu a porta da biblioteca. As sombras da noite e a penumbra causada pelo arvoredo que crescia diante da casa mais contribuía para a impressão desoladora que sentia ao entrar naquele gabinete onde tudo lhe falava do pai. Quase lhe parecia vê-lo sentado na cadeira de braços, diante da secretária onde costumava trabalhar. O livro que Saint-Aubert lera na véspera da partida ainda estava aberto. Emília deixou-se cair na cadeira e ficou ali por muito tempo até que Teresa a veio chamar para jantar.

Dias depois, recebeu uma carta de madame Chéron, convidando-a a ir para Toulouse, acrescentando que, cumprindo-lhe velar por ela, não podia deixá-la sozinha no Vale. Sabendo que os gostos da tia diferiam muito dos seus e não sentindo ainda prazer pelos divertimentos, Emília respondeu-lhe, pedindo-lhe autorização para ficar mais um tempo no Vale, até se restabelecer um pouco do abalo sofrido. Decorreram algumas semanas. A dor de Emília tomava, pouco a pouco, o caráter de doce melancolia. Recuperara as forças e a liberdade de espírito para recomeçar suas leituras e ocupações e até para tocar as suas músicas preferidas.

Como o tempo passasse sem receber resposta da tia, supôs poder prolongar todo o tempo que desejasse a sua permanência no Vale e sentiu-se mais tranquila.

Uma tarde, dirigiu-se para o pesqueiro que ainda não visitara. Quando chegou perto do pavilhão, parou e encostou-se ao tronco de uma árvore, muito comovida para poder continuar. Tudo aquilo tinha um ar de abandono que a impressionou. Por fim, chamou a si toda a coragem e entrou no pavilhão.

Dirigiu-se à janela e abriu-a. Depois, foi sentar-se diante da mesa e começava a abandonar-se a tristes pensamentos quando o ruído de passos lhe chamou a atenção. De súbito, a porta abriu-se e um homem entrou.

Vendo Emília, o desconhecido parou estupefato e balbuciou desculpas pelo seu atrevimento. A órfã julgou reconhecer a voz e levantou-se. O rapaz aproximou-se e exclamou: — Santo Deus! É mademoiselle Saint-Aubert!

Era Valancourt!

A sua presença despertou em Emília recordações tão suaves e ao mesmo tempo tão dolorosas, que a pobre menina não conseguiu falar. Valancourt pediu-lhe notícias da saúde do pai. Ela respondeu-lhe com uma torrente de lágrimas, o que bastou para revelar ao rapaz o triste acontecimento. Comovido, conduziu Emília para uma cadeira e obrigou-a a sentar-se. — Para tão grande desgosto as consolações são inúteis — disse após alguns momentos de silêncio. — Limito-me a dizer-lhe que o compartilho de todo o coração.

Quando soube como Saint-Aubert morrera durante a viagem, deixando a filha sozinha entre estranhos, Valancourt exclamou:

— Por que não estava eu lá?

Em seguida, contou-lhe como, depois de os deixar, regressara à Gasconha onde residia, tentando acalmar a sua tristeza com longos passeios.

Regressaram juntos ao castelo, mas Valancourt não entrou. Disse-lhe que tencionava partir no dia seguinte para Estuvière e pediu-lhe autorização para vir despedir-se, autorização que ela lhe concedeu.

Aquele encontro reavivou as dolorosas recordações de Emília. Valancourt fez-lhe lembrar o pai, o dia da sua morte e as suas últimas vontades, o juramento que lhe exigira. Censurou-se por não ter ainda queimado os documentos e decidiu que na manhã seguinte o faria.

VIII

Solidão

Na manhã seguinte, Emília mandou acender o fogão no quarto do falecido pai, fechou-se lá dentro com receio de que fossem incomodá-la, e dirigiu-se ao gabinete envidraçado onde o surpreendera na véspera da partida.

A vida solitária, os pensamentos melancólicos e a mórbida sensibilidade predispunham Emília para impressões supersticiosas. Dessa forma, não pôde evitar um calafrio quando entrou naquele aposento onde ninguém mais entrara desde a morte do pai. Sentia-se desfalecer, mas reagiu, censurando-se pela sua falta de coragem no momento em que lhe cumpria ser forte. Fiel às instruções de Saint-Aubert, logo descobriu a tábua indicada e, abrindo o alçapão, encontrou o maço de papéis e a bolsa com o dinheiro. Quando se aproximava do fogão, Involuntariamente, contra a proibição do pai, relanceou a vista para as cartas que tinha na mão. Uma frase de terrível significação despertou-lhe a curiosidade. Entrevedo um mistério, ardia no desejo de o desvendar e arrependia-se pelo juramento feito. Esteve tentada a quebrá-lo, mas a consciência falou mais alto:

— Não, eu prometi obedecer. Fugamos da tentação que, só por si, me torna culpada.

E, num movimento rápido, atirou com os papéis para o lume que os consumiu num instante.

Ao pegar na bolsa, teve a impressão de que continha mais alguma coisa do que as moedas. Abriu-a e encontrou uma miniatura, dentro de uma caixinha de marfim.

— A mesma que meu pai contemplava, chorando! — exclamou.

A miniatura representava uma dama de rara beleza para quem se sentiu atraída sem bem saber porquê. Os cabelos escuros e anelados emolduravam a fronte alta, os lábios sorriam e os olhos azuis refletiam doçura e melancolia. A expressão estava velada por uma sombra de tristeza e resignação.

Como o pai não lhe tivesse dado instruções sobre a miniatura, guardou-a. Recordando a forma como o pai falara da marquesa de Villeroy, supôs tratar-se dela. Mas que laços a

uniriam a Saint-Aubert?

O ranger da porta do jardim arrancou-a às suas reflexões. Aproximou-se da janela e viu Valancourt. Aguardou uns momentos, para recuperar a serenidade e depois foi ter com ele à sala.

Reparou que tinha as feições alteradas, apesar do sorriso que lhe entreabria os lábios.

— Peço-lhe perdão, mademoiselle, por me aproveitar já da autorização que me deu, mas não podia deixar de vir dizer-lhe adeus.

Emília ficou desolada, mas, não querendo fazer-lhe perguntas, abordou outro assunto.

Saíram ambos para o terraço e sentaram-se num banco. Valancourt parecia comovido. Após demorado silêncio, balbuciou:

— Sou forçado a abandonar este cantinho delicioso e talvez para sempre, e não posso deixar de aproveitar estes momentos fugitivos, que receio nunca mais se repitam. Não se assuste, saberei respeitar o seu desgosto, mas permita-me que lhe exprima todo o reconhecimento e admiração que a sua bondade me despertou. Se eu pudesse, um dia, dar o nome de amor a este sentimento tão profundo!

Com um gesto involuntário, Emília deteve-o.

— Não, não abusarei desta entrevista, mas esta cruel despedida seria menos amarga se pudesse levar comigo a certeza de que a minha imprudente confissão não a ofendeu.

Emília, não querendo encorajar as esperanças do rapaz, tentou, por todos os modos, ocultar-lhe o que sentia. Limitou-se a responder-lhe que muito a lisonjeavam as atenções de uma pessoa a quem o pai tanto estimava.

— Não me engana? Mereço a sua indulgência? — perguntou Valancourt com timidez.

— Vou falar-lhe com sinceridade, esperando que, reconhecendo a minha situação, procederá com a reserva que ela exige. Vivo aqui sozinha, não tenho a meu lado alguém que possa autorizar-me a receber as suas visitas...

— Saberei cumprir o meu dever — afirmou Valancourt — mas, pelo menos, consinta que me dirija à sua família.

Emília hesitou na resposta. O isolamento em que vivia deixava-a sem um guia ou conselheiro. Madame Chéron, a sua única parente, parecia não se recordar da sua existência.

— Adivinho! — protestou Valancourt — Considera-me indigno da sua estima. Fatal viagem, que classifiquei como o tempo mais feliz da minha vida, dias deliciosos que ensombrarão todo o meu futuro! Se soubesse quanto sofri, quando a sabia longe de mim, tanto como agora, durante as noites em que, protegido pelas trevas, eu rondava em volta deste castelo, abafando os meus suspiros e as minhas queixas! Consolava-me a ideia de que velava pelo seu sono, porque, saltando a sebe, eu passava horas debaixo da janela que supunha ser a do seu quarto.

Admirada, Emília perguntou-lhe há quanto tempo vivia nas proximidades do castelo.

— Já há alguns dias. Desejava aproveitar-me da autorização dada por seu pai, mas quando me dispunha a visitá-lo, perdia a coragem e adiava a visita. Instalei-me na vila próxima e percorria os campos como caçador, suspirando pela ventura de a encontrar, mas sem me atrever a vir vê-la.

A conversa prolongou-se, sem que qualquer deles desse pelo tempo que corria. Por fim, Valancourt despediu-se.

— Sou forçado a partir — disse com tristeza — mas levo comigo a esperança de tornar a vê-la e de poder apresentar os meus respeitos a sua família.

— Os meus parentes sentir-se-ão muito honrados por conhecer um amigo de meu pai — replicou Emília muito comovida.

Valancourt beijou-lhe a mão, transportado de alegria. Sem forças para se afastar, contemplava-a com adoração, quando o ruído de passos precipitados os chamou à realidade. Voltando a cabeça, Emília avistou madame Chéron. Corou e, trémula, deu alguns passos ao seu encontro.

— Bom dia, sobrinha — cumprimentou esta, relanceando a Valancourt um olhar de surpresa e de curiosidade — Como estás? A minha pergunta é supérflua, porque o teu aspecto indica que te conformaste com o teu desgosto.

— Nesse caso, tia, o meu aspecto mente — replicou Emília, bastante magoada — pois a perda que sofri é daquelas que nunca mais podemos esquecer.

— Não queria ofender-te. És parecida com o teu pai, que teria sido muito mais feliz se tivesse outro génio.

Emília não replicou e apresentou-lhe Valancourt. Ainda que, intimamente, irritado com o que acabava de ouvir, o rapaz cumprimentou-a com respeito. Madame Chéron correspondeu-lhe com breve cumprimento, medindo-o de alto a baixo com olhar desdenhoso. O rapaz despediu-se de Emília, manifestando pela sua atitude quanto lhe custava afastar-se, deixando-a com semelhante criatura.

— Quem é este rapaz? Um dos teus namorados, calculo. Mas quero acreditar que tivesses tido a suficiente noção das conveniências para não o receber, vivendo sozinha como vivias. A sociedade não costuma ser indulgente para inconsequências dessa natureza.

Emília tentou interrompê-la, mas a tia continuou:

— Torna-se indispensável, verifico, que vivas com alguém que saiba guiar-te.

Francamente, não tenho muito tempo para dedicar a tarefas desse género. No entanto, como o teu pobre pai me encarregou de olhar por ti, forçoso é resignar-me. Mas quero avisar-te desde já. Se não prometes obedecer-me, cegamente, terei de desistir.

A pobre rapariga não conseguiu responder-lhe, porque o orgulho ferido e a consciência da sua inocência não lhe permitiram.

— Vim buscar-te — continuou a tia — Vais viver comigo para Toulouse. É pena que teu

pai morresse quase pobre. Foi sempre mais pródigo do que providente. Caso contrário, não teria deixado a filha a cargo dos seus parentes.

— E não deixou — protestou Emília com dignidade — Até que o assunto de falência de Moteville esteja resolvido, tenho meios para poder continuar a viver no Vale.

— Não duvido, não duvido — replicou com ironia, madame Chéron — Reconheço quanto o descanso e a tranquilidade foram benéficos para a tua saúde. Quando nas tuas cartas alegavas esse pretexto, aceitei-o de boa-fé. Não sabia que se encontrava aqui, para te fazer companhia, esse tal Va ... Va ... esqueci-me o nome.

— Não era pretexto — protestou Emília com indignação — e, se o alvo da sua visita, minha tia, foi o de' insultar a filha de seu irmão, poderia muito bem ter evitado esta viagem.

— Quem é esse aventureiro? — perguntou madame Chéron como se não ouvisse a altiva réplica — Quais são as suas pretensões?

— Ele lhes explicará, tia. Meu pai conhecia-o e tinha-o em muito apreço.

— Um filho segundo e, em consequência, um verdadeiro mendigo! Mesmo coisas do meu irmão! Simpatizava ou embirrava com as pessoas sem motivo, apenas pela cara. Que ridículo! Como se a fisionomia de uma pessoa tivesse alguma coisa com o seu caráter! Como pode um homem de bem evitar ter um rosto desagradável? Nada mais enganador do que as aparências.

E disse esta sentença como se enunciasse uma coisa nunca dita.

Para acabar com a conversa, Emília ofereceu à tia ligeira refeição. Esta aceitou e acompanhou-a ao castelo. Quando considerou ter descansado o suficiente, declarou à sobrinha que desejava voltar nesse mesmo dia para Toulouse e ordenou-lhe que preparasse as suas coisas para a acompanhar. Com muito custo, porém, Emília conseguiu convencê-la a passarem ainda aquela noite no Vale.

O coche que devia conduzi-las a Toulouse, logo de manhã, muito cedo, encontrava-se diante da escadaria. O almoço foi triste e silencioso. Madame Chéron, irritada com o abatimento da sobrinha, censurou-lhe em termos que não eram de molde a fazê-lo cessar.

Esta teve ainda de vencer grande resistência para poder levar consigo o cãozinho que pertencera ao pai. A velha Tereza ficou a tomar conta da casa.

— Que Deus a guarde, mademoiselle! — exclamou à despedida.

Emília não conseguiu responder-lhe. Limitou-se a apertar-lhe a mão, chorando.

Entretanto, Valancourt regressara a Estuvière com a imagem de Emília gravada no coração. Tão depressa alimentava ilusórias esperanças como se abandonava ao desespero.

Filho último de antiga família da Gasconha, perdera os pais ainda em criança, ficando entregue a seu irmão, o conde Duvernay, mais velho do que ele vinte anos.

A falta de fortuna era compensada pelas brilhantes perspectivas da carreira militar, a única que um fidalgo podia escolher naquela época. Encontrava-se de licença quando, durante

um passeio pelos Pirenéus, conheceu Saint-Aubert, Tendo de apresentar-se no regimento, desejava, antes disso, apresentar as suas pretensões à família de Emília. A fortuna que possuía, com os fracos rendimentos da órfã, poderiam bastar-lhes, mas não satisfariam pessoas ambiciosas e por isso o pobre rapaz tremia pela realização dos seus mais ardentes votos.

As duas viajantes prosseguiram a caminho de Toulouse. Emília ia muito abatida e a tia, atribuindo aquela tristeza ao desgosto por se afastar do namorado e não pela perda do pai, não se cansava de a esmagar com ironias.

Ao chegar a Toulouse, Emília ficou espantada com a riqueza de madame Chéron.

Atravessou vasto vestíbulo, por entre criados de libré, e entrou em grande sala decorada com mais esplendor do que gosto. Madame Chéron deixou-se cair numa poltrona e começou a elogiar a magnificência em que vivia e as pessoas com quem se dava, explicando o que esperava de Emília, cuja atitude reservada considerava como indício de ignorância e de orgulho.

O anúncio do jantar interrompeu a conversa e as reflexões ofensivas da dona da casa.

Depois da refeição, esta recolheu aos seus aposentos e uma criada de quarto conduziu Emília aos seus, isto é, a pequeno quarto, ao fundo do corredor. Encontrando-se só, a infeliz rapariga pôde, enfim, dar livre curso às lágrimas.

Todos sabem, por o ter experimentado, quanto nos prendemos aos objetos inanimados no meio dos quais estamos habituados a viver. Fácil se torna adivinhar, portanto, como Emília, arrancada ao meio onde sempre vivera desde criança e atirada para uma sociedade diferente, com a qual antipatizava, se sentia infeliz.

O cãozinho que pertencera ao pai, como se compreendesse o seu estado de espírito, saltou-lhe para o colo e começou a lambê-lo as mãos.

— Pobre animal! — exclamou ela—Não tenho mais ninguém que me queira como tu!

IX

Um Lampejo de Felicidade

A casa de madame Chéron, situada nos arredores de Toulouse, era rodeada por vasto jardim. Emília levantou-se cedo, percorreu-o todo e acabou por ir encostar-se à balaustrada do terraço, do qual se avistavam as planícies da Gasconha.

— Por onde andaste esta manhã? — inquiriu madame Chéron quando a sobrinha regressou — Não gosto que saias tão cedo sem ser acompanhada. Uma pessoa dá entrevistas ao luar, precisa ser vigiada.

Apesar de ter consciência da sua inocência, Emília corou e baixou os olhos, enquanto a tia sorria com ar sarcástico, vangloriando-se pela sua penetração. Depois, passando de um assunto para outro não menos doloroso, madame Chéron começou a falar de Moteville e da enorme perda que Emília teria de sofrer, acentuando os deveres de humildade e

reconhecimento que a sobrinha assumia, infringindo-lhe as maiores humilhações, pondo-a não só na sua dependência, como na dos criados.

Em seguida, avisou-a de que, nesse dia, teria muitos convidados para jantar, acrescentando que desejava vê-la trajada com elegância e requinte próprios para fazer honra às suas reuniões, afamadas pelo seu bom gosto e riqueza.

Mas quando os salões se encheram e Emília se apresentou, a sua atitude era tão tímida e acanhada, que a tia a fulminou com olhares severos. O traje de luto, a modéstia do porte, a tristeza expressa no semblante, no entanto, mais interessante a tornaram aos olhos de todos. Voltou a encontrar Montoni e o amigo Cavigny que conhecera em casa de Quesnel. Ambos pareciam familiares da casa, o primeiro, sempre com os seus modos altivos e imperiosos, o outro, insinuante e melífluo.

Quinze dias se passaram em festas e visitas. Emília acompanhava a tia para toda a parte, divertindo-se por vezes, aborrecendo-se quase sempre. Os momentos mais felizes da sua vida eram aqueles que passava no pavilhão do terraço para onde levava um livro ou o alaúde. Não deixava de pensar em Valancourt, embora nunca mais ouvisse falar a seu respeito desde que se encontrava em Toulouse. Esta absoluta falta de notícias mais lhe fazia sentir quanto lhe queria.

Certo dia, madame Chéron mandou-a chamar. Estava rubra de cólera e tinha uma carta na mão.

— Conheces esta letra? — perguntou furiosa, observando a sobrinha, enquanto ela examinava a carta.

— Não, tia, não conheço.

— Não negues — insistiu madame Chéron — Tenho a certeza de que, às minhas escondidas, tens recebido cartas deste impertinente rapaz. Como poderia ele tomar a liberdade de me escrever, se não fosse encorajado por ti?

E como Emília, magoada com a grosseria destas observações, não lhe respondesse, prosseguiu:

— Desde já te declaro que não estou para ser importunada com visitas ou cartas de todos aqueles que pretendem adorar-te.

— Como pode tratar-me assim? — protestou Emília, começando a chorar.

Tinha a consciência da injustiça destas censuras, mas, ao mesmo tempo, censurava-se pela sua falta de reserva, nas entrevistas no Vale. A sua delicadeza e sensibilidade sobrecarregavam-se com escrúpulos injustos.

Foi sentar-se no jardim, no banco habitual, interrogando-se para se certificar da inocência do seu procedimento. Recordava a cena durante a qual Valancourt lhe declarara o seu amor e teve a impressão de lhe escutar os passos, de o ver dirigir-se para ela. Passou a mão pelos olhos, mas tudo quanto supusera filho da imaginação, de fato, era real: Valancourt

estava ali, na sua frente.

O coração palpitou-lhe num misto de terror e surpresa, ao mesmo tempo que o do rapaz estremecia de alegria. Recuperando a calma, Emília acolheu-o com meigo sorriso e, levando-o para uma das ruas do jardim, perguntou-lhe se havia falado com madame Chéron.

— Ainda não. Disseram-me que não podia receber-me agora e, sabendo que se encontrava aqui, vim ter consigo. Atrever-me-ei a revelar-lhe o motivo da minha visita? Não me acusará de precipitação por me ter aproveitado tão depressa da autorização que me – concedeu para falar a sua família?

Emília não sabia o que responder, mas a sua perplexidade deu lugar ao terror quando viu madame Chéron que se aproximava. No entanto, como tinha a consciência da sua inocência, não perdeu a calma e dirigiu-se para ela. Pelo descontentamento, impaciência e altivez manifestados na sua atitude, Emília adivinhou que a tia supunha a existência de prévia combinação entre eles. Depois de ter apresentado Valancourt à tia, não teve coragem para assistir à conversa e correu a fechar-se no quarto, extremamente inquieta pelo resultado da entrevista.

Decorrida uma hora, madame Chéron regressou a casa de muito mau humor.

— Despedi Valancourt — declarou — e espero não tornar a receber visitas desta natureza. O assunto está encerrado. Fiz-lhe ver que não me deixava enganar, nem era bastante indulgente para admitir que se correspondam às minhas escondidas.

Emília quis protestar, mas a tia prosseguiu:

— O teu pai fez muito mal em me deixar o encargo de velar por ti. Gostava de te ver casada, na verdade, mas se devo ser importunada por pretendentes como esse Valancourt, terei de acabar por te meter num convento. Recorda-te bem disto. Aquele cavalheiro não teve a impertinência de me confessar que a sua fortuna era pequena e que o seu futuro depende da sua carreira militar? Devem ocultar-se estes pormenores quando se deseja ganhar a batalha. Que presunção! Supor que eu iria casar a minha sobrinha com um pobretão que se confessa como tal!

De si para si, Emília ficou satisfeita por Valancourt ter confessado a sua pobreza, embora essa confissão tivesse destruído todas as suas esperanças.

— Também teve o descaramento de me dizer — continuou madame Chéron — que só se consideraria repellido se o ouvisse da tua boca, pretensão que eu saberei desiludir.

Demonstrar-lhe-ei que as minhas determinações são categóricas e definitivas. E volto a dizer-te que, se te atreves a ter qualquer entrevista com ele sem minha licença, sairás, imediatamente, de minha casa.

— Não me conhece, tia. Senão saberia que essa recomendação se torna desnecessária.

A partir desse dia, a pobre rapariga, para não ser censurada, teve de fingir, constantemente, uma alegria que estava muito longe de sentir, e a tal ponto que, iludida, a tia

a levou consigo a casa de madame Clairval, senhora de idade, rica e viúva, que se instalara em Toulouse havia pouco tempo. Essa senhora, que vivera muitos anos em Paris no meio do maior luxo, marcava na sociedade de Toulouse. Madame Chéron, que não podia rivalizar com ela em riqueza, pretendia, pelo menos, tê-la por amiga. Rodeava-a de atenções e deixava todos os compromissos quando madame Clairval a convidava. — Citava o seu nome a propósito de tudo e orgulhava-se com o conhecimento. Naquela noite, madame Clairval dava grande baile, seguido por esplêndida ceia. Enquanto uns dançavam, outros passeavam no jardim ou sentavam-se sobre a relva, conversando, criticando as *toilettes*, tomando refrescos ou cantando, acompanhados pelas guitarras. Emília contemplava o encantador quadro com melancólica tristeza, Mas, qual não foi o seu espanto quando entre os pares reconheceu Valancourt. Dançava com uma gentil rapariga por quem parecia muito interessado. Quis afastar-se, mas a contradança acabou e Valancourt aproximou-se do grupo. Saudou a tia com respeito e a sobrinha com tristeza como se lhe censurasse a forma como agravava o seu desgosto, tratando-o com tanta frieza.

— Conhece-o? — perguntou madame Chéron a Cavigny, que se encontrava perto dela

— É um impertinente que se permitiu pretender minha sobrinha.

— Se para merecer essa classificação basta admirar mademoiselle Saint-Aubert, devem existir muitos impertinentes nesta sala e eu sou um deles.

— O senhor é mestre na arte dos cumprimentos, mas deve ter cuidado, porque as mulheres, muitas vezes, tomam a lisonja pela verdade.

— Existem mulheres — volveu Cavigny com um olhar significativo a confirmar as palavras

— para quem essas duas palavras são sinónimos.

— Conhece alguma? — Inquiriu madame Chéron, que corara de prazer.

— Uma, pelo menos.

— Quem é ela? — perguntou madame Chéron, requebrando-se.

— Pergunte-o a Montoni, que conversa além com o marquês de Larivière. O assunto deve ser importante, caso contrário, já teria vindo apresentar-lhe as suas homenagens.

Pelo que ouvia, Emília depreendeu que Montoni cortejava a tia e que esta lhe aceitava a corte. Que madame Chéron, na sua idade, pretendesse tornar a casar, já era ridículo, mas que Montoni, com o seu espírito e a sua situação, pensasse em escolhê-la para sua mulher, era coisa que Emília não podia compreender.

Montoni aproximou-se pouco depois, apresentando desculpas por não ter ido ainda cumprimentar as duas senhoras. Madame Chéron acolheu-o com atitude despeitada, mais própria para uma rapariguinha, mostrando-se muito interessada com a conversa de Cavigny. A ceia foi servida nos pavilhões do jardim e na sala. Com grande espanto de Emília, Valancourt sentou-se na mesa principal, presidida pela dona da casa, onde ela própria e a tia estavam instaladas.

— Quem é Valancourt para se sentar à nossa mesa? — perguntou madame Chéron com acentuado desdém.

— Ignora que é sobrinho de madame Clairval?

A fisionomia de madame Chéron modificou-se instantaneamente e, para escurecer a sua tolice, começou a elogiar Valancourt com o mesmo entusiasmo empregado, tempo antes, para o censurar.

Emília, que não escutara a conversa, ficou muito admirada ao ouvir a tia falar de Valancourt naqueles termos. Retiraram-se logo depois da ceia. Montoni acompanhou-as à carruagem, dando a mão à tia, enquanto Cavigny oferecia a sua à sobrinha.

No dia seguinte de manhã, quando almoçavam, Emília recebeu uma carta cuja caligrafia a fez estremecer. Sem a ler, entregou-a à tia.

Grande foi a sua surpresa quando madame Chéron, muito sorridente, lhe devolveu, dizendo:

— Podes lê-la, minha filha.

Valancourt pedia-lhe para o receber naquela tarde, pois só se o ouvisse da sua boca, acreditaria na sua infelicidade.

— Que resposta lhe darei?

— Dize-lhe que venha. Veremos o que tem para alegar em sua defesa. Ou antes, eu própria lhe respondo.

Nessa mesma tarde, Valancourt apresentou-se e foi recebido por madame Chéron. Após demorada conversa, esta mandou chamar a sobrinha, que entrou na sala muito pálida, quase sem forças para andar.

— O cavaleiro de Valancourt acaba de me dizer que o marido de madame Clairval era irmão de sua mãe. Se mais cedo tivesse sido informada desta circunstância, mais cedo teria acolhido, favoravelmente, as suas pretensões. Embora não me prenda com promessas definitivas — continuou — dei-lhe licença para vir aqui fazer-te a sua corte e admitirei como possível o casamento que ambos desejam, mas daqui a alguns anos, quando o cavaleiro de Valancourt for promovido.

Emília quase não podia acreditar no que ouvia e estava tão confusa que mal se atrevia a erguer os olhos. Por seu lado, Valancourt não sabia como explicar tão rápida mudança.

— Madame — disse, quando a tia de Emília acabou de falar — por muito lisonjeira que seja para mim a sua bondade, gostaria que mademoiselle Saint-Aubert a confirmasse e me autorizasse...

— Eu me encarrego de responder por ela — atalhou madame Chéron — Emília foi-me confiada pelo pai e a minha vontade deve ser a sua.

Dito isto, saiu da sala, deixando os dois namorados sozinhos.

O procedimento de madame Chéron havia sido ditado pela vaidade. Desejava um belo

casamento para a sobrinha, não pela felicidade que esta pudesse encontrar, mas pela consideração que ela própria alcançasse com ele. Quando soube que Valancourt era sobrinho de madame Clairval, admitiu, não a perspectiva de grande fortuna, porque madame Clairval tinha uma filha, a gentil rapariga com quem Valancourt dançava na noite da festa, mas, pelo menos, um futuro brilhante, dado o meio em que vivia essa senhora, alvo da inveja e admiração de todos.

Desde esse dia, Valancourt frequentava, assiduamente, a casa de madame Chéron, passando junto de Emília muitas horas que esta considerava as mais felizes da sua vida, desde a morte do pai. Amavam-se e abandonavam-se a esse amor sem poder calcular que, em breve, essa ternura mútua seria para eles origem do maior desespero e sofrimento. Entretanto, a amizade entre madame Clairval e a tia de Emília tornava-se cada vez mais íntima e esta última não se cansava de apregoar por toda a parte a paixão do sobrinho da amiga pela sua própria sobrinha.

Ao mesmo tempo, Montoni cada vez se tornava mais assíduo em casa de madame Chéron sobre quem exercia grande influência.

Emília e Valancourt passaram todo o Inverno entregues ao seu amor. O regimento do rapaz estava aquartelado próximo de Toulouse e, desta forma, os dois namorados podiam ver-se com a maior facilidade. Reuniam-se, habitualmente, no pavilhão do terraço. Madame Chéron e a sobrinha levavam os seus trabalhos, Valancourt um livro e, conversando ou lendo, os dois jovens não podiam deixar de reconhecer terem nascido um para o outro. Em ambos, os mesmos gostos, os mesmos entusiasmos-, a mesma nobreza de sentimentos.

X

O Italiano

As festas dadas por madame Clairval, as adulações que a rodeavam, a fama sempre crescente da sua riqueza levou madame Chéron a apressar um casamento que, em sua opinião, devia elevá-la na própria consideração e na consideração alheia. Numa conversa com a tia de Valancourt, propôs-se dar à sobrinha valioso dote, contanto que madame Clairval fizesse o mesmo ao sobrinho. Esta, por seu lado, vendo em Emília a única herdeira de uma pessoa que supunha ser muito mais rica do que, de fato, era, concordou.

Emília ignorou todas estas combinações até ao dia em que madame Chéron lhe ordenou, sem mais preâmbulos, que se preparasse para casar. Não sabendo o que pensava Valancourt a esse respeito, opôs algumas objecções, mas a tia, tão obstinada num sentido como o estivera noutro, insistiu. Por seu lado, o rapaz, ignorando as combinações das duas tias, ficou admirado quando lhe comunicaram, mas, radiante, foi ter com Emília para lhe pedir que não se opusesse à felicidade de ambos.

Entretanto, enquanto se faziam preparativos para o próximo casamento, Montoni propôs-se como pretendente declarado à mão de madame Chéron. A tia de Valancourt ficou

aborrecida com a notícia e pensou opôr-se ao casamento de Emília com o sobrinho. Depois, reconhecendo não ter o direito de os castigar pelas culpas dos outros, mudou de ideias. Como uma verdadeira senhora que era, madame Clairval procurava a felicidade no seu próprio coração e no dos outros e não na fortuna e no esplendor que a rodeava.

Emília via com inquietação o predomínio exercido por Montoni no espírito da tia. A opinião que fazia do Italiano era confirmada pela de Valancourt, que não conseguia ocultar a sua aversão por ele.

Certa manhã, quando trabalhava no pavilhão junto do noivo, cuja ternura lhe abria perspectivas do mais risonho futuro, foram dizer-lhe que a tia desejava vê-la o mais depressa possível. Correu a procurá-la. Ao entrar na sala, ficou admirada com o abatimento da fisionomia, contrastando com o requinte do traje.

— Minha sobrinha — declarou mal Emília entrou — mandei-te chamar para... para te dar uma feliz notícia. De futuro, terás de considerar o senhor Montoni como teu tio. Casámos esta manhã.

No primeiro momento, Emília ficou tão admirada que não conseguiu proferir palavra. Depois balbuciou um cumprimento.

— De princípio, quis evitar que o meu próximo casamento fosse conhecido. Mas agora, como já se realizou, pretendo dar-lhe certa solenidade. Para poupar tempo, utilizarei os preparativos feitos para o teu próprio enlace, que terá de ser adiado por causa disso. Desejo também que, para honrares a minha festa, envergues um dos vestidos que te comprei para esse efeito. Informa Valancourt do acontecido para que ele, por sua vez, o participe a madame Clairval. Conto com a presença de ambos no banquete que tenciono dar por estes dias. Segundo os desejos da tia, Emília foi dar a notícia a Valancourt, que ficou mais aterrado do que surpreendido; ao saber daquele casamento, que tinha como resultado retardar o seu, demonstrou um abatimento e desgosto que Emília não conseguiu atenuar. E, quando se despediu dela, fê-lo com tanta ternura e inquietação, que a noiva ficou impressionada. Montoni estabeleceu-se em casa de sua mulher com o ar de um homem que já há muito tempo considerasse aquilo tudo como seu. O seu amigo Cavigny instalou-se num quarto e mandava nos criados como se fosse patrão.

Dias depois, madame Montoni, tal como o havia anunciado a Emília, deu um jantar seguido por concerto e baile. Valancourt compareceu, mas madame Clairval não o acompanhou. Dançando com Emília, o rapaz, embora olhasse com tristeza as decorações da sala, encomendadas para o seu próprio casamento, esforçou-se por animar a noiva. Madame Montoni dançou e riu durante toda a noite. Quanto ao Italiano, retraído e silencioso, mostrava-se aborrecido com a sociedade frívola que o rodeava.

Decorridas algumas semanas, madame Montoni comunicou à sobrinha que o marido havia resolvido regressar à Itália.

— Iremos para Veneza onde meu marido tem um esplêndido palácio e, em seguida, para o seu castelo na Toscana.

Como notasse a palidez de Emília, perguntou:

— Ficaste triste porquê? Uma pessoa que aprecia tanto as belas paisagens e as regiões pitorescas devia ficar radiante com a ideia desta viagem.

— Serei obrigada a acompanhá-los? — perguntou, timidamente, a filha de Saint-Aubert.

— Com certeza. Não supões que te deixaria ficar aqui? Já sei. Pensas em Valancourt.

Se não está já informado da nossa resolução, não tardará a sabê-lo. Meu marido foi falar com madame Clairval, a fim de lhe comunicar que a aliança entre as nossas duas famílias já não pode realizar-se.

A insensibilidade de madame Montoni, a calma perfeita demonstrada ao comunicar à sobrinha uma resolução que para sempre a separava do homem amado, foram bastantes para a reduzir ao desespero. Quando conseguiu falar e perguntou a causa de tão grande mudança, recebeu como resposta que Montoni se opunha ao casamento, considerando que Emília poderia pretender a um partido muito mais brilhante.

Esmagada por esta brusca declaração, Emília recorreu às súplicas, mas em vão.

Recolheu ao quarto, tremendo pelo seu futuro, que se lhe afigurava terrível. Supunha que Montoni a separava de Valancourt no seu próprio interesse e na ideia de a obrigar a casar com Cavigny. Além disso, quando pensava nas guerras civis que dilaceravam a Itália, aterrava-a a perspectiva da viagem. Depois, ao verificar a qualidade das pessoas que, de futuro, seriam senhoras do seu destino e a distância a que ficaria de Valancourt, não pôde reter as lágrimas.

Pode calcular-se o que sentiu Valancourt perante um rompimento tão brusco e inesperado. Mais sensível, no entanto, aos interesses do seu amor do que à sua própria dignidade, não quis irritar Montoni. Esforçando-se por dominar a sua indignação, foi procurá-lo, pessoalmente, e depois solicitou por carta uma entrevista. Porém, fosse pelo receio ou por vergonha, Montoni recusou-se a recebê-lo, insensível à dor expressa na carta e aos sólidos argumentos que nela expunha. As cartas foram-lhe devolvidas sem serem abertas.

Fora de si, Valancourt apresentou-se no castelo e pediu para falar a madame Montoni e a mademoiselle Saint-Aubert. Recusaram-lhe a entrada e, não querendo entrar em luta com os criados, o pobre rapaz regressou a sua casa num estado de espírito fácil de compreender. Entretanto, Montoni, ansioso por abandonar a França, apressava os preparativos da viagem. Valancourt escreveu nova carta, não para insistir no seu ressentimento, mas pedindo apenas para se despedir de Emília. Como não lhe respondessem, perdeu a paciência e escreveu à própria Emília, propondo-lhe um casamento secreto. Foi madame Montoni quem abriu a carta e, na véspera da partida, ainda Valancourt não havia recebido uma palavra de esperança.

Emília vivia esmagada por essa espécie de entorpecimento em que a desgraça mergulha os espíritos mais fortes. Adorava Valancourt, considerava-o como o futuro companheiro da sua vida e não concebia a felicidade sem ele. Calcule-se o seu desespero perante a certeza de separação tão brusca e talvez definitiva, os inúmeros obstáculos erguidos entre os dois pela vontade de uma pessoa que, pouco tempo antes, encorajava o seu amor e protegia o seu casamento!

Estas reflexões eram tão dolorosas que, por vezes, julgava endoidecer. Arrastava-se até à janela e abria-a. O ar puro reanimava-a. Uma noite, quando o luar banhava as alamedas, pensou que um passeio àquela hora lhe acalmaria os nervos. No castelo todos dormiam. Desceu a escada, atravessou o vestíbulo, saiu para o jardim e dirigiu-se para o pavilhão onde passara tantas horas felizes ao lado de Valancourt.

Quando se aproximou do pavilhão, parou um instante, assustada com o silêncio e com a escuridão. Mas, não vendo coisa alguma que pudesse justificar os seus receios, entrou. De repente, alguém murmurou algumas palavras. Soltou um grito, mas logo reconheceu quem as pronunciara. Era Valancourt, que a apertou nos braços. Sem que qualquer deles conseguisse falar, tão comovidos estavam.

— Emília adorada! — exclamou por fim o infeliz rapaz — Vejo-te mais uma vez! Tantas noites errei por estes jardins sem esperança de te encontrar! Hoje, não sei bem porquê, não conseguia abandonar este pavilhão onde me sentia mais próximo de ti.

Em breve, a alegria do encontro foi sobrelevada pela dor da próxima separação.

— Abandonas-me, partes para uma terra estranha, tão distante, onde encontrarás novos amigos e novos adoradores. Todos se conjugarão para te afastar de mim, tenho a certeza. Como não hei-de desesperar? Nunca mais voltarás, nunca serás minha mulher! Como sou desgraçado!

E calou-se, sufocado pela comoção.

— Vês quanto sofro! Acreditas que a minha aflição possa ser inspirada por uma afeição passageira?

— Sofres por minha causa! Como as tuas palavras são, ao mesmo tempo, doces e amargas! Não, não posso duvidar dos teus sentimentos, mas o amor é assim, pronto a admitir suspeitas, mesmo quando a razão as rejeita. Quando dizes amar-me, sinto-me reviver, mas quando estás longe de mim, as minhas dúvidas renascem. Perdoa-me. Reconheço-me culpado por te fazer sofrer assim neste minuto cruel quando, pelo contrário, devia animar-te e consolar-te.

A voz do rapaz vibrava com inflexões tão apaixonadas, que Emília não conseguiu dominar a própria dor. O pranto inundava-lhe as faces.

— Essas lágrimas, que eu desejaria enxugar com os lábios, serão talvez as últimas que choras por mim. Não posso conformar-me com essa ideia. Emília adorada, tenho o coração

despedaçado. Agora vejo-te e aperto-te nos braços e daqui a alguns momentos tudo isto não passará de um sonho. Olharei em volta de mim e não te encontrarei, o meu pensamento tentará recordar-te e não conseguirei reviver mais do que uma imagem apagada! A minha memória atraíçoar-me-á. Não, não posso abandonar-te, não podemos arriscar a felicidade de toda a nossa vida, não posso deixar-te nas mãos daqueles que não têm o direito de a destruir. Confia no teu amigo, no teu noivo! Sê minha para sempre!

A voz tremia-lhe. Emília chorava, mas não lhe respondia. Valancourt propôs-lhe para casarem ocultamente. Sairiam de madrugada do palácio Montoni e dirigir-se-iam, imediatamente, para a igreja dos Augustins, onde o padre os aguardaria para os casar. Emília não lhe respondia e o seu silêncio encorajava as esperanças de Valancourt.

— Fala, Emília, deixa-me ouvir o som da tua voz, querida, confirma as minhas esperanças!

Emília, porém, continuava muda e sentia-se prestes a desfalecer. O combate travado no seu coração entre o amor e o dever, a submissão que a irmã de seu pai tinha todo o direito de exigir dela, a sua repugnância por um casamento clandestino, o temor por uma situação falsa, a perspectiva da pobreza e talvez do arrependimento do homem amado, tantos interesses e sentimentos em jogo, eram demasiado violentos para um espírito já experimentado pelo sofrimento. Por fim, a razão e o dever, por muito dolorosa que fosse a luta, triunfaram sobre as sugestões do amor. Receando, acima de tudo, condenar Valancourt a uma vida medíocre e de sacrifício, inspirada por uma nobreza de alma pouco comum, Emília preferiu a desventura presente a provocar a desgraça futura.

Com sinceridade, revelou a sua maneira de pensar, provando assim o seu amor e apreço, e, com isso, ainda se lhe tornou mais querida. Aos argumentos, visando o seu próprio interesse, o rapaz respondeu com calorosos protestos; depois, pensando no triste futuro a que o seu amor poderia arrastar Emília, compreendeu que o dever o obrigava a renunciar ao projeto do casamento clandestino. Tentou, quanto possível, dissimular a sua dor.

— Adorada Emília — exclamava — Como será possível separar-me de ti, quando pressinto que será para sempre?

E os dois confundiram as suas lágrimas. Pensando, de súbito, no perigo de serem descobertos, chamaram a si toda a sua coragem. Emília, cuja reputação podia perigar, foi a primeira a proferir as palavras de despedida.

— Um instante ainda! — suplicou Valancourt — No meio da minha dor, esqueci-me de te comunicar uma suspeita grave.

Saíram do pavilhão. Ao atravessarem, vagarosamente, o terraço, o rapaz prosseguiu:

— Trata-se de Montoni. Correm certos boatos a seu respeito. Tens a certeza de que pertence à família de madame Quesnel e de que é tão rico como diz?

— Não tenho motivos para duvidar. Mas dize-me o que sabes a seu respeito, suplico-te.

— As informações que me deram são vagas e pouco satisfatórias. O acaso fez-me encontrar um Italiano que me falou a respeito de Montoni e afirmou que, se ele era quem supunha, madame Chéron fizera um casamento desgraçado. Em seguida, falou-me a seu respeito em termos pouco lisonjeiros, e fez, sobre o seu caráter, considerações que me despertaram a curiosidade. Perante a insistência das minhas perguntas, acabou por confessar que, se déssemos crédito à voz pública, Montoni podia considerar-se arruinado, no que dizia respeito a fortuna e a reputação. Falou-me do castelo que possui nos Apeninos e das circunstâncias misteriosas que envolvem a sua vida. Pedi-lhe para se explicar melhor, mas o interesse por mim demonstrado foi, por certo, muito visível. O homem assustou-se e não quis dizer-me mais nada. Em vão lhe falei no castelo dos Apeninos, observando que isso bastava para indicar o bom nascimento de Montoni e alguma fortuna. Abanou a cabeça e calou-se. Fiquei nesta incerteza que para mim se torna num suplício. Avalia, minha querida Emília, quanto soffro ao pensar que partes para uma terra estrangeira, para tão longe, sob o poder de um homem de reputação equívoca. Mas talvez os meus receios sejam infundados e Montoni não seja o homem a quem o Italiano se referia. No entanto, será bom refletires antes de lhe confiares a tua vida.

Enquanto falava, Valancourt passeava agitado pelo terraço. Emília encostara-se à balaustrada e abismara-se em profundas reflexões. O que acabara de ouvir assustava-a e despertava de novo as suas hesitações.

Valancourt deu por isso.

— Emília — disse solenemente — Este momento não é para escrúpulos ou vãs considerações. Pressinto que vais correr grandes perigos, vivendo em casa com um homem como Montoni. Em nome do nosso futuro, suplico-te para evitares as desventuras que nos ameaçara. Dá-me o direito de te defender, minha adorada!

Emília só conseguiu responder-lhe com profundo suspiro. Valancourt continuou a implorar com a convicção inspirada pelo amor e pelos seus temores.

— Este momento é talvez o mais doloroso da minha vida. Se me repeles, não me amas como eu te amo, eu, que treme de horror ao pensar nos perigos e nas desgraças que vão seguir-se à nossa separação. Não há nenhum que eu não esteja disposto a afrontar para te defender. Não, tu não me queres.

— Se não acreditas nas minhas juras e descrês do meu amor, seriam inúteis todas as palavras para te convencer.

Ao mesmo tempo, o pranto inundava-lhe as faces. Tentando dominar a sua comoção, prosseguiu:

— É forçoso separarmo-nos. No castelo podem dar pela minha falta. Pensa em mim e não me esqueças quando estiver longe. A minha confiança em ti será o meu amparo. Tenta dominar os teus transportes, meu amigo, domina-os por amor de mim. Como posso deixar-te,

vendo-te nesse estado... quase louco de dor?

— Para que me deixas então? Ou antes, por que não voltamos a reunirmo-nos ao romper do dia?

— Nunca poderei anuir ao que me pedes. Poupa-me, suplico-te. Já não tenho forças para lutar. Um casamento nessas condições seria imprudente e precipitado.

— Perdoa-me, Emília, perdoa-me. Estou desorientado e quase louco, como disseste.

Quando partires, recordar-me-ei desta última conversa e sentirei remorsos pelo que te fiz sofrer. Não me esqueças, minha adorada. Só Deus sabe quando nos tornaremos a ver. Confio na Divina Providência. Senhor, protege-a e defende-a do perigo!

Ao mesmo tempo, amparava-a e encaminharam-se os dois para o castelo. Quando chegaram à porta, Emília olhou em volta de si e parou:

— Temos de nos separar. Não prolonguemos as despedidas. Não me roubes a coragem que já é muito pouca.

Valancourt procurou dominar-se.

— Adeus — murmurou numa voz que tentava tornar firme — Deus voltará a reunir-nos para nunca mais nos separarmos. Adeus, meu amor, minha vida! Não podes calcular quanto sofrerei até receber notícias tuas. Tentarei escrever-te, mas tremo ao pensar nos obstáculos a vencer para receberes as minhas cartas... Confia em mim, Emília querida. Por ti, pelo teu sossego que tanto prezo, hei-de ter coragem para suportar a tua ausência.

— Adeus! — repetiu Emília em voz desfalecida.

— Depois de partires, recordar-me-ei de muitas coisas que pensava dizer-te e não disse. Foi sempre assim. Nunca me separei de ti sem me recordar depois de uma pergunta ou súplica que desejava dirigir-te... Emília, este momento é doloroso, mas o que dizer dos dias futuros? Que saudades vou ter destes instantes em que ainda posso falar-te, ver-te, sentir a tua presença! Mas depois, será a desolação, uma estrada erma por onde caminharei sozinho, como um exilado do meu paraíso.

Apertou-a contra ao peito e depois, num esforço supremo, separaram-se. Valancourt percorreu, precipitadamente, a alameda, e Emília, que ficou junto da porta, ouviu os seus passos desvanecerem-se pouco a pouco nas sombras na noite.

Quando o silêncio voltou a reinar, mais profundo do que nunca, a pobre órfã regressou ao quarto, na esperança de encontrar no sono um pouco de repouso. Mas o sono recusou-se e só a dor foi sua companheira até à manhã seguinte.

XI

Em Veneza

No dia seguinte, logo de madrugada, os coches encontravam-se à porta do palácio. A azáfama dos criados, que andavam de um lado para o outro e percorriam as galerias, despertou Emília. Toda a noite o seu espírito perturbado se debatera perante as imagens mais

alucinantes. Ao acordar tentou expulsá-las do pensamento. Mas era como passar de um mal imaginário à realidade mais cruel.

Instalou-se no segundo coche para onde havia sido relegada com a criada de quarto.

Quando atingiram o alto da colina contemplou, ao longe, as planícies da Gasconha, os cimos altaneiros dos Pirenéus, avultando no horizonte avermelhado pelo nascer do Sol.

“Montanhas queridas, nunca mais vos verei! Ao menos, ele poderá contemplar-vos ainda quando eu estiver longe daqui!”

As montanhas azuladas desvaneciam-se, encobertas com o arvoredo que ladeava a estrada e a infeliz não abandonou a janela da carruagem enquanto pôde avistá-las. Em breve, a sua atenção se desviou para um vulto que, vagarosamente, seguia pela estrada, envolto num capote e com o rosto semi-oculto por um chapéu de grandes abas. Quando os viajantes se aproximaram voltou-se e Emília reconheceu Valancourt. O rapaz fez-lhe ligeiro sinal e, aproximando-se da portinhola, meteu-lhe um bilhete na mão. Ao mesmo tempo, tentava sorrir e esse sorriso triste por muito tempo ficou gravado na memória da viajante. Debruçou-se e ainda o avistou apoiado contra o tronco de uma árvore. Com os braços estendidos, seguia o coche com a vista até que este desapareceu numa volta da estrada.

A presença da criada de quarto impediu Emília de ler, imediatamente, o bilhete de Valancourt, mas a sua impaciência era tanta que, por vezes, esteve tentada a quebrar o selo que o fechava. Só quando pararam para jantar conseguiu satisfazer o seu anseio, encontrando bálsamo para a sua dor nos protestos de amor que Valancourt lhe fazia. Desde então, mostrou-se mais resignada do que nunca estivera desde o casamento da tia.

Os viajantes atravessaram o Languedoc e entraram no Delfinado. Após rápido trajeto pelas montanhas desta província, começaram a subir os Alpes. Os magníficos panoramas que se ofereceram ao olhar de Emília fizeram-lhe recordar as paisagens dos Pirenéus admiradas ao lado de Valancourt. Quanto a madame Montoni, logo que se encontrou nas vertentes italianas, começou a admirar em pensamento os magníficos castelos que supunha possuir em Veneza e nos Apeninos. Projetava dar concertos, embora não gostasse de música; reuniões, conquanto não soubesse conversar, e festas esplêndidas das quais seria a rainha, a despeito do seu gosto ser dos mais medíocres. Tudo isto, com o fim de eclipsar a nobreza de Veneza, apesar do seu obscuro nascimento.

A viagem decorreu sem incidentes. Ao entrarem em Itália, Montoni e o amigo trocaram o gorro francês pelo italiano, escarlate, bordado a ouro. Emília ficou surpreendida quando viu Montoni adorná-lo com a insígnia militar, mas pensou que o fazia para atravessar com maior segurança as regiões infestadas pelas facções de diversos partidos. De fato, tudo, em redor, estava devastado pela guerra: vinhas arrancadas, oliveiras derrubadas, árvores de toda a espécie queimadas, aldeias incendiadas. Para lá de Milão reinava a tranquilidade, tranquilidade da morte que ainda conserva os vestígios das supremas convulsões.

Mais adiante, os viajantes encontraram tropas marchando pela planície. Montoni julgou reconhecer o pequeno exército do aventureiro Utaldo.

Quando as tropas desfilaram junto das carruagens que estavam encostadas ao valado, para lhes dar passagem, Montoni agitou o gorro. Muitos dos oficiais se aproximaram, saudando-o como se o conhecessem bem, e até o próprio Utaldo foi cumprimentá-lo, mostrando-se encantado com o encontro. Pela conversa, Emília percebeu que as tropas voltavam vitoriosas, trazendo consigo valiosos despojos, feridos e prisioneiros pelos quais exigiriam avultados resgates.

Utaldo convidou Montoni para um banquete de despedida, pois as tropas iam dispersar, mas o Italiano, ansioso por se encontrar em Verona, recusou.

De Verona, seguiram para Pádua onde embarcaram para Brenta. Ali tudo era diferente.

Em vez de tumulto e desolação, monumentos, luxo e elegância. As casas de campo da nobreza veneziana, exibiam pórticos elegantes, colunatas rodeadas por plátanos, ciprestes e laranjeiras, cujo aroma impregnava a atmosfera, e frondosos salgueiros que pendiam até ao rio.

Cavigny ia nomeando os donos das vivendas, fazendo comentários trocistas. Madame Montoni, visivelmente preocupada, não lhe achava tanta graça como noutros tempos. Quanto a Montoni, mostrava-se frio e reservado como sempre.

Torna-se impossível descrever o espanto de Emília quando avistou Veneza, com os seus palácios, torres e cúpulas que se refletiam nas águas dos canais. O Sol, no ocaso, projetava reflexos rosados sobre os mármore de São Marcos já envolto nas sombras do crepúsculo.

A gôndola parou junto dos degraus de um grande palácio, onde os viajantes saltaram.

Atravessando o terraço e subindo a escada de mármore, entraram num salão adornado com grande magnificência: paredes e tetos exibiam esplêndidos frescos, as lâmpadas de prata, pendendo de correntes do mesmo metal, iluminavam o aposento. O chão estava coberto com esteiras indianas de várias cores.

Emília examinava tudo com espanto. “Será isto o palácio de um homem arruinado? — pensava — Se Valancourt pudesse admirar todo este esplendor como ficaria sossegado!”

Madame Montoni assumira ares de princesa. Por seu lado, o marido ordenou que preparassem a gôndola e saiu com Cavigny. Sua mulher ficou triste e preocupada. Emília, depois de ter tentado, inutilmente, distraí-la, foi encostar-se à varanda que dava sobre o Grande Canal, banhado pelo luar.

As gôndolas cruzavam em todos os sentidos, os remos batiam, compassadamente, na água. De repente, outros sons se elevaram a distância, vozes conjugadas num coro harmonioso. As gôndolas alinharam junto dos cais e ao longe apareceu magnífico cortejo, brilhantemente iluminado. Os deuses tutelares da cidade pareciam sair do seio das águas. Netuno com Veneza, sua esposa, aproximava-se, rodeado por tritões e nereides. Este bizarro

cortejo realizava todos os sonhos dos poetas e causou grande impressão no espírito de Emília que parecia vê-lo ainda, muito tempo depois de ter passado.

Depois da ceia, a tia ainda ficou a pé até bastante tarde, aguardando o regresso do marido, mas este não apareceu nessa noite.

Se Emília admirou o esplendor do salão, não ficou menos espantada com a aparência de abandono e ruína de todos os outros aposentos que foi obrigada a atravessar para alcançar o seu quarto. Nas paredes, farrapos de tapeçarias ou vestígios de frescos estragados pela humidade. Móveis pouquíssimos. O quarto que lhe estava destinado não tinha melhor aparência e dir-se-ia feito de propósito para lhe alimentar os tristes pensamentos.

Quando o dia nasceu, Montoni ainda não havia regressado. Aquele homem era dado a paixões violentas, a uma vida agitada por estímulos fortes. Quando não se lhe proporcionavam, ia procurá-los, até que o hábito lhes tornava indispensáveis. Assim acontecera com o jogo. Começara por jogar para se distrair, depois a distração transformou-se num verdadeiro vício. Passara a noite numa sala, jogando com outros rapazes que possuíam mais dinheiro do que nobreza. E, embora os desprezasse, Montoni não deixava de conviver com eles a fim de se aproveitar das suas fraquezas. Adoptava para com os seus companheiros uma atitude altiva e imperiosa que, em geral, assusta e submete os covardes e provoca indignação nos espíritos elevados. Três destes rapazes, Bertolini, Orsino e Varezzi, homens sem princípios, sem honra e sem fé, haviam conseguido conquistar-lhe as boas graças e, logo no dia seguinte à chegada, tornaram-se comensais de todos os dias e visitas constantes no palácio. Havia também um tal conde Morano, que se evidenciava pela superioridade de espírito e delicadeza de modos, e a signora Livoni, que Montoni apresentou a sua mulher como pessoa distinta e de grande mérito. Esta senhora, desde o primeiro dia, cativou Emília pela sua graciosidade e doçura.

Madame Montoni não fez muito bom acolhimento aos seus convidados a quem acusava de terem prendido o marido a noite anterior. Mas o título valeu ao conde Morano atenções diferentes das que dispensou aos outros. Para aproveitar a frescura da tarde, foram dar um passeio na gôndola de Montoni. Os últimos clarões do Sol no ocaso refletiam-se nas águas, enquanto no firmamento já cintilavam as primeiras estrelas. O conde Morano sentou-se ao lado de Emília. Pegando no alaúde que esta levava consigo, começou a cantar uma canção melodiosa. Quando acabou, entregou-o a Emília que, por sua vez, cantou uma canção com graça e simplicidade. A melodia, porém, despertou-lhe recordações dolorosas e a voz morreu-lhe nos lábios. Mais tarde, conseguindo dominar-se, cantou nova canção, mais viva e alegre, que eletrizou o auditório. Entre os cumprimentos que lhe dirigiram, os do conde foram os mais entusiastas e a tal ponto que chegaram a desagradar-lhe. Entretanto, Montoni, insensível à música, aproveitou o primeiro pretexto para regressar a Veneza e para abandonar a sua gôndola, saltando para outra com Orsino. Emília, apesar de não gostar dele, viu-o

afastar com desprazer, pois considerava a sua presença como proteção, sem poder dizer o que temia. Entretanto, Morano, sentado a seu lado, cumulava-a de atenções. A criada de Emília, porém, demonstrou-lhe que, para alcançar os seus fins, precisava de obter as boas graças de madame Montoni; desta forma, transferiu para ela parte da sua amabilidade, fato que a lisonjeou a tal ponto que, ainda a festa não tocara o seu termo, já ele conseguira conquistá-la. Ao despedir-se, convidou-a assim como a todos os outros, a dar um passeio e irem à Ópera, convite que foi aceito, com grande desgosto de Emília.

A gôndola regressou ao palácio sem Montoni, o mesmo acontecendo nas noites seguintes. Quando regressava a casa, o seu ar furioso e olhar sombrio bastavam para revelar as enormes perdas sofridas.

Muitas semanas decorreram em contínuas festas. Emília teria encontrado certo prazer em observar paisagens e costumes tão diferentes dos que vira em França, se a presença do conde Morano não lhe desagradasse tanto. Talvez ele, com a sua figura gentil e atenções, tivesse conseguido cativá-la, se o seu coração não pertencesse já a Valancourt. Além disso, alguns defeitos de caráter, manifestados, involuntariamente, no ardor do seu entusiasmo, acabaram por indispor-la contra ele.

Depois da saída de França, Montoni já não se dava ao trabalho de ter atenções com sua mulher, afastando-se dela e tratando-a com rudeza quando lhe falava. Ficara muito desiludido com o casamento. Madame Chéron conseguira fazê-lo acreditar que era muito mais rica do que de fato era e, desta forma, o Italiano fora enganado pela mulher a quem tentava enganar, uma mulher pouco inteligente a quem sacrificara a sua liberdade sem ter conseguido evitar a ruína que o ameaçava. Além disso, madame Montoni pusera quase toda a sua fortuna em seu próprio nome. O marido apoderara-se do resto e, conquanto essa soma fosse muito inferior às suas necessidades, levou-a consigo para Veneza, a fim de tentar a sua sorte ao jogo.

As informações dadas a Valancourt sobre o caráter e situação de Montoni eram exatas. Madame Montoni não era mulher para suportar injúrias com paciência e dignidade. O seu orgulho manifestava-se com toda a violência de um espírito mesquinho e pouco habituado a dominar-se. Sem reconhecer a sua própria duplicidade, considerava o marido como o único culpado e sofria, cruelmente, com o seu desdém e muito mais sofreu quando verificou a forma como ele desbaratava a sua fortuna, ela que sonhara ser uma princesa, senhora de um palácio em Veneza e de um castelo nos Apeninos. Muitas vezes, Montoni manifestava a intenção de ir passar algum tempo ao castelo Udolfo, a fim de verificar o estado em que se encontrava, pois não o visitava havia mais de dois anos. Estava entregue aos cuidados de um velho criado a quem ele dava o pomposo nome de intendente.

A perspectiva desta viagem encantava Emília, não só pelas novas impressões que se lhe proporcionariam, como para se ver livre das assiduidades do conde Morano que já lhe declarara o seu amor e que, não se dando por vencido com a sua recusa, fora ter com

Montoni. Emília manifestou-lhe o seu desagrado por este procedimento. Morano, porém, vaidoso, continuou a aparecer todos os dias no palácio onde era bem acolhido por Montoni, que protegia, abertamente, as suas pretensões.

Pouco tempo depois de chegar a Veneza, o Italiano recebeu uma carta de Quesnel, comunicando-lhe a morte do tio de sua mulher de quem herdara um palácio em Brenta. Anunciava a sua próxima chegada a Itália e convidava os Montoni e a sobrinha para irem visitá-lo.

Na mesma altura, Emília recebeu uma carta que lhe agradou muito mais. Era de Valancourt. Este, depois de reafirmar o seu amor e constância, participava-lhe que tinha abandonado Toulouse e se encontrava instalado no castelo do irmão, nas proximidades do Vale. Mais adiante acrescentava: “Acabo de ter conhecimento de um fato que me roubou todas as esperanças e me decidiu a regressar ao meu regimento. O Vale foi alugado, possivelmente sem o seu consentimento, e por isso lhe comunico. A Teresa chorava quando me participou ter de abandonar o castelo onde passara a maior parte da sua vida. O senhor Quesnel ordenou-lhe que saísse logo, pois o novo inquilino já está instalado. Tive a impressão — acrescentava o rapaz — de que expulsando do “Vale a única pessoa que ali tinha vivido consigo, nos separavam à força pela segunda vez. Mas não posso acreditar que estejamos separados para sempre, minha adorada! Um dia seremos um do outro!”

Se, por um lado, Emília ficou radiante com esta carta e com a certeza de que Valancourt não se esquecera dela, por outro, sentiu-se indignada por Quesnel ter alugado o Vale sem o seu consentimento.

Perguntava a si própria como poderia proteger Teresa e abordar o assunto com Quesnel sem lhe falar na carta de Valancourt, quando o próprio Montoni lhe deu o ensejo que procurava.

Este mandou-a chamar ao seu gabinete. Quando Emília entrou, mostrou-lhe uma carta de Quesnel e declarou:

— Vou escrever a seu tio sobre um assunto que lhe diz respeito, Emília, e para o qual desejamos obter o seu consentimento.

Emília declarou-lhe que já estava à corrente do que se passava, fato que muito admirou Montoni, e afirmou que, justamente, desejava falar com ele a esse respeito.

O sangue-frio de Emília surpreendeu ainda mais Montoni, que acentuou, observando-a:

— Sim, o assunto é de grande interesse para si e espero que o encare da mesma forma que nós o encaramos. Concorde então que as objecções fundadas no sentimento devem ceder perante outras considerações de carácter mais sério?

Emília supôs tratar-se de Teresa e respondeu:

— Parece-me que as razões inspiradas pelo coração também devem ser levadas em conta. Mas temo que já seja tarde para discutirmos o caminho a seguir e que não esteja em

meu poder opor-me.

— Exatamente — concordou Montoni, tão surpreendido como encantado com tanta docilidade — Alegra-me verificar que se submete à razão e à necessidade sem protestos inúteis. Congratulo-me com o seu procedimento e ainda mais porque não contava com ele; indica-me uma sensatez que as suas irmãs em sexo, raramente demonstram. Quando for mais velha, reconhecerá o benefício que lhe prestamos, libertando-a das ilusões romanescas, que devemos repelir ao entrar na idade da razão. Ainda não fechei esta carta. Quer acrescentar algumas linhas para informar seu tio da anuência?

Emília, pegando na caneta que ela lhe ofereceu, acrescentou estas linhas:

“Torna-se inútil fazer-lhe observações sobre o assunto de que trata a sua carta.

Gostaria que o tivessem tratado com menos precipitação. Não me deram tempo para dominar o que chamam preconceitos sentimentais e que, a despeito da minha vontade, me perturba a consciência e o coração. Mas como tudo está concluído, submeto-me. Resta-me ainda alguma coisa a dizer sobre certos pontos essenciais, mas reservo-me para o fazer quando tiver a honra de lhe falar. Entretanto, peço-lhe para olhar pela pobre Teresa, em nome da sua respeitosa sobrinha.

Emília Saint-Aubert”.

Quando Montoni leu o que Emília acabava de escrever, franziu a testa como se desagradável reflexão lhe atravessasse o espírito. Depois fitou-a, atentamente, releu a carta, sorriu com ironia e fechou-a sem acrescentar uma palavra.

Por seu lado, Emília recolheu ao quarto para responder a Valancourt. Descreveu-lhe a viagem, a chegada a Veneza e fez algumas observações sobre o procedimento de Montoni. Quanto ao conde Morano, nem sequer lhe falou nele, sabendo quanto os apaixonados são ciumentos.

No dia seguinte, o conde apareceu para almoçar. Mostrava-se de uma alegria exuberante, demonstrando na forma como a tratava uma confiança em si próprio e uma segurança que em vão tentou reprimir, opondo-lhe reserva e frieza. À tarde foram todos dar um passeio de gôndola. O conde, que procurara por todos os modos ficar sozinho com Emília, atreveu-se a beijar-lhe a mão, agradecendo-lhe a bondade que lhe manifestara.

Surpreendida, ela retirou a mão, supondo tratar-se de um gracejo. Mas quando chegaram ao terraço, verificou que o conde a levava para o seu *rendallento* particular, enquanto os outros se dispunham a entrar nas outras gôndolas. Recusou-se a ir mais longe e voltou para o pórtico. O conde insistiu, protestando:

— O seu capricho torna-se incompreensível. Não vejo inconveniente algum em a levar na minha gôndola. Tem de vir comigo, não cederei nesse ponto.

A antipatia de Emília transformou-se em verdadeira aversão. A audácia do seu perseguidor indignava-a. Montoni apareceu. Os dois homens colocaram-se cada um do seu

lado e encaminharam-se para a gôndola. Por fim, o conde quebrou o silêncio que se ia tornando incômodo:

— Queria, simplesmente, demonstrar-lhe o meu reconhecimento.

— O seu reconhecimento, porquê? — inquiriu Emília, surpreendida e enervada.

— Para que desmente com olhares severos a bondade da sua resolução? Já lhe dei motivos, desde ontem, para duvidar do ardor da minha paixão por si? É inútil, adorada Emília, continuar a disfarçar os seus sentimentos.

— Se os tivesse disfarçado — replicou Emília — de fato, seria inútil a dissimulação.

Esperava que me poupasse a desagradável obrigação de os manifestar outra vez, mas, visto obrigar-me a fazê-lo, declaro-lhe, pela última vez e bem alto, que a sua inexplicável teimosia lhe rouba a minha estima, único sentimento que poderia conceder-lhe.

O conde mal podia acreditar no que ouvia e, furioso, olhou para Montoni. Este também manifestava surpresa, talvez fingida, e indignação.

— Tanta audácia e capricho espantam-me! — exclamou — Mas se o conde está apaixonado por si, mademoiselle, eu que não estou não quero ser joguete da sua levandade.

Propõe-lhe um casamento que honra toda a sua família. Resistiu a todas as nossas insistências. Mas agora, a minha honra está em jogo e eu não admito que a manchem. Faça-me o favor de confirmar o consentimento que ontem me encarregou de transmitir ao conde.

— Eu! — protestou Emília — Eu encarreguei-o? Com certeza se equivocou. A minha resposta foi sempre a mesma. Declarei ao conde Morano, assim como a si, que nunca aceitaria a honra de ser sua mulher e repito agora essa declaração. Se lhe aprouve transmitir-lhe o contrário, não fui eu quem o solicitou.

O conde soltou surda exclamação, mas Montoni, furioso, replicou:

— É capaz de negar que aceitou a mão do conde?

— Nego — reafirmou Emília com indignação — Nunca aceitei semelhante proposta.

— E nega também o que escreveu a seu tio Quesnel? — teimou Montoni — Nesse caso, a sua caligrafia falará por si. Que tem a dizer a isto? — concluiu, aproveitando o silêncio e o espanto de Emília.

De fato, a pobre rapariga não conseguia proferir palavra, tão grande era a comoção ao verificar a interpretação dada às linhas escritas na véspera.

O conde observava-a com ansiedade, não sabendo se devia atribuir a perturbação da suposta noiva à confusão de uma rapariga leviana apanhada em falta.

Porém, quando conseguiu falar, Emília voltou-se para Montoni e protestou:

— Verifico que se enganou ou tentou enganar-me a mim.

— Basta de duplicidade, mademoiselle. Seja franca e sincera, se puder.

— Nunca deixei de o ser, nem tenho que mentir.

— Que quer isto dizer? — interrompeu Morano, no auge do espanto.

— Sei lá! Quem pode saber o que se passa no cérebro de uma mulher?

— Espero e exijo uma explicação.

— Também eu a exijo — declarou Emília, dirigindo-se a Montoni — Permita-me uma só pergunta.

— Mil, se quiser — replicou, desdenhosamente, o Italiano.

— Qual era o assunto tratado na carta que dirigiu a meu tio?

— O honroso pedido do conde Morano. Não podia ser outro.

— Nesse caso, ambos nos enganámos.

— Também nos enganámos na conversa que precedeu a sua resposta? Sendo assim, terei de reconhecer a sua habilidade para arranjar mal-entendidos.

Emília mal conseguia reprimir as lágrimas, enquanto o conde, furioso, se dirigia a Montoni.

— O senhor enganou-me. É de si que exijo a explicação.

— De mim? Seja, tê-la-á de qualquer forma.

Aterrada com as consequências que poderiam resultar da disputa entre os dois homens, a filha de Saint-Aubert explicou a confusão, afirmando que ao falar com Montoni supusera tratar apenas do aluguer do Vale. Por último, pediu ao Italiano para escrever a Quesnel a fim de emendar o erro.

O conde, dificilmente, reprimia a cólera, mas Emília empregou todos os seus esforços para evitar uma colisão entre duas pessoas que momentos antes se uniam para a perseguir e até insultar.

Montoni deu ordem para regressarem a casa. Quando chegaram, o conde conduziu até à sala aquela a quem considerara como sua noiva. Pegou-lhe na mão, beijou-a, a despeito dos esforços por ela empregados para se libertar, e desejou-lhe boas noites com uma expressão e olhares que não deixavam dúvidas a respeito dos seus sentimentos. Depois afastou-se com Montoni.

Fechada no quarto, Emília refletiu, desolada, na conduta tirânica de Montoni, na impudente perseguição de Morano e na triste situação em que se encontrava longe da pátria e dos seus amigos.

Qual seria o interesse de Montoni para empregar assim a manha e a mentira, tanto para com ela como para o seu cúmplice? Tornava-se bem claro que o Italiano se aproveitara dos termos vagos por ela empregados na resposta a Quesnel como arma favorável para a execução dos seus próprios planos. Não se aproveitaria ele agora do pretendido erro para a obrigar, evocando o compromisso tomado, a casar com Morano? A sua ansiedade por falar com Quesnel era enorme e aguardava com um misto de esperança e receio o dia fixado para a visita a Miarenti.

No dia seguinte, foi ter com a tia, contou-lhe o ocorrido e pediu-lhe a sua interferência

para comunicar ao conde a sua recusa formal e definitiva. Infelizmente, verificou que a tia, já ao fato do que se havia passado, estava contra ela.

— Não esperes que aprove a tua atitude e te proteja. Já dei a minha opinião sobre o assunto. Acho que meu marido tem razão em procurar obter o teu consentimento por todos os meios ao seu alcance. Quando as pessoas teimam em desconhecer os seus próprios interesses, cumpre aos seus amigos, mais sensatos, impedir a sua loucura. Gostava de saber se pretendes partido mais vantajoso do que aquele que te propõem?

— Certamente que não. Não sou tão orgulhosa que me desconheça...

— Não és orgulhosa... não és orgulhosa! Pelo contrário, és muito. De resto, tens a quem sair. O teu pai, meu pobre irmão, era orgulhoso e tinha vaidade nisso, sem pensar que a situação não estava de acordo com as suas pretensões.

Irritada com a forma como a tia falava do pai, interrompeu a conversa.

Nos dias que decorreram até à partida para Marienti. Montoni não dirigiu a palavra a Emília. O ressentimento lia-se-lhe no olhar, mas não renovou a perseguição, fato que espantou Emília e mais ainda a ausência do conde, cujo nome Montoni nem sequer pronunciava. O que se teria passado? Ter-se-ia seguido um duelo entre os dois homens com graves consequências para o conde? Ou Morano, convencido com as suas categóricas recusas, desistira das suas pretensões? Ou ainda, na esperança de que uma atitude discreta teria mais êxito do que as suas importunidades, suspendera as visitas por algum tempo, contando obter da generosidade da mulher amada aquilo que não conseguira alcançar por amor?

E os dias iam passando entre alternativas de esperança e receio. Por fim, Montoni pôs-se a caminho para Marienti. Embarcaram uma hora antes de anoitecer.

Sentada à ré da embarcação, Emília via as margens fugirem, os palácios confundirem-se pouco a pouco com as brumas e as primeiras estrelas despontarem no firmamento. A noite estava calma e fresca, a lua nascia. O monótono bater dos remos e o murmúrio das águas, tudo se conjugou para a mergulhar em tristes reflexões. À medida que a embarcação avançava, começou a ouvir vozes e, por fim, avistou uma bela casa, rodeada por pinheiros e sicómoros. Era o castelo herdado por madame Quesnel.

A embarcação encostou junto dos degraus de mármore, profusamente iluminados com a claridade que saía do pórtico. Montoni desembarcou com a família e foi encontrar os Quesnel no meio de alguns amigos, sentados em sofás, debaixo das arcadas e saboreando deliciosa fruta e refrescos. Um pouco mais longe, alguns músicos executavam melodiosa serenata. Já habituada aqueles usos, Emília não ficou surpreendida por encontrar os donos da casa, instalados no pórtico, às duas horas da noite.

Após os cumprimentos da praxe, os recém-chegados sentaram-se e tomaram parte na ligeira refeição.

Quesnel chamou Montoni de parte a fim de lhe falar em negócios no tom importante que lhe era habitual, referindo-se com vaidade às vantajosas aquisições que acabava de fazer, lamentando, ao mesmo tempo, Montoni pelas perdas que sabia ter sofrido. O Italiano, sentindo-se ferido no seu orgulho, manteve-se em silêncio, numa atitude desdenhosa. Mas quando o nome de Emília foi proferido, os dois homens afastaram-se para o jardim.

A infeliz rapariga aproximou-se então de madame Quesnel que falava de França, na esperança de ouvir o adorado nome de Valancourt. Mas a castelã, que durante a sua permanência em França só falava de Itália, em Itália só tinha elogios para a França, como todas as pessoas que procuram despertar a inveja dos seus ouvintes, descrevendo-lhes espetáculos que só elas tiveram a dita de contemplar.

Por seu lado, madame Montoni celebrava os encantos de Veneza e apregoava as belezas e prazeres que, por certo, iria disfrutar durante a sua visita ao castelo dos Apeninos. Pura vaidade! Emília sabia bem o que pensava a tia acerca dos velhos castelos como o de Udolfo. Mas o mundo é assim. Todos pretendem, tanto quanto a delicadeza o permite, magoar os outros com a ostentação da sua riqueza. Estendidos em divãs, rodeados por grandioso espetáculo da Natureza e por maravilhas da arte, caracteres bem formados e espíritos bondosos teriam tentado transmitir aos outros as suas alegrias e sensações, em vez de lhes ferirem o amor próprio.

XII

Preparativos para o Casamento

Logo que teve ocasião para falar com o tio, Emília demonstrou o seu descontentamento pela forma como ele dispusera do Vale. Quesnel respondeu lhe como alguém que tem consciência da sua autoridade e não admite que lhe contestem. A medida impunha-se, segundo afirmou, e a sobrinha ainda devia agradecer-lhe por ter salvaguardado assim o pouco que possuía.

— De resto — acrescentou — quando casares com o conde Morano, cuja proposta aceitaste, ficarás livre desta tutela, que tanto te pesa. Como teu parente, felicito-te por esta circunstância tão feliz quanto inesperada.

Emília ficou muda de espanto, mas, quando conseguiu falar, tentou explicar ao tio a confusão estabelecida com a carta de Montoni. Quesnel, porém, devia ter motivos especiais para não aceitar explicações. Como se não as tivesse escutado, acusou-a de volúvel e caprichosa. Finalmente, quando teve de se render à evidência e não pôde ter mais dúvida sobre a aversão da sobrinha pelo conde, deixou-se arrebatado pela cólera. O seu amor-próprio, lisonjeado com a aliança da sua família com um nobre, reagiu contra a sobrinha e tornou-o insensível ao sofrimento daquela que se opunha como obstáculo aos seus ambiciosos projetos.

Verificando todas as dificuldades da situação em que se encontrava, Emília opôs às

violentas censuras do tio uma atitude digna, mas firme, que mais exasperou Quesnel, obrigado a reconhecer assim a sua própria inferioridade. Mandou-a retirar, declarando que, se ela persistisse naquela loucura, ele e Montoni a abandonariam.

A calma que conseguira manter diante de Quesnel abandonou Emília logo que se encontrou sozinha. Chorou amargamente, balbuciando por entre soluços o nome do pai, o pai adorado que nunca mais veria, mas cujos últimos conselhos recordou.

— Pobre de mim! — exclamava — Reconheço agora como tinha razão quando me recomendava que não me abandonasse a inúteis sensibilidades! Vou tentar cumprir a promessa que lhe fiz—continuou, enxugando as lágrimas — e em vez de perder tempo em lamentações inúteis, chamarei a mim toda a minha coragem para suportar sem desfalecimentos a opressão que não posso evitar.

Uma tarde, as senhoras foram tomar fresco para as margens do Brenta. Contemplando os Apeninos, que no horizonte erguiam os seus cumes cobertos de neve, Emília pensou no castelo de Montoni e estremeceu de horror quando se lembrou que em breve se encontraria ali, completamente em poder de semelhante homem, que, por certo, empregaria todos os meios para a constranger a obedecer-lhe. Mas não estava ela em seu poder tanto no castelo como em Veneza?

Já era tarde quando regressaram a Marienti. A ceia foi servida sob as arcadas do pórtico onde Quesnel, Montoni e os outros cavalheiros aguardavam as senhoras. De repente, uma embarcação encostou à escadaria e Morano apareceu. Emília recebeu-o com acentuada frieza, o que o desconcertou. Os outros acolheram-no com tolas adulações, mas só Emília notou quanto elas aborreciam o conde.

Quando se encontrou sozinha no quarto, refletiu por muito tempo, procurando a forma de obrigar Morano a desistir das suas pretensões. Não encontrou melhor meio do que confessar-lhe, com franqueza, o seu amor por outro e evocar a sua generosidade. No dia seguinte, porém, quando o conde renovou as suas instâncias, renunciou ao projeto, pois feria a sua sensibilidade tomar o seu perseguidor por confidente. Limitou-se, portanto, a repetir a recusa nos termos mais categóricos, lamentando-se, amargamente, pela forma como procediam para com ela. O conde mostrou-se pesaroso, mas teimou nos seus protestos apaixonados.

Desta forma, durante a permanência em casa da Tia, infeliz teve de suportar as importunidades de Morano e a autoridade combinada dos que se diziam seus protetores. Os dois homens, durante uma conversa particular, estabeleceram o plano para triunfar da resistência de Emília e quando Montoni se preparou para regressar a Veneza, Quesnel prometeu-lhe visitá-lo depois da celebração do casamento.

No dia seguinte, Montoni declarou com autoridade a Emília que estava farto daquela brincadeira e que o casamento com o conde teria de realizar-se sem demora. A pobre recorreu às súplicas, mas tudo em vão. Levada ao último extremo, perguntou-lhe com que

direito ele exercia sobre ela aquela autoridade despótica.

— Com que direito! — repetiu Montoni com ironia — Com o direito que me confere a minha vontade. Tente libertar-se e eu não lhe perguntarei com que direito o faz. Recordo-lhe pela última vez: está longe da sua pátria, é estrangeira, não tem outro protetor aqui senão eu. Todo o seu interesse é ter-me como amigo. Se, pelo contrário, me obriga a ser seu inimigo, a minha vingança, não receio dizê-lo, ultrapassará todas as suas previsões. Já deve saber que não sou homem para consentir que me resistam.

Emília ficou como esmagada perante a consciência da sua impotência e contando com o pior.

Sobreveio, porém, um acontecimento que a deixou respirar durante alguns dias.

Certa noite, Orsino apareceu no palácio, dando sinais da mais viva agitação. Como Montoni se encontrasse no Casino, mandou-o chamar por um criado de toda a confiança. Eis o que acontecera: um fidalgo veneziano a quem Orsino odiava havia sido apunhalado por assassinos contratados por ele. O assassinado pertencia à família do Doge e o Senado foi informado do crime. Um dos criminosos, interrogado, acabou por denunciar Orsino que, aterrado, correu a refugiar-se em casa de Montoni. Este consentiu em o esconder, porque a polícia da cidade andava à sua procura. Logo que a vigilância afrouxasse, fá-lo-ia sair de Veneza sem perigo, pois ele próprio sabia ao que se expunha se o criminoso fosse encontrado em sua casa. As suas obrigações para com aquele homem, no entanto, eram de natureza tal que o Italiano não julgou prudente recusar-lhe asilo.

Era esta a personagem a quem Montoni concedia a sua estima, testemunhando-lhe tanta amizade quanto o seu caráter comportava.

Enquanto Orsino se conservou no palácio, Montoni não se atreveu a celebrar o casamento de Emília com o conde, com receio de chamar sobre si as atenções, mas quando a fuga do criminoso fez cessar o obstáculo, comunicou à desolada noiva que o casamento se realizaria na manhã seguinte. Em vão ela opôs nova recusa. Montoni, sem se comover, declarou que o conde com o padre se apresentariam no palácio logo de manhã e aconselhou-a a não se opor por mais tempo a uma resolução tomada no seu interesse e que era irrevogável.

— Esta noite não estarei em casa, mas lembre-se de que amanhã de manhã pertencerá ao conde Morano.

Emília que, depois das ameaças daquele homem, já contava com a crise suprema de um dia para o outro, não ficou tão acabrunhada como à primeira vista poderia supor-se. Tentou tranquilizar-se a si própria, dizendo de si para si que o casamento não seria possível se ela não anuísse, se diante do padre declarasse que não queria casar. Contudo, à medida que as horas passavam, a sua coragem desfalecia e tremia com a ideia de semelhante provação.

Receava a autoridade de Montoni e sabia-o capaz de tudo. Chorou dolorosamente,

implorando com fervor o auxílio de Deus e do pai querido, esperando que a recordação de Valancourt lhe desse forças para resistir.

Já era tarde quando madame Montoni lhe entrou no quarto para lhe entregar as prendas que o conde enviava a sua futura mulher. Todo o dia evitara encontrar-se com a sobrinha, talvez por não querer presenciar o seu desespero ou então porque a consciência, cuja voz poucas vezes se fazia ouvir, a acusasse da dureza do seu procedimento para com uma órfã, filha de seu irmão que, moribundo, lhe confiara.

Emília nem sequer olhou para os presentes do noivo e fez a última tentativa para levar madame Montoni a interessar-se pela sua sorte. Esta, mais comovida do que desejava, esforçou-se por lhe provar que seria loucura opor-se a um casamento que faria a sua felicidade.

— Podes ter a certeza de que se eu não fosse casada e o conde me oferecesse a sua mão, ficaria lisonjeada com tal distinção. Quanto mais tu, minha sobrinha, que não tens fortuna! Admira-me, confesso, pela condescendência que manifesta para contigo. Se eu estivesse no seu lugar já teria sabido pôr-te no teu. Trata-te com muita indulgência e isso levou-te a formar alta opinião da tua pessoa, como se ninguém fosse digno de aspirar a casar contigo. Mas enganas-te. Não encontrarás um apaixonado como o conde. Se fosse outro já teria voltado as costas, deixando-te entregue a um arrependimento tardio.

— Como eu desejaria que o fizesse! — protestou Emília, soltando profundo suspiro.

— Felizmente para ti, ele não é como os outros. Se o conde Morano não te satisfaz as ambições muito gostaria de saber a quem pretendes tu?

— Não tenho ambições. O meu único desejo é conservar-me tal como estou.

— Hipocrisia! — exclamou madame Montoni — Continuas a pensar em Valancourt, já vejo. Esquece essas fantasias e torna-te uma rapariga sensata. De resto, coisa alguma poderá modificar a situação. Casarás amanhã, quer queiras ou não. O conde não deve nem quer ser por mais tempo joguete dos teus caprichos.

Emília nem se deu ao trabalho de lhe responder, pois seria tempo perdido. Madame Montoni colocou os presentes de Morano em cima da mesa, junto da sobrinha, deu-lhe as boas noites e retirou-se.

A infeliz rapariga ficou entregue aos seus dolorosos pensamentos, fixando a porta por onde a tia havia desaparecido. Passava da meia-noite. Todos dormiam no palácio, só ela velava. O seu espírito perturbado por tantos desgostos cedeu a terrores imaginários e via-se sozinha, abandonada, envolta em trevas, perdida! ... E, de fato, para ela a vida tornara-se um deserto! ... Para afastar estes tristes pensamentos, deitou-se, não para dormir, mas para tentar acalmar a desordem do seu cérebro e para se concentrar e orar a Deus, suplicando-lhe para lhe dar forças para sustentar a luta que teria de travar no dia seguinte.

O Castelo de Udolfo

O dia mal despontava quando alguém bateu na porta do quarto de Emília, arrancando-a à sonolência em que se encontrava mergulhada. Estremeceu e o seu primeiro pensamento foi para o conde e Montoni. Não respondeu, mas, reconhecendo a voz de Annette, uma criada da tia que lhe era dedicada, atreveu-se a abrir-lhe a porta.

— Quem te mandou aqui a esta hora? — perguntou toda trémula.

— Se soubesse a confusão que vai por toda a casa! Os criados andam de um lado para o outro, numa desordem e numa balbúrdia, cuja causa todos desconhecem.

— Quem está lá em baixo? — inquiriu Emília — Por amor de Deus, Annette, não tentes ocultar-me coisa alguma.

— Nunca a enganarei, mademoiselle. Só lhe posso dizer que nunca vi o senhor tão impaciente como hoje. Foi ele quem me ordenou que viesse acordá-la.

— Santo Deus! Nesse caso, o conde Morano já chegou?

— Não, mademoiselle, não está lá em baixo. Pelo menos, não o vi. Sua Excelência manda dizer-lhe para se preparar depressa, porque deseja sair de Veneza quanto antes e que os gondoleiros não tardarão a chegar. Tenho de a deixar, mademoiselle, para atender a senhora que não sabe o que pensar disto tudo.

— Explica-te, Annette. Sabes para onde vamos?

— Não sei. Mas o Loduvico ouviu falar de terra firme e do castelo que o senhor possui nas montanhas.

— Nos Apenínos? — insistiu Emília.

— Santo Deus! Ouço o bater de remos na água. As gôndolas aproximam-se, batem nos degraus.

E saiu a correr. Emília, sem compreender coisa alguma da mudança que, certamente, mais iria agravar a situação, preparou-se para a partida inesperada.

Mal acabava de meter na mala os livros e a roupa que lhe pertencia, recebeu novo aviso para se aviar. Desceu para o quarto de vestir da tia onde encontrou Montoni, que lhe censurou a demora e saiu logo a fim de dar as suas ordens. Perguntou à tia qual o motivo de tão brusca viagem, mas esta parecia ignorá-lo tanto como ela e demonstrou grande contrariedade pela resolução do marido.

Embarcaram, por fim, mas nem o conde nem Cavigny apareceram. A ausência de Morano tranquilizou um pouco Emília. No momento em que os gondoleiros começaram a remar e as gôndolas se afastaram do palácio, sentiu-se reanimada como o condenado à morte a quem concedessem mais uns dias de vida. Mais se alegrou quando abandonaram o Grande Canal, seguindo para o mar, e ultrapassaram São Marcos sem que o conde aparecesse para embarcar também.

O dia começava a nascer. As ligeiras tintas da madrugada estendiam-se pelas costas do

Adriático. Não se atrevia a interrogar Montoni que, com aspecto sombrio, se envolvera na capa, como se desejasse dormir. Madame Montoni tomara idêntica atitude. Como não conseguia fazer o mesmo, levantou uma das cortinas da gôndola e contemplou o espetáculo magnífico do nascer do Sol sobre as ondas das quais emergia a rainha do Adriático com os seus palácios e monumentos. Depois relanceou o último olhar para o magnífico quadro e voltou a sentar-se, fazendo mil conjecturas sobre os acontecimentos que a esperavam ainda naquele país para onde fora arrastada e nas causas que haviam provocado a brusca partida... Como resultado destas tristes reflexões, acabou por concluir que Montoni a levava para o seu castelo isolado para melhor a constringer à obediência, empregando como meio o terror. O isolamento auxiliaria os planos de Montoni, que procederia conforme entendesse, sem receio de que a sua honra fosse atingida. Esta horrível perspectiva roubou-lhe a pouca coragem que a ausência de Morano lhe havia restituído.

Não continuaram a subir o Brenta. Montoni preferiu seguir por terra. Durante a viagem, a sua atitude para com Emília foi tão severa, que a pobre sentiu as suas apreensões confirmadas. Os viajantes começaram a subir os Apeninos. A estrada serpenteava por entre espessas florestas de pinheiros que não deixavam ver os rochedos escarpados, erguidos na orla de profundos precipícios. A obscuridade e o silêncio que reinavam nestes lugares mais contribuíram para entristecer Emília, apesar do panorama ser de uma grandiosidade aterradora e de uma selvageria sublime.

Entretanto, à medida que os viajantes avançavam, as rochas sucediam-se, as montanhas desdobravam-se até ao infinito e o cimo de uma servia de base a outra. Depois de terem escalado estes sucessivos degraus, chegaram por fim a um planalto onde pararam para os animais descansarem. O magnífico espetáculo que o olhar abrangia lá do alto despertou o entusiasmo geral no qual a própria madame Montoni não pôde deixar de tomar parte. As montanhas, sobrepondo-se umas às outras, assemelhavam-se a vagas do oceano, coroadas pela espuma verdejante dos pinhais. Em baixo, os campos da Itália desdobravam-se, semeados de rios, cidades, bosques e campinas. O Adriático limitava o horizonte, o Pó e o Brenta, depois de terem fertilizado os campos, perdiam-se nesse mar em correntes impetuosas.

Abandonando a grandiosa paisagem, os viajantes continuaram a subir e entraram em estreito desfiladeiro, apertado entre rochas gigantescas. Neste sítio desolado não existia vegetação nem o mais pequeno vestígio de vida. Estavam no coração dos Apeninos. O desfiladeiro alargou um pouco e terminou numa estrada mais larga que seguia entre altas montanhas de aspecto selvático, pela qual seguiram durante algumas horas.

Pela tarde, chegaram a um vale profundo, cercado por picos inacessíveis. O Sol ocultava-se por trás da montanha que os viajantes acabavam de descer e os seus raios, passando pelos intervalos dos penhascos e doirando o cimo das árvores da floresta,

iluminaram, de súbito, as torres e os telhados de um castelo, cujas muralhas se estendiam ao longo de profundo precipício.

— Chegámos a Udolfo — declarou Montoni, quebrando o silêncio em que se confinara havia muitas horas.

Emília examinou o castelo quase com pavor. O estilo pesado da arquitetura, as escuras e altíssimas muralhas davam-lhe aspecto imponente e terrível. A claridade do 'crepúsculo desaparecia pouco a pouco, tingindo as muralhas de púrpura. Em breve, porém, se apagou e

castelo, montanhas e florestas, tudo ficou envolto em sombras.

A mole imensa dominava toda a região. Quanto mais escura se tornava a noite, mais ameaçadoras se tornavam as altas torres. Emília não deixou de as olhar até que o arvoredo da floresta em que penetraram lhes ocultou à vista, florestas que a pobre rapariga povoava de monstros terríveis e pareciam ter crescido ali apenas para coito de bandidos. Por fim, os coches atingiram uma espécie de plataforma e encontraram-se às portas do castelo.

Enquanto aguardavam que as abrissem, Emília examinou o edifício. As sombras em que estava envolto não lhe permitiram ver mais do que as espessas muralhas cuja altura era tremenda. A porta diante da qual estavam parados tinha dimensões gigantescas. Duas torres, sobrepujadas por torreões bem fortificados, defendiam-na. Em vez de bandeiras, viam-se ervas e trepadeiras bravas que cresciam por entre as pedras. Tudo isto dava ao conjunto um aspecto de desolação. De uma torre para a outra corria uma muralha ameada, munida de casamatas. Da abóbada pendia uma grade cujo peso devia ser enorme. Dessa porta partia, para um lado e para outro, grossa muralha que, contornando o precipício, ia ter às outras torres. Essa muralha arruinada em muitos pontos, deixava entrever, à fraca claridade do crepúsculo, vestígios dos desastres causado pelas guerras. Todo o resto já estava mergulhado em sombras.

Enquanto, aterrada, Emília examinava o castelo, ouviram-se passos e alguém começou a correr os ferrolhos do portão. O velho criado apareceu e com esforço empurrou os pesados batentes para o amo entrar. Depois o coche rodou com estrondo sob as abóbadas, e o coração de Emília confrangeu-se como se entrasse numa prisão. O sombrio pátio que atravessaram mais confirmou esta impressão sinistra e a sua fantasia criou motivos de terror, maiores do que a razão podia sugerir.

Transpuseram outra porta e entraram em segundo pátio de aspecto ainda mais lúgubre do que o primeiro. O musgo, a hera e outras ervas subiam pelos muros e pelas torres ameadas que se elevavam por cima deles. Um destes pressentimentos súbitos e inexplicáveis que, por vezes, dominam ainda os espíritos mais fortes, esmagou Emília quando entrou numa sala gótica, com altíssima abóbada. As trevas profundas que se acumulavam pelos cantos mais se acentuavam com o fraco clarão de um archote que se avistava ao fundo de uma espécie de claustro. Um criado apareceu com segundo archote, cuja claridade projetava sombras fantásticas no pavimento e pelas paredes escuras.

A inesperada chegada de Montoni não dera tempo a prepararem as coisas para o receber. O criado, enviado pouco antes da partida de Veneza, chegara ao castelo com pouco avanço sobre o amo e essa circunstância explicava, em parte, a desordem e o abandono que reinavam no castelo.

O velho criado saudou-o em silêncio, sem demonstrar a menor alegria com a sua presença. O patrão respondeu-lhe com breve movimento da cabeça e seguiu, acompanhado

por sua mulher, que volvia em redor olhares descontentes, sem se atrever a proferir palavra. Emília, avaliando, com espanto, a imensidade do edifício, aproximou-se de uma escadaria de mármore, sobrepujada por altíssima abóbada da qual pendia um candelabro de ferro de três braços, que um criado se apressou a acender. Ultrapassando a escada, atravessaram um vestíbulo que conduzia a espaçosa sala com alto lambri de madeira escura.

— Tragam luz — ordenou Montoni.

O criado pousou a lanterna e saiu. Como madame Montoni se queixasse de frio, o marido mandou também acender o fogão. Enquanto Montoni passeava de um lado para outro com aspecto preocupado, sua mulher estendeu-se num sofá.

Enorme espelho de Veneza refletia o rosto sombrio de Montoni, e o seu vulto negro, passando e repassando, com os braços cruzados.

Este espetáculo reavivou as apreensões e terrores de Emília. A imagem de Valancourt surgiu-lhe diante dos olhos e mais funda tornou a sua dor.

O velho criado, que abrira a porta a Montoni, entrou carregado com um molho de lenha, seguido por dois criados com candelabros acesos.

— Que Sua Excelência seja bem-vindo — murmurou — O castelo esteve muitos anos abandonado e por isso não tivemos tempo para preparar as coisas para a sua chegada. Faz dois anos, pelo São Martinho, que Vossa Excelência aqui esteve.

— Tens boa memória, Cario — respondeu Montoni — isso mesmo. Como pudeste viver aqui?

— Não me fale nisso, senhor. Os ventos frios que entram por estas janelas desconjuntadas, são terríveis. Mais de uma vez pensei pedir a Vossa Excelência para deixar estas montanhas e retirar-me para o vale. Ao mesmo tempo, custava-me abandonar estas velhas paredes entre as quais passei tantos anos.

— Que tens feito depois da minha partida!

— O mesmo de sempre. Tudo isto precisa ser reparado, Excelência. A torre do Norte, por exemplo, ruiu em parte e quase esmagou a minha pobre mulher. Uma parte do teto da sala grande abateu. O vento entra por todos os lados, regelando-nos. Eu e minha mulher acendemos o fogão da sala pequena onde nos refugiamos e mesmo assim íamos morrendo de frio, este Inverno.

— Que mais reparações precisa o castelo? — inquiriu Montoni com aborrecimento.

— A muralha desmoronou-se em três pontos, as escadas que conduzem à galeria de oeste estão em tão mau estado que se torna perigoso subi-las. O corredor que conduz ao quarto grande, do lado norte, não se encontra em melhores condições. Uma noite, no Inverno passado, atrevi-me a ir até lá e, se Vossa Excelência soubesse...

— Está bem — atalhou Montoni, interrompendo-o — Falaremos nisso amanhã de manhã.

O fogão, já aceso, projetava um clarão avermelhado. Cario colocou perto algumas cadeiras, limpou o pó de uma mesa de mármore e saiu.

Madame Montoni aproximou-se do lume e tentou entabular conversa com o marido. Mas as bruscas respostas de Montoni, seguidas por prolongados silêncios, tornavam inúteis todas as suas tentativas. Emília, chamando a si toda a sua coragem, perguntou em voz trémula:

— Posso saber o motivo de tão brusca partida?

A pergunta ficou sem resposta. Decorrido algum tempo teve a ousadia de a renovar.

Montoni resolveu-se, por fim, a responder-lhe:

— Não me convém responder-lhe, nem lhe compete a si interrogar-me. O tempo tornará mais claro aquilo que lhe parece obscuro. Quanto ao presente, não desejo ser importunado e intimo-a a adoptar um procedimento discreto. Essas demonstrações de sensibilidade só indicam fraqueza de espírito.

Emília levantou-se.

— Boa noite, tia — saudou com voz sumida.

— Boa noite, minha filha — respondeu madame Montoni num tom carinhoso, que a sobrinha nunca lhe conhecera e lhe fez vibrar todas as fibras do coração.

— Espera — acrescentou ainda — não sabes o caminho para o teu quarto.

Montoni chamou o criado que se conservava na antecâmara e ordenou-lhe que chamasse a criada de quarto de sua mulher. Quando esta apareceu, disse-lhe para acompanhar Emília.

— Sabes onde fica o meu quarto? — perguntou-lhe.

— Julgo que sei, mademoiselle. Mas é um aposento muito estranho, enorme, quase nos perdemos lá dentro. Chamam-lhe o duplo quarto e fica na ala sul. Temos de subir a escada principal. Quanto aos aposentos da senhora, ficam do lado oposto do castelo.

Emília subiu a escada. Enquanto seguiam pelo corredor, a criada continuava a falar:

— Tudo isto é muito triste, muito sombrio. Tenho medo de viver aqui. Que saudades sinto da minha bela França! Nunca esperei, quando entrei para o serviço da senhora no desejo de conhecer um pouco de mundo, que viriam, enterrar-me neste ninho de mochos! Por aqui, mademoiselle, venha por este lado. Na verdade, quando examino estas paredes e estas muralhas, penso logo que este castelo foi construído para gigantes. Mais noite menos noite, seremos visitadas por fantasmas que, por certo, andam por esta sala. Com tantas colunas e abóbadas, mais parece uma igreja.

— Não dizes senão tolices — ralhou Emília.

— Não são tolices. Sei muito bem o que digo. Benedetto afirma que estas escuras galerias e estas salas em ruínas são frequentadas por espíritos maus, que as escolheram para as suas reuniões. Se vivo aqui muito tempo, acabarei por morrer e tornar-me como eles.

— Espero que faças o possível para o senhor Montoni ignorar os teus receios que muito

lhe desagradariam.

— Pode ficar descansada, serei cautelosa. Sei muito bem como proceder. Se o senhor tiver a sorte de dormir em paz, todos dormirão no castelo.

Emília não respondeu a esta observação.

— Siga por aqui, mademoiselle. Encontraremos outra escada...

Fez como disse, mas, com a conversa dos espíritos e fantasmas distraía-se e já não sabia o caminho. Quanto mais tentava reconhecê-lo, mais se perdia. Aterrada com todas estas voltas e reviravoltas e com o silêncio que a rodeava, começou a gritar por socorro, mas os criados, ocupados noutro lado, não podiam ouvi-la.

Emília abriu uma porta ao acaso.

— Não vá por aí, mademoiselle! — protestou a criada.

— Traze a luz. Procuremos, acabaremos por encontrar o caminho.

Annette não se atrevia a entrar no aposento, tão grande que a claridade do candeeiro mal o iluminava até meio.

— Por que não entras? — insistiu Emília — Vamos ver até onde isto vai dar.

A criada obedeceu com repugnância. Àquele quarto seguia-se uma enfiada de muitos outros, todos enormes. Uns tinham as paredes revestidas com tapeçarias antigas, outros com madeira de cedro e de abeto escuro. Os móveis que os guarneciam deviam ser tão antigos como o próprio castelo e ostentavam uma aparência sumptuosa, debaixo das camadas de pó que os cobriam.

— Que frio! Há séculos que estes quartos não são habitados, segundo dizem. Vamo-nos embora, mademoiselle.

— Talvez por aqui possamos ir dar à escada principal — respondeu Emília, continuando a avançar.

Em breve se encontraram em enorme sala com as paredes forradas de vermelho escuro e decoradas com quadros. Levantando o candeeiro, que tirou das mãos da criada, iluminou o rosto de um guerreiro retratado a cavalo, no campo de batalha. Apoiava a ponta da espada no peito de um homem caído por terra, que parecia implorar-lhe compaixão. O guerreiro, com a viseira erguida, olhava-o com uma expressão vingativa.

Este quadro impressionou Emília. Era a perfeita imagem de Montoni. Estremeceu e desviou a vista. Passando, rapidamente, a luz pelos outros quadros, chegou a um ponto da sala onde se encontrava um, que estava no chão, encostado à parede e coberto com uma cortina de seda preta. Estendeu a mão para afastá-la e ver o que com tanto cuidado ocultavam. Porém, hesitou e faltou-lhe a coragem.

— Santo Deus! — exclamou Annette — Será este o quadro de que tanto falavam em Veneza?

— Qual quadro?

— Nunca compreendi muito bem de que falavam, mas...

— Levanta a cortina, Annette.

— Eu! Nunca, seja por que preço for! — protestou, muito pálida, a criada.

— O que soubeste a respeito deste quadro para te perturbares assim?

— Nada, mademoiselle, nada... deixemos isso, peço-lhe e vamos procurar o seu quarto.

— Não, quero saber o que representa este quadro. Pega no candeeiro. Eu levantarei a cortina.

Annette pegou no candeeiro e fugiu, precipitadamente, sem atender aos chamados de Emília. E esta, como não podia ficar sozinha, ali, no meio da escuridão, foi ter com ela.

— Finalmente, posso saber o que te disseram do quadro?

— Nada de positivo, mademoiselle. Sei apenas que se passou qualquer coisa de terrível com ele e, desde então, o cobriram com uma cortina e ninguém mais o viu. Relaciona-se tudo, segundo deparei, com a pessoa que possuiu este castelo antes do senhor.

— Verifico que não sabes nada a este respeito.

— Não sei... porque eles obrigaram-me a prometer que não o diria a ninguém.

— Muito bem — retorquiu Emília, que via a criada lutar entre o desejo de falar e o receio pelas consequências da sua indiscrição. — Sendo assim, não te pergunto mais nada.

— Não, não me pergunte, porque...

— Acabarias por dizer tudo — concluiu Emília, sorrindo.

A criada calou-se. Depois de terem atravessado outras salas, encontraram-se, finalmente, no alto da escada principal. Annette deixou Emília para chamar uma criada do castelo a fim de lhes indicar o quarto que em vão haviam procurado.

Ficando sozinha, Emília pensou no quadro. Resolveu voltar ao salão de dia e erguer a cortina que o encobria.

Apareceu uma criada que conduziu Emília ao quarto, situado numa das extremidades do castelo, ao fundo de um corredor. Quando entrou neste aposento, que cheirava a bafio, a pobre rapariga não pôde reprimir um arrepio e pediu à criada que fosse buscar lenha para acender o fogão.

— Com efeito, há muitos anos que não se acende lume neste quarto. Eu vou.

— Não sei qual a razão por que lhe dão o nome de quarto duplo.

O aposento era alto, espaçoso como todos os que já haviam visto. As paredes estavam revestidas de madeira escura; a cama e outros móveis que o guarneciam eram muito antigos, no estilo grandioso dos outros móveis do castelo. A janela, alta e estreita, dava sobre o parapeito da muralha, mas a escuridão não deixou Emília ver coisa alguma para fora, quando a abriu.

Diante de Annette tentou reprimir as lágrimas. Gostaria de saber se o conde Morano era esperado, mas receava fazer perguntas à criada para não divulgar assuntos de família.

Entretanto, Annette pensava em assunto muito diferente. Ouvira falar de estranhas circunstâncias referentes ao castelo e, como lhe haviam recomendado segredo, maior era o seu desejo de as relatar.

Catarina, a outra criada, entrou com um braçado de lenha e acendeu o fogão. As altas labaredas dissiparam por momentos, as sombras lúgubres que pairavam no aposento. Ao sair, avisou Annette de que a patroa a chamara. Esta acompanhou-a e Emília ficou sozinha. Começou a examinar todos os cantos do quarto. Num deles deu com uma porta fechada. Empurrou-a. A porta cedeu e deixou ver os primeiros degraus de uma escada estreita, praticada na própria parede. Esteve tentada a descê-la para descobrir onde ia ter, mas faltou-lhe a coragem. Quando se dispunha a fechá-la, notou que da parte de dentro, isto é, do lado do quarto, não tinha fechadura, enquanto que do lado de fora havia duas. Arrastou a pesada poltrona que encostou ao batente. Mesmo assim, assustava-a a perspectiva de dormir ali, num quarto afastado, com aquela porta, que não sabia para onde comunicava. Ainda se lembrou de mandar pedir a madame Montoni que lhe dispensasse Annette por aquela noite, depois desistiu, receando abalar mais a imaginação da criada, já assustada com as historietas dos outros criados.

As suas reflexões foram interrompidas pelo ruído de passos no corredor. Annette apareceu com um criado que trazia a ceia. Emília sentou-se perto do fogão e obrigou a criada a compartilhar da ligeira refeição. Animada pelo calor e pela condescendência da jovem patroa, a rapariga, quando o criado saiu, inquiriu em voz baixa:

— Já ouviu falar da singular aventura que tornou o senhor dono deste castelo?

— Uma aventura? ... Não. Que sabes a esse respeito?

— Tudo, mademoiselle, tudo — afirmou Annette, aproximando ainda mais a cadeira.

— Benedetto contou-mo durante a viagem.

“Não sabe nada a respeito do castelo para onde vamos?” — perguntou-me ele.

“Não sei coisa alguma, senhor Benedetto. Conte-me.

“Se me prometer guardar segredo. Doutra forma, não falarei, porque prometi, por minha vez, calar-me e, por certo, o senhor ficaria muito zangado se soubesse que falávamos a este respeito.

— Se prometeste guardar segredo, fazes mal em me revelar — protestou Emília.

Annette calou-se um instante e, por fim, retorquiu:

— Consigo é diferente. Sei que não o revelará seja a quem for.

— Então fala. Serei discreta... como tu — concluiu a patroa, com ligeiro sorriso.

Muito séria, Annette começou:

— Como sabe, mademoiselle, o castelo é muito antigo e bem fortificado. Pertencia a uma senhora e, por disposições testamentárias das quais nada percebo, passaria para a posse do senhor Montoni, se a dona morresse solteira. A castelã vivia sempre aqui e o senhor

Montoni, que ainda era seu parente afastado, visitava-a muitas vezes. Estava apaixonado por ela e propôs-lhe casamento, mas como ela amava outro, rejeitou-o. O senhor ficou furioso e não ignora o que ele é quando se zanga. Talvez ela o visse num desses acessos de cólera e por isso o repelisse. Fosse como fosse, a pobre senhora era muito infeliz. Santo Deus! Que barulho é este? ... Não ouviu?

— Deve ser o vento. Continua.

— Como lhe dizia, a pobre era muito infeliz. Passava a noite a passear no parapeito da muralha e chorava que metia dó.

— Avia-te. E depois?

— Tudo virá a seu tempo, mademoiselle. Tudo isto soube eu quando estávamos ainda em Veneza, mas o que vou contar-lhe só hoje me disseram. O senhor Montoni era ainda um rapaz, nessa altura, e a senhora a quem chamavam signora Laurentini, era muito linda, apesar de se encolerizar, muitas vezes, também como ele. Convencendo-se de que ela não o queria, Montoni abandonou o castelo e nunca mais voltou, fato que a deixou indiferente. Uma noite... Olhe para esse candeeiro, mademoiselle, e repare como a chama está azul! Valha-nos Deus!

— Que disparate! Estás doida, com certeza. Vamos, acaba a história. Sinto-me fatigada e quero deitar-me.

Annette tornou a olhar para a chama com olhar aterrado e continuou, baixando ainda mais a voz:

— Uma tarde, em fins de Setembro ou começo de Outubro... podia muito bem ter sido para o fim do ano, segundo me disseram, a senhora foi passear para a floresta como fazia muitas vezes. Levou consigo a criada de quarto. O vento soprava, agitando as copas dos grandes castanheiros por onde passámos hoje. De repente, a senhora meteu pela floresta e quando anoiteceu por completo ainda não havia regressado a casa. Deram dez horas, onze, meia-noite. Os criados receavam que lhe tivesse acontecido alguma coisa e saíram com archotes acesos para a procurar. Não a encontraram, nem nunca mais ouviram falar nela nem na criada que a acompanhava.

— Falas sério, Annette? — perguntou Emília muito surpreendida.

— Muito sério — confirmou a criada, deixando cair os braços com desânimo — Dizem ainda que, desde então, a têm visto errar pela floresta, de noite. Muitos dos criados, que nessa altura se encontravam no castelo, e muitos, dos seus vassalos, que passaram aqui a noite, afirmam o mesmo.

— Que contradição! Disseste-me há pouco que nunca mais tinham ouvido falar dela e agora dizes-me que a viram errar em volta do castelo!

— Mais baixo, pelo amor de Deus! Com certeza não pretende prejudicar-nos, a mim e ao Benedetto.

— Serei discreta, descansa — assegurou Emília — Aconselho-te, porém, a seres

também mais discreta com as outras pessoas do que foste comigo. O senhor Montoni, com certeza, ficaria furioso se soubesse que falavam neste assunto. E, dize-me, procuraram a senhora?

— Durante muito tempo, porque o senhor, como o mais próximo herdeiro, não podia tomar conta do castelo sem terem a certeza da sua morte ou passarem muitos anos, segundo declararam os juízes. Mas, decorrido o tempo preciso, se a castelã não aparecesse, seria considerada como morta e Montoni tomaria conta da herança, como aconteceu. Desde então, segundo dizem, passam-se aqui coisas tão estranhas, que não me atrevo a contar-lhes.

— As tuas palavras é que são estranhas — comentou Emília — Mas quando a signora Laurentini voltou a aparecer ninguém lhe falou?

— Santo Deus! Quem se atreveria a falar a um espírito?

— Como podiam afirmar ser ela um espírito, se ninguém se aproximou nem lhe falou?

— Não sei responder-lhe, mademoiselle. Sei apenas que não andava por forma natural e que tão depressa a viam num ponto como noutro. Não falava. E, se estivesse viva, com certeza falaria. Existem, mesmo, no castelo, certos pontos onde ninguém se atreve a ir desde que sucederam estas coisas. Dizem que na velha capela, à meia-noite, se ouvem gemidos surdos. É de estremecer de horror!

— Deixa-te de histórias ridículas, Annette. Acaba com isso — ralhou Emília, tentando sorrir, embora o medo começasse também a apoderar-se dela.

— Histórias ridículas, mademoiselle! Vou contar-lhe uma que ouvi da boca de Catarina e depois me dirá se não é de uma pessoa ficar transida de pavor. Era numa noite de Inverno, muito escura. A pobre Catarina vinha muitas vezes ao castelo para fazer companhia a Cario e à mulher, como o senhor lhe tinha recomendado. Estavam os três sentados perto do lume quando Cario disse:

“-Gostava de ter figos para assar na brasa, mas estou muito cansado para os ir buscar. Você, Catarina, como é nova e ligeira, podia ir buscá-los à despensa que fica ao fim da galeria do norte. Leve o candeeiro e tenha cautela ao subir a escada, senão o vento apaga-o.

— Catarina pegou no candeeiro e ... — Agora tenho a certeza, mademoiselle. Ouvi barulho. Emília apurou o ouvido e, como tudo estivesse sossegado, ralhou com Annette. Esta continuou:

— Catarina dirigiu-se para a galeria do norte, aquela que atravessámos hoje. Seguia tranquilamente, protegendo o candeeiro e não pensava em coisa alguma quando... Desta vez não me engano, mademoiselle, ouvi muito bem.

— Cala-te! — murmurou Emília toda trémula.

Ficaram ambas imóveis e caladas. Ouviram-se duas pancadas na parede e a porta abriu-se devagar. Annette soltou um grito e Catarina apareceu. Vinha chamá-la da parte de madame Montoni. Embora a tivesse reconhecido logo, Emília a custo recuperou o sangue-frio.

Meio a rir meio a chorar, a criada de quarto ralhara com a outra por lhe ter metido tão grande susto, ao mesmo tempo que tremia com receio de que Catarina tivesse escutado a conversa. Emília, impressionada com a história de Annette, receava ficar sozinha, mas temendo desagradar à tia e revelar a própria fraqueza, lutou contra o terror e mandou a criada de quarto embora.

Uma vez só, começou, a despeito da sua vontade, a pensar na história singular da signora Laurentini; depois refletiu na triste situação em que ela própria se encontrava naquele terrível castelo, rodeado de montanhas, num país estrangeiro, em poder de um homem a quem, meses antes, não conhecia e cujo caráter, tão temido por todos, lhe inspirava verdadeira aversão.

Recordou as revelações sobre Montoni feitas por Valancourt na véspera da partida, e as desesperadas tentativas do noivo para a dissuadir da viagem. Os receios por ele manifestados haviam tomado, a partir desse dia, o aspecto de verdadeiras profecias e os acontecimentos confirmavam-nos ponto por ponto. O coração da pobre menina, ao evocar a imagem do homem amado, quase estalava de dor, mas a razão sugeriu-lhe consolações mais dignas dela. Pensou que, dessa forma, seria a única a sofrer, evitara envolver Valancourt nas desgraças que a feriam e que, por muito profundo que fosse o seu desgosto, a sua conduta estava isenta de censuras.

O mugido do vento, que fazia tremer a porta e assobiava pelo corredor, mais concorria para a entristecer. O fogão havia muito se apagado. Deixara-se ficar sentada diante das cinzas já frias quando uma rajada mais forte fez estremecer a casa toda. Com a violência, a poltrona, que estava encostada à portinhola pequena, deslocou-se e o batente abriu-se de par em par. Os temores e a curiosidade de Emília despertaram de novo. Trémula, pegou no candeeiro e, aproximando-se da abertura, desceu alguns degraus da escada. Depois, o silêncio e a escuridão atemorizaram-na e voltou para trás. Adiando as pesquisas para o dia seguinte, fechou a porta e tornou a barricá-la o melhor que pôde com a poltrona e outros móveis.

Deitou-se, deixando o candeeiro aceso em cima da mesa, mas a pálida claridade por ele projetada só serviu para tornar os seus temores mais fundos. À chama vacilante e incerta tinha a impressão de ver passar sombras perto dos cortinados do leito e ocultarem-se ameaçadoras nos recantos do quarto. O relógio do castelo já batera a badalada da uma quando conseguiu adormecer.

XIV

O Retrato Velado

Os terrores, que as histórias de Annette haviam semeado no espírito de Emília, desvaneceram-se com os primeiros alvares do dia. Levantou-se e foi abrir a janela, admirando o grandioso espetáculo que se desdobrava a seus olhos. As montanhas,

amontoadas umas sobre as outras, deixavam entrever por algumas quebradas os vales cobertos de espessas florestas. As fortes muralhas e outras construções abrangidas pelo castelo estendiam-se ao longo de um penhasco altíssimo e escarpado, no sopé do qual corria uma torrente fragorosa, que se precipitava espumante e desaparecia no coração do pinhal. Ligeira bruma velava o horizonte, bruma que os primeiros raios de sol dissipavam pouco a pouco, descobrindo as campinas distantes, o arvoredor, as colinas e rebanhos.

Distraída com o cenário esplêndido, reanimada com a frescura da manhã, Emília ergueu o pensamento para Deus e sentiu as forças renascer.

Quando abandonou a janela, aproximou-se da porta que na noite antecedente havia barricado com tantas precauções. Disposta a descobrir onde a escada ia dar, apressou-se a afastar a poltrona e os outros móveis, mas qual não foi a sua surpresa quando verificou estar a porta fechada pelo outro lado! Aterrada com a ideia de dormir outra noite naquele quarto onde se tornava tão fácil penetrar e onde ficava tão afastada de todos, decidiu avisar madame Montoni e pedir-lhe outro quarto.

Não sem grande dificuldade, encontrou o caminho para o vestíbulo e daí para a sala grande onde fora servido o almoço. A tia estava só. Montoni andava com Cario a inspecionar o castelo e o estado das fortificações. Emília notou que a tia havia chorado e teve pena dela, mas não o demonstrou, porque madame Montoni não gostava que a soubessem infeliz. Aproveitou a ausência de Montoni para falar no estranho caso da porta e pedir outro quarto. A tia disse-lhe que fosse ter com o marido.

Entretanto, Montoni entrou, sentou-se à mesa e começou a comer como se não houvesse mais ninguém na sala. O seu aspecto era ainda mais sombrio do que o habitual. Mesmo assim, Emília atreveu-se a fazer-lhe o pedido, explicando as razões por que o fazia. — Não posso perder tempo com essas ninharias — replicou o castelão — Destinei-lhe aquele quarto, contente-se com ele. Não acredito que alguém se desse ao trabalho de subir a escada só para fechar a porta. Se não estava fechada quando entrou, foi talvez a força do vento que a fez bater e os ferrolhos fecharam com a pancada. Mas já lhe disse que não posso perder tempo com essas tolices.

A explicação não satisfez Emília. Os ferrolhos eram muito pesados e só com força poderiam ser corridos. No entanto, não disse o que pensava e limitou-se a insistir no pedido. — Já lhe disse que não tinha tempo para ouvir tolices. Trate de fortificar a sua alma e esquecer esses disparatados terrores. Nada mais estúpido do que envenenar a vida com perpétuos receios.

Ao dizer estas palavras fitou, severamente, sua mulher, que corou. Depois saiu.

Emília ficou magoada com a dura repreensão que, em seu entender, não havia merecido.

Quando a tia abandonou a sala, para se distrair, foi visitar o castelo. Saiu para a esplanada da muralha que, de três lados, se debruçava sobre o precipício. Pelo quarto, estava defendida

pela sua altura. Desse lado ficavam os pátios e a porta abobadada por onde haviam entrado. Percorrendo o terraço, Emília não pôde deixar de admirar a gótica magnificência do castelo, a sua grandiosa irregularidade, as altas torres, as Janelas estreitas, enterradas na espessura das paredes, as torres de atalaia dispostas nos ângulos da muralha. Debruçou-se no parapeito a fim de avaliar a profundidade do abismo, semi-oculto pelo arvoredor que crescia nas suas paredes quase a pique. Por todos os lados só via montanhas altíssimas, negras florestas e desfiladeiros apertados, que se prolongavam até aos flancos inacessíveis dos Apeninos. A certa altura, avistou Montoni, acompanhado por dois homens, subindo um atalho talhado na rocha. Parou num alto e examinou as muralhas, falando ao mesmo tempo com os companheiros, em atitude enérgica. Um era Cario, o outro trajava à moda da região e era a ele a quem Montoni se dirigia.'

Prosseguiu, tranquilamente, o seu passeio, até que, de súbito, ouviu o rodar de muitos coches e logo a seguir a sineta do portão badalou. Teve o pressentimento de que era o conde Morano quem chegava e fugiu para o quarto, pensando poder assim adiar a visita que tanto temia. Os seus receios aumentaram quando ouviu passos no corredor e Annette entrou.

— Chegou o senhor Cavigny, mademoiselle! Como estou contente! Não vem sozinho.

Acompanha-o o senhor Varezzi e também... adivinhe quem?

— O conde Morano! — exclamou Emília, deixando-se cair numa poltrona.

— Valha-me Deus! Sente-se mal, mademoiselle? Vai desmaiar... água, vou buscar água.

— Não... fica, não é preciso — balbuciou Emília — Abre a janela... o conde... está lá em baixo, disseste?

— O conde? ... Não falei nele. Não está no castelo.

— Tens a certeza?

— Tenho. Quando os coches chegaram, espreitei pela janela da torre. Finalmente, via outras caras neste deserto. Sentia-me tão feliz que, se pudesse, saltaria por entre os varões de ferro, só para lhe falar.

— A quem te referes?

— Ao Ludovico. Veio também. Mademoiselle não se recorda do Ludovico?

— Não — respondeu Emília, fatigada com tanta tagarelice.

— O que remava naquela linda gôndola que ganhou o prémio na última regata. Como pôde esquecê-lo? Cantava todas as noites lindas canções acerca dos mouros e o imperador Carlos... Carlos Magno, era esse o nome, debaixo da janela do meu quarto.

— Parece-me que essas canções, colhidas pelos teus ouvidos, te atingiram o coração.

Acautela-te. Faz o possível por ele não descobrir o teu segredo.

— Eu sei guardar segredos, mas este parece-me muito difícil...

Emília sorriu e despediu-a:

— Podes ir, Annette, já me sinto bem.

— Queria perguntar-lhe como conseguiu dormir neste quarto a noite passada?

— Muito bem.

— Não ouviu barulho, não viu coisa alguma que a assustasse?

— Não. Qual a razão de tanta pergunta?

— Contam coisas sobre este quarto... coisas estranhas que eu não quero repetir-lhe para não a assustar.

— Se não querias assustar-me não devias ter começado. Agora tens de me dizer o resto.

— Dizem que ... santo Deus! Dizem que neste quarto aparecem fantasmas.

— Fantasmas muito habilidosos, que sabem correr ferrolhos — replicou Emília, sorrindo para ocultar o seu terror — Ontem à noite deixei aquela porta aberta e hoje de manhã encontrei-a fechada. Sabes se algum criado a fechou antes de eu me levantar?

— Não sei nada, mademoiselle, mas posso ir perguntar — ofereceu a criada, que se fizera muito pálida.

E já se precipitava para o corredor quando Emília a deteve.

— Espera. Primeiro tens de dizer-me tudo quanto sabes a respeito deste quarto e daquela escada.

— Não posso demorar-me mais tempo. A senhora deve precisar de mim.

E saiu a correr, sem dar tempo a protestos.

Tranquilizada sobre a presença de Morano, Emília não pôde deixar de sorrir com os supersticiosos terrores da rapariga, conquanto estivesse muito disposta a compartilhá-los. Quanto ao resto, visto Montoni ter-lhe recusado a passagem para outro quarto, forçoso seria resignar-se com o mal que não podia evitar, para tornar o ambiente o mais agradável possível, começou a dispor as suas bugigangas e a arrumar nas prateleiras os livros, companheiros dos dias felizes e a sua consolação nas horas tristes. Abriu um ao acaso, na intenção de ler um bocadinho para se distrair. Mas como não conseguiu fixar a atenção no que lia, fechou-o e dis-pôs-se a ir visitar o resto do castelo. Recordou a triste história da sua primeira proprietária e essa recordação trouxe-lhe outra: a do quadro encoberto com a cortina preta, que lhe despertara tanta curiosidade. Decidiu ir vê-lo. Ao atravessar as salas desertas, sentiu-se profundamente perturbada. Todos aqueles mistérios provocavam-lhe uma sensação de terror que não podia explicar.

Ao atingir a porta da sala vermelha, parou um instante, hesitando em abri-la. Por fim, decidiu-se. Abriu a porta, entrou e, sem olhar em volta dela, dirigiu-se para o canto mais escuro onde se encontrava o quadro tapado, que parecia enorme. Tornou a hesitar, estendeu a mão e ergueu a cortina... mas deixou-a cair no mesmo instante.

Não era de uma pintura que se tratava! ... Deu alguns passos pelo quarto e caiu

desmaiada.

Quando recuperou os sentidos e se lembrou do que tinha visto, quase desmaiou pela segunda vez. Mal teve forças para sair da sinistra sala e alcançar o seu quarto. Ao encontrar-se ali, não teve coragem para ficar sozinha, porque o seu espírito desvairado pelo horror quase esquecia os males passados e o receio pelos males futuros, perante o tremendo espetáculo entrevisto pouco antes. Não se atreveu a mandar chamar Annette, mas sentou-se perto da janela, pois daí podia ouvir vozes e ver passar pessoas. Montoni e Varezzi foram os primeiros e logo a seguir Bertolini e Cavigny. Calculando que a tia estivesse sozinha, resolveu ir ter com ela.

Encontrou-a no quarto, preparando-se para o jantar. A palidez e a agitação de Emília assustaram-na, mas a sobrinha conseguiu guardar o seu segredo, embora muitas vezes estivesse quase a trair-se. Estiveram juntas e juntas desceram para a sala onde encontraram caras novas. Todos os companheiros de Montoni, porém, pareciam preocupados e dominados por um interesse muito exclusivo para poderem dar atenção a Emília ou à castelã. Falavam pouco e Montoni menos do que os outros. Emília tremia quando olhava para ele, mudava de cor e, por vezes, receou que a sua comoção a obrigasse a levantar-se da mesa.

Montoni parecia refletir e Cavigny não se mostrava tão animado como de costume. A conversa versou quase sempre as guerras que assolavam o país, a força dos exércitos venezianos e o caráter dos seus generais. Nem uma só vez proferiram o nome do conde Morano.

No fim do jantar, alguém anunciou que o fidalgo apunhalado pelos sicários de Orsini havia sucumbido aos ferimentos e que o criminoso era procurado pela polícia. A notícia pareceu alarmar Montoni que, no entanto, tentou ocultar a sua perturbação e, despreocupado, perguntou se alguém sabia onde Orsini se refugiara, porque todos os seus hóspedes, exceto Cavigny, ignoravam ter sido ele próprio a favorecer a fuga do assassino. Dissiparam-lhe os receios, informando que Orsini havia fugido de Veneza na mesma noite do crime e com tanta precipitação, que todos os seus amigos, mesmo os mais Íntimos, desconheciam o seu refúgio. — Não admira que um homem tão sensato como Orsini não confiasse a ninguém esse segredo. Mais tarde ou mais cedo teremos notícias dele.

Quando os criados levantaram a mesa, madame Montoni, a um sinal de seu marido, retirou-se, seguida pela sobrinha, deixando os homens sozinhos. As duas passearam durante algum tempo pelos parapeitos das muralhas, caladas, cada uma delas entregue aos seus pensamentos. Emília empregou grande esforço de vontade para não revelar a sua tia o terrível segredo que não lhe saía da ideia.

Passando num ponto da muralha, viram alguns homens trabalhando. Madame Montoni perguntou-lhes o que faziam.

— Reparámos a muralha — respondeu um deles. Ficou surpreendida, tanto mais que

supunha não deverem viver muito tempo no castelo. Pensativa, encaminhou-se para um arco elevado, ponto de passagem para a muralha do sul. Nesse ângulo do castelo erguia-se uma pequena torre de vigia da qual a vista abrangia todo o vale. Debruçando-se um pouco a fim de admirar o horizonte, avistou uma fila de soldados a cavalo, cujas armas cintilavam ao sol. Dirigiam-se para o castelo.

Madame Montoni ficou assustada e encarregou a sobrinha de ir avisar o marido. Emília obedeceu sem protestar.

Ao aproximar-se da sala onde Montoni se encontrava com os seus hóspedes, ouviu violenta discussão. Hesitou, mas como eles se calassem, atreveu-se abrir a porta. Montoni voltou-se, bruscamente, e escutou-a sem uma palavra, mas, logo que ela acabou de dar a sua mensagem, todos se levantaram e correram para a muralha.

Uma parte da cavalgada ainda se encontrava no vale. A outra subia as montanhas em direção ao norte, enquanto alguns homens, mais atrasados, ainda contornavam os precipícios.

À frente, erguiam as trombetas e címbalos cujo som se repercutia por muito tempo. Montoni declarou que não havia perigo, pois devia tratar-se de um grupo de *condottieri*^[1]. Ainda assim, todos ficaram muito satisfeitos quando os viram afastarem-se sem pensarem em parar para examinar o castelo. Montoni não abandonou a muralha sem que o último homem desaparecesse e o som das trombetas se desvanecesse por completo.

Os homens cearam sozinhos. Madame Montoni, dominada por profunda agitação, que tentava ocultar à sobrinha, recolheu ao quarto e Emília fez o mesmo, limitando-se a pedir à tia que lhe cedesse a companhia de Annette até à hora de se deitar, mas como a rapariga tinha de ir cear com os criados, de qualquer forma ficaria, por algum tempo, sozinha no aposento triste e sombrio que lhe servia de quarto.

Ao atravessar os compridos corredores estremeceu. O silêncio que reinava naquele ponto do castelo, assustava-a, embora chegassem até ela as gargalhadas dos criados, reunidos numa sala afastada.

Quando passou diante das portas dos aposentos abandonados, visitados nessa manhã, afigurou-se-lhe ouvir gemidos surdos. Apressou o passo e, por fim, encontrou-se no quarto.

O fogão estava apagado. Sentou-se e pegou num livro, mas não pôde ler porque a luz do candeeiro também esmoreceu pouco a pouco. Annette não aparecia. A solidão e a obscuridade impressionaram-na, ainda mais por estar perto do teatro dos horrores que descobrira de manhã. Imagens e sombras fantásticas desfilavam diante dela. Tremendo, olhou para a porta da escada para se assegurar de que ainda se conservava fechada por fora.

Aterrava-a a certeza de ter de dormir naquele quarto tão afastado de todos onde, na noite anterior, com certeza entrara alguém. Com febril impaciência, aguardava a chegada de Annette, no desejo de a interrogar e na esperança de obter dela informações, principalmente sobre o espetáculo terrível que lhe fora dado entrever... Annette gabara-se de o conhecer, mas, por certo, mentira... O que mais a espantava era o fato da sala vermelha estar aberta.

Semelhante imprudência deixava-a estupefata.

A luz do candeeiro esmorecia cada vez mais. Emília levantou-se para ir buscar outro, antes que ele se apagasse de todo, quando, ao chegar ao corredor ouviu passos e viu uma luz que se aproximava. Era Annette acompanhada por Catarina que trazia lenha para acender o fogão. Quando as labaredas vermelhas subiram e aqueceram o ambiente, Catarina retirou-se, deixando as duas sozinhas.

O primeiro cuidado de Emília foi perguntar a Annette se indagara alguma coisa sobre o incidente da porta.

— Perguntei a todos, mademoiselle, mas ninguém soube informar-me. Quando falei com o velho Cario, observei-o com atenção, pois todos afirmam que conhece muita coisa estranha. De fato, achei-lhe um ar esquisito. Perguntou-me muitas vezes se eu tinha a certeza de que a porta não estava fechada. “Tão certa como de estar viva” disse-lhe. Na verdade, não sei o que pensar disto tudo e quase preferia dormir em cima do canhão que se encontra na muralha, do que neste quarto.

— Por que te referes ao canhão de preferência? — inquiriu Emília sorrindo — Como cama afigura-se um tanto dura.

— Falei do canhão — explicou em voz baixa a crédula rapariga — por me terem afirmado que, durante a noite, está um vulto perto dele, como que a guardá-lo.

— As pessoas que te contam essas histórias, minha nobre Annette, devem ficar contentes com semelhante ouvinte- Acreditas tudo às primeiras palavras...

— Mademoiselle pode certificar-se com os seus próprios olhos. O canhão avista-se da sua janela.

— E o fantasma que o guarda?

— Ver o canhão, é o principal. Quanto ao resto, a seu tempo virá.

Emília soltou uma gargalhada, o que muito espantou Annette.

Em face da extrema credulidade da rapariga, renunciou a interrogá-la sobre o assunto que tanto a preocupava e mudou de conversa, falando nas regatas de Veneza.

— Sim, mademoiselle, fale-me das gôndolas e das belas noites de luar. É essa a maior beleza de Veneza onde o luar parece mais claro do que noutro qualquer ponto do mundo. E a música é tão suave! Ludovico cantava muitas vezes debaixo da minha janela. Recorda-se dele, não é verdade? Aquele que me falou do quadro que tanto empenho demonstrou em ver.

— Qual quadro? — perguntou Emília, assustada e, ao mesmo tempo, ansiosa por interrogar Annette.

— O terrível quadro que está tapado com uma cortina preta.

— Viste-o?

— Eu! Nunca. Mas esta manhã — continuou, baixando a voz e olhando em volta com ar misterioso — como tinha grande desejo de o ver por causa das coisas estranhas que ouvi a

seu respeito, fui até à porta da sala vermelha e teria entrado se não estivesse fechada.

Fechada! Emília receou que tivessem dado pela sua visita, visto terem fechado a porta pouco tempo depois dela sair. Tremia, receando um castigo de Montoni. Esforçou-se por ocultar estes receios e conversar com Annette em coisas indiferentes. Por muito simples e ingénua que fosse a criada, preferia a sua companhia a ficar sozinha.

Conversaram até à meia-noite, embora a rapariga muitas vezes manifestasse o desejo de se retirar. A lenha estava quase consumida e Emília ouviu ao longe o bater surdo da porta da sala, como se a fechassem. Resolveu deitar-se, mas pediu à criada para não se ir embora até que a visse na cama. Nesse instante, soou a sineta do castelo, toque que se repetiu com breve intervalo. Logo a seguir ouviram o rolar surdo de um coche ao passar debaixo da abóbada de entrada. Emília deixou-se cair numa cadeira quase inanimada.

— Deve ser o conde! — murmurou.

— A esta hora! — protestou Annette — Seria escolher muito mal o momento para se apresentar.

— Não percamos tempo a discutir, Annette—pediu Emília em voz trémula — Vai saber quem chegou, suplico-te.

Annette saiu, levando a luz consigo. A pobre menina ficou quase às escuras, fato que a teria assustado imenso momentos antes. Naquela altura, porém, quase nem o notou. Annette entrou quase logo.

— Tinha razão, mademoiselle. É o conde Morano — informou.

— Ele! — exclamou aterrada Emília, agarrando-se-lhe ao braço.

— Não trema assim! Em breve saberemos o que o conde pretende.

Correu a abrir a janela e foi buscar um copo de água.

Quando voltou para junto de Emília, esta perguntou-lhe logo se estava certa de ter reconhecido o conde.

— Estou, sim, mademoiselle — respondeu a criada de quarto — Viu-o distintamente. Fui até à grade da torre do norte, que dá para o pátio. Vi o coche do conde aguardando à porta, pois o porteiro já estava deitado. O carro estava rodeado pelos criados com archotes acesos e, quando entrou no pátio, o conde saltou para o chão, seguido por outro homem. Supunha que o senhor estava deitado, mas Ludovico, a quem encontrei na escada, disse-me que estava na galeria norte, reunido com os amigos. Depois, Ludovico levou o dedo aos lábios como se me recomendasse silêncio. Calei-me e corri para aqui a fim de lhe dizer o que se passava.

Emília quis ainda saber quem era o companheiro de Morano e se Montoni os havia recebido bem. Annette, porém, não soube responder-lhe. Não conseguindo dominar a sua inquietação, pediu a Annette para ir à sala onde os criados do conde se encontravam com os do castelo, a fim de descobrir, se lhe fosse possível, o motivo que trouxera o amo ao castelo.

— Não conseguirei encontrar o caminho, se não levar comigo o candeiro.

— Vou contigo. Eu te alumiarei.

Saíram as duas. Para evitarem encontrar-se com o conde, tomaram por corredores escuros e por uma escada que ia ter, diretamente, à sala dos criados.

Regressando sozinha ao quarto, Emília teve medo de se perder e encontrar-se de novo na sala vermelha ou em outra qualquer tão terrível como esta. Parou à entrada do corredor, hesitante, sem saber qual das portas abrir. De súbito, teve a impressão de ouvir um soluço, mesmo a seu lado. Aproximou-se de uma das portas donde lhe pareceu ter ele partido. A compaixão foi superior ao medo e, deixando o candeeiro num recanto do corredor, abriu a porta. O aposento estava escuro, mas, ao fundo, havia uma porta envidraçada da qual partia luz. Aproximou-se sem fazer ruído e reconheceu madame Montoni que, encostada ao toucador, tapava os olhos com o lenço e chorava convulsivamente. Ficou imóvel de surpresa. Sentado perto do fogão e com as costas voltadas para a porta estava um homem. Não pôde reconhecê-lo. Viu-o curvar-se para a tia e proferir em voz baixa algumas palavras que pareceram redobrar a dor de madame Montoni. Emília gostaria de conhecer a causa desta cena e saber quem era a pessoa que se encontrava no toucador da tia àquela hora. Todavia, receando agravar-lhe o desgosto, surpreendendo os seus segredos, retirou-se com precaução e tentou encontrar o seu próprio quarto onde Annette não tardou a reunir-se-lhe. A criada de quarto, porém, não trazia informações satisfatórias. Todos os criados a quem interrogara ignoravam ou fingiam ignorar quanto tempo o conde tencionava demorar-se no castelo. Falavam, unicamente, nos maus caminhos percorridos, nos perigos passados, mostrando-se admirados pelo o conde ter empreendido semelhante viagem de noite.

— E agora dispense-me, mademoiselle. Estou a cair de sono. Se tivesse tanto como eu não me obrigaria a ficar mais tempo aqui, tenho a certeza.

Emília reconheceu a sensatez deste pedido e mandou-a embora, apesar de tremer só com a ideia de ficar sozinha ali.

— Tens razão. Não posso pedir-te para ficares comigo até eu adormecer. Levaria muito tempo. Mas, antes de te retirares, gostaria de saber se o conde Morano e Montoni já se tinham separado quando vieste ter comigo.

— Não, mademoiselle, ainda se encontravam na sala.

— Nesse caso, quem está com minha tia?

— Ninguém. Madame fechou-se no quarto e já deve estar a dormir.

Emília não revelou o que vira pouco antes. Lutava contra o medo, mas a sua bondade não lhe permitiu demorar Annette por mais tempo.

Ficou sozinha, refletindo na sua situação e na de madame Montoni, recapitulando as circunstâncias dolorosas da sua vida depois da morte do pai, e no mistério da miniatura encontrada entre os papéis cuja destruição Saint-Aubert lhe ordenara.

A miniatura encontrava-se diante dos seus olhos, em cima da mesa, juntamente com

alguns desenhos que pouco antes tirara de uma caixa. Contemplou-a e a sua tristeza suavizou-se um pouco ao admirar as feições delicadas que lhe recordavam as do pai. O doce devaneio foi perturbado pela recordação das palavras que lera no manuscrito encontrado junto da miniatura e que tanto a haviam perturbado. Conseguiu, por fim, arrancar-se a estes pensamentos. Mas quando se levantou para se despir, o silêncio, a solidão e a semi-obscuridade que reinavam em sua volta, a dolorosa supressão causada pelos tristes pensamentos em que se absorvera pouco antes, tudo concorreu para a abater e roubar-lhe a coragem já tão abalada com as tagarelices de Annette que, embora muito frívolas, confirmavam em certos pontos o terrível espetáculo que presenciara na sala vermelha. A porta pequena constituía também um motivo de terror, pois, ligando entre si as duas coisas, receava que a escada tivesse comunicação com a sala vermelha cuja recordação bastava para a fazer tremer. Decidindo não se despir, atirou-se para cima da cama. Manchon, o cãozinho que pertencera ao pai e do qual nunca se separava, deitou-se-lhes aos pés como vigilante sentinela.

XV

Visita Noturna

Seriam duas horas quando Emília, em cujo espírito perturbado se confundiam imagens confusas e aterradoras, conseguiu adormecer. Poucos minutos decorreram, quando despertou com ligeiro ruído que partia do próprio quarto. Trémula, pôs-se a escutar. Não ouviu coisa alguma, o silêncio era profundo. Supondo ter sido despertada por um desses barulhos imaginários que muitas vezes ouvimos em sonhos, voltou a deitar a cabeça na almofada. No mesmo instante, o ruído recomeçou e partia do lado da escada. Recordou o estranho incidente da noite anterior e o fato de alguém ter fechado a porta. Gelada de terror, soergueu-se no leito, afastou os cortinados devagarinho e olhou. O candeeiro, que ainda estava aceso em cima do fogão, projetava uma claridade muito fraca, que deixava na sombra os recantos do quarto. O ruído que partia do lado da porta continuava a fazer-se ouvir. Era uma espécie de ranger surdo e contínuo, como se tentassem abrir os ferrolhos. Emília fixava a porta quando a viu abrir-se, lentamente, para dar passagem a alguém que, devido à escuridão, não pôde distinguir quem era. Quase morta de medo, teve, contudo, a força de vontade suficiente para reprimir o grito de terror prestes a sair-lhe dos lábios. Observava o vulto que deslizava rente às paredes, parando de vez em quando. O intruso chegou junto do fogão, parou, agarrou no candeeiro e caminhou direito à cama. Nesse momento, a luz despertou o cão que dormia aos pés de Emília. O animal saltou para o chão e, ladrando furioso, atirou-se ao desconhecido, que o repeliu com a espada metida na bainha. Quando se aproximou mais, Emília reconheceu o conde Morano.

Aterrada, via-o aproximar. Quando chegou junto dela, o conde suplicou-lhe que não tivesse medo e, largando a espada, quis pegar-lhe na mão.

Bendizendo o receio profético que lhe inspirara a ideia de se deitar vestida, Emília saltou da cama e correu para a porta pequena. Morano alcançou-a na altura em que punha o pé no primeiro degrau, no mesmo instante em que ela recuara por ter visto outro homem parado a meio da escada.

Soltou um grito. Não podia haver dúvida. Montoni entregara-a ao conde.

Este, tendo conseguido pegar-lhe na mão, arrastou-a para o meio do quarto.

— Escute-me, Emília! Não venho para lhe fazer mal porque a amo, demasiado talvez para o repouso da minha alma.

— Largue-me! — gritou Emília desvairada — Largue-me, imediatamente.

O conde não obedeceu e continuou:

— Amo-a e estou desesperado, sim, desesperado. Como posso olhar para si, pensando que será talvez esta a última vez que a vejo, e não morrer de dor? Não será assim, não! Há-de ser minha a despeito da vontade de Montoni, das suas sórdidas manobras.

— A despeito da vontade de Montoni? — repetiu

Emília — O que diz?

— Que Montoni é um miserável! — exclamou Morano com violência — Estava disposto a vendê-la ao meu amor e ...

— Aquele que estava disposto a comprar-me seria menos miserável do que ele? —

protestou Emília num brado de indignação, olhando-o com desprezo — Saia, saia imediatamente, ou darei alarme a todo o castelo e obterei da justa cólera de Montoni a proteção que não consegui da sua piedade.

Bem sabia a infeliz quanto a ameaça era vã e que ninguém poderia ouvir os seus apelos.

— Não espere coisa alguma de Montoni. Atraiçoou-me por forma indigna, mas a minha vingança será tremenda. Quanto a si, Emília, tenho a certeza de que planeia a seu respeito um negócio mais vantajoso do que o primeiro.

Em seguida, aproveitando o espanto em que as suas palavras mergulhavam a sua vítima, prosseguiu:

— Não estou aqui para falar de Montoni, mas sim para a libertar. Venho implorar-lhe piedade para o meu sofrimento, pedir-lhe que nos salve, a mim do desespero e a si mesma das maiores desgraças. Emília, os projetos de Montoni são de tal forma que nem sequer pode concebê-los. Aquele homem não tem princípios nem honra quando a ambição e o interesse o inspiram, E eu que a adoro não posso deixá-la em seu poder. Fuja desta sinistra prisão!

Comprei os criados, as portas estão abertas. Amanhã de manhã poderemos estar em Veneza.

Emília estava aniquilada. Sentia-se perdida por todos os modos. Incapaz de responder ao conde ou mesmo de pensar, deixou-se cair numa cadeira. Começava a compreender e a adivinhar como as coisas se haviam passado. Montoni vendera-a ao conde, mas, talvez engodado por promessas mais vantajosas, mudara de opinião. Só de pensar no que a

esperava no castelo de Udolfo a enchia de horror. Seria possível que a sua única salvação fosse a proteção daquele homem, Junto de quem os perigos seriam ainda maiores, perigos cuja perspectiva não podia prever?

O seu silêncio reanimou as esperanças de Morano que a olhava com impaciência. A despeito de todos os seus esforços, pegou-lhe na mão, comprimiu-a contra o peito e suplicou-lhe que se decidisse. Cada minuto de demora — afirmava — mais perigosa tornava a fuga; um instante perdido poderia proporcionar a Montoni ocasião para os surpreender.

— Acabe com essas importunidades — intimou Emília numa voz que tentava tornar firme

— Sou infeliz, é verdade, mas terei de continuar assim. Deixe-me entregue ao meu destino.

— Nunca! — protestou o conde com energia — Nunca, antes morrer! Perdoe-me esta violência, mas a ideia de que posso perdê-la transtorna-me a razão. Ignora até que ponto Montoni pode chegar? Sim, deve ignorá-lo. Doutra forma, não hesitaria entre o meu amor e a sua tirania.

— Não hesito — declarou Emília.

— Nesse caso, partamos — decidiu Morano, beijando-lhe a mão — O carro espera-nos junto dos muros do castelo.

— Está enganado, conde. Agradeço-lhe o interesse que manifesta por mim, mas permita-me que eu própria seja o árbitro do meu destino. Fico sob a proteção de Montoni.

— Sob a sua proteção! — exclamou Morano — Pois não lhe disse já o que essa proteção significa?

— Desculpe-me se, nestas circunstâncias, eu não confio em palavras. Exijo provas.

— Provas! Como se eu tivesse tempo para lhes dar!

— E eu não tenho tempo para o escutar, conde.

— Zomba da minha paciência e da minha dor? O casamento com um homem que a adora afigura-se-lhe assim tão terrível? Alguém me roubou o coração que devia pertencer-me. Se é assim, desgraçado dele!

Ao proferir estas palavras, o conde passeava de cá para lá no aposento, como se estivesse louco.

— Esses arrebatamentos e essa violência, conde Morano — protestou Emília em voz branda — mais confirmam a minha resolução. Não posso amá-lo nem vou consigo, porque, se tivesse a desgraça de confiar em si, sairia de uma opressão para ficar debaixo de outra. Se pretende levar-me a mudar de ideias, deixe de perseguir-me. Caso contrário, obrigar-me-á a expô-lo à cólera de Montoni.

— Pode fazê-lo! Sempre quero ver se ele se atreve a desafiar-me e afrontar o homem a quem ofendeu! Mostrar-lhe-ei em que consiste a justiça, a moral e, principalmente, a vingança. Ele que venha e eu lhe mostrarei com a espada na mão.

A cólera do conde foi para Emília novo motivo para susto. Levantou-se, mas as pernas

tremiam-lhe tanto que não conseguiu dar um passo. Olhou com ansiedade para a porta do corredor que se encontrava fechada. Não poderia fugir sem Morano dar por isso.

Recorreu às súplicas.

— Conde Morano — murmurou, quando conseguiu falar — acalme-se, suplico-lhe. Está tão enganado no seu ódio como no seu amor. Não posso corresponder-lhe e com certeza me faz a justiça de reconhecer que nunca o encorajei. Quanto a Montoni, como poderia ele ofendê-lo? Com que direito dispunha de mim? Que promessas poderia o conde exigir dele? Esqueça isto tudo, será melhor e abandone o castelo; não queira arrostar com as consequências de uma vingança injusta e com os remorsos por ter aumentado os meus sofrimentos.

— É a minha segurança ou de Montoni que defende assim? — perguntou o conde, fitando Emília com ar irônico.

— Ambas — respondeu ela com firmeza.

— Vingança injusta! — protestou o conde como se fosse essa a única frase de Emília a impressioná-lo — O castigo será sempre inferior à natureza do ultraje que me infligiu. Sairei do castelo, mas não sozinho. Não quero ser, por mais tempo, joguete e vítima nas suas mãos. O que as súplicas não conseguiram, consegui-lo-à a força. Os meus criados estão ali. Vão levá-la para o meu coche. Serão inúteis choros e gritos. Bem sabe que ninguém pode ouvi-los. Submeta-se e deixe-se conduzir em silêncio.

A intimação tornava-se supérflua. Emília, esmagada pelo terror, não poderia levantar-se da cadeira onde se deixara cair, pálida e trémula, nem conseguiria gritar. Morano aproximou-se dela para a auxiliar a erguer-se. Emília limitou-se a protestar com voz fraca:

— Conde Morano, estou em seu poder, mas lembre-se de que com semelhante procedimento nunca alcançará de mim a afeição que pretende. Prepara um futuro de remorso, abusando de uma órfã sem amigos, que o Destino pôs à sua mercê. Só um coração muito endurecido poderá ser testemunha impassível dos sofrimentos a que me condena.

Foi interrompida pelo ladrar do cão que se precipitou entre ela e Morano, como se adivinhasse ser ele o único defensor da sua dona. O conde, porém, dirigindo-se ao homem que se encontrava na escada, gritou: “Cesário!”

Depois voltou-se para a infeliz rapariga e num tom resolutivo, afirmou:

— É a Emília quem me impele a empregar meios extremos para a obrigar a ser minha mulher. Mas, por Deus o juro, não consentirei que Montoni a venda a outro e, para o evitar, vou raptá-la. Vamos, Cesário. avia-te!

O homem precipitou-se no quarto e atrás dele, na escada, ouviram-se os passos de muitos outros. Emília soltou um grito, enquanto Morano lhe pegava no braço e a arrastava. De repente, ouviu-se barulho no corredor, o cão precipitou-se para a porta ladrando, o conde hesitou um instante e esta abriu-se com estrondo. Montoni, seguido pelo velho criado e por

outros homens, entrou no quarto.

— Em guarda! — gritou, empunhando a espada.

O conde não esperou por segundo desafio. Entregado Emília aos seus homens que enchiam a escada, voltou-se' desembainhando também a sua — Vamos, infame! — gritou, caindo a fundo.

Montoni aparou o golpe e tentou, por seu lado, atingí-lo, enquanto alguns dos presentes procuraram separá-los, os outros tiravam Emília das mãos dos criados de Morano.

— Foi para isto, conde — protestou Montoni com ironia — foi para isto que o acolhi em minha casa e lhe permiti, a si, meu inimigo declarado, passar aqui a noite? Paga a minha hospitalidade com indigna traição, raptando minha sobrinha?

— Como se atreve a falar de traição sem corar? Se existe um traidor aqui, é o senhor, Montoni!

— Covarde! — vociferou o Italiano, conseguindo libertar-se das mãos daqueles que tentavam agarrá-lo.

Saíram os dois para o corredor e o combate foi tão furioso, tão encarniçado, que ninguém se atreveu a aproximar-se dos contendores. De resto, Montoni jurava que se alguém tentasse separá-los o atravessaria com a sua espada.

O ciúme e a vingança dementavam Morano. Montoni, mais hábil, tinha ainda a vantagem de conservar o sangue frio.

O primeiro ferimento foi ligeiro em qualquer deles; depois, Montoni vibrou terrível golpe ao conde, que caiu nos braços de um criado. Apoiando-lhe a ponta da espada no peito, o vencedor exigiu que lhe pedisse desculpa. Morano balbuciou algumas palavras de recusa. Montoni dispunha-se a enterrar-lhe o punhal no coração, mas Cavigny deteve-o e a muito custo conseguiu convencê-lo a renunciar à vingança total. Mas, apesar do seu adversário estar vencido e inanimado, ordenou que o levassem para fora do castelo.

Nesse instante, Emília, que não tivera a coragem de sair do quarto durante o duelo, correu para o corredor e, evocando os deveres de humanidade, implorou a Montoni que concedesse ao ferido os cuidados necessários ao seu estado. Montoni, porém, insensível à compaixão, parecia mais do que nunca desejoso de vingança e repetiu a ordem, sabendo que, nos arredores, estava tudo coberto de neve e só existia uma cabana para abrigar o moribundo.

Os criados do conde, no entanto, juraram que não o levariam sem ele dar sinais de vida.

Os de Montoni também não davam um passo para obedecer. Cavigny arriscou, timidamente, algumas objecções. Só Emília, com a coragem inspirada pela compaixão, se atreveu a afrontar a cólera do Italiano. Foi buscar água e ordenou aos criados que tratassem do ferido. Montoni, por fim, sentindo dores na própria ferida, retirou-se para a examinar.

Entretanto, o conde voltou a si pouco a pouco e a primeira pessoa a quem viu foi Emília,

curvada para ele, observando-o com inquieta solicitude.

— Mereci o castigo — murmurou — mas não da mão de Montoni. Era de si, Emília, e a sua compaixão inflige-me.

Como o conde tivesse recuperado os sentidos, Emília dispunha-se a recolher ao quarto, quando um criado apareceu com uma ordem de Montoni, intimando-a a abandonar o corredor. Acrescentava ainda que, se o conde Morano ainda não tinha partido, lhe ordenava que saísse imediatamente do castelo. O conde corou de raiva e indignação.

— Diga ao seu amo que deixarei o castelo quando me convier e abandoná-lo-ei como se abandona o covil de uma fera. Mas não será a última vez que ouve falar de mim, garanto-lhe. Quero afirmar-lhe que, se o puder impedir, não consentirei que sobrecarregue a sua consciência com novo crime.

— Conde Morano — interrompeu Cavigny — sabe o que está a dizer?

— Muito bem e ele também compreenderá o que pretendo dizer. A consciência avivar-lhe-á a memória.

— Conde Morano! — bradou Varezzi, que até ali se limitara a desempenhar o papel de espectador — Se continua a insultar o meu amigo, enterro-lhe este punhal no coração.

— Faça-o. Essa ação será digna do amigo de um infame.

A violência da indignação deu-lhe forças para se erguer, amparado pelo criado. A sua energia, porém, era fictícia. Esgotado pelo esforço, voltou a cair. Os criados de Montoni levaram Varezzi, que parecia disposto a pôr em prática a ameaça. Cavigny, menos brutal, obrigou-o a sair dali. Emília que, retida pela compaixão, se conservara no corredor, dispunha-se a recolher ao quarto quando Morano a deteve; com a voz e com o gesto, o ferido pediu-lhe para se aproximar. Compadecida pelo sofrimento expresso nas feições transtornadas, acedeu e curvou-se para ele.

— Deixo-a para sempre. Se nunca mais a vir, gostaria que me concedesse o seu perdão e ... também um pouco de interesse.

— Dou-lhe o meu perdão e faço votos pela sua rápida cura.

— Apenas pela minha cura?

— E pela sua felicidade — acrescentou Emília.

— Devia estar contente, porque não mereço mais... mereço muito menos, até. Mas ainda me atrevo a pedir-lhe, Emília, para pensar algumas vezes em mim. Esqueça as ofensas e recorde, simplesmente, a paixão insensata que me inspirou e que foi a causa...

Emília mostrava-se impaciente por se retirar.

— Conde, suplico-lhe. Pense na sua vida e não fique aqui mais tempo. Tremo ao pensar nas consequências que poderiam ter os arrebatamentos de Varezzi e o ressentimento de Montoni, se soubessem que ainda não se tinha ido embora.

Morano corou.

— Interessa-se pela minha sorte? Sendo assim, obedecer-lhe-ei.

E pegou-lhe na mão para a levar aos lábios.

— Adeus, conde Morano.

Nessa altura, recebeu novo recado de Montoni, ordenando-lhe que lhe fosse falar.

Apressou-se a obedecer.

Estava na sala contígua à sala grande. Estendido num sofá, sofria cruelmente, mas não se queixava. Poucas pessoas teriam demonstrado tanta coragem. O semblante sombrio e duro exprimia ódio e vingança, mas não sofrimento pelas dores que suportava. Nunca cedera à dor física, mas apenas às crises violentas da alma.

Emília, tremendo, aproximou-se do sofá. Recebeu dura repreensão por ter teimado em ficar no corredor e reconheceu que Montoni atribuía a desobediência a sentimentos que nem sequer lhe passavam pela cabeça.

— Eis uma prova do capricho das mulheres! — exclamou o ferido — Já devia calcular.

Quando eu protegia o conde, recusou-o, e quando eu o afasto, favorece-o.

— Eu! — protestou Emília — Não compreendo. Com certeza, não vai supor ter eu aprovado ou solicitado a visita do conde ao meu quarto.

— Suponho que um interesse anormal a levou a defendê-lo e, a despeito das minhas ordens, a permanecer junto de um homem cuja presença sempre evitou até hoje.

— Receio que nesta casa a compaixão seja considerada, de fato, um sentimento anormal. Como poderia eu presenciar o estado em que o conde se encontra sem procurar socorrê-lo? ... Só o senhor teve coragem para o fazer.

— Temos sarcasmos! — comentou Montoni, franzindo a testa — Mademoiselle faz ironia!

... Mas antes de pensar em dar lições aos outros, pense primeiro em praticar as virtudes que temos direito de exigir de todas as mulheres, isto é, a sinceridade, a modéstia e a obediência.

Emília, que toda a sua vida se esforçara por pautar o seu procedimento conforme as leis da delicadeza e das virtudes citadas por Montoni, ficou magoada com esta linguagem imerecida e não respondeu.

Nesta altura, Ludovico apareceu para comunicar que o conde Morano fora transportado para uma cabana que ficava perto do castelo e Montoni, tranquilizado com esta notícia, voltou-se para Emília e disse-lhe que Podia retirar-se.

A sobrinha de madame Montoni obedeceu com prazer a esta ordem, mas, não podendo conformar-se com ideia de se deitar, novamente, naquele quarto onde todos podiam entrar à vontade, foi bater à porta do quarto da tia, a fim de lhe pedir para lhe ceder Annette.

Madame Montoni estava muito tranquila. Calculando que ignorasse o acontecido e a forma como o marido havia sido ferido, Emília contou-lhe com grande precaução. Todavia, reconheceu, com grande espanto, que a tia já estava ao fato de tudo. Não ignorava ter madame Montoni razões de sobejo para não amar o marido, mas nunca a supôs capaz de

semelhante indiferença. Obtida a autorização para levar Annette consigo, retirou-se logo.

Um rasto de sangue tingia o corredor até à porta do seu quarto e, no sítio onde os dois homens se tinham batido, havia grande poça. Emília começou a tremer e viu-se obrigada a amparar-se ao braço de Annette.

Quando entrou no quarto, o seu primeiro cuidado foi examinar a porta que dava para a escada. Encontrou-a aferrolhada por fora e o máximo que pôde fazer foi pedir a Annette para a auxiliar a barricá-la com os móveis mais pesados que puderam arrastar.

Por fim, deitou-se, e Annette acomodou-se numa poltrona, perto do fogão onde ardiam ainda uns restos de lenha.

XVI

Uma Voz

Vamos agora revelar aos nossos leitores certas circunstâncias que a partida precipitada dos viajantes e os acontecimentos ocorridos no castelo de Udolfo não nos consentiram referir.

Na própria manhã em que Montoni, tão bruscamente, abandonou Veneza, Morano apresentou-se à hora combinada para o casamento.

Ficou um tanto surpreendido com o silêncio e solidão que reinavam no palácio onde, ordinariamente, se via uma multidão de criados. Mas a surpresa deu lugar ao espanto quando uma velhota, a única moradora da casa, lhe abriu a porta e lhe disse que Montoni, acompanhado por toda a família e criados, abandonara Veneza logo de madrugada com destino ignorado.

Não podendo acreditar no que via nem no que ouvia, Morano fez-lhe mais algumas perguntas, mas com modos tão furiosos que, aterrada, a mulher não conseguiu responder-lhe. Depois começou a passear no vestíbulo, desvairado, vociferando contra Montoni.

Quando conseguiu recompor-se do medo que Morano lhe inspirava, a velhota contou-lhe tudo quanto sabia, que, no fundo, era muito pouco. Mas das suas palavras, Morano depreendeu que Montoni se havia dirigido para o seu castelo nos Apeninos. Resolveu seguir no seu encalço, decidido a alcançar Emília ou vingar-se.

Acalmada a cólera, com o cérebro mais desanuviado, refletiu e a própria consciência lhe apontou certos fatos que podiam explicar a resolução de Montoni. Com efeito, este obtivera a prova do que já suspeitava, isto é, que a fortuna de Morano, longe de ser tão avultada como supunha, estava, pelo contrário muito reduzida. Montoni só por orgulho e avidez apoiara as pretensões do nobre Veneziano. A aliança com uma casa ilustre lisonjeava o primeiro e a segunda seria satisfeita com a posse das propriedades de Emília. Que Morano prometera entregar-lhe no dia do casamento. Posto ao fato da ruína do conde, concluirá que este por certo se esquivaria ao cumprimento da promessa e essa suspeita mais se confirmou quando, na noite que procedia a cerimónia, o conde não apareceu para assinar o contrato combinado entre eles. Um homem tão frívolo como Morano poderia muito bem ter esquecido este

compromisso sem premeditação. Montoni, porém, não hesitou em interpretar a negligência como uma recusa. Quando passou a hora marcada e o conde não apareceu, ordenou, imediatamente, todos os preparativos para a partida. O seu intento, ao refugiar-se em Udolfo, era o de subtrair Emília ao amor do conde e romper o casamento sem dar escândalo. No caso de Morano, a despeito das aparências, persistir nas primeiras intenções, não lhe custaria descobrir onde estava Emília e iria buscá-la e assinar o acordo estabelecido. Em todas estas combinações, os interesses da sobrinha de sua mulher assumiam tão pouca importância, que não teria escrúpulos de a sacrificar à paixão de um homem arruinado, contanto que ele próprio enriquecesse.

Todas estas reflexões o obrigaram a abandonar Veneza e, justamente por motivos contrários, Morano o perseguiu através dos precipícios dos Apeninos. Quando Morano apareceu no castelo, Montoni acolheu-o bem, não duvidando de que viesse disposto a cumprir a sua promessa. O conde, porém, contentou-se em exigir a mão de Emília, cobrindo-o de censuras e de ameaças, sem dizer uma palavra sobre a combinação feita anteriormente. Aborrecido com a discussão, o senhor do castelo adiou a resolução para o dia seguinte e Morano retirou para os seus aposentos mais animado. Todavia, quando acalmou e, no silêncio da noite, refletiu nas palavras de Montoni, no seu caráter e nas numerosas provas que dera da sua duplicidade, perdeu todas as ilusões e decidiu conquistar Emília pelo seu próprio esforço. Chamou o criado de quarto, confiou-lhe os seus intentos e encarregou-o de descobrir, entre os criados do castelo, um homem que facilitasse e auxiliasse o rapto de Emília. Não se tornou difícil encontrá-lo. Tratava-se de um criado a quem Montoni tratara com crueldade e jurara vingar-se. Conduziu Cesário pelo caminho exterior do castelo, indicou-lhe a passagem secreta que conduzia à escadinha e deu-lhe as chaves da porta. O homem recebeu avultada soma pela informação, que o conde se apressou a aproveitar. Já sabemos qual o resultado da audaciosa tentativa.

O velho Cario surpreendeu os dois criados do conde, junto da carruagem deste, que esperava perto da passagem secreta. Foi prevenir Montoni e desta forma este interveio a tempo para obstar ao rapto da sobrinha.

No dia seguinte, ainda com o braço ao peito, o Italiano foi, como era hábito, dar uma volta pelas muralhas a fim de vigiar os operários. Ainda se encontrava ali quando lhe foram dizer que haviam chegado novos hóspedes ao castelo. Correu a recebê-los numa sala afastada e esteve fechado com eles mais de uma hora.

Emília, depois de um começo de noite tão agitada, dormiu, relativamente bem. Ao despertar, a sua primeira impressão foi de alívio, ao pensar que estava livre das perseguições de Morano. Quase logo, porém, surgiram novos receios ao recordar as insinuações do conde sobre as intenções de Montoni. Para se distrair, pegou nos lápis e foi sentar-se perto da janela, no intuito de desenhar um fragmento da bela paisagem desenrolada diante dos seus

olhos.

Foi então que avistou, nas muralhas, os visitantes chegados na véspera. O seu aspecto assustou-a. Havia no seu traje qualquer coisa de singular e nos modos e olhar uma expressão feroz que lhe despertou a atenção. Harmonizavam tão bem com a paisagem que, enquanto eles paravam para examinar o castelo, os desenhou como figuras acessórias do quadro que poderia ser intitulado: Grupo de bandidos nas ruínas.

Entretanto, Montoni estava interessado em descobrir qual dos seus homens entregara a Morano as chaves da passagem secreta. Cario afirmou a sua inocência. As suspeitas recaíram, como era natural, sobre o porteiro— Bernardino, porém, repeliu a acusação com tanta firmeza, que o patrão, sem acreditar, completamente, na sua inocência, hesitou. Abandonando o assunto, dirigiu-se ao quarto de sua mulher onde Emília, pouco depois, os encontrou discutindo. Quis retirar-se, quando a tia a chamou:

— Fica, Emília. Quero que sejas testemunha da minha resistência. Agora — continuou, dirigindo-se a seu marido — repita a ordem à qual tantas vezes me tenho recusado a obedecer.

Montoni voltou-se e em tom severo ordenou à sobrinha que se retirasse. Apesar da insistência da tia, esta obedeceu e saiu, dirigindo-se para a sala onde se sentou, meditando no desgraçado casamento feito pela irmã de seu pai e na sua própria situação, resultado desta imprudência.

Nessa altura, Annette espreitou à porta da sala e entrou devagarinho.

— Andava à sua procura, mademoiselle. Venha comigo, quero mostrar-lhe um quadro.

— Um quadro! — repetiu Emília, tremendo.

— O retrato da antiga senhora do castelo. Cario disse-me quem era e eu pensei que gostaria de a conhecer. Venha depressa... mas que tem, sente-se mal?

— Não, mas não me apetece ver o quadro.

— Não quer ver a castelã que desapareceu por forma tão estranha? Por mim, teria transposto montanhas para a conhecer. Só estas histórias e o prazer de falar nestes assuntos me prendem no castelo, embora trema sempre que o faço.

— Tens a certeza de que é um quadro? Viste-o? Está tapado?

— Santo Deus, mademoiselle! É um quadro e eu vi-o, mas não está tapado.

Os modos espantados de Annette restituíram a Emília a habitual prudência. Ocultando a emoção com um sorriso forçado, pediu à criada que lhe indicasse o caminho para ver o tal quadro.

Entraram num quarto mal iluminado, contíguo aquele onde se encontravam os criados.

— Aqui o tem, mademoiselle — declarou a criada, designando o retrato.

Emília deu alguns passos para ele. Viu uma mulher na flor da idade, muito bela, com aspecto altivo, feições regulares e bem acentuadas, que refletiam mais do que doçura e

sensibilidade, paixão e o orgulho impaciente que se revolta contra a adversidade, em vez de a aceitar com calma dignidade e resignação.

— Há quantos anos esta senhora desapareceu?

— Pouco mais ou menos, há vinte, segundo me disseram. Em todo o caso, foi há muito tempo. Podiam muito bem pendurá-lo numa sala mais bonita do que esta — comentou ainda, examinando o retrato — O retrato da pessoa a quem o senhor Montoni deve a fortuna, devia estar colocado no salão, no lugar de honra. Mas talvez ele tenha as suas razões para proceder assim. Dizem que perdeu a fortuna tão depressa como esqueceu o reconhecimento. Mas deixemos isto, mademoiselle. Torna-se perigoso falar em certos assuntos — concluiu pondo um dedo na boca.

Com efeito, acabava de ver Montoni que, atravessando o pátio, se dirigia à sala grande. Calculando que a tia estivesse sozinha, Emília subiu ao seu quarto. Encontrou-a a chorar. Até ali nunca se atrevera a queixar-se à sobrinha; avaliando os sentimentos desta pelos que ela mesma sentiria e tendo consciência da injustiça do seu procedimento, calculava que os seus desgostos despertariam em Emília mais alegria do que compaixão. Mas, como o excesso da dor venceu o orgulho, deixou de se constranger e desabafou.

— Sou a mais desgraçada das mulheres, Emília! Quem me diria, quando supunha ter diante de mim a mais brilhante das perspectivas, que me esperava este terrível destino? Não haverá então forma de adivinharmos a desgraça ou a felicidade da nossa vida futura e de reconhecermos qual o bom caminho a seguir? As mais lisonjeiras esperanças não passam de mentira? e até os mais sensatos se deixam iludir. Quem poderia prever, quando lhe concedi a minha mão, que em breve me arrependeria da minha generosidade?

Emília pensou que muitos a haviam avisado, mas não era aquela a melhor altura para recriminações. Sentou-se-lhe ao lado, pegou-lhe na mão e falou-lhe com ternura. Mesmo assim, não conseguiu acalmar madame Montoni, que precisava mais de se lamentar do que de ser consolada.

— Homem ingrato! — continuou, deixando adivinhar o motivo principal do seu desgosto — Enganou-me por todos os modos! Não se contentou em me arrancar à pátria e aos amigos para me fechar neste horrível castelo. Quem poderia calcular que, com o seu luxo, nome e aparente riqueza, este homem, fosse pobre, não tivesse nem um cêntimo de seu! Se o soubesse nunca teria casado com ele. Ingrato, pérfido, monstro!

Calou-se um instante para respirar e Emília aproveitou para tentar acalmá-la.

— Sossegue, tia. Pelo menos, o castelo e o palácio em Veneza pertencem-lhe. Diga-me, ainda tem outros motivos para se afligir?

— Estes não bastam? — protestou madame Montoni com cólera — O jogo arruinou-o e agora, como já perdeu tudo quanto lhe dei, pretende que lhe entregue os títulos das propriedades, todos os meus rendimentos, para os comprometer não sei em que infernal

especulação. Não achas bastante?

— Com certeza — concordou Emília — mas eu ignorava ...

— Não será bastante estar crivado de dívidas a ponto de ficar sem o castelo e o palácio de Veneza, se não as pagar todas.

— É lamentável!

— Não será bastante tratar-me com crueldade e dureza, só porque recusei entregar-lhe os títulos? Porque, em vez de tremer com as suas ameaças, o afrontei com resolução, lhe resisti ainda não há uma hora assim como resisti ontem àquele patife do Varezzi, a sua alma danada, que se atreveu a vir aqui intimar-me em nome dele?

Emília teve assim a revelação do significado da cena noturna que na véspera surpreendera.

— Sim — continuou madame Montoni — fui boa demais, mas agora estou decidida.

Ninguém, nem a bem nem com ameaças, será capaz de me demover. Montoni saberá o que penso do seu vergonhoso procedimento. Dir-lhe-ei tudo quanto merece, a despeito da sua cólera e crueldade.

— Tome cautela, tia! Não o irrite sem necessidade! — suplicou Emília — Não o provoque. Ele é mais cruel do que supõe.

— Não me importa! Aconselhas-me a despojar-me do que tenho?

— Não, não pretendia dizer isso, mas...

— Mas o quê?

— Falou em dirigir censuras a seu marido — arriscou, timidamente, Emília.

— E não as merece?

— Merece-as, mas não é prudente as fazer.

— Prudência... prudência — protestou madame Montoni — Será ocasião de falar de prudência quando estamos ameaçados pela mais inaudita das violências?

— Justamente para evitar essa violência, deve ser prudente.

— Quer dizer que gostarias de me ver rojada a seus pés e ainda por cima lhe agradecesse tudo quanto me tem feito! Aconselhas-me a entregar-lhe os títulos?

— Deus me livre! Mas talvez a sua situação seja menos desesperada do que supõe.

Madame Montoni interrompeu-a com evidente impaciência.

— És insensível e cruel! Queres persuadir-me de que não tenho motivo para me queixar de meu marido, que a sua fortuna é brilhante, o meu futuro consolador, os meus desgostos pueris e romanescos, como os teus? Singulares consolações! Onde está a tua tão gabada sensibilidade! Supus abrir o meu coração a uma pessoa compadecida que lamentasse o meu sofrimento, mas reconheço que as almas consideradas sensíveis, com o seu falso carinho, no fundo, só sentem os próprios desgostos. Retira-te!

Sem uma palavra, Emília obedeceu e saiu do quarto.

Quantos pensamentos lhe sugeriram as revelações da tia sobre Montoni, conjugadas com as antigas confidências de Valancourt e com as palavras de Morano, na noite precedente, quando se recusava a abandonar o castelo que Montoni se atrevia a chamar Seu e afirmava que não o deixaria sobrecarregar a consciência com outro crime. Insinuações de tal ordem poderiam, de fato, ter sido ditadas pelo arrebatamento momentâneo, mas que terrível significação tomavam acumuladas com outras acusações feitas à mesma pessoa? Emília tremia ao pensar que estava nas mãos do homem que as merecera. Todavia, refletindo que todos estes pensamentos não poderiam modificar a sua sorte e lhe roubariam a coragem para a suportar, tentou distrair-se e foi para o parapeito da muralha, único passeio que lhe era permitido. O firmamento estava escuro e sombrio como a sua alma. Contudo, como o sol conseguisse romper as nuvens, teve desejo de contemplar a paisagem do alto da torre do Norte. Encaminhou-se para lá e, como a porta do terraço perto da qual se encontrava estivesse fechada, foi obrigada, para alcançar a outra entrada, a passar junto dos três homens recém-chegados na véspera. Baixou o véu que mal lhe ocultou o rosto. Os três homens examinaram-na com atenção e trocaram entre si algumas palavras em mau italiano, palavras que ela não compreendeu. Ao passar a seu lado ficou impressionada com o aspecto feroz, principalmente do que caminhava entre os outros dois. As suas feições exprimiam uma espécie de brutal selvageria e, ao mesmo tempo, ironia e a tal ponto que lhe bastou um olhar para que essas feições se lhe imprimissem na memória, embora tivesse passado rapidamente. Chegando ao fim do terraço, voltou-se e viu os três homens que, parados, falavam animadamente, designando-a com o gesto. Abandonou, imediatamente, o passeio e recolheu ao quarto.

Montoni ceou muito tarde, sozinho com os três hóspedes. Exaltado pela recente vitória sobre Morano, despejou repetidas vezes o copo e entregou-se sem medida aos prazeres da mesa; foi então que um dos convivas pronunciou o nome de Morano e que Varezzi, esquentado pelo vinho, sem fazer caso dos sinais de Cavigny, aludiu ao combate da véspera e atreveu-se a repetir a frase do conde, quando afirmara que o castelo não pertencia, legitimamente, a Montoni e não consentiria que este cometesse novo crime.

A cólera de Montoni manifestou-se de súbito:

— Como é possível que um amigo me insulte na minha própria casa? — exclamou, pálido de raiva — Por que me repete as palavras desse insensato? Por acaso, acreditou nas afirmações de um homem dementado pelo delírio da vingança?

— Só acreditamos no que sabemos — replicou Varezzi — e não sabemos nada do que afirmou Morano.

Montoni acalmou.

— Perdoem-me, amigos, mas sou sempre muito impulsivo quando se trata da minha honra. Não consinto que me ofendam impunemente. Passe-me essa garrafa.

— Bebamos à saúde da signorita Saint-Aubert — propôs Cavigny.

— Com licença de Montoni, preferia beber à dona do castelo.

— À dona do castelo! — gritaram todos. Montoni concordou com um sinal da cabeça.

— Espanta-me, Montoni, como deixou arruinar assim esta velha moradia. É esplêndida!

— É muito conveniente para os nossos desígnios. Talvez não conheçam o incidente que me tornou seu dono.

— Feliz incidente — comentou rindo, Bertolini — Não me importava que me acontecesse um igual.

Montoni não lhe respondeu.

— Se tiverem a paciência de me escutar, contar-lhes-ei a história.

As fisionomias de Bertolini e de Varezzi exprimiram viva curiosidade. Cavigny não manifestou nenhuma, talvez por já a conhecer.

— Há mais de vinte anos que este castelo é meu — começou Montoni — A senhora a quem ele pertencia antes era minha parente afastada. Último representante do meu nome, ofereci-lhe com a minha mão. Rejeitou ambos- Julgo que o homem a quem amava se recusava, por sua vez, a casar com ela. Dominou-a profunda melancolia e tenho várias razões para supor que pôs fim à vida. Não me encontrava no castelo nessa altura. A sua morte foi rodeada por circunstâncias estranhas e misteriosas que passo a relatar-lhes.

— Conte-as — pediu uma voz.

Montoni calou-se. Os convivas entreolharam-se e acabaram por imaginar terem todos, ao mesmo tempo, dito o mesmo pedido.

Montoni observou:

— Tenho a impressão de que estão a escutar-nos. Prosseguirei a história mais tarde.

Passem-me as garrafas.

Os outros relancearam um olhar em volta da sala.

— Estamos sós — afirmou Varezzi — Peço-lhe para continuar agora.

— Não ouviram uma voz?

— Tivemos essa impressão — respondeu Bertolini.

— Ilusão! — protestou Varezzi, olhando para todos os cantos da sala — Estamos sós, volto a repetir. Continue por favor.

Montoni hesitou e depois prosseguiu a narrativa em voz mais baixa. Os convidados apertaram-se em volta dele para o ouvirem melhor.

— A signora Laurentini, havia alguns meses já, dava indícios de ter o cérebro um pouco perturbado, sem dúvida por causa da paixão que a dominava. Tão depressa a viam numa atitude apática e indiferente como se abandonava a arrebatamentos quase frenéticos. Certa noite do mês de Outubro, depois de um desses acessos, retirou-se para os seus aposentos, proibindo que a fossem incomodar. Estava instalada no quarto ao fundo do corredor, aquele

onde se desenrolaram os acontecimentos de ontem à noite. Desde esse momento ninguém mais a viu.

— Ninguém mais a viu! — repetiu Bartolini — Então nem mesmo encontraram o seu corpo no quarto?

— Não.

— Não encontraram os seus restos mortais?

— Nunca mais — afirmou Montoni.

— Então, que razões tiveram para afirmar que ela se suicidou? — perguntou Bertolini.

— Sim, por que o afirmaram? — insistiram os outros.

— Vou explicar-lhes tudo — prosseguiu Montoni —. Antes disso, porém, desejo falar-lhes de um caso muito importante, mas as minhas palavras não devem sair daqui. Escutem.

— Sim, escutem! — repetiu uma voz. Todos se calaram e Montoni mudou de cor.

— Agora não foi ilusão — protestou Cavigny.

— Não — confirmou Bertolini — Também eu ouvi.

— É extraordinário! — exclamou Montoni, pondo-se de pé.

Todos o imitaram com precipitação.

Chamaram os criados, fizeram pesquisas por todos os lados, examinaram todas as salas contíguas e não viram ninguém. A surpresa e a consternação de todos atingiu o auge. O próprio Montoni, sempre tão corajoso, parecia desorientado.

— Abandonemos esta sala e deixemos este assunto para outra vez — decidiu.

Passaram para outro aposento e pediram a Montoni para prosseguir a narrativa. Porém, não conseguiram convencê-lo. Apesar de todos os esforços para aparentar calma, a sua agitação tornava-se bem visível.

— Por acaso será supersticioso? — perguntou Varezzi — O senhor que tanta vez zomba da credulidade dos outros?

— Não, não sou supersticioso, mas quero saber o que isto significa — afirmou Montoni.

Após esta declaração saiu da sala e os outros dispersaram.

XVII

Valancourt

Falemos agora de Valancourt que, depois da partida de Emília, ficou em Toulouse, infeliz e desesperado. Todos os dias planeava afastar-se, mas sempre encontrava um pretexto para não pôr em prática a sua resolução. Abandonar aquela cidade, onde tudo lhe falava de Emília, representava para ele doloroso esforço. Soube conquistar as boas graças do criado encarregado de tratar do jardim de madame Montoni e desta forma, podia passear nele durante muitas horas e entregar-se a melancólicos devaneios, que também tinham o seu encanto. Visitava todos os pontos onde se encontrara com Emília, principalmente o terraço e o pavilhão onde se despedira dela na véspera da partida.

Pouco tempo depois de se ter, por fim, instalado no castelo do irmão, recebeu ordem para ir reunir-se ao seu regimento em Paris. Novos cenários e uma perspectiva de prazeres se lhe ofereceram, mas o seu espírito, ainda muito acabrunhado, mais os aborreceu do que acolheu com alegria. Logo que os seus afazeres lhe davam um instante de liberdade, isolava-se para pensar em Emília. Pouco a pouco, porém, a sociedade alegre e estroina que era obrigado a frequentar prendeu-lhe a atenção sem o interessar. O desgosto tornou-se para ele como que um companheiro familiar. Entre os seus camaradas, alguns possuíam, além da gentileza natural, as qualidades e a sedução que, muitas vezes, encobrem o vício com graça aliciante. Zombavam dos modos comedidos e reservados de Valancourt, que eram como muda censura aos seus, e conspiravam entre eles para levá-lo a seguir-lhes o exemplo.

De princípio, o adorador de Emília procurava na solidão, sempre povoada pela imagem da sua amada, um escudo contra as seduições do mal, mas, reconhecendo que com isso o seu pesar se tornava intolerável.

Tentou distrair-se. Começou por recomeçar os estudos, abandonados, mas o seu espírito não disfrutava a tranquilidade necessária para a tarefa. Para se atordoar esquecer-se de si mesmo e da ideia fixa, abandonou a solidão e lançou-se no turbilhão dos prazeres.

Decorreram algumas semanas. O tempo suavizou a intensidade do desgosto e o hábito fortificou o gosto pelos divertimentos. O seu encanto natural e os seus modos porporcionaram-lhe o melhor dos acolhimentos era brilhantes reuniões. A condessa Lacleur, senhora de uma beleza estonteante, era então a rainha dos salões. Não estava, positivamente, na primavera da vida, mas o seu espírito supria a mocidade. Adorava a música no que era exímia e dava muitos concertos. Valancourt brilhava pelo encanto da sua voz tanto como pela expressão. Em casa da condessa também se jogava e, embora esta, aparentemente, tentasse moderar a paixão do jogo nos seus convidados, de fato, incitava-a, pois era essa uma das fontes da sua fortuna. Os apaixonados, dizem, jogam mais do que os indiferentes, pois precisam de fortes emoções para esquecer os seus desgostos. Por essa razão, talvez, Valancourt arriscava punhados de ouro no tapete verde.

O irmão recomendara-o a muitos dos seus parentes que viviam em Paris. Esses parentes acolheram-no com amabilidade e porporcionaram-lhe mil meios de dissipação sem pensarem em o defender do perigo. O rapaz encontrou-se, portanto, perante os milhares de obstáculos que é vulgar deparar na sua idade, afrontando-os com as suas paixões ardentes, coração generoso e sem desconfiança, Emília não se encontrava ali para lhe recordar o culto do amor ideal. Era mesmo para se consolar da sua perda que Valancourt procurava distrações frívolas e divertimentos fúteis.

Frequentava, principalmente, a casa de uma tal marquesa de Champfort, viúva, nova, muito bonita, alegre e sofrivelmente intrigante. Fora apresentado por dois camaradas que se orgulhavam com a sua companhia, pois Valancourt estava muito modificado e era o primeiro a

rir dos seus ridículos de início.

A imagem de Emília não se apagara do seu coração. Mas já não era para ele a amiga, a conselheira, o anjo da guarda que o defendia de si mesmo. E quando evocava, via-a com um ar de terna censura que a consciência aprovava, mas que o irritava.

Eis o estado de espírito de Valancourt, enquanto Emília sofria as perseguições de Morano e a injusta opressão de Montoni e, ao pensar no rapaz, recordava todas as provas que lhe dera o seu amor, lia e relia as suas cartas e, considerando-o como a sua única esperança para o futuro, hauria na sua confiança forças para dominar os seus desgostos.

XVIII

O Mistério Continua

Entretanto, Montoni mandava proceder a rigoroso inquérito sobre a estranha circunstância que tanto o havia assustado. Não tendo conseguido descobrir coisa alguma, acabou por atribuir a voz misteriosa a estúpida brincadeira de qualquer dos criados do castelo e deixou de se preocupar com o assunto. As questões com sua mulher cada vez se tornavam mais frequentes e tempestuosas. Decidiu encerrá-la no próprio quarto, ameaçando-a com tratamento mais rigoroso se não cedesse ao que exigia.

Se madame Montoni fosse mais sensata, teria pressentido o perigo de irritar com a prolongada resistência, um homem como Montoni, estando como estava, completamente, à sua mercê. No seu modo de proceder, porém, não predominava a razão, mas sim o desejo de vingança sempre pronto a opor desafios às ameaças, a obstinação à violência.

Obrigada a permanecer no quarto, sentiu necessidade da convivência que havia rejeitado, visto serem Annette e Emília as duas únicas pessoas com quem lhe consentiam falar.

Uma noite, Emília, que já passara junto da tia algumas bastante tristes, recolheu ao quarto no desejo de descansar. Preparava-se para se deitar quando uma pancada muito forte soou na porta e um corpo pesado caiu no corredor. Chamou para saber quem era, mas ninguém lhe respondeu. Veio-lhe à ideia que um dos homens, dos recém-chegados ao castelo, descobrira onde era o seu quarto, e só de pensar que estava ali sozinha, longe de todos, sentiu-se enlouquecer de terror. De súbito, ouviu leve suspiro e adquiriu a certeza de que alguém se encontrava atrás da porta. Quase logo, o suspiro repetiu-se, prolongando-se numa espécie de gemido. Não era, portanto, um inimigo, mas sim uma pessoa que talvez precisasse do seu auxílio. Abriu a porta e quase tropeçou num corpo estendido no chão. Soltou um grito e reconheceu Annette. A pobre rapariga estava desmaiada. Emília prestou-lhe todos os cuidados ao seu alcance até que a criada voltou a si. Logo que recuperou os sentidos e pôde falar, Annette afirmou, num tom susceptível de convencer os mais incrédulos, que tinha visto um fantasma no corredor.

— Contaram-me — prosseguiu — estranhas coisas sobre um dos quartos deste castelo, Porém, como fica perto deste, mademoiselle, não as quis repetir com receio de a assustar.

Hoje, quando me encaminhava para aqui sem pensar em coisa alguma, súbito clarão obrigou-me a voltar e vi, tão distintamente como a estou vendo a si, um vulto muito alto que saía do quarto a que me referi, um quarto que está sempre fechado e cuja chave está na mão do senhor... Depois a porta fechou-se sozinha.

— Era o senhor Montoni? — perguntou Emília.

— Não, mademoiselle, não era ele, pois o deixei a questionar com a senhora, no seu toucador.

— Contas-me coisas muito singulares, Annette! — Se pudesse encontrar-me de novo no meu Languedoc — protestou a pobre rapariga — não seria eu quem tornaria a viajar! Podia lá supor que viria enterrar-me neste castelo medonho, no meio de pavorosas montanhas, correndo o risco de me matarem.

— De te matarem! Quem te meteu isso na cabeça?

— Admira-se porque não acredita em coisa alguma, mademoiselle, nem mesmo no fantasma que eu vi há pouco...

— Falaste de crime. Explica-te.

— É o que lhe digo, mademoiselle. Estão aqui para nos matar a todos.

— Quem?

— Todos esses homens que se encontram no castelo. Ontem vieram mais. Foi o Ludovico quem me disse. E como eram muito numerosos e não tinham alojamento, deixaram os cavalos nas cavaleriças e foram instalar-se nas choupanas dos arredores. Era isto que vinha dizer-lhe. Por que razão o senhor mandou fortificar o castelo e mandou vir tantos homens? Para quê tantos conselhos secretos e por que anda com aquela cara de meter medo?

— É tudo quanto sabes, Annette? — perguntou Emília.

— E não é bastante, mademoiselle? — Bastante para me esgotar a paciência, mas não para me convencer de que nos queiram matar.

Depois mandou-a calar e consentiu que passasse a noite no seu quarto.

No dia seguinte, ao atravessar a sala para dar o habitual passeio pelos parapeitos, Emília ouviu no pátio grande vozeria e o tropear de muitos cavalos. O tumulto excitou-lhe a curiosidade. Espreitou por uma das janelas gradeadas e avistou um grupo de cavaleiros com uniformes estranhos e variados. A maior parte envergava curta jaqueta com riscas vermelhas e pretas, outros estavam completamente ocultos por amplos mantos negros... Como um dos cavaleiros afastasse um pouco o manto, viu que trazia suspensos no cinto alguns punhais de vários tamanhos. Outros usavam alabardas e dardos. Emília não se recordava de ter visto reunidos tantos rostos ferozes e terríveis. Recordou os temores de Annette e supôs-se rodeada de bandidos. Ocorreu-lhe, de súbito, uma ideia estranha. Pensou que Montoni era

capitão desses bandidos e o seu castelo o ponto onde se reuniam.

Entretanto, Cavigny, Varese e Bertolini apareceram no pátio, trajando como os outros, mas arvorando nos chapéus grandes plumas vermelhas. Quando montaram a cavalo, os seus rostos irradiavam alegria. Montoni apareceu também à porta do vestíbulo, mas sem uniforme. Examinou com cuidado o porte de um dos cavaleiros e conversou durante algum tempo com os seus chefes. Depois despediu-se e a tropa, dando a volta ao pátio, sob o comando de Varese, passou debaixo da abóbada e saiu. Montoni seguiu-a com a vista durante algum tempo. Para onde iriam? Seria partida definitiva ou apenas expedição? Só os acontecimentos seguintes poderiam revelá-lo.

Emília, quando tudo ficou deserto, porque os soldados haviam partido todos e as muralhas já estavam reparadas, foi ter com a tia a fim de a informar do que tinha presenciado. Annette também apareceu muito assustada, conforme o costume, e não se fez rogada para repetir todos os boatos que circulavam entre os criados.

De repente, Montoni entrou no quarto de sua mulher e Annette, toda trémula, retirou-se a toda a pressa. Emília dispunha-se a fazer o mesmo, mas a tia deteve-a sem que Montoni obstasse ao seu desejo. A sobrinha havia sido tanta vez testemunha das suas questões, que já não se importava com a sua presença.

— Pode dizer-me a significação de tudo isto? — perguntou madame Montoni a seu marido — Quem são esses homens armados cuja chegada e partida, quase simultâneas, acaba de me ser revelada?

Montoni limitou-se a responder-lhe com desdenhoso olhar.

Emília aproximou-se da tia e, baixinho, pediu-lhe para ser prudente.

— Quero lá saber de prudência! — protestou ela — Exijo que me diga o que se passa e com que intuito mandou fortificar o castelo.

— Tenho mais em que pensar do que responder-lhe — retorquiu Montoni — Exijo, por meu lado, no entanto, que me entregue, imediatamente, os seus títulos de propriedade. Estou farto de discussões e não quero que zombe de mim por mais tempo.

— Nunca! — protestou madame Montoni — Volto a perguntar-lhe quais são os seus projetos? Receia um ataque? Espera inimigos?

— Se deseja saber tudo, assine este papel.

— Quem é esse inimigo? — prosseguiu a tia de Emília sem fazer caso do que dizia o marido — Onde partirá o assalto? Seremos todos mortos ou terei de ficar aqui presa até morrer?

— É isso que acontecerá se não aceder ao meu pedido, pois lhe juro que não sairá do castelo, enquanto não o satisfazer.

Madame Montoni soltou gritos agudos, mas logo se calou, persuadida de que as ameaças do marido não passavam de um estratagema para obter o que pretendia. Teimando

nas perguntas, acabou por afirmar com ironia que os intuitos do marido, por certo, deviam ser muito louváveis porque, provavelmente, era capitão de bandidos e tencionava reunir-se aos inimigos de Veneza para assolar o país.

Montoni relanceou-lhe terrível olhar. Emília estremeceu e madame Montoni, pela primeira vez, receou ter ido longe demais.

Recuperando o domínio próprio, Montoni decidiu em tom firme e glacial:

— Esta noite será conduzida à torre de leste onde terá muito tempo para refletir no perigo de provocar e ofender um homem cujo poder sobre si é ilimitado.

Emília lançou-se-lhes aos pés e, chorando, pediu-lhe para poupar a tia. Esta, num misto de terror e indignação, tão depressa soltava exclamações e vociferava, como juntava as suas súplicas às da sobrinha. Montoni respondeu-lhes com uma praga terrível e afastou Emília, que se lhe agarrava à capa. Esta caiu e bateu com a cara no chão e ele, sem se dignar levantá-la, saiu do quarto. Chamada à realidade pelos gemidos da tia, levantou-se e correu para madame Montoni que revirava os olhos e se debatia em convulsões.

Falou-lhe, mas não obteve resposta. Aos seus gritos, acudiram Cario e Annette.

Levaram madame Montoni para a cama. A crise era violenta e os três reunidos mal conseguiram dominá-la. Annette tremia e soluçava e o velho Cario mostrava-se muito comovido

Por fim, a doente acalmou.

— Agora deve descansar. Vá, meu bom Cario. Se precisar de auxílio voltarei a chamá-lo. Por seu lado, se tiver ocasião, interceda por minha tia junto do seu amo.

— Não tenho influência no senhor — respondeu Cario, abanando a cabeça — Já vi tanta coisa! Mas a menina também deve tratar de si. Parece sofrer muito.

— Obrigada, meu amigo — agradeceu Emília.

Cario saiu e ela continuou à cabeceira da tia. Madame Montoni, por fim, voltou a si e soltou um suspiro.

— Ele persiste em me tirar daqui? — perguntou.

Emília disse-lhe que não voltara a falar com Montoni e depois empregou todos os seus esforços para lhe desviar o pensamento para outros assuntos. A tia, porém, não lhe dava ouvidos e parecia dominada por uma ideia fixa. Emília entregou-a aos cuidados de Annette e correu a procurar Montoni, que encontrou no terraço, no meio de um grupo de homens de terrível aspecto. Pequena parte do grupo que partira de manhã havia ficado no castelo e as suas fisionomias pareciam ainda mais ferozes do que as dos companheiros. Entre eles, reconheceu os três aventureiros da véspera.

No momento em que chegou, Montoni dava as suas ordens em voz baixa e quando os homens se afastaram ouviu-os murmurar: Esta noite começa a guarda, ao esconder do Sol. Quando Montoni ficou sozinho, Emília dirigiu-se-lhe, embora ele demonstrasse o desejo

de a evitar. Teve a coragem de lhe falar, suplicando-lhe que tivesse compaixão da tia, cujo triste estado lhe descreveu.

— Sofre por sua culpa e não merece que a lamentem. Sabe muito bem o que deve fazer para evitar os males que a ameaçam. Obedeça e assine o que pretendo e não voltarei a importuná-la.

À força de rogos, Emília conseguiu que madame Montoni não fosse transportada para a torre naquela noite. O marido concedia-lhe mais doze horas para refletir.

Apressou-se a ir comunicar à tia a alternativa e a concessão do marido. Madame Montoni não fez comentários e ficou pensativa. Como a sobrinha a aconselhasse a submeter-se às exigências de Montoni, único caminho que a prudência lhe indicava, observou:

— Não sabes o que me pedes. Recorda-te de que, se eu persistir na recusa, as propriedades que dispo a meu marido virão a pertencer-te por minha morte.

— Ignorava-o. Nesse caso, o que me revelou mais me impele a incitá-la a tomar uma resolução da qual dependem o seu repouso e até a própria vida. Que essa insignificante circunstância não obste a submeter-se.

— És sincera no que dizes, Emília?

— É possível que duvide?

Madame Montoni parecia muito comovida.

— Mereces herdar a minha fortuna. Demonstras um desinteresse com o qual eu não contava.

— O meu desinteresse não tem mérito algum, porque não sou obrigada a lutar contra a tentação.

— Não pensas em Valancourt — retorquiu a tia, observando-a com atenção.

— Peço-lhe para mudarmos de conversa, tia, e não me suponha, tão odiosamente, egoísta.

Com efeito, mudaram de conversa, embora Emília ficasse ao pé da tia até muito tarde.

Quando recolheu ao quarto tudo estava sossegado e todos no castelo deviam dormir. Ao percorrer o corredor que a ele conduzia, recordou-se do incidente da noite anterior e do terror de Annette. Estremeceu, pensando poder ter visão idêntica à que a criada tivera. Sem saber muito bem a qual dos quartos se referira Annette, tinha a certeza de ser obrigada a passar-lhe pela frente. Com olhar inquieto sondava as trevas e avançava com passo leve e cauteloso. Ao atingir uma das portas, teve a impressão de ouvir ligeiro ruído. Trémula, parou, sem forças para dar mais um passo. De repente, a porta abriu-se e um homem que lhe pareceu ser Montoni apareceu no limiar e, vendo-a, recuou e fechou a porta sobre si. No entanto, durante o curto espaço de tempo em que a manteve aberta, à fraca claridade do candeeiro que iluminava o quarto, Emília entreviu outro homem sentado perto do fogão, em atitude melancólica. O medo dissipou-se para dar lugar à surpresa. O mistério daquela visita de

Montoni a um homem fechado num quarto que todos supunham desocupado, era de natureza a excitar-lhe a curiosidade. Sem fazer barulho, abriu a porta do quarto contíguo, escondeu o candeeiro, ocultou-se num recanto do corredor e ficou muito quieta. Em breve a outra porta se abriu e o homem apareceu. Tratava-se de Montoni, não podiam restar-lhe dúvidas, que perscrutou, atentamente, as trevas, puxou a porta e seguiu pelo corredor, não tardando a desaparecer. Ao mesmo tempo, alguém fechou a porta do quarto, correndo os ferrolhos interiores. A curiosidade e espanto de Emília atingiram o auge.

Era meia-noite quando entrou no quarto. Em baixo, no terraço, ouviu passos cadenciados, o tinir de armas e algumas vozes trocando a senha. Recordou-se da ordem dada por Montoni e compreendeu que, pela primeira vez, no castelo, rendiam a guarda. Quando tudo caiu em silêncio, foi deitar-se e adormeceu.

XIX

A Torre de Leste

No dia seguinte de manhã, Emília foi visitar a tia, logo que se levantou. Esta, reanimada por uma noite calma, recuperara o espírito combativo e mostrava-se mais do que nunca decidida a resistir a Montoni.

A sobrinha, prevendo as consequências desta obstinação, empregou todos os esforços para a dissuadir, esforços que tiveram como resultado irritar-lhe o orgulho, que sempre exigira e conseguira obediência. Se algum dia pudesse fugir do castelo, contava afrontar a tirania do marido, conseguir que a lei lhe consentisse separar-se dele e continuar a viver na abundância com o dinheiro que lhe restava. Emília, conquanto partilhasse estes desejos, não tinha ilusões sobre a impossibilidade de os realizar. Fez-lhe ver a dificuldade de transpor as portas do castelo, guardadas como estavam, o extremo perigo de se confiar a um criado, que poderia atraí-la de propósito ou por estupidez, e como seria terrível a vingança de Montoni se descobrisse a conspiração. Madame Montoni debatia-se em pensamentos contraditórios quando o marido apareceu.

Sem atender ao estado de saúde de sua mulher, vinha para saber o resultado do ultimato e dava-lhe todo o dia para se resolver. Se não cedesse, nessa noite já iria dormir para a torre de leste. Entretanto, intimava-a a fazer as honras da casa a uma dezena de cavaleiros que deviam jantar no castelo. Emília também teria de a acompanhar. Depois desta ordem categórica, que não admitia réplica, saiu do quarto.

Emília ficou apavorada com a ideia de aparecer diante de semelhantes convidados. No entanto, não podia recusar-se e foi preparar-se para o jantar. Vestiu-se ainda com maior simplicidade do que de ordinário, a fim de passar despercebida. Mas quando voltou ao quarto da tia, Montoni censurou-lhe os hábitos, que classificou de puritanos e ordenou-lhe para se preparar com o traje e joias destinados às festas do seu casamento com o conde Morano. Esses vestidos que não haviam sido feitos segundo o figurino de Veneza, mas sim de Nápoles,

cingiam-lhe o busto de modo a evidenciar-lhe as formas perfeitas. Os lindos cabelos castanhos, entrançados com pérolas, caíam-lhe pelas costas. Uma simplicidade e gosto requintado caracterizavam este traje, e a beleza de Emília nunca atingira tanto esplendor. Quando entrou na sala onde fora servida a magnífica refeição, Montoni e os seus convidados já se encontravam sentados à mesa. Dispunha-se a sentar-se ao lado da tia, quando o dono do castelo fez um sinal e dois dos cavaleiros levantaram-se, dando-lhe lugar entre eles. Oito pessoas, além dos senhores do castelo, assistiam ao banquete e todos eles tinham no semblante um cunho de ferocidade, astúcia ou libertinagem. A festa desenrolava-se numa grande sala cuja abóbada assentava em colunas de mármore, formando uma espécie de nave, que se prolongava até ao fundo, sombria como uma igreja. Uma só janela, alta, de estilo gótico, iluminava a cena; pela porta aberta, de par em par, avistava-se a torre de oeste e, ao longe, as montanhas dos Apeninos.

Emília, inquieta, observava Montoni e os outros convidados, recordando a pátria, a sua linda casa, os amigos tão dedicados que talvez não voltasse a encontrar.

Notou que o castelão mantinha para os outros uma atitude autoritária bem vincada e que, por seu lado, eles lhe demonstravam não servilismo, mas uma espécie de deferência.

O assunto da conversa foi sempre a guerra e a política. Falaram de Veneza, dos perigos de ali viver, do caráter do Doge e dos senadores. Quando a refeição estava quase no fim, os convidados levantaram-se e, enchendo os copos de cristal, saudaram Montoni e beberam ao triunfo das suas empresas.

Montoni, para agradecer, levantou-se também e levou o copo aos lábios. De repente, porém, o vinho espumou, transbordou e o copo estilhaçou-se. Servia-se, habitualmente, de um copo desse cristal de Veneza cuja propriedade consiste em estalar quando lhe deitam vinho alterado por certos venenos.

Suspeitando de que um dos seus convidados tentara contra a sua vida, Montoni mandou fechar todas as portas, desembainhou a espada e com olhar fulgurante bradou para a estupefata assistência:

— Entre nós está um traidor! Que todos os inocentes me auxiliem a encontrar o culpado.

O tumulto foi tremendo e, num instante, todos desembainharam as espadas. Os criados, arrastados para o meio da sala, protestaram a sua inocência. No entanto, estava provado que o vinho servido a Montoni tinha veneno. O mordomo, pelo menos, devia ser cúmplice do assassino. Por ordem do castelão, esse homem e outro criado, cuja fisionomia revelava uma consciência culpada, foram atirados para uma masmorra. Montoni teria tratado da mesma forma todos os seus convidados, se a tanto se tivesse atrevido. Contentou-se em jurar que não deixaria sair ninguém dali enquanto o caso não estivesse esclarecido. Quanto a sua mulher, ordenou-lhe, duramente, que recolhesse aos seus aposentos, permitindo a Emília que a acompanhasse. Todavia, mal as duas entraram no quarto, alguém fechou a porta à chave

pelo lado de fora.

Entretanto, o tumulto e a confusão eram cada vez maiores na sala donde partia uma vozeria e até o tinir das espadas. As provocações de Montoni, o seu arrebatamento e violência levaram-no a declarar que só pelas armas o caso podia ser resolvido. A ansiedade que dominava as duas pobres senhoras mais aumentou quando alguém bateu com força na porta. Sossegaram quando ouviram a voz de Annette.

— Abram a porta — pedia — Tenho muito para lhes contar.

— Está fechada e não temos a chave.

— Santo Deus! O que vai ser de nós!

— Auxilia-nos a sair daqui — pediu madame Montoni — Vai buscar socorro. Onde está Ludovico?

— Na sala, lutando com os outros.

— Meu Deus! — exclamou Emília — Já há feridos?

— Há, sim, mademoiselle. Estão muitos caídos no chão, cobertos de sangue. Meu Deus!

Faça o possível para eu entrar. Vem aí, ouço-o na escada. Vão matar-me!

— Foge, foge! — gritou Emília — Nós não podemos abri-te a porta.

Annette gritou outra vez que os ouvia chegar e fugiu.

— Acalme-se, tia — pediu Emília, pois madame Montoni tremia como varas verdes — acalme-se. Talvez Montoni tenha sido vencido e venham libertar-nos.

Mas a chave girou na fechadura, a porta abriu-se e o próprio Montoni apareceu.

Emília estremeceu ao ver-lhe o aspecto ameaçador e olhar fulgurante.

— Foi então a senhora quem me obrigou a verter o sangue dos meus melhores amigos?

A senhora, a autora da criminosa tentativa de envenenamento?

Madame Montoni ficou muda de espanto.

— De nada lhe serve negar. Tenho provas do seu crime. Confesse e talvez lhe perdoe. O seu cúmplice já confessou tudo.

Emília, morta de medo, sentiu as forças renascer perante acusação tão atroz. Madame Montoni nem conseguia falar e as suas faces passavam do tom lívido ao rubor da indignação.

— Nada de protestos! — bradou Montoni, vendo-a disposta a defender-se — Bastava a sua atitude para a trair. Vai ser conduzida para a torre de leste.

— Senhor! — bradou madame Montoni que recuperara o uso da fala — Essa indigna acusação não passa de um pretexto odioso, inspirado pela sua crueldade. Não me rebaixo a defender-me.

— Está enganado, senhor! — protestou Emília por sua vez — Essa acusação é falsa.

Juro-o pela minha vida.

— Se tem amor à vida, cale-se! — ordenou Montoni. Depois voltou-se para sua mulher que, refeita do primeiro choque, repelia com veemência tão injustas suspeitas. A sua cólera

redobrava com a consciência da injustiça. Emília, temendo as consequências, lançou-se entre os dois. Ajoelhou e abraçou-se aos joelhos daquele homem cruel, implorando-o sem palavras, apenas com um olhar que comoveria uma fera. Ele, porém, não abrandou nem com o estado de sua mulher nem com as lágrimas da sobrinha e, chamando os dois acólitos que o acompanhavam, ordenou-lhes:

— Cumpram o que lhes disse.

Madame Montoni soltou um grito, mas os homens agarraram-na e levaram-na, imediatamente.

Emília caiu desmaiada na cadeira a que se amparava. Quando voltou a si estava só.

Percorreu o aposento com olhar desvairado, como se perguntasse a tudo quanto a rodeava qual fora o destino da tia. No primeiro momento, nem a lembrança do perigo que ela própria corria, nem a ideia da fuga lhe ocorreram ao pensamento.

Por fim, levantou-se e aproximou-se da porta, sem esperança de poder sair dali.

Felizmente, encontrou-a aberta. Percorreu a galeria em passo vacilante. O seu primeiro impulso foi saber o que acontecera a madame Montoni. Desceu à sala onde os criados costumavam reunir-se. Encontrou-a deserta. Enquanto descansava um bocadinho para prosseguir as pesquisas, ouviu um murmúrio de vozes que, pouco a pouco, se tornava mais forte. Levantou-se na ideia de fugir, mas os homens aproximavam-se pelo único caminho que poderia tomar. Resolveu aguardar a sua entrada na sala e ocultou-se num recanto. Ouviu também fortes gemidos que a gelaram de terror. Quatro entraram, trazendo nos braços um ferido, coberto de sangue e arquejante. A infeliz quase desmaiou com o tremendo espetáculo. Chamando a si toda a sua coragem, conseguiu por fim deslizar para a porta e fugir da sala sem olhar para trás, sem ver quem era o ferido nem os quatro homens, que o estenderam no chão. Estes também não haviam dado por ela.

Percorrendo corredores desviados e tortuosos, conseguiu, por fim, chegar ao seu quarto.

Trémula, sentou-se perto da janela, escutando com atenção e observando toda a extensão da muralha que o seu olhar podia alcançar. Não viu nem ouviu ninguém, Muitas horas se passaram no meio deste silêncio e abandono. Nem visitas nem qualquer recado. Dir-se-ia que Montoni a havia esquecido.

O Sol ocultou-se atrás das montanhas, os seus raios, atravessando as nuvens, tomaram um tom de púrpura cada vez mais carregado e em breve se desvaneceram, afogando a paisagem em sombras... As sentinelas tomaram os seus postos e a ronda começou.

Com a noite e a obscuridade que reinava no quarto, o medo de Emília redobrou. A sua imaginação febril criou imagens fantásticas e pensamentos terríveis.

“Meu Deus! — pensava — Se um daqueles homens aproveita as trevas para se introduzir no meu quarto!

Depois recordou-se do quarto misterioso que ficava tão perto do seu e novos terrores a

assaltaram.

“Embora esteja ali fechado, aquele homem não deve ser um prisioneiro, porque não foi Montoni quem fechou a porta. É esse desconhecido quem a fecha por dentro”.

O seu primeiro cuidado foi, como habitualmente, ir verificar se a portinha que dava para a escada secreta estava fechada e barricou-a com todos os móveis que conseguiu arrastar. A tarefa durou até à meia noite. Vagarosamente, o relógio da torre bateu as doze badaladas. Ouviu o passo do soldado que ia render o camarada. Devagarinho, abriu a porta para o corredor. A calma e o silêncio eram absolutos. Pegou no candeeiro e saiu do quarto, tomando por uma galeria que conduzia à escada do lado sul, calculando que daí lhe seria mais fácil encontrar o caminho para a torre onde a tia se encontrava presa. Parava de vez em quando para escutar e habituar-se à escuridão dos grandes corredores. Quando conseguiu atingir a escada que procurava, encontrou-se diante de duas galerias. Qual delas escolher? Meteu por uma delas que, por sua vez, terminava noutra galeria mais larga. A solidão e o silêncio que reinavam naquelas paragens aterravam-na. O eco dos próprios passos metia-lhe medo.

De súbito, teve a impressão de ouvir falar. Parou, sem se atrever a avançar ou recuar. Mal se atrevia a erguer os olhos do chão. Ouvia alguém soltar tristes lamentos. Supondo ser madame Montoni, recuperou a coragem e dirigiu-se para o ponto donde lhe parecia vir a voz. Ao mesmo tempo, temia revelar a sua presença, com receio de encontrar algum indiscreto que fosse denunciá-la a Montoni. Enquanto hesitava, a voz mais uma vez se fez ouvir. Chamava por Ludovico. Emília reconheceu Annette e, contente, aproximou-se.

— Ludovico! — soluçava Annette num tom desesperado — Ludovico!

— Não é o Ludovico, sou eu, Emília! A criada deixou de gemer.

— Se abriesses a porta eu poderia entrar — pediu Emília — Nada tens a recear.

— Ludovico, meu Ludovico! — gemeu de novo Annette.

Emília perdeu a paciência e dispunha-se a retirar. Depois pensou que talvez Annette soubesse indicar-lhe o caminho da torre, insistiu e acabou por obter resposta. Porém, não foi a desejada. Annette desconhecia o destino de madame Montoni. Entre lágrimas, limitou-se a suplicar que lhe dissesse onde estava Ludovico. Emília, que desconhecia tudo quanto se havia passado, perguntou-lhe como se encontrava ali fechada.

— Foi ele quem me fechou aqui. Depois de ter batido à porta de madame Montoni, fugi espavorida e encontrei Ludovico na galeria. Mandou-me entrar para este quarto e fechou-me à chave, a fim de não me acontecer mal, segundo afirmou. Prometeu voltar para me libertar quando tudo sossegasse. Mas já passou muito tempo e ele não aparece nem ouvi falar dele! Que teria acontecido, meu Deus!

De repente, Emília recordou o ferido que haviam transportado para a sala. Calculou ter sido Ludovico, mas não o disse a Annette. Impaciente por saber o que havia sido feito da tia,

pediu à criada para lhe indicar o caminho para a torre.

— Não vá, mademoiselle! Não me deixe sozinha.

— Não posso entrar nem tu sair. Não pensas por certo que eu vá passar a noite na galeria. Indica-me o caminho para a torre e amanhã de manhã pensarei em fazer-te sair daí.

— Virgem Santa! Terei de passar aqui a noite? Morrerei de medo e de fome.

Noutra qualquer altura, Emília teria rido das perplexidades de Annette. Com muitos rogos, conseguiu obter dela vagos esclarecimentos sobre o caminho a seguir para a torre e, depois de várias voltas, encontrou, por fim, a escada. Parou um instante para fortificar a coragem com a consciência do dever. E precisava de muita. A imagem da tia apunhalada por Montoni obcecava-a. Expulsou do pensamento estas ideias sinistras e começou a subir, encomendando-se à misericórdia de Deus. A certa altura, baixou os olhos e descobriu um rasto de sangue. Todos os degraus e até as paredes estavam salpicados. Cambaleou e quase deixou fugir o candeeiro da mão. Para se amparar, encostou a mão a parede, sentindo-a viscosa debaixo dos dedos, que também ficaram tintos de vermelho. Estremeceu de horror, mas, chamando a si toda a sua coragem, continuou a subir. Não se ouvia o mais pequeno ruído, dava a impressão de que na torre não existia um ente humano. Emília, de si para si, lamentou ter empreendido semelhante aventura, mas, estando tão perto do fim, como poderia recuar? Chegando a meia altura da escada, viu uma porta e abriu-a, a fraca claridade do candeeiro iluminou uma espécie de patamar de paredes nuas e húmidas do qual partia nova escada, cujos degraus também estavam manchados de sangue. Continuou a subir. As manchas vermelhas eram sempre maiores. Trémula, atingiu por fim o topo onde esbarrou com outra porta. A escada acabava ali. Emília mal se tinha de pé. Ia adquirir a certeza daquilo que suspeitava, porém, no último momento hesitava. Tentou abrir a porta, mas não conseguiu. Bateu, chamou pela tia e não obteve resposta. O silêncio era profundo.

— Morreu! — exclamou — Mataram-na. É o seu sangue que tinge estes degraus!

Quase desfalecida, pousou o candeeiro no chão e sentou-se num degrau. Quando sentiu renascer as forças, levantou-se e voltou a chamar... sempre o mesmo silêncio! Depois de ter renovado a tentativa para abrir a porta sem o conseguir, abandonou, precipitadamente, a torre, e resolveu regressar ao seu quarto.

Ao entrar no corredor avistou Montoni. Ocultou-se num recanto para não ser descoberta. Ouviu-o fechar uma porta, a mesma da véspera, e os seus passos desvanecerem-se pouco a pouco. Só então entrou no quarto. Deitou-se, mas não apagou a luz.

XX

Sons Misteriosos

A manhã do dia seguinte decorreu sem que Emília tivesse notícias de Montoni. Como a ansiedade pelo destino da tia fosse superior ao terror que lhe inspirava semelhante homem, decidiu ir procurá-lo. Ao mesmo tempo, queria saber de Annette e, nesse intuito, meteu pela

galeria do sul.

As lamentações da criada ouviam-se de longe. Chorava a sua sorte e a de Ludovico e afirmou a Emília estar prestes a morrer de fome, se não fosse, imediatamente, libertada. Mas quando Emília lhe disse ser preciso ir pedir a Montoni a sua liberdade, a pobre hesitou entre as duas perspectivas: morrer ali ou defrontar o patrão.

Ao atravessar a sala para se dirigir à sala de cedro onde Montoni se encontrava, Emília tropeçou em armas caídas e farrapos de vestuário cobertos de sangue. Tremia com receio de esbarrar com cadáveres. Aproximando-se da sala, ouviu o murmúrio de vozes. Os convidados da véspera encontravam-se ali reunidos. Hesitante, procurou com a vista um criado para ir anunciar a sua presença. Não o viu e quando se dispunha a entrar, Montoni apareceu. Ao vê-lo, ficou trémula e confusa.

Com ar desconfiado, Montoni perguntou-lhe se tinha escutado a conversa. A pergunta reanimou-a. Com altivez, replicou que não estava ali para espiar, mas apenas para pedir clemência. Suplicou-lhe para a deixar visitar a tia e revelou-lhe a prisão de Annette. Montoni respondeu-lhe com um sorriso de ironia, o que aumentou os receios de Emília pela sorte da tia.

— Quanto à Annette, permito ao Cario que a vá soltar. O desgraçado que a fechou já não existe.

— E a tia? ... Fale-me dela, por Deus!

— Está bem — responde ele — Não tenho tempo para escutar as suas tolices.

Tentou afastar-se, mas Emília deteve-o, implorando-lhe pela tia. De súbito, soaram trombetas, um tropear de cavalos e uma confusão de vozes encheu o pátio e Montoni correu para o vestíbulo. Emília, meio oculta no fundo da sala, viu entrar um grupo de homens que se lhe afigurou serem os mesmos que vira partir alguns dias atrás. Não teve ocasião para se certificar. Os homens precipitaram-se para a porta e de todos os pontos do castelo apareceu gente para receber os recém-chegados.

Dominada por tristes apreensões, correu a refugiar-se no seu quarto. Pouco depois, bateram-lhe à porta e apareceu Cario.

— Até agora não pude tratar de si, mademoiselle. Trago-lhe fruta e vinho. Deve precisar de comer.

— Obrigada, Cario. Foi o senhor Montoni quem o encarregou de trazer-me de comer?

— Ele? Não. Tem muito em que pensar para se preocupar com isso.

Emília fez-lhe algumas perguntas sobre o destino da tia. Cario, porém, como se encontrava na outra extremidade do castelo na altura da prisão de madame Montoni, não pôde dizer-lhe coisa alguma. Laconicamente, descreveu o combate da véspera, afirmando estar já tudo sossegado, pois Montoni reconhecera ter-se enganado quando suspeitara de que os seus convidados haviam atentado contra a sua vida.

— O sangrento combate terminou — afirmou o velho criado — e peço a Deus para que nunca mais se repita semelhante espetáculo neste castelo, embora se preparem coisas muito estranhas.

Emília pediu-lhe para se explicar melhor.

— Não, signorina, não devo atraiçoar os segredos de meu amo, nem dizer o que penso.

O tempo se encarregará de os revelar.

Em seguida, Emília pediu-lhe para ir libertar Annette, indicando-lhe o quarto onde ela se encontrava. Cario prometeu fazê-lo.

Quando o criado ia a sair, perguntou-lhe quem eram os cavaleiros recém-chegados. Não se enganara. Era Varezzi, com os seus homens.

Decorrida uma hora depois desta conversa, Annette apareceu soluçante, chamando por Ludovico.

— Minha pobre Annette — consolou Emília — A morte, por vezes, rouba-nos os entes mais queridos. Conformemo-nos com os desígnios de Deus. As nossas lamentações e lágrimas, infelizmente, não poderão ressuscitá-los. Um dia encontrarás Ludovico num mundo melhor.

— Mademoiselle — replicou a rapariga, tirando o lenço dos olhos — espero encontrá-lo ainda neste mundo, conquanto esteja ferido.

— Está apenas ferido? Ainda vive?

— Vive, mas o ferimento foi terrível e não o deixou vir libertar-me. Supuseram-no morto durante algum tempo e ele próprio quase não acredita ser ainda deste mundo.

— Alegro-me com a notícia, Annette.

Quando o desgosto de Annette acalmou, Emília pediu-lhe para ir ver se conseguia obter notícias da tia. Os resultados foram nulos. Uns ignoravam o destino de madame Montoni. Os outros, provavelmente, haviam recebido ordem para não o divulgar.

Os dois dias seguintes decorreram sem incidente de maior. Na noite do último, depois da saída de Annette, Emília deitou-se. Não conseguindo, porém, conciliar o sono, levantou-se e foi abrir a janela a fim de respirar o ar fresco da noite.

O silêncio era profundo e não havia luar. Na escuridão, mal se distinguia o contorno das montanhas distantes, o vulto das torres e as muralhas no alto das quais passeava a sentinela. A infeliz rapariga deixou-se ficar à janela, contemplando os milhões de estrelas que cintilavam no firmamento. Recordou quantas vezes, com seu pai, lhes admirara o brilho e seguira a sua marcha pelo infinito. Erguendo a vista para o alto, viu brilhar por cima da torre de leste o mesmo planeta que notara no Languedoc, na véspera da morte de Saint-Aubert. Acudiu-lhe à memória a conversa que tivera com ele sobre as almas separadas dos corpos e teve a impressão de escutar a mesma música suave, essa música à qual, a despeito de todos os raciocínios, atribuíra um sentido supersticioso. Todas estas recordações a transportaram para

um mundo diferente, alheando-a da realidade.

De súbito, chegou-lhe aos ouvidos uma melodia suave. Seria ilusão provocada pela evocação do passado? ... Os sentidos seriam juguete de sensações em tempos experimentada"? Inexplicável temor se apoderou dela. Escutou durante algum tempo com profunda atenção, tentando controlar os pensamentos. A alucinação, porém, se alucinação era, prolongou-se, apesar de todos os seus esforços para a afastar. Quando pôde raciocinar, tentou descobrir o ponto donde partiam os sons e teve a impressão de que vinham de baixo, mas não pôde distinguir se seria do terraço ou de algum quarto do castelo. O medo e a surpresa deram lugar ao encantamento. No silêncio da noite, as notas pareciam ainda mais suaves. Pouco tempo depois, a música afastou-se, foi diminuindo de intensidade e sumiu-se de todo.

Emília continuou atenta, mas não tornou a escutá-la. Não conseguiu desviar o pensamento de tão estranha circunstância. Uma melodia tão suave, à meia-noite, quando todos dormiam e num castelo onde ninguém tocava senão pífaro e trombetas! O prolongado sofrimento predispuera o espírito de Emília para o terror e superstição. Teve a impressão de que o espírito do pai lhe falava por intermédio da música, para lhe inspirar coragem e animá-la. A razão, porém, dizia-lhe que não devia abandonar-se a estas ideias doentias. Fez todo o possível por afastá-las, mas, por uma reação estranha da sua fantasia excitada, evocou outras não menos fantásticas. Recordou a forma como o castelo viera parar às mãos do atual possuidor e o mistério que envolvia o desaparecimento da antiga proprietária, sem que ninguém conseguisse saber qual o seu destino. Aparentemente, não podia existir relação entre esta aventura e a música que tanto a emocionara e, no entanto, qualquer coisa lhe dizia que entre os dois mistérios existia um laço oculto. Com este pensamento, a testa humedeceu-se-lhe de suor frio. Relanceou um olhar alucinado pelos recantos do quarto e a escuridão que neles reinava mais lhe excitou a imaginação.

Depois, envergonhada pela sua fraqueza, fechou a janela e voltou para a cama. Porém, o sono recusava-se. Não conseguia desviar o pensamento dos estranhos acontecimentos daquela noite e jurou a si mesma estar a pé na noite seguinte, à mesma hora, para escutar a música, se ela voltasse a fazer-se ouvir, o que aconteceria, por certo, se fosse um ente humano quem tocasse.

XXI

Entrevista Noturna

Logo de manhã, Annette entrou, precipitadamente, no quarto de Emília.

— Mademoiselle, trago-lhe grandes novidades. Descobri quem é o prisioneiro. Isto é modo de dizer, porque não está preso, é ele quem se fecha a si mesmo naquele quarto. E eu que o tomei por um fantasma!

— Quem é, afinal?

— Adivinhe. Uma pessoa muito sua conhecida.

— Não sei adivinhar — replicou Emília já impaciente.

— Vou dar-lhe os sinais. É um homem alto, rosto comprido, com uma pluma vermelha no chapéu, baixa os olhos quando lhe falam e observa as pessoas de soslaio. Tem sobrancelhas negras e espessas. Viu-o dezenas de vezes em Veneza. É um amigo do senhor. Encontrei-o há pouco sobre a muralha. Sempre me meteu medo, mas nunca quis dar-lho a perceber. “Seja bem-vindo ao castelo, senhor Orsini” — disse-lhe ...

— É então Orsini?

— O próprio, aquele que mandou matar o fidalgo veneziano e que, desde então, todos diziam andar a monte.

— Santo Deus! — exclamou Emília — Esse homem refugiou-se em Udolfo! Não poderia encontrar melhor esconderijo.

— Se deseja esconder-se, não poderia, de fato, encontrar melhor do que este castelo, mesmo sem viver fechado num quarto. Quem se lembraria de vir procurá-lo aqui? Sempre preocupada com a música que lhe chegara aos ouvidos na noite anterior, Emília perguntou à criada se lhe parecia existir alguém no castelo que soubesse tocar.

— O Benedetto toca tambor na perfeição — respondeu Annette — Lancelot é exímio a tocar clarim e o próprio Ludovico também não o toca mal. Mas como está doente... recordo-me de que uma vez, em Veneza...

— Nunca descobriste se alguém toca outra espécie de instrumento, desde que nos encontramos no castelo? Não ouviste música esta noite?

— Não, mademoiselle. Nunca ouvi música, exceto o som dos tambores, como lhe disse. E esta noite dormi e sonhei com a minha falecida patroa.

— Com a tua falecida patroa! — repetiu Emília, cheia de ansiedade — Que sabes tu a esse respeito?

— Absolutamente nada. Tanto como mademoiselle — Mas todos ignoram o que foi feito dela. Naturalmente, tomou o mesmo caminho que a antiga castelã, quem nunca mais se ouviu falar!

Emília encostou a face à mão e ficou calada. Pouco depois, pediu a Annette para a deixar só.

A sua inquietação pelo destino da tia aumentara com as palavras da criada. Resolveu, por fim, fazer nova tentativa Junto de Montoni para obter algumas informações.

Entretanto, Annette reapareceu e, com ar misterioso, disse-lhe que o porteiro do castelo desejava falar-lhe, pois afirmava ter qualquer coisa de muito importante a revelar-lhe.

Emília estremeceu. Andava com os nervos tão excitados, que a mais pequena coisa bastava para a transtornar. O ar feroz do porteiro sempre lhe metera medo. Naquela ocasião, porém, a si própria censurou a fraqueza.

— Está bem, vou falar-lhe. Ele que me espere no corredor.

Annette saiu e voltou pouco depois.

— Mademoiselle, o Bernardino não se atreve a vir aqui. Tem receio de ser surpreendido e, além disso, afasta-se muito do seu posto, que não pode abandonar agora... Esta noite, porém, se quiser ir ter com ele junto da porta de leste, fará o possível por lhe ir falar e confiar o seu segredo.

Tão assustada como surpreendida com o mistério em que o homem se envolvia, Emília hesitou em fazer a promessa exigida. Por fim, acabou por se decidir, supondo que talvez ele quisesse avisá-la de algum perigo.

— Quando o Sol se esconder, irei ter com o Bernardino. Nessa altura, porém, as sentinelas já se encontram no seu posto. Como conseguirá ele passar sem ser notado?

— Fiz-lhe, Justamente, essa pergunta, mademoiselle. Afirmou ter a chave da porta de comunicação do pátio com a muralha, e que utilizaria essa porta. Quanto às sentinelas, não costumam colocar nenhuma nesse ponto, porque a torre de leste tem paredes grossíssimas essas bastam para defender o castelo. E, por muito pouco escura que esteja a noite, não haverá perigo de o ver a sentinela que está do outro lado.

— Ainda bem. Irei falar com ele e peço-te para me acompanhares ao terraço.

Recomenda ao Bernardino que seja pontual. Se me demorar posso ser surpreendida pelo senhor Montoni. Onde está ele? Gostaria de lhe falar.

— Está na sala de cedro, reunido com os seus hóspedes. Vai dar um banquete para compensar a aventura daquela noite. Na cozinha está tudo em alvoroço. Pobre Ludovico! Como ficaria contente se pudesse assistir! Felizmente, não tardará a estar bom. O conde Morano esteve pior do que ele e agora já está curado e em breve deve voltar para Veneza.

— Tens a certeza?

— Soube-o ontem e esqueci-me de lhe dizer.

Quando Annette saiu para ir falar a Bernardino, Emília pediu-lhe para vir avisá-la quando Montoni se encontrasse sozinho. Porém, o castelão esteve muito ocupado durante todo o dia, e assim, Emília não teve ocasião de esclarecer as terríveis suspeitas que a assaltavam sobre a situação da tia.

À medida que se aproximava a hora da entrevista com o porteiro, a sua impaciência e ansiedade eram cada vez maiores. Por fim, o Sol começou a declinar. Emília ouviu as sentinelas tomarem os seus postos e, quando Annette apareceu, desceu com ela. Como demonstrasse receio de encontrar Montoni ou qualquer dos seus amigos, a criada tranquilizou-a:

— Não tenha medo. Estão ainda à mesa e não se levantarão tão cedo. O Bernardino escolheu bem a ocasião.

Uma das sentinelas deteve-as, mas Emília deu-se a conhecer e o homem deixou-a

seguir, o mesmo acontecendo com a segunda sentinela. Este incidente aborreceu-a.

Desagradava-lhe encontrar-se ali tão tarde, à mercê daqueles homens. Quando chegou ao local combinado, Bernardino ainda não tinha aparecido. Pensativa, encostou-se ao parapeito da muralha. O vale e a floresta estavam envoltos em trevas e uma aragem ligeira agitava as copas das árvores. De tempos a tempos, chegava-lhe aos ouvidos o rumor das vozes vindas do castelo.

— Que vozes são estas? — perguntou baixinho.

— A do senhor Montoni e as dos seus convidados — respondeu Annette.

— Virgem Santa! Como é possível que aquele homem possa divertir-se e estar contente quando faz sofrer ou causou a morte de uma pessoa?

Com terror, olhou para a torre de leste junto da qual se encontrava. Por uma das janelas gradeadas do primeiro andar filtrava débil claridade, mas nas mais altas não havia luz. Teve a impressão de ver passar uma sombra na janela iluminada, mas o fato não a tranquilizou a respeito de madame Montoni a quem procurara em vão naquele mesmo quarto. No entanto, prometeu a si mesma fazer nova tentativa para lá entrar, depois de falar com Bernardino.

O tempo corria e este não aparecia. Mas quando Emília, preocupada com a demora, perguntava a si mesma se o homem teria sido descoberto, uma chave deu volta na fechadura da porta que conduzia à muralha e o porteiro apareceu. Emília pediu-lhe para ser breve, pois já era tarde e a noite estava muito fria.

— Mande embora a sua criada, mademoiselle — intimou o homem com modos sinistros que lhe meteram medo — Não quero que outros ouçam o que tenho para lhe dizer.

Emília hesitou, mas acabou por pedir a Annette para se afastar um pouco.

— Agora já pode falar — acrescentou, voltando-se para Bernardino.

O homem continuou calado durante breves instantes e depois começou em voz baixa:

— Perderia o meu lugar se o patrão soubesse que lhe falei. Prometa-me, mademoiselle, que nunca dirá uma palavra do segredo que vou revelar-lhe.

Emília prometeu e, novamente, lhe pediu para ser breve.

— Annette — declarou o homem — falou a seu respeito na sala onde nos reunimos; disse-nos quanto estava inquieta pela sorte de madame Montoni e como desejava saber onde se encontrava.

— Sabe-o, meu amigo? Se sabe, diga-me. Por muito cruel que seja a realidade, não hesite em me revelar!

Ao mesmo tempo, encostava-se ao parapeito, quase desfalecida.

— Sim, posso dizer-lhe, mas...

— Mas o quê?

— Vejo-a tão impressionada...

— Estou preparada para tudo — declarou Emília, tentando reagir — Suportarei melhor a

certeza cruel do que esta dúvida mortal.

— Sendo assim, vai saber tudo. Dizem que o senhor está furioso com a mulher, mas isso não é comigo nem me interessa falar sobre o assunto. Há dias mandou-me chamar e disse-me: “Bernardino, até hoje tens sido um criado fiel. Julgo poder confiar em ti”. Assegurei-lhe a minha dedicação e ele então confiou-me o que pretendia. Era qualquer coisa com respeito à senhora, mas não quero revelar-lhe.

— Que fez, Bernardino?

O homem pareceu hesitar, mas não disse nada.

— Desgraçado! Que demónio os impeliu, a si e a ele, a um ato tão condenável? — perguntou, gelada pelo terror e quase a desfalecer.

— Sim, talvez fosse um demónio — concordou o porteiro em voz surda.

Decorreu algum tempo sem que um ou outro falasse. Emília não se atrevia a interrogar e Bernardino temia falar. Todavia, acabou por dizer:

— O senhor foi muito cruel, mas exigia obediência... e eu não podia recusar-me... Se não o fizesse, outros menos escrupulosos do que eu o teriam feito.

— Matou-a? — perguntou a infeliz menina com voz desfalecida — Falo com um assassino?

Bernardino não lhe respondeu. Horrorizada, deu alguns passos para ir ter com Annette.

— Não se vá embora, mademoiselle. Merecia que a deixasse nessa convicção, como castigo por me ter considerado capaz de cometer tal crime.

— Se está inocente, diga-me. Não tenho forças para suportar por mais tempo esta ansiedade.

— Mande essa rapariga embora — disse Bernardino, designando Annette, que se aproximara para amparar a patroa, ao vê-la prestes a desmaiar.

— Não, não. Ela pode ouvir tudo quanto deseja dizer-me.

— Sendo assim, não saberá mais nada. E deu alguns passos para se afastar.

A ansiedade de Emília foi superior ao terror que lhe inspirava aquele homem. Ordenou a Annette que se afastasse e, voltando-se para cie, disse-lhe:

— Agora pode falar.

— A senhora está viva, mas ninguém o sabe. É minha prisioneira. Sua excelência fechou-a lá em cima, na torre, por cima da porta grande e encarregou-me de a vigiar. Vinha dizer-lhe que poderia vê-la. Mas depois das suspeitas que concebeu a meu respeito, não sei se merece que eu a ajude.

Liberta da terrível angústia que a oprimira, Emília pediu-lhe desculpa e rogou-lhe que a deixasse ver a tia.

O homem cedeu com maior facilidade do que seria de esperar e prometeu, se ela quisesse na noite seguinte ir ter com ele à porta exterior do castelo, conduzi-la até onde se

encontrava madame Montoni.

Quando lhe testemunhava o seu reconhecimento por tão inesperada condescendência, teve a impressão de que no olhar do porteiro perpassava um lampejo de maligna satisfação, como se um pensamento diabólico lhe atravessasse o cérebro e o enchesse de alegria.

Procurou desvanecer essa ideia e de novo lhe agradeceu, pedindo-lhe que olhasse pela tia, pois saberia recompensá-lo. Recomendou-lhe também pontualidade para o dia seguinte, e apressou-se a recolher ao quarto.

Decorreu algum tempo antes que se desvanecesse a alegria causada pela revelação de Bernardino e pudesse avaliar a sangue-frio os perigos que a ameaçavam e também a madame Montoni.

Acalmada a primeira excitação, recordou o modo estranho de Bernardino, quando lhe prometera levá-la para junto da tia. Assaltaram-na terríveis suspeitas e hesitou em se lhe confiar. Pensou que madame Montoni poderia muito bem ter sido assassinada e que o miserável, como instrumento do patrão, procurasse, por ordem dele, atraí-la a uma cilada para a sacrificar também à cupidez de Montoni. Dessa forma, ficaria, legalmente, na posse das propriedades do Languedoc, visto ser ela a herdeira da tia. A monstruosidade deste duplo crime levou-a a repelir semelhante pensamento; mesmo assim, não se desvaneceram de todo os receios inspirados pela atitude do porteiro e pensou com terror na entrevista da noite seguinte.

Já era muito tarde. Emília por muito tempo escutou as gargalhadas de Montoni e dos seus convidados, as vozes e as canções entoadas em coro, que pareciam abalar as paredes do velho castelo. Pouco depois, o ruído cessou e ouviram-se os passos das pessoas que recolhiam aos seus aposentos. As portas do castelo fecharam-se com estrondo. Chegara a hora em que, na véspera, a deliciosa música começara. Abriu a janela devagarinho e ordenou a Annette que se fosse embora. O planeta, que na noite anterior pudera admirar, ainda não havia nascido. Cedendo a uma impressão supersticiosa, fixava a ponto do céu onde ele devia brilhar, contando que a música se faria ouvir no instante da sua aparição.

Porém, quando ele nasceu por cima da torre de leste, tudo continuou em silêncio.

— Não, não era uma melodia terrestre —, pensou — Meu pai contou-me que, pouco depois da morte de minha mãe, fora obrigado a saltar da cama, atraído por uma melodia de incomparável suavidade. Abriu as janelas. Foi para ele uma consolação, segundo me disse, contemplar o céu com confiança, pensando que minha mãe repousava no seio de Deus, no meio de harmonias celestes.

Estas recordações comoveram-na, profundamente, e arrancaram-lhe lágrimas.

“Pode ser — pensou — pode ser que estes doces acordes tenham descido do céu para me consolar, para me reanimar a coragem. Pode ser que, neste momento, meu pai, lá em cima, vele por mim.”

O tempo passou. Embalada por estas doces meditações, Emília deixou-se ficar sentada perto da janela, mas a música não se fez ouvir. Só quando a madrugada começou a tingir o firmamento e expulsou as trevas do vale, se foi deitar.

XXII

A Cilada

No dia seguinte, Annette comunicou a Emília um recado de Bernardino, relativo à entrevista da véspera. Pedia-lhe para ir ter com ele, sozinha, à uma hora da noite, ao mesmo ponto onde se haviam encontrado. Ele a conduziria à torre onde a tia estava presa. Quando recebeu este recado, todas as suspeitas de Emília, ou antes, os pressentimentos, despertaram de novo. Pensou que Bernardino a enganava e que, tendo já sido o carrasco da tia, continuava a ser o instrumento de Montoni, disposto a sacrificá-la à sua cupidez.

— Annette, como será possível eu atravessar o terraço a semelhante hora? As sentinelas deter-me-ão e o senhor Montoni ficará sabendo.

— Foi, justamente, o que Bernardino me disse, mademoiselle. Ele pensou em tudo.

Entregou-me esta chave, encarregando-me de lhe dizer que É a de uma porta que fica na extremidade da galeria abobadada, e comunica, precisamente, com a muralha de leste. E não receie ser surpreendida pelos guardas. Pediu-lhe para ir ter com ele ao terraço para poder levá-la onde deseja sem passar pela sala grande cuja grade faz muito ruído ao abrir-se.

Esta explicação, muito natural, tranquilizou Emília.

— Por que exige ele que eu vá sozinha?

— Também lhe fiz essa pergunta. “Por que razão não posso acompanhar a minha senhora? Que mal tem?” Respondeu-me com um não brutal. Mademoiselle sabe onde vai, calculo?

— Ele não te disse?

— Não, mas desconfio.

Emília verificou estar Annette ao corrente da prisão de madame Montoni na torre principal. Como soubera? Annette não quis revelá-lo, para provar que também sabia guardar um segredo.

Durante todo o dia, o espírito de Emília se debateu entre sentimentos contraditórios de dúvida, receio e hesitação. A noite chegou sem ela ter tomado uma resolução. O relógio bateu as onze, depois as doze e ela ainda hesitava. Mas o tempo corria e impunha-se tomar uma decisão. O desejo de ver a tia acabou por sobrelevar o medo. Saiu do quarto, pedindo a Annette que a acompanhasse até à galeria. O castelo estava mergulhado no silêncio e quando atravessaram a sala grande só os seus passos despertavam o eco das profundas arcadas; à fraca claridade das lanternas, as duas sombras deslizavam como dois fantasmas. Por vezes, Emília parava, tendo a impressão de que via alguém escondido atrás dos pilares; depois reconhecia o erro e prosseguia. Chegando à extremidade da galeria, abriu a porta, pediu a

Annette para não se afastar, entregou-lhe a lâmpada e saiu para o terraço. As trevas eram profundas. Avançou, apurando o ouvido, procurando em vão distinguir Bernardino. Teve um sobressalto quando ele lhe falou, mesmo a seu lado. Exato à entrevista, já a aguardava, encostado ao parapeito da muralha. Censurou-a por chegar atrasada, afirmando terem já perdido uma boa meia-hora. Emília não lhe respondeu, limitando-se a segui-lo quando ele se encaminhou para outra porta. Quando ia a transpô-la, olhou para trás e viu a débil claridade da lanterna que entregara a Annette. A criada continuava no seu posto, esperando pela patroa. “Voltarei?” — foi o pensamento de Emília, enquanto seguia o seu guia. para lá da porta havia uma espécie de corredor, iluminado por um archote pousado no chão. Emília teve medo e recusou-se a ir mais adiante, se Annette não a acompanhasse. Bernardino, porém, protestou, entremeando palavras duras com pormenores sobre madame Montoní, que excitaram por tal forma sua compaixão que mais uma vez cedeu e o acompanhou até à porta principal. Bernardino ia adiante, iluminando o caminho com um archote. No fim do corredor, abriu uma porta. Alguns degraus conduziam à capela em ruínas. Emília examinou com terror as paredes fendidas, cobertas de bolor esverdeado, a abóbada desmoronada em muitos pontos, as janelas góticas cujos vitrais haviam desaparecido para dar passagem à hera e outras trepadeiras bravas cujas folhagem se enroscava em volta dos capitéis. Bernardino tropeçou numa pedra e soltou tremenda praga, que ecoou, estranhamente, naquele santo lugar. O coração de Emília tremeu mas, mesmo assim, continuou a segui-lo até uma das caves laterais da capela.

— Vamos descer-avisou o homem, apontando nova escada que devia ir ter à cripta

Parou e a tremer perguntou-lhe para onde a conduzia.

— Para a torre da porta principal.

— Não podíamos ir pela porta da capela?

— Não, signorina. Teríamos de atravessar o segundo pátio, e eu não quero arriscar-me a ser descoberto. Este caminho conduz-nos lá sem perigo. Vamos, não posso ficar aqui toda a noite.

Depois destas palavras proferidas com impaciência, continuou a andar, levando a luz, o que obrigou Emília a segui-lo, apesar dos seus receios cada vez maiores. No fim da escada meteram por um corredor subterrâneo cujas paredes ressumavam humidade. A espécie de nevoeiro que os envolvia era tão intensa que Bernardino chegou a recluir-se e apagasse o archote. Parou um instante para dar tempo a que ele se ateasse. Durante esta paragem, Emília distinguiu a seu lado uma grade, para lá da qual viu um monte de terra que parecia tirado de uma cova, recentemente aberta. Fosse onde fosse, semelhante espetáculo infundir-lhe-ia pavor, mas naquelas circunstâncias pior ainda. Ocorreu-lhe ser a cova da tia e que o porteiro a levava ali para a matar também. Aquele local oculto nas profundezas da terra parecia-lhe o mais próprio para se consumir um assassinato sem perigo, sem que ninguém

pudesse descobri-lo. Trémula de medo, não sabia o que fazer. Fugir, nem pensar nisso. A extensão do caminho percorrido e as mil voltas dadas impediam-na de voltar a fazê-lo sem ter quem a guiasse. Além disso, as pernas vergavam-lhe e não podia dar um passo. Pálida de terror e ansiedade, aguardou que Bernardino reavivasse o archote. Não conseguia desviar a vista da cova e não pôde deixar de perguntar para quem a destinavam. O porteiro, porém, contentou-se em abanar a cabeça e continuou a andar sem lhe responder. Atingiram, por fim, nova escada de pedra que subiram e encontraram-se no pátio principal, limitado pelas altas muralhas. Profundas arcadas, fechadas por grades, deixavam entrever o vulto do castelo com os seus torreões atarracados, que formavam estranho contraste com as imensas torres da entrada. Neste cenário sombrio, destacava a figura lúgubre e disforme de Bernardino, envolta no clarão do archote. Estava embuçado num capote cinzento, comprido, por baixo do qual apareciam as grossas sandálias presas com fitas entrelaçadas nas pernas e a ponta do sabre que trazia a tiracolo. Na cabeça, uma espécie de boina preta adornada com pequena pluma. As feições, fortemente acentuadas, revelavam instintos perversos e caráter astucioso, rabugento e intratável.

Todavia, quando se encontrou no pátio, Emília ficou mais sossegada. Começou a confiar em Bernardino e a considerar insensatos os seus receios. Ao atravessar o vasto quadrilátero, olhou para a janela que ficava por cima do arco abobadado e perguntou ao seu guia se era a do quarto onde estava presa madame Montoni, estranhando por não ter luz. Como falou em voz baixa, talvez o homem não a tivesse ouvido, porque não lhe respondeu. Continuaram a andar até que, parando junto de uma das torres, ele declarou:

— A signora está presa lá em cima. Suba.

O clarão do archote, batido pelo vento, iluminou em cheio o rosto sinistro do guia e o aspecto sombrio do local onde se encontravam! Paredes ásperas, uma escada de caracol, escura e antiga, de cujas paredes pendiam algumas armaduras ferrugentas e armas seculares.

Chegando ao primeiro andar, Bernardino abriu uma porta.

— Entre para este quarto e espere aqui por mim. Vou avisar a signora da sua visita.

— É desnecessária a precaução — protestou-Emília — minha tia ficará contentíssima quando me vir.

— Como pode garanti-lo? Entre para aqui — teimou, apontando-lhe o quarto — Eu já volto.

Ficou surpreendida e magoada com estes modos bruscos, mas não se atreveu a protestar. Como ele se preparasse para levar o archote, suplicou-lhe para não a deixar às escuras. O homem olhou em volta de si e, vendo o candelabro de três braços suspenso do teto, pendurou-o, acendeu-o e entregou-lhe.

Depois dele fechar a porta, a prisioneira teve a impressão de que tinha descido em vez

de subir. Todavia, o assobiar do vento engolfando-se na escada não lhe permitiu que o som dos passos chegasse, distintamente, até aos seus ouvidos. Por cima, no quarto que Bernardino afirmara ser, o da tia, não se percebia o mais pequeno ruído. A sua ansiedade era cada vez maior. No entanto, pensou que numa torre daquelas, a espessura das paredes devia ser obstáculo para a transmissão do som. Pouco depois, no entanto, quando o vento abrandou um pouco, ouviu os passos de Bernardino no pátio e até a sua voz. Aproximou-se da porta e tentou abri-la devagarinho. Porém, verificou estar fechada pela parte de fora. Então, todos os seus temores renasceram. Tudo aquilo era a confirmação dos pressentimentos que tivera sobre o seu destino fatal. Madame Montoni devia ter sido assassinada naquele quarto onde acabava de ser encerrada para sofrer a mesma sorte.

Ao clarão de um archote colocado, possivelmente, sob o arco da entrada, viu, projetada no pavimento do pátio, a sombra de um homem, mas outras sombras que se moviam à volta indicaram-lhe não estar ele sozinho.

Quando conseguiu recuperar um pouco de sangue frio, pegou no candelabro e percorreu todos os recantos do quarto, na esperança de encontrar meio de fugir. O aposento era vasto, com as paredes revestidas de madeira de cedro. Além da porta por onde havia entrado, viu uma janela gradeada. Como mobiliário, uma única cadeira de ferro, colocada ao centro da casa, do qual pendia forte corrente, presa ao teto por um anel do mesmo metal. Examinando este objeto, reparou, num misto de surpresa e horror, numas barras de ferro que deviam servir para prender os pés, e em argolas soldadas aos braços da cadeira. Adivinhou que aquela máquina infernal devia ser um instrumento de tortura e que, possivelmente, um desgraçado preso com aquelas cadeias teria morrido de fome. Sentiu-se gelar até à medula dos ossos e recuou para o fundo do quarto. Olhou em volta, procurando uma cadeira ou banco onde pudesse sentar-se. Só então reparou numa espécie de cortinado negro, que pendia do teto até ao chão, ocultando uma parte do aposento. No estado de espírito em que se encontrava, aquela cortina inspirou-lhe instintivo terror e ficou imóvel, sem poder dar um passo para se aproximar dela. Qualquer coisa lhe dizia que por trás se ocultava um mistério. Desejava, e ao mesmo tempo receava, afastá-la. Duas vezes estendeu a mão e duas vezes a deixou cair, recordando o terrível espetáculo entrevisto na sala vermelha do castelo. De súbito, ocorreu-lhe o pensamento de que o corpo da tia assassinada se encontrava ali escondido. Então, sem hesitar, afastou a cortina... Viu, efetivamente, o cadáver de um homem, lívido, com as feições contraídas pelo sofrimento desfiguradas pela morte. O sangue inundava o sofá baixo em que estava estendido e corria para o chão das inúmeras feridas que tinha no rosto. Emília fitou o tremendo quadro com olhar alucinado; o candelabro caiu-lhe da mão e a pobre menina tombou no chão sem sentidos.

Quando voltou a si, viu-se rodeada por desconhecidos e nos braços de Bernardino, que a transportava para fora do quarto. Teve a consciência do que se passava, mas a fraqueza

não lhe permitiu articular um som ou opor a menor resistência. Desceram a escada, passaram o arco em abóbada e depois pararam. Um dos homens tirou o archote das mãos de Bernardino e abriu a porta da esplanada. Lá fora encontravam-se numerosos cavaleiros. Talvez o ar fresco reanimasse Emília ou o aspecto daqueles homens lhe restituísse a consciência do perigo. Fosse pelo que fosse, conseguiu gritar e debater-se nos braços que a prendiam, tentando libertar-se.

Entretanto, Bernardino pedia para lhe restituírem o archote. Responderam-lhe vozes afastadas. Arrastaram Emília para fora e levaram-na para junto de um homem que auxiliava outro a selar o cavalo. Rodeavam-nos outros homens, cuja fisionomia aterradora sobressaía ao clarão dos archotes.

— Para que perdem tempo! — protestou Bernardino, soltando uma praga, apurando o ouvido para os lados do castelo — Vamos, aviem-se! — Está quase pronta — replicou o homem que compunha a sela, enquanto Bernardino praguejava de novo contra o descuido que ocasionava tanta demora.

Emília, que gritava por socorro sem que os seus débeis gritos pudessem ouvir-se, foi arrastada para o meio dos cavaleiros, que discutiam para resolver qual deles lhe cederia o cavalo, visto o dela ainda não estar pronto.

Nessa altura, a porta do castelo abriu-se para dar passagem a um grupo tumultuoso.

Emília distinguiu a voz esganiçada de Annette e viu Montoni e Cavigny aproximarem-se, seguidos por numerosos homens de armas. A sua aparição não lhe causou medo, mas antes alegria, pois não pensava sequer nos perigos que a esperavam no castelo donde ansiava por fugir. Os novos perigos entrevistados afiguravam-se-lhe muito maiores.

Travou-se rápida luta da qual Montoni e os seus homens saíram vitoriosos. Os cavaleiros, em menor número e talvez pouco interessados na aventura em que se haviam metido, fugiram a galope. Bernardino aproveitou a escuridão da noite para desaparecer e Emília foi reconduzida ao castelo.

Durante o trajeto, recordou com horror o que tinha visto no quarto da torre e, quando ouviu a porta fechar-se com estrondo e cair a grade que de novo a prendia entre aquelas sinistras paredes, estremeceu e, esquecendo o perigo que acabava de correr, pensou, quase com pesar, que estivera a dois passos da vida e da liberdade.

Montoni ordenou-lhe que fosse esperá-lo na sala de cedro onde pouco depois apareceu para a interrogar com severidade sobre a misteriosa aventura. A infeliz, conquanto visse nele o assassino da tia e mal conseguisse ocultar o horror que a sua presença lhe inspirava, conseguiu responder-lhe com firmeza e dignidade e convencê-lo de que não tinha sido cúmplice da conspiração. Montoni mandou-a embora quando na sala entrou todo o pessoal do castelo, convocado para ver se descobria o culpado.

Quando recolheu ao quarto, Emília encontrava-se em tal estado que mal podia recordar

o que se havia passado. Não conseguia afastar do pensamento o cadáver oculto atrás da cortina. Soltou um gemido que assustou Annette, a quem não tinha revelado a terrível ocorrência com receio da vingança de Montoni.

Obrigada a guardar consigo mesma tão pavoroso segredo, quase se sentia enlouquecer. Fixava a criada com olhar alucinado e sem expressão, quando esta lhe falava não a ouvia ou respondia-lhe com palavras sem nexos; depois voltava a confinar-se num mutismo e imobilidade assustadores. De vez em quando, soltava um suspiro, mas não podia chorar. Annette assustou-se e correu a prevenir Montoni do estado da patroa. O castelão, que acabava de interrogar os criados, sem ter conseguido saber o que pretendia, apressou-se a segui-la até ao quarto da sobrinha.

Quando lhe ouviu a voz, a pobre menina, como se débil raio de luz lhe tivesse penetrado no cérebro, levantou-se e recuou, lentamente, até ao fundo do quarto. Enquanto Montoni lhe falava num tom mais brando do que o habitual, examinou-o com expressão mista de curiosidade e terror e respondeu-lhe com um sim a todas as perguntas, como se de tantas impressões recebidas, apenas subsistisse a do medo.

Quando Montoni saiu, voltou-se para Annette e perguntou-lhe quem era aquele homem. A criada disse-lhe o nome que ela repetiu, maquinalmente, voltando a cair na sua apatia. Cada vez mais assustada, Annette encaminhou-se para a porta, no intuito de ir pedir a uma das criadas para passar a noite com ela. Emília. Porém, vendo-a afastar, chamou-a e, em tom lamentoso, suplicou-lhe para não a abandonar ali sozinha.

— Todos me abandonaram depois da morte do meu querido pai! — lamentou.

Ao recordar o pai, as lágrimas subiram-lhe aos olhos. O choro aliviou-a, restituindo-lhe a calma. Annette auxiliou-a a meter-se na cama e, tão dedicada como simples, esqueceu o terror que lhe inspirava aquele quarto e toda a noite velou pelo sono da desventurada rapariga.

XXIII

A Aparição

Algumas horas de repouso bastaram para acalmar o espírito de Emília e restituir-lhe as forças. Quando acordou viu, com surpresa, Annette adormecida na poltrona que se encontrava junto do leito. Em vão tentou lembrar-se dos acontecimentos da noite antecedente, pois se lhe haviam varrido da memória por completo. Olhava para Annette com espanto, quando esta acordou por sua vez.

— Reconhece-me, mademoiselle? — foi a sua primeira pergunta.

— Se te reconheço? — repetiu Emília com estranheza — Por que não o faria? És a minha boa Annette. Como te encontras aqui?

— Esteve tão doente, mademoiselle, tão doente, que receei...

— É estranho! — murmurou Emília — Tenho a impressão de que um sonho doloroso me fatigou o cérebro. Seria na verdade um sonho? — acrescentou com ansiedade.

E olhou com terror para Annette que, a fim de a tranquilizar, afirmou:

— Não foi sonho, mas, felizmente, já passou tudo.

— Passou! — protestou Emília — Eles mataram-na então?

Annette soltou um grito. Ignorando o ocorrido e a dolorosa circunstância a que aludia Emília, imaginou que tivesse sido atacada por segundo acesso de delírio. A medo, recordou-lhe a tentativa do rapto de que havia sido vítima, cujo autor ainda não pudera ser descoberto. Afirmou ainda ter sido ela, Annette, quem a salvara.

— É verdade, mademoiselle. Jurei a mim mesma ser mais esperta do que o patife do Bernardino, por ele não ter querido confiar-me o seu segredo e fiz o possível para descobri-lo. Fiquei perto da porta onde me ordenou que a esperasse e, quando passou consigo para o terraço, segui-os. Tantos mistérios afiguravam-se-me suspeitos. Como ele deixasse a porta encostada, fui atrás e, guiada pela luz, percorri o caminho que seguiam até que entraram na capela. Nessa altura, não me atrevi a ir mais longe, pois ouvira contar muita coisa respeito dela. Por outro lado, aterrava-me a ideia de a deixar sozinha com aquele homem. Por fim, enquanto Bernardino espreitava o archote, resolvi-me e acompanhei-os na sombra, até que chegaram ao pátio. Receando que me descobrisse, meti-me num canto, enquanto ele a levou para a torre. A certa altura, ouvi a tropeada de cavalos lá fora e vozes gritando por Bernardino, protestando, pois se demorava a entregar-lhes a pessoa que vinham buscar. Adivinhei que se tratava de mademoiselle e resolvi apanhar Bernardino nas próprias redes. Queria salvá-la, pois pressentia ser o rapto obra do conde Morano, apesar de afirmarem que já partira para Veneza. Corri para o castelo e não sei como não me perdi nos subterrâneos da capela. É extraordinário! Naquela altura nem sequer me lembrei dos fantasmas, enquanto neste momento nem por todo o oiro do mundo eu consentiria em lá voltar. Felizmente, o patrão e o senhor Cavigny ainda estavam a pé. Reuniu os seus homens e conseguiu vencer os raptos e salvá-la.

Quando Annette concluiu a narrativa, Emília, que a escutara em silêncio, decidiu de repente:

— Preciso falar-lhe. Onde está ele?

— Quem, mademoiselle?

— O senhor Montoni. Onde está?

Annette levantou-se e encarregou-se de ir avisá-lo.

As suspeitas da criada sobre o conde Morano não eram infundadas. Emília partilhava-as e o próprio Montoni, a quem haviam repetido as ameaças do conde, não só o considerava como autor da tentativa de rapto, como pressentia que o veneno deitado no vinho e que fizera estalar a taça de cristal, fora preparado por ordem de Morano.

Os protestos de arrependimento feitos pelo conde quando se supunha ferido, mortalmente, pela espada de Montoni, eram sinceros, mas ele mesmo se iludia sobre a

natureza dos seus sentimentos. Supondo condenar os seus projetos criminosos, apenas lamentava que tivessem falhado. O remorso não era mais do que o desgosto pelo mau êxito da empresa. Uma vez restabelecido, voltou à ideia fixa e preparou-se para obter a desforra. O porteiro do castelo, que da primeira vez o auxiliara, deixou-se tentar pela segunda vez e combinou com ele o rapto de Emília. O conde anunciou a sua partida, abandonou o lugarejo

Onde se abrigara enquanto ferido e instalou-se com os seus homens a algumas milhas de distância. Viu-se como Bernardino soube tirar partido das inquietações de Emília sobre o destino da tia e as aproveitou para a atrair a uma cilada, e como o conde, que em segredo havia regressado ao povoado na noite do rapto, falhou a segunda tentativa. Não seria possível descrever a cólera, e as palavras violentas, que desvairaram o impetuoso Italiano quando o soube.

Entretanto, Annette desempenhou-se do seu encargo junto de Montoni. A medida que se aproximava a hora da entrevista solicitada, Emília tremia de horror só com o pensamento de ter de se defrontar com o tirano, e quase desfalecia. Como abordar o terrível assunto? Por outro lado, como poderia calar-se e não protestar contra a morte da tia? Não seria tornar-se cúmplice do crime? Além disso, a catástrofe representava o único motivo que poderia invocar ao solicitar licença para regressar à pátria.

Enquanto se entregava a estes pensamentos, Annette voltou para lhe comunicar que Montoni só a receberia no dia seguinte, declaração que lhe tirou um peso de cima do peito. Ficou contente e nem sequer escutou Annette, que lhe dizia suspeitar de nova expedição e da próxima entrada em campanha dos homens de Montoni, a ajuizar pelos preparativos que presenciara. Abandonando-se mais uma vez aos seus pensamentos, dispensou a companhia da criada e passou o dia numa tranquilidade aparente, natural reação e consequência do seu abatimento.

Quando caiu a noite, recordou a melodiosa música que lhe chegara aos ouvidos numa das noites anteriores e alimentou a esperança de que mais uma vez os suaves acordes servissem de lenitivo aos seus sofrimentos. Sentou-se perto da janela, aguardando que ela se fizesse ouvir. A certa altura, teve a impressão de ouvir alguém falar muito perto dela, mas como essa impressão não se repetisse, supôs ter sido uma ilusão dos sentidos ou fantasia da sua exaltada imaginação.

O tempo foi passando. Ia dar meia-noite. Todos os ruídos, mais ou menos afastados, que animavam o castelo se extinguíram quase simultaneamente, como se o sono envolvesse no seu manto benéfico todos os seus habitantes. Emília, encostada ao parapeito, foi arrancada ao seu devaneio por sons muito diferentes dos que esperava. Não eram notas suaves, mas sim suspiros sufocados de uma pessoa desesperada. Apavorada, tentou descobrir donde partiam as lamentações. No andar debaixo existiam muitos quartos desabitados. Calculando que talvez ali estivesse preso alguém, debruçou-se para ver se descobria qualquer luz. As janelas, pelo menos as que podia ver, estavam mergulhadas na escuridão; porém, no parapeito da muralha, a pouca distância, pareceu-lhe avistar um vulto. A claridade projetada pelas estrelas era muito fraca para poder distinguir, nitidamente, quem era... talvez a sentinela. Foi esconder o candeeiro, a fim de poder observar o que se passava lá fora sem ser notada.

O vulto reapareceu, deslizou, lentamente, ao longo da muralha e parou diante da sua janela. Reconheceu tratar-se de uma pessoa, mas o passo lento e leve não devia ser o da sentinela. Emília hesitou. A curiosidade incitava-a a permanecer à janela, enquanto o receio por qualquer coisa vaga que não sabia definir a aconselhava a retirar-se.

Enquanto se debatia nesta irresolução, o vulto aproximou-se mais e imobilizou-se, hirto, muito apumado. Estava tudo calmo e silencioso. Esse silêncio e o vulto fantástico destacando-se na escuridão, impressionaram-na por tal forma, que resolveu fechar a janela. Ia fazê-lo quando o vulto se moveu, deslizou e sumiu-se nas sombras da noite.

Emília conservou-se ainda algum tempo à janela, fixando o ponto onde a sombra desaparecera. Por fim, abandonou o seu posto muitíssimo preocupada com o singular fenómeno, pois não duvidava de ter sido testemunha de uma aparição sobrenatural.

Decorrido algum tempo, acalmou e tentou encontrar explicação mais racional. Recordou tudo quanto ouvira dizer das audaciosas aventuras de Montoni e calculou ter visto um dos desgraçados que, depois de despojados pelos bandidos, ainda eram feitos prisioneiros para pagarem resgate. Por outro lado, era mais vulgar os bandidos matarem aqueles a quem roubavam do que trazê-los consigo para o castelo. E depois, como seria possível um prisioneiro passear de noite pela muralha, sem ser vigiado?

Pensou também ser provável que o conde Morano tivesse encontrado forma de introduzir-se no castelo, mas os perigos e dificuldades de semelhante tentativa, logo destruíram esta hipótese. De resto, se o conde tivesse conseguido chegar até ali, ter-se-ia contentado em contemplar a janela do seu quarto, conhecendo o segredo da escadinha secreta?

Seria um inimigo que tentasse apoderar-se do castelo e viesse fazer um reconhecimento? Os suspiros sufocados, porém, não concordavam com esta suposição.

Todas estas conjecturas mais concorreram para redobrar a sua perplexidade. Na impossibilidade de descobrir quem seria a pessoa que àquela hora desabafava a sua dor em gemidos tão lamentosos, persistiu em pensar que a deliciosa música e a aparição tinham relação entre si.

Decidiu que na noite seguinte velaria para desvendar, se fosse possível, aquela extraordinária circunstância. Pensou também que, se o vulto desconhecido tornasse a aparecer, teria coragem de o interrogar.

XXIV

Ainda a Aparição

No dia seguinte de manhã, Montoni mais uma vez se escusou a receber Emília.

Surpreendida com esta atitude, calculou que a consciência o acusava e ele recuava perante a explicação.

À tarde, voltou um dos bandos que havia partido para uma incursão pela montanha. No

seu quarto, apesar de afastado, Emília ouviu os seus clamores e cânticos de vitória, espécie de urros tão ferozes e violentos, que chegou a temer não fossem eles o prelúdio de um ato de selvageria. Annette desvaneceu-lhe a apreensão, revelando-lhe terem sido provocados pela quantidade e qualidade dos despojos. Isto confirmou-lhe a ideia de ser Montoni capitão de bandidos, tentando refazer a sua fortuna com pilhagens e resgate dos viajantes que surpreendia. Quando meditava na situação quase inacessível do castelo, alcandorado no alto de um monte escarpado e solitário, à beira de uma estrada por onde passavam ricos mercadores e senhores poderosos, reconhecia estar este lindamente colocado para servir os projetos de rapina do seu dono. O caráter violento e audacioso de Montoni também estava de acordo com semelhante profissão. Adorava as batalhas e a vida movimentada, desconhecia os sentimentos de compaixão e bondade e a sua coragem cega tinha qualquer coisa da ferocidade das feras.

Contudo, a suposição de Emília, por muito verosímil que fosse, não era completamente exata. Ignorava a situação da Itália naquela época e os interesses múltiplos dos diversos Estados em que se encontrava dividida, sempre em luta uns com os outros. Alguns desses Estados não possuíam rendimentos bastantes para a manutenção de um exército, mesmo pequeno. Surgiu então uma classe de homens, desconhecidos nos nossos dias e dos quais a História nos descreve o caráter. Entre os soldados licenciados nos intervalos das guerras, poucos deles, durante o tempo de paz, se ocupavam com profissões lucrativas.

A maior parte alistava-se nos exércitos dos que estavam em luta. Uma vez organizavam-se em bandos separados e independentes, outros serviam debaixo da bandeira de qualquer chefe popular, ao serviço de um príncipe ou de uma república, que não lhes regateava a coragem. A esses homens chamavam condottieri, nome temido em Itália durante o extenso período, que só terminou em princípios do século XVII.

As guerras entre os diversos Estados não eram mais do que expedições. As probabilidades de êxito calculavam-se pela bravura pessoal do chefe e dos seus soldados. Desprezava-se a táctica militar, bastava surpreender o inimigo ou retirar em boa ordem. O capitão devia arriscar-se nas situações mais perigosas a fim de estimular os soldados e, muitas vezes, entre dois partidos ignorantes das respectivas forças, o ataque inicial decidia o resultado. Quase sempre, os condottieri constituíam a maioria das tropas; à vitória seguia-se a pilhagem e esses homens, devido aos seus instintos belicosos e vícios, eram temidos pelos próprios aliados. Quando não estavam a soldo de ninguém, o capitão descansava no seu castelo e os seus homens, instalados nos arredores, entregavam-se a completa ociosidade. Viviam à custa dos povoados que pilhavam, ou então os despojos alcançados com as últimas aventuras bastavam-lhes para viver sem sobrecarregar o chefe.

Os governos, por vezes, pensavam em dissolver estas associações militares, mas, além de ser difícil a tarefa, gostavam de ter à mão tropas adestradas para utilizarem em tempo de

guerra e que, em tempo de paz, não representavam qualquer encargo. Os capitães contavam tanto com esta política, que não receavam exhibir-se nas próprias capitais dos Estados.

Montoni passara muito tempo em Pádua e Veneza, gastando a sua fortuna nas casas de jogo, e depois a ruína sugeriu-lhe a ideia de se fazer condottiere. Para isso reuniu-se com alguns aventureiros, entre os quais Orsino, pondo em comum os bens que lhes restavam.

Emília, mais do que nunca ansiosa por falar com Montoni, mandou Annette pedir-lhe nova entrevista, que este se dignou conceder-lhe. Chamando a si toda a sua coragem, dirigiu-se à sala de cedro onde o encontrou rodeado pelos seus homens. Alguns deles voltaram-se quando ela entrou e não puderam reprimir um grito de admiração. Para se subtrair a tantos olhares atrevidos, Emília passou para outra sala, onde Montoni, com ar descontente, pouco depois apareceu. Quando viu diante de si aquele semblante feroz e sombrio, a pobre rapariga não pôde deixar de tremer, lembrando-se de ter na sua frente o assassino da tia.

Transtornada pelo terror que ele lhe inspirava, não conseguiu dizer palavra, até que Montoni lhe perguntou:

— Finalmente, o que pretende? Não tenho tempo para perder com bagatelas. Diga o que deseja e depressa.

Emília declarou-lhe então que desejava voltar para França e para isso vinha pedir-lhe autorização.

Montoni olhou-a com surpresa e teve a curiosidade de conhecer os motivos que a impeliavam a tal pedido. Como a visse empalidecer, tremer e quase desmaiar, indiferente a tanta emoção, intimou-a a falar. Caso contrário, poderia retirar-se.

— Não devo continuar aqui — respondeu ela num esforço de vontade — e pergunto-lhe com que direito me prende no castelo.

— Com o direito conferido pela minha vontade. Não se atrevendo a lutar abertamente, a pobre tentou justificar o pedido.

— Enquanto minha tia foi viva — murmurou tremendo — a minha situação podia explicar-se. Mas agora ela morreu, e é justo que me deixe partir. A minha presença no castelo não deve ser-lhe agradável e a mim só me causaria aborrecimentos.

— Quem lhe disse que madame Montoni tinha morrido? — perguntou o castelão, fixando-a com olhar penetrante.

Emília hesitou. Ninguém lhe dissera, mas não se atrevia a revelar o que tinha visto no quarto da torre.

— Então, quem lhe disse? — insistiu ele.

— Perdoe-me se não lhe revelo. Sei-o e é quanto basta.

E, já sem forças, deixou-se cair numa cadeira.

— Se quiser vê-la, pode visitá-la. Está na torre de leste.

E, sem mais uma palavra, voltou costas e regressou à sala onde se encontravam os seus

homens. Estes não conheciam a sobrinha, e começaram a gracejar com Montoni sobre a entrevista que acabava de ter com ela. O castelão, porém, não lhes admitiu os gracejos e mudou de conversa.

Entretanto, Emília, depois da declaração de Montoni, não mais se lembrou do pedido que lhe fizera para abandonar o castelo. Todos os seus pensamentos convergiam para a infeliz castelã. Encontrava-se, segundo o marido afirmara, na torre de leste. Estaria morta e ele levaria a lutar por muito tempo com sentimentos contraditórios até que, por fim, se decidiu a aproveitar a licença de Montoni e ir prestar a última homenagem aos restos da infeliz senhora. Chamou a si toda a sua coragem para afrontar o espetáculo inevitável, sentindo que a consciência de ter cumprido esse último dever seria para ela uma consolação no futuro. Annette tentou em vão desviá-la desse propósito, mas, por fim, consentiu em acompanhá-la até à porta da torre. Nenhuma consideração humana seria bastante forte para a obrigar a ir mais longe e a entrar no quarto de uma morta.

Quando chegaram à porta da torre, que Emília já conhecia, Annette deixou-a subir sozinha. Ao ver mais uma vez o rasto de sangue, o coração quase lhe saltou do peito. Obrigada a parar, esteve a ponto de voltar para trás. Decorridos uns momentos, porém, retomou a coragem e recomeçou a subir.

Ao atingir o último patamar, recebeu encontrar a porta fechada, como da primeira vez que ali estivera, mas não foi assim. Abriu a porta sem esforço e encontrou-se num quarto sombrio, escassamente mobilado. Assustada, olhou em volta de si e deu alguns passos para um dos cantos donde lhe pareceu ouvir uma voz que lhe recordou, vagamente, a de madame Montoni. Numa cama, cujos cortinados arredou, viu um vulto descarnado, quase esquelético. O seu primeiro gesto foi de recuo. Depois dominou-se e a tremer tomou nas suas a mão exangue que a desgraçada lhe estendeu. Era, de fato, madame Montoni, mas tão desfigurada que só de longe lhe recordou a tia. Fitando a sobrinha com olhar febril, esta murmurou:

— Onde tens estado? Supus que também tu me tivesses abandonado.

— É a tia quem me fala ou uma aparição? — perguntou Emília, apertando a mão gelada como a de um cadáver — Fale-me, por Deus! Reconhece-me, diga-me?

— Reconheço, sim. Estou viva, mas sinto que vou morrer.

A sobrinha curvou-se para ela e apertou-a nos braços. Conservaram-se assim durante algum tempo, confundindo as lágrimas. Por fim, Emília perguntou-lhe quem a tinha reduzido àquele estado.

Montoni, ao encerrar sua mulher naquela torre, exigiu dos seus cúmplices o mais absoluto segredo. Pretendia privá-la do amparo da sobrinha e poder matá-la em segredo, se as suas suspeitas se confirmassem. A consciência dos seus erros e culpas e o ódio que sua mulher alimentava contra ele, bastavam para o levar a admitir, mais do que a razão o permitia, a tentativa de envenenamento de que a acusara. Encerrou a infeliz na torre e, sem piedade e

sem remorsos, mesmo quando adquiriu a certeza da sua inocência, deixou-a debatendo-se com a doença e com a febre que a minavam, lentamente, até a levarem às portas da morte. O rasto de sangue que tanto assustara Emília fora produzido pelo ferimento recebido durante a luta, por um dos acólitos de Montoni. Quando, na primeira visita, tentara abrir a porta sem o conseguir, a tia estava profundamente adormecida e daí o silêncio que lhe inspirara a certeza da morte de madame Montoni. Quanto ao espetáculo terrível perante o qual desmaiara, o cadáver ensanguentado era o do desgraçado, mortalmente ferido, o mesmo que fora transportado para a sala onde ela se ocultara. Os sofrimentos do pobre homem duraram dois ou três dias. Depois da sua morte, transportaram-no no mesmo colchão onde havia expirado, deixando-o ali para ser sepultado na cova aberta na capela subterrânea, que Emília atravessara na companhia de Bernardino.

Depois de conversar, longamente, com a tia, deixou-a para ir falar com Montoni. O interesse pela moribunda levou-a a afrontar a cólera do vingativo castelão, sem pensar nas fracas possibilidades de êxito da tentativa.

— Madame Montoni está a morrer — disse-lhe quando o encontrou — Não creio que a sua cólera a persiga até ao último suspiro. Dê ordem para a levarem outra vez para os seus aposentos e para lhe prestarem os cuidados que o seu estado exige.

— Para quê, se está a morrer? — retorquiu Montoni com a mais perfeita indiferença.

— Para lhe evitar remorsos, quando um dia se encontrar na mesma situação.

Irritado, ordenou-lhe que saísse imediatamente; Emília, porém, não querendo deixar a tia morrer naquelas condições, resignou-se à humilhação e passou às súplicas, ajoelhando aos pés de Montoni, que por muito tempo resistiu.

Por fim, como se uma parcela da compaixão que enchia o coração da sobrinha passasse para o dele, acabou por consentir que transportassem madame Montoni para os seus antigos aposentos, onde Emília poderia tratá-la. Esta mal teve tempo para lhe agradecer, correndo para fora do quarto com receio de chegar tarde ou Montoni se arrependesse. Auxiliada por Annette, preparou a cama para a tia, preveniu-se com um cordial a fim de lhe sustentar as forças durante o trajeto e, chamando alguns criados, conseguiu reinstalá-la no antigo quarto. Durante todo o dia a vigiou com a mais carinhosa solicitude. Esquecia a tutora imperiosa para ver em madame' Montoni a irmã do pai adorado, com direito tanto à sua compaixão como à sua ternura.

Quando chegou a noite, dispunha-se a permanecer no quarto, mas a tia exigiu que fosse deitar-se. Annette bastaria para ficar junto dela. Emília obedeceu e seria meia-noite quando se retirou, mas não para se deitar.

Com o coração dilacerado pela desesperada situação da tia, não pôde deixar de refletir na sua própria desgraça para a qual não encontrava remédio. Fechada naquele castelo isolado, longe dos amigos, se por acaso lhe restasse algum, como libertar-se do poder de um

homem capaz de tudo até do crime, se o seu interesse e ambição lho aconselhassem?

Entregue a estas tristes reflexões, desejou respirar um pouco de ar fresco antes de se deitar e foi abrir a janela. A Lua subia por cima do arvoredor, iluminando a paisagem com a sua doce claridade. Encostada ao parapeito, Emília chorava, esmagada pela consciência da sua desventura. Quando tirou o lenço dos olhos, avistou no terraço, mesmo diante da sua janela, o mesmo vulto que na véspera lhe chamara a atenção, Estremeceu e o terror foi superior à curiosidade. Afastou-se da janela, mas não por muito tempo. Quando voltou, ele ainda não mudara de lugar, conservando uma imobilidade de pedra. Pôde examiná-lo à vontade, mas não lhe falou, como antes decidira. O vulto fez um movimento e estendeu o braço, como se pretendesse saudá-la. Emília ficou transformada em estátua, até que ele repetiu o gesto. Trémula, tentou falar-lhe, mas as palavras expiraram-lhe nos lábios. Saiu da janela para ocultar a luz, tal como fizera na véspera, quando ouviu um gemido.

— Meu Deus! Que quer isto dizer?

Escutou com atenção, mas não ouviu mais nada. Quando daí a bastante tempo voltou à janela, o vulto, ainda se encontrava no mesmo sítio e de novo estendeu o braço e deixou ouvir os mesmos gemidos.

“Só um ente humano pode gemer assim. Quero saber quem é esta criatura! — murmurou.

— Quem está aí? — perguntou em voz alta — Quem passeia pela muralha a estas horas?

A aparição ergueu a cabeça. De súbito, porém, começou a andar e afastou-se. Emília seguiu-o com a vista e viu-o desaparecer na sombra. Não ouviu mais nada até ao momento em que a sentinela se aproximou. O homem parou debaixo da Janela de mademoiselle de Saint-Aubert e chamou-a baixinho. Admirada, hesitava em responder-lhe, quando ele voltou a chamá-la. Quando Emília apareceu, o soldado perguntou-lhe, respeitosamente, se não tinha visto passar ninguém. Como ela afirmasse ter tido a impressão de distinguir um vulto, ele deu-lhe as boas noites e prosseguiu a ronda pelo terraço, desaparecendo quase logo. O soldado estava de sentinela e não podia ultrapassar certos limites; Emília aguardou o seu regresso. Não tardou a ouvi-lo soltar grandes gritos. Uma voz mais afastada respondeu-lhe, o posto deu sinal de alarme e um destacamento inteiro passou a correr debaixo da sua janela. Se fosse vaidosa, Emília teria suposto que um habitante do castelo se aventurara a vir até ali para a contemplar e declarar-lhe os seus sentimentos, mas essa ideia nem sequer lhe ocorreu. Além disso, esse alguém guardara silêncio e quando ela tentara falar-lhe, afastou-se. Enquanto ela se perdia em conjecturas, duas sentinelas passaram, conversando. Por algumas palavras, depreendeu que um dos homens havia desmaiado. Pouco depois, mais três homens se aproximaram devagar. Dois deles amparavam o terceiro, que falava em voz fraca. Quando chegaram perto, Emília chamou-os e perguntou-lhes se alguma coisa se tinha

passado. Os homens pararam, informando-a de que Roberto, o companheiro por eles amparado, tivera uma alucinação e, ao desmaiar, soltara um grito.

— Costuma ter dessas visões?

— Costumo, sim, mademoiselle — declarou Roberto — Mas embora já as tivesse tido, o que vi esta noite bastaria para assustar o próprio Papa.

— O que viu então? — perguntou Emília a tremer.

— Não posso bem dizer. Não sei como apareceu nem como desapareceu — respondeu o soldado, que estremecia só de o recordar.

— Seria a pessoa que perseguiu quando passou aqui quem lhe provocou tão grande terror? — insistiu Emília, tentando dominar o seu mau estar.

— A pessoa! Diga antes o diabo, faz favor. Não foi a primeira vez que o vi.

— E não será a última — acrescentou um dos camaradas, soltando uma gargalhada.

— Podes fazer troça à vontade, Sebastião. Mas não rias tanto quando há dias estavas de sentinela com o Lancelot.

— Há dias? Quando?

— Há uma semana. O mesmo vulto apareceu na muralha, do outro lado, mademoiselle.

Eu estava de guarda com o Lancelot. De repente, o meu camarada perguntou-me: “Vês alguma coisa, Sebastião?” “Não” — respondi, olhando para a esquerda. “Repara além, ao pé do canhão”. Olhei e, de fato, pareceu-me ver qualquer coisa. Mas, como não havia luar, não pude distinguir bem. Ficámos calados. Essa tal coisa deslizou ao longo da muralha e aproximou-se de nós.

— Deviam ter tentado agarrá-lo — observou o outro soldado que até aí se conservara em silêncio.

— Se lá estivesses tê-lo-ias feito? Serias capaz de agarrar o diabo? Só se estás habituado a essas familiaridades com ele. Mas, como ia dizendo, o vulto desapareceu de repente e durante o resto da noite não voltou a aparecer. No dia seguinte de manhã, contámos aos nossos camaradas, mas eles não quiseram acreditar e ainda troçaram de nós. Só esta noite, segundo afirma o Roberto, tornou a mostrar-se.

— Quando deixou de o ver, meu amigo? — perguntou Emília a Roberto.

— Depois de lhe falar, mademoiselle, continuei ronda até à muralha de leste. Como estava luar, vi uma sombra, fugindo diante de mim. Parei junto da torre e segui-a com a vista até ela desaparecer debaixo do arco. Ouvi também um som estranho: não era suspiro nem grito nem gemido, mas uma coisa muito diferente de tudo quanto tenho escutado até hoje. Não sei o que depois aconteceu. Quando' voltei a mim, encontrei-me no meio dos meus camaradas.

— Vamos — ordenou Sebastião — regressemos ao nosso posto. Boa-noite, mademoiselle.

— Boa noite, meus amigos. Que a Santa Virgem os proteja!

Fechou a janela e foi sentar-se na poltrona para refletir melhor no estranho incidente que tão bem se relacionava com as aparições anteriores. Procurou tirar conclusões mais racionais, mas a sua imaginação estava ainda muito exaltada e o raciocínio muito obliterado pelos terrores supersticiosos para conseguir formular ideias claras.

XXV

Presságio de Morte

No dia seguinte, madame Montoni encontrava-se no mesmo estado. Quase não dormira e os breves momentos de repouso não lhe proporcionaram melhoras. Quando a sobrinha entrou, sorriu e mostrou-se um pouco mais animada, mas pouco falou e nunca pronunciou o nome do marido. Pouco depois, o próprio Montoni entrou no quarto, visita que provocou grande agitação na doente. Não proferiu uma palavra. Simplesmente, quando Emília se dispunha a abandonar a cadeira que se encontrava junto do leito, lhe pediu para se deixar ficar.

— Montoni não desejava animar sua mulher nem pedir-lhe perdão. Pelo contrário, queria fazer a última tentativa para obter a assinatura, a fim de que, depois da sua morte, as propriedades do Languedoc viessem a pertencer-lhe e não a Emília, a herdeira legítima. De-desenrolou-se então uma cena terrível, durante a qual um empregou bárbara violência e a outra a enérgica firmeza de sempre, que sobrevivera às forças físicas, Emília, colocada entre os dois, afirmou preferir mil vezes renunciar aos seus direitos do que ver a tia, nos últimos momentos da sua vida, martirizada daquela maneira. Montoni, no entanto, manteve a sua atitude e só abandonou o quarto quando a sua infeliz mulher, esgotada pela luta, perdeu os sentidos. Esteve tanto tempo inanimada, que a sobrinha chegou a recear não tivesse ela morrido. Por fim, abriu os olhos e, vendo Emília que a chorar lhe apertava as mãos, tentou falar. Porém, falava tão baixo que não conseguiu fazer-se entender. Mais tarde, reanimada pelo medicamento ministrado pela dedicada enfermeira, a moribunda recuperou o uso da palavra e pôde dar-lhe indicações sobre as propriedades que possuía em França. Revelou-lhe o sítio onde ocultava os títulos e outros documentos subtraídos às buscas de Montoni e recomendou-lhe que nunca lhes desse.

Depois da confidência, que a deixou mais sossegada, madame Montoni caiu numa espécie de sonolência e assim se conservou até à noite. Quando despertou parecia muito melhor, como ainda não tinha estado desde o regresso aos seus aposentos. No entanto, só à meia-noite, Emília, depois de muito instada, consentiu em ir descansar um pouco para o seu quarto, depois de ter feito a Annette minuciosas recomendações.

Sentia-se, porém, muito preocupada para poder dormir. Preferiu ficar à janela, espreitando a misteriosa aparição que tanto a havia intrigado na véspera. Depois de renderem a segunda sentinela-hora a que a tinha visto — Emília foi ocultar a luz para não ser descoberta e voltou a apoiar-se no parapeito. A Lua derramava fraca claridade, porque as nuvens a

obscreciam por intervalos. Num desses intervalos, teve a impressão de que uma luzinha esvoaçava pela esplanada, mas foi tudo muito breve. A chama desvaneceu-se, nuvens voltaram a encobrir a lua. O firmamento, muito escuro, era sulcado, de espaço a espaço, pelos relâmpagos que iluminavam a paisagem com o seu lívido clarão. Por vezes, por cima de uma das mais altas montanhas, pesada nuvem entreabria-se, cortada por um ziguezague fulgurante, cujo fugaz esplendor penetrava até aos mais fundos precipícios. Depois, as trevas pareciam tornar-se ainda mais espessas. Outras vezes, ao clarão dos relâmpagos, o vulto imponente do castelo recortava-se, destacando no fundo luminoso do arco gótico as pesadas torres e as muralhas ameadas, por tal forma que todo o edifício aparecia e desaparecia como uma evocação fantástica.

Emília, dominada por este grandioso espetáculo, volveu os olhos para a esplanada e tornou a avistar a tal chamazinha. Ouviu passos e essa luz surgia e eclipsava-se como se estivesse em movimento. Viu-a passar debaixo da sua janela, acompanhada pelo marchar cadenciado da sentinela. Mas como a escuridão era profunda, não conseguiu descobrir o homem, mas somente a chama que parecia brincar em volta dele. Quis falar, chamá-lo para verificar se era um ente humano ou um ser sobrenatural, mas a voz faltava-lhe sempre que ia a abrir a boca. Por fim, como a luz se encontrasse mesmo por baixo da janela, perguntou em voz trémula:

— Quem está aí?

— Amigo — respondeu uma voz.

— Amigo? — repetiu Emília, sentindo renascerem-lhe as forças — Quem? Que luz é essa que traz aí?

— Sou António, um dos soldados do castelo.

— E essa luz — insistiu ela — veja como brilha para logo desaparecer!

— Esta luz — declarou o soldado — apareceu esta noite, tal como a vê, na ponta da minha lança e nunca mais me abandonou, desde que entrei de sentinela. A sua significação não sei.

— é estranho! — murmurou Emília.

— O meu camarada — prosseguiu o soldado — também tem uma chama igual na ponta do cachimbo. Afirmo não ser esta a primeira vez que assiste a tal Prodígio. Por mim, nunca o vi. De resto, estou no castelo há pouco tempo.

— Como explica o seu camarada este fenómeno? — perguntou Emília.

— Afirmo ser um presságio, mademoiselle, que nos anuncia qualquer coisa de mau.

— Mas o quê? ... Que desgraça?

— Não sei dizer-lhe mais nada, mademoiselle.

Emília ficou mais sossegada quando verificou tratar-se de um soldado e ocorreu-lhe que talvez na noite anterior tivesse sido o mesmo homem o causador dos seus terrores e

apreensões. Mas alguns momentos de reflexão bastaram para destruir esta hipótese. O vulto avistado, não se parecia, por pouco que o luar o iluminasse, com o soldado, nem na estatura nem no porte. Nem tão pouco usava armas. Além disso, a ligeireza dos passos — se passos se lhes podia chamar — os gemidos, a fuga precipitada, tudo representava um mistério pouco em harmonia com a simples condição de sentinela.

Resolveu interrogá-lo e perguntou-lhe se além do camarada, tinha visto alguém passear na esplanada, e em poucas palavras descreveu-lhe a aparição da véspera.

— Não estive ontem de guarda, mademoiselle — replicou o homem — mas contaram-me o ocorrido. Entre nós, existem muitos que acreditam em coisas muito estranhas e nas terríveis histórias contadas sobre o castelo. Por mim, não tenho razão para me queixar. O senhor tem sido muito generoso.

— Está bem, boa noite e seja prudente. Aqui tem isto pelo tempo que lhe tomei.

E atirou-lhe uma pequena moeda e fechou a janela para acabar com a conversa. Quando ele se afastou, tornou a abri-la e encostou-se ao parapeito, escutando com prazer o ribombar surdo dos trovões, ao longe, sobre as montanhas! O eco repercutia-os com redobrada força como se duas trovoadas se fizessem ouvir: uma mais afastada e outra mais perto. As nuvens que, de minuto a minuto, se tornavam mais espessas. Acabaram por velar a Lua por completo e tomaram o tom plúmbeo e violáceo, que procede as violentas tempestades.

Uma faísca, caindo de repente, obrigou-a a retirar da janela. Atirou-se para cima da cama, escutando com respeitoso terror o desencadear dos elementos que pareciam abalar os alicerces do castelo.

Decorreu algum tempo, quando no meio do fragor da tempestade, ouviu a voz de Annette, chamando-a. Quase logo esta abriu a porta e precipitou-se no quarto com o semblante transtornado pelo terror.

— Mademoiselle! A senhora morre!

Como louca, Emília correu para o quarto da tia. Quando entrou, viu-a inanimada, hirta e insensível. Supôs tratar-se de um desmaio e empregou todos os seus esforços para a reanimar. Tudo em vão. A infeliz exalava o último suspiro.

Reconhecendo que tudo se tornava inútil, Emília voltou-se para Annette e interrogou-a.

Ficou então sabendo que, depois de se ter ido deitar, a tia caíra numa espécie de modorra da qual passara para o sono da morte.

Depois de breve reflexão, resolveu participar o fato a Montoni só na manhã seguinte.

Temia que, desesperado com a notícia, ele pronunciasse contra a infeliz desaparecida, palavras duras que Emília, naquele primeiro momento, não poderia suportar. Tendo como única companhia a pobre Annette a quem o seu exemplo insuflava coragem, rezou o ofício dos defuntos e toda a noite velou junto do corpo. O clarão dos relâmpagos iluminava a desoladora cena, emprestando-lhe caráter ainda mais solene. Suplicando a Deus que se dignasse acolher

na sua misericórdia a alma da pobre morta, Emília, ao mesmo tempo, implorou para si o auxílio divino e teve a impressão de que o Espírito Consolador escutara e atendia as suas preces, fortificando-lhe o ânimo.

XXVI

A Canção da Gasconha

Quando, na manhã seguinte, Montoni soube que sua havia morrido sem lhe ter dado a assinatura que dela exigira, nem o mais simples sentimento das conveniências pôde conter a explosão da sua cólera. Emília fez o possível por lhe evitar a presença e durante dois dias e duas noites, velou o corpo da tia.

Profundamente emocionada com o trágico destino da infeliz, esqueceu todos os agravos, as injustiças e dureza, para se recordar apenas de quanto havia sofrido.

As suas orações não foram interrompidas por Montoni, que evitava o quarto onde dormiam os restos de sua mulher assim como aquela ala do castelo, como se receasse o contágio da morte. Apesar das insistentes súplicas de Emília, coisa alguma indicava preparativos para o enterro. Chegou a reear que, como supremo insulto pela memória de madame Montoni, ele lhe recusasse sepultura cristã. Ficou mais tranquila quando Annette lhe comunicou, da parte do castelão, que o enterro teria lugar nessa noite. Como Montoni lhe mandasse dizer que não assistiria, pareceu-lhe cruel que os despojos da sua infortunada tia descessem ao túmulo sem que um parente ou amigo lhes prestasse a última homenagem. Decidiu acompanhá-la, embora estremecesse de horror só com a perspectiva de ter de descer à capela, entre homens com caras patibulares, sozinha, à meia-noite, hora escolhida por Montoni para entregar ao esquecimento de um sepulcro ignorado os restos de uma mulher cujo fim fora obra da sua cruel perseguição.

Compenetrada pela dor e pelo respeito, com o auxílio de Annette vestiu a tia, envolveu-a na mortalha e aguardou a meia-noite. Quando chegou a hora, ouviu os passos dos homens que deviam levar à sepultura aquela vítima torturada que, na morte, repousava serena. Mal conseguiu reprimir um gesto de repulsa quando encarou os seus rostos grosseiros e cruéis. Dois deles, sem proferir palavra, carregaram, o caixão aos ombros, o terceiro precedeu-os com um archote aceso e todos se encaminharam para a capela subterrânea onde havia sido aberta a cova.

Impunha-se atravessar dois pátios, cuja escuridão e silêncio pouca impressão causaram no espírito de Emília, então ocupado com ideias bem tristes; pouca atenção deu ao piar' lúgubre dos mochos, aninhados nas ruínas e ao voo pesado dos morcegos, atraídos pela luz. Os dois homens entraram na capela e, depois de percorrerem as naves em ruínas, pararam junto de pequena escada de pedra que conduzia a uma porta baixa. O portador do archote desceu primeiro e abriu-a, patenteando aos olhos de Emília uma espécie de tenebroso abismo. O caixão foi conduzido até ao último degrau onde o terceiro bandido se encontrava

para o receber. Esmagada pela dor e pelo terror, Emília tomou o braço de Annette, que tremia tanto como ela. Parada no primeiro degrau, não encontrava em si forças para continuar e para ali ficou até que o fraco clarão do archote começou a desvanecer-se e o martelar dos passos se afastou. Então, como se a escuridão que começava a envolvê-las despertasse de novo os seus receios e o sentimento do dever fosse superior a tudo, recuperou a coragem. Guiada pelo débil clarão e pelo ranger da grade que girava nos gonzos, desceu e penetrou no subterrâneo; viu os homens que depunham o caixão no chão, junto de uma cova recém-aberta. Estavam ali um criado de Montoni e um padre de aspecto venerável, que rezou as orações fúnebres em voz baixa e comovida. Quando o corpo desceu à terra, o quadro era daqueles que tentaria o pincel de um Dominiquino. O semblante feroz e o traje estranho dos condottieri, inclinados para a cova sobre a qual faziam incidir o clarão dos archotes, as feições ascéticas e a barba branca do religioso, envolto no comprido hábito branco, a atitude comovente de Emília, encostada ao braço de Annette, revelando ambas profundo abatimento, os reflexos da luz na abóbada, os montículos de terra, indicando outras sepulturas, as sombras que envolviam a cena, todas estas circunstâncias reunidas teriam dado a um espectador estranho ao que se passava a impressão de um acontecimento ainda mais terrível do que o enterro da infeliz castelã.

Quando a cerimónia acabou, o sacerdote olhou para Emília com atenção e surpresa. Parecia animado pelo desejo de lhe falar, mas a presença dos condottieri inibia-o de o fazer. Enquanto o reconduziam através dos pátios não se coíbiavam de fazer indecentes comentários sobre o sacerdote e a santa cerimónia que acabava de realizar-se. Suportou tudo em silêncio, considerando como milagre se conseguisse entrar são e salvo no convento. Chegando ao último pátio, abençoou Emília e seguiu o homem que o acompanhou à porta principal. O semblante do venerando monge comoveu Emília. Fora ela quem, à força de muito suplicar, conseguira que Montoni mandasse chamar o padre para prestar as últimas homenagens aos despojos da tia. Annette disse-lhe que o santo homem pertencia a um convento situado na montanha, a poucas milhas de distância. O superior, que temia Montoni e os seus homens, com receio de o ofender com uma recusa, ordenou a um dos religiosos que fosse oficial no enterro. A caridade cristã e a santidade do dever a cumprir, foram superiores à repugnância do frade, que entrou no castelo a tremer; além disso, o chão da capela era considerado como terreno sagrado e nenhum padre poderia recusar-se a abençoar a cova da infeliz senhora. Emília passou os dias seguintes no mais absoluto recolhimento, chorando a tia e devorada de angústia e ansiedade pelo seu próprio destino. Por fim, decidiu fazer nova tentativa para obter de Montoni licença de regressar a França, embora o horror que lhe inspirava semelhante homem a obrigasse a adiar o projeto de dia para dia. Foi Montoni quem pôs ponto na hesitação, mandando-a avisar de que pretendia falar-lhe e marcando-lhe a hora para a entrevista. De princípio, animou-a o pensamento de que, tendo morrido a tia, ele se

dispunha a renunciar à autoridade que exercia sobre ela. Em seguida, porém, lembrou-se das propriedades que Montoni pretendia e eram agora propriedade sua. Por certo, iria exigí-las. Essa ideia, em vez de lhe quebrantar a coragem, mais a reanimou. Tudo teria sacrificado pelo sossego da tia, mas não estava resolvida a concessões para evitar as brutalidades do castelão! Por causa de Valancourt, desejava conservar a herança e assegurar uma certa abastança, penhor da felicidade de ambos. Ao pensar no seu amado, reconhecia quanto lhe queria e de antemão vivia o momento em que lhe revelasse estar de posse de tão grande fortuna. Via o sorriso que lhe animaria o semblante, o olhar de reconhecimento que a recompensaria e tudo isto era o bastante para a levar a afrontar todos os males que a infernal maldade de Montoni pudesse inventar. Recordou-se, pela primeira vez depois da morte da tia, de que esta lhe revelara o esconderijo onde se encontravam os títulos de propriedade e prometeu a si própria ir buscá-los quando terminasse a entrevista.

Nesta disposição de espírito, dirigiu-se para a sala onde o castelão se encontrava com Orsiní e outros dos seus habituais companheiros. Estava de pé, junto de uma mesa sobre a qual se viam alguns papéis.

— Emília — disse levantando a cabeça — mandei-a chamar para me servir de testemunha num assunto delicado que acabo de tratar com Orsini. Limitamo-nos a pedir-lhe que assine este documento e seja discreta.

Pegou num documento que leu entre dentes, voltou a pô-lo em cima da mesa e entregou a caneta a Emília, indicando-lhe onde devia assinar. Ela dispunha-se a fazê-lo quando lhe ocorreu súbita ideia. Recordou a carta escrita a Quesnel e temeu nova cilada. Pousou a caneta e recusou-se a assinar sem ter lido primeiro. Montoni esboçou um sorriso, voltou a pegar na folha, releu com voz tão indistinta como da primeira vez e restituiu-lhe. Emília, porém, recusou-se categoricamente, a assinar. Compreendendo então que havia sido adivinhado, o castelão mudou de tom e ordenou-lhe que o acompanhasse.

Quando se encontraram sozinhos na sala contígua, declarou-lhe ter sido seu desejo, tanto por ele como por ela, evitar questões inúteis num assunto em que a sua vontade estava de acordo com a justiça e valia como lei. Preferia fazer-lhe ver que o seu dever consistia na submissão e obediência.

— Como viúvo da signora Montoni — acrescentou — sou seu herdeiro e os bens que me recusou em vida pertencem-me por sua morte. Gostaria, para seu bem, de lhe tirar da cabeça as tolas ideias que alimenta sobre os seus supostos direitos. Considero-a muito sensata e inteligente, muito mais do que é hábito serem as do seu sexo, para provocar o meu ressentimento com reclamações infundadas.

Calou-se. Emília também deixou passar em silêncio as interesseiras lisonjas.

— Eis a alternativa que lhe proponho — continuou Montoni — Se fizer uma ideia justa deste assunto, em breve se encontrará em França. Se, pelo contrário, for tão tola que persista nas

quiméricas pretensões sugeridas por sua tia, considere-se minha prisioneira até que a reflexão a torne mais razoável.

Com calma, Emília respondeu:

— Não ignoro a justiça das leis do meu país e não me deixo iludir pelas afirmações seja de quem for. As leis conferem-me a posse dos bens a que aludiu. Invoco-as e a minha mão não atraçoará, cobardemente, os meus direitos.

— Muito bem — retorquiu Montoni com frieza — Verifico ter-me enganado na opinião que formei sobre o seu bom senso. Faz afirmações audaciosas e presunçosas sobre um assunto que desconhece completamente. Por hoje, perdoo-lhe a ignorância, mas se teima nessa cegueira, de antemão lamento a fraqueza de espírito que a expõe aos mais severos castigos.

— Espero que a minha força de alma corresponda a justiça dos meus direitos — voltou Emília com tanta calma como dignidade — Deus me dará coragem para sofrer e suportar a opressão.

— Fala como uma heroína — comentou Montoni com ironia — Veremos se sabe também sofrer como elas.

Em seguida saiu, bruscamente, da sala.

Emília foi procurar os papéis no esconderijo, indicado pela tia. Encontrou ali todos os títulos relativos aos seus bens. Mas, como não conhecia sítio mais seguro para os ocultar, deixou-os onde estavam, sem mesmo os ler, com receio de ser surpreendida.

De regresso ao quarto, meditou, longamente, nas ameaças de Montoni e nos perigos a que se expunha, afrontando a vontade e a cólera de semelhante homem. A perspectiva, porém, não lhe inspirou a ideia de ceder. Não lutava com o pensamento posto nos interesses de Valancourt?

Uma gargalhada que partiu da esplanada arrancou-a a estas reflexões. Correu à janela e ficou muito admirada quando viu três damas, trajando à moda de Veneza, que passeavam com vários cavaleiros. Quando o grupo passou debaixo da janela, uma delas levantou a cabeça.

Emília reconheceu a signora Livona, cujos modos agradáveis a haviam conquistado, durante a sua permanência em Veneza. Esta presença provocou-lhe um misto de alegria e ansiedade. Podia considerar-se a mais agradável das surpresas a visita de uma pessoa amável; mas, por outro lado, essa visita a um castelo tão pouco próprio para atrair as mulheres, o traje luxuoso que excluía a hipótese de constrangimento, inspiraram-lhe involuntárias e dolorosas suspeitas sobre os princípios e caráter de sedutora criatura.

Quando Annette entrou no quarto, dirigiu-lhe várias perguntas sobre a presença dos novos hóspedes.

Annette sentia-se tão ansiosa por falar como Emília por saber, apressou-se a informar:

— Chegaram há pouco de Veneza com dois cavaleiros. Estou muito satisfeita, asseguro-

lhe, por ver caras de pessoas cristãs. Mas não deixo de perguntar a mim mesma o que vêm elas fazer aqui. Só uma pessoa maluca se atreve a visitar um lugar destes. Não pode dizer-se que fossem trazidas à força. Estão muito alegres para isso.

Emília pediu-lhe para saber ao certo quem eram aquelas damas e tudo quanto se relacionasse com elas.

Quando ficou só, tentou distrair-se com a leitura de uma dessas cenas imaginárias que os poetas se aprazem em descrever. Mas impõe-se ter o espírito desanuviado para poder apreciar-se os prazeres, mesmo os de ordem mais elevada. As inspirações do génio, por muito vivas e brilhantes que fossem, pareciam-lhe insípidas, sem beleza. Ao folhear o livro, não podia deixar de pensar: “Serão estas as páginas que tanto apreciei? ... Onde estava o seu encanto? No meu espírito ou no do seu autor? Nos dois — concluía após alguns momentos de reflexão — O génio do poeta perde o seu calor, se o espírito do leitor não atinge a mesma vibração. Para que ele a sinta, torna-se necessário que essa vibração se comunique”.

À noite, com receio de encontrar os hóspedes de Montoni se desse o habitual passeio pela esplanada, limitou-se, para tomar ar, a passear pela galeria que conduzia ao seu quarto. Quando atingiu uma das extremidades, chegou-lhe aos ouvidos o eco das gargalhadas, não as manifestações de inocente alegria, mas os transportes tumultuosos da orgia e do deboche. Partiam da ala habitada por Montoni. Tais manifestações, tão poucos dias depois da morte da tia, indignaram-na. Escutando com mais atenção, pareceu-lhe ouvir vozes de mulher e isso deu-lhe a certeza de que Livona e as outras não estavam ali contra vontade. Tremeu ao pensar na sua própria situação. Encontrava-se isolada no castelo, na solidão dos Apeninos, rodeada por homens rudes, ferozes, a quem considerava como bandidos, sendo testemunha involuntária de escândalos cuja ideia bastava para a fazer estremecer.

Todavia, como não desejasse voltar para o quarto antes do regresso de Annette, prosseguiu no seu passeio pela galeria. Ao passar diante da porta da sala vermelha, estremeceu ao recordar o dia em que lá entrara e o terrível espetáculo entrevisto quando se atrevera a erguer a cortina que encobria o suposto quadro. Todas as crueldades de que Montoni seria capaz lhe ocorreram ao pensamento. Estugou o passo mas, nesse instante, pressentia alguém atrás de si. Supôs tratar-se da criada e voltou-se. Viu então um vulto que a seguia e, poucos momentos depois, sentiu-se apertada nos braços de um homem que lhe murmurava ao ouvido palavras ininteligíveis.

Quando teve forças para falar, perguntou quem estava ali.

— Sou eu, não se assuste.

Tentou reconhecer quem lhe falava, mas não o conseguiu, porque a claridade derramada pela janela era muito fraca.

— Seja quem for — suplicou em voz trémula — pelo amor de Deus, largue-me.

— Encantadora Emília, para que se esconde, quando no castelo reina a alegria?

Acompanha-me à sala. Será o mais belo ornamento da nossa festa e verá como gosta.

Emília não lhe respondeu e tentou libertar-se.

— Prometa-me que vem e largá-la-ei imediatamente. Antes, porém, desejo a minha recompensa.

— Quem é o senhor? — perguntou Emília num misto de terror e indignação, redobrando de esforços para fugir — Quem é para ter a cobardia de me insultar assim?

— Insultá-la? — protestou o homem — Eu que venho arrancá-la à solidão para a levar para o seio de uma companhia alegre e divertida! ... Não me reconhece?

Emília reconheceu, vagamente um dos acólitos de Montoni, o mais feroz dos três desconhecidos que um dia encontrara na esplanada.

— Venha, encantadora Emília, venha eclipsar todas as belezas reunidas para nos encantar! É a única, juro-lhe, a única a quem considero com direito ao meu amor.

Tentou beijar-lhe a mão, mas a indignação de Emília foi tanta que lhe deu forças para libertar-se-lhe dos braços e fugir para o quarto. O homem seguiu-a, mas ela teve tempo de fechar a porta antes dele chegar. Barricou-a com móveis e, por fim, deixou-se cair numa poltrona, esgotada pelo esforço e pelo terror. Ouviu as tentativas que ele fez para abrir a porta e as súplicas que lhe dirigiu. Acabou por se cansar e, desiludido, foi-se embora. Emília conservou-se na defensiva por muito tempo ainda, mas, como não ouvisse mais nada, sossegou. De repente, lembrou-se da escada secreta pela qual, facilmente, podiam entrar-lhe no quarto. Apressou-se a encostar-lhe os mais pesados móveis, como tanta vez havia feito e voltou a sentar-se. Tomadas estas precauções, já mais calma, começou a refletir nas ameaças de Montoni. Seria o ataque do homem obra do castelão? Via a sua honra exposta a inúmeros perigos e começou a arrepender-se por ter desafiado semelhante bandido. A luta tornava-se impossível. O próprio Valancourt lhe pediria para não persistir na posse da fortuna por aquele preço. A si mesma prometeu que, se escapasse dos perigos daquela noite, cederia às exigências de Montoni a troco do seu imediato regresso a França.

Logo que tomou esta resolução, sentiu-se mais calma. Por muito tempo se deixou ficar para ali, sem mesmo acender a luz. Por vezes, erguia-se da cadeira e aproximava-se da porta na esperança de ouvir os passos de Annette, mas tal não aconteceu. Decidida a velar toda a noite, deitou-se vestida e começou a pensar nos seus queridos pais e em Valancourt, tão longe dela como se estivesse morto. Por vezes, murmurava-lhe o nome e a sensação deliciosa que ele lhe dava servia-lhe de lenitivo aos pesares que a afligiam.

De súbito, chegaram-lhe aos ouvidos os acordes longínquos de deliciosa música.

Escutou com atenção e teve a impressão de ser a mesma que certa noite se fizera ouvir, precisamente à meia-noite. Levantou-se e abriu a janela devagarinho. Os sons pareciam partir do quarto que ficava mesmo por baixo.

Pouco depois, acompanhando a música, fez-se ouvir uma voz muito doce e expressiva,

entoando triste canção. Emília teve a impressão de não ser a primeira vez que escutava acordes tão suaves e penetrantes. A recordação, no entanto, era muito fraca. A música dissipou-lhe as preocupações tal como um raio de sol dissipa as nuvens, harmoniosas, comovente como o murmúrio do zéfiro aos ouvidos do caçador, quando este desperta do mais belo dos sonhos durante o qual foi embalado pelo concerto dos “espíritos da montanha”. Mas como descrever a sua emoção quando a voz começou a entoar uma canção da sua terra, uma dessas canções populares tantas vezes escutada na sua infância e que o pai também cantava para ela! Sim, não podia duvidar, tratava-se da mesma canção, entoada com tanto gosto como suavidade. O coração palpitou-lhe com as recordações do passado. Os encantadores e aprazíveis campos da Gasgonha, a ternura dos pais, as alegrias calmas de criança, tudo lhe desfilou diante dos olhos como num belo quadro, tão delicioso, que o contraste dessa felicidade tão pura com as cenas e pessoas que a rodeavam no castelo, tornou mais pungente, como cruel espinho, a consciência dos seus males. Não conseguiu suportar por mais tempo aquela canção, que tantas vezes a encantara nos dias de felicidade. Fechou a janela e retirou-se para o ponto mais afastado do quarto. Em breve, porém, a voz se calou apenas por alguns instantes. O ritmo mudou e dessa vez Emília reconheceu uma canção outrora ouvida no pesqueiro e que, devido às misteriosas circunstâncias que a tinham acompanhado nessa altura, nunca lhe saíra da memória. Mais ainda, não duvidou de que a voz que a cantava naquele momento fosse a mesma desse dia tão distante já. A partir desse momento, o espanto deu lugar a outras' sensações, a esperanças tão inesperadas, tão estranhas, que mal se atrevia a concebê-las e, ao mesmo tempo, não conseguia expulsá-las do coração. De pé, junto da janela, respirou a plenos pulmões e debruçou-se para melhor ouvir. Debatendo-se entre a esperança e a dúvida, pronunciou, timidamente, o nome de Valancourt e deixou-se cair na cadeira. Valancourt! Seria possível que estivesse tão perto? Recordou certas circunstâncias que a haviam levado a reconhecer-lhe a voz, embora o rapaz nunca tivesse cantado para ela. E depois, não lhe tinha ele dito certa vez ser o pesqueiro o seu passeio favorito, mesmo antes de a conhecer? Desta forma, como duvidar ter sido Valancourt o músico desconhecido que um dia a encantara e também o autor dos versos que exprimiam terna admiração por ela? Não sendo ele, quem poderia ser o desconhecido? Nos primeiros tempos, perdera-se em conjecturas sobre a personalidade do cantor e do poeta tão misterioso um como outro. Mas depois da sua ligação com Valancourt, depois, acima de tudo, dele lhe ter falado no pesqueiro, não hesitara em atribuir-lhe os versos e o canto, tão carinhosamente, guardados no seu coração.

À medida que a reflexão confirmava as suas suposições, a alegria, o receio e o amor faziam, alternada-mente, palpar o coração de Emília. De repente, porém, a música deixou de se fazer ouvir. Hesitante, não querendo, se de fato, fosse Valancourt, cometer a imprudência de lhe pronunciar o nome, mas, ao mesmo tempo, temendo perder a oportunidade de

esclarecer as suas dúvidas, debruçou-se na janela e perguntou em voz alta:

— Cantou uma canção da Gasconha, não é verdade?

Atenta, inquieta, ansiosa, aguardou a resposta que não veio. O silêncio era profundo. A ansiedade aumentou com a impaciência. Repetiu a pergunta, mas o resultado foi o mesmo— Só o assobiar do vento, passando pelas ameias, interrompia a calma da noite. Tentou então animar-se com o pensamento de que o misterioso cantor se havia retirado antes dela falar. Se Valancourt tivesse ouvido a sua voz, não deixaria de lhe responder. Ou então, não seria a prudência que o obrigara a calar-se?

Este pensamento, que, de repente, lhe acudiu, transformou-lhe a alegria em terror e receio. Valancourt encontrava-se no castelo por fazer parte das tropas francesas que combatiam em Itália e havia sido aprisionado na altura em que tentava falar-lhe. Sendo assim, não existia motivo para admiração no seu silêncio. Devia estar vigiado e não pudera responder-lhe.

Conservou-se à janela, sempre de ouvido à escuta, até que o ar refrescou e o firmamento, por cima das montanhas, começou a tingir-se com os primeiros clarões da aurora. Fatigada, voltou a deitar-se. Mas, agitada por tantos sentimentos contraditórios de alegria, amor, dúvida e receio, não conseguiu dormir.

De espaço a espaço, levantava-se e corria à janela. Depois, como tudo continuasse mergulhado em silêncio, voltava a percorrer o quarto e, tristemente, atirava-se para cima da cama. Nunca as horas lhe pareceram tão compridas como as daquela tormentosa noite. Toda a sua esperança residia no regresso de Annette. Por ela, tentaria obter uma certeza, fosse ela qual fosse, que pusesse fim à sua ansiedade.

XXVII

Novamente a Voz Misteriosa

Annette apareceu cedo.

— Lindas coisas se passaram no castelo esta noite! — exclamou logo de entrada — Não se assustou por não me ver?

— Com efeito, estive preocupada por tua causa e por minha. O que aconteceu?

— Foi o Ludovico que tornou a fechar-me, apesar de eu lhe dizer que mademoiselle estava à minha espera.

— O Ludovico fechou-te! Porquê?

— Por precaução. Não ignora a bacanal que se desenrolou aqui, esta noite. Ouviu, com certeza. Não havia um só dos homens que não estivesse embriagado e as damas seguiram-lhes o exemplo.

— Será possível!

— Se pudesse calcular o que soube a seu respeito! Uma delas, a signora Livona, que o senhor Montoni apresentou a sua mulher, em Veneza, é atualmente a sua amante. As outras

duas são amantes de Varezzi e Bertholini. O senhor Montoni deu ontem um grande banquete durante o qual beberam diversos vinhos da Toscana, no meio de risos e canções. Por mim, classifiquei tudo aquilo de indecente. Uma festa assim tão poucos dias depois da morte da nossa desgraçada castelã! Que pensaria ela se pudesse vê-los? Mas, pobre alma, ela já não pode ver coisa alguma.

Emília voltou-se para ocultar a sua emoção. Quando conseguiu dominar-se, abordou o assunto que a preocupava.

— Desejo fazer-te uma pergunta, Annette. Sabes, por acaso, se existem prisioneiros no castelo e se estão fechados nesta ala do edifício?

— Não estava lá quando o primeiro grupo de homens regressou da expedição e ignoro se fizeram prisioneiros. Mas estão à espera do regresso do segundo, hoje à tarde ou amanhã. Emília perguntou se os criados não se haviam referido a prisioneiros.

— Adivinho de quem se trata — replicou a criada, que não era tola — Pensa no senhor Valancourt e supõe que viesse para a Itália com as tropas francesas, tivesse combatido com os nossos e fosse aprisionado. Se fosse verdade, como ficaria contente!

— Gostarias que ele tivesse sido feito prisioneiro?

— Não é bem isso, mademoiselle. Ficaria contente se o visse. Não conheço cavaleiro a quem mais estime.

— Nunca ouviste falar de prisioneiros? — insistiu Emília.

— Não, mademoiselle. Os meus colegas só falaram na aparição que toda a noite passeou pela esplanada e que assustou as sentinelas a ponto de uma delas perder os sentidos. Um homem! Que vergonha! Se desmaiam com tanta facilidade, que figura farão diante do inimigo? Desmaiar é bom para as mulheres. Não é esse o papel dos homens, assim como a mim não compete tomar um ar feroz e entrar em batalhas.

Emília pediu-lhe para indagar se havia prisioneiros no castelo, mas com prudência, e recomendou-lhe para não pronunciar o nome de Valancourt.

— Recordo-me agora! — exclamou Annette, ferida por súbito pensamento — Ontem, na antecâmara, um dos soldados falava de resgate e dizia que representa bom negócio aprisionar homens, muito melhor do que alcançar despojos. O camarada respondeu-lhe que podia ser muito bom para os capitães, mas não para os soldados, porque os resgates são para os primeiros e não para os segundos.

Esta revelação redobrou a ansiedade de Emília. Para a sossegar, Annette apressou-se a ir colher informações.

A resolução de ceder às exigências de Montoni foi abalada pela esperança de que Valancourt se encontrasse no castelo. Emília decidiu arrostar com a sua cólera, pelo menos até obter uma certeza. Justamente nessa altura, Montoni mandou-lhe dizer que a aguardava na sala de cedro. Foi ter com ele, trémula, mas mais do que nunca decidida a resistir-lhe.

Montoni estava só.

— Mandei-a chamar — disse — para aconselhá-la a pôr de parte as suas bravatas.

Limito-me a dar-lhe um conselho quando podia dar-lhe ordens. Se admite, de boa-fé, que as propriedades do Languedoc lhe pertencem, deixe de persistir num erro que pode ser-lhe fatal.

Não provoque a minha cólera e assine este documento.

— Se não tenho direito a esses bens, como afirma — retorquiu Emília — para que insiste numa desistência assinada por mim? Se, realmente, são seus, pode tomar posse do que lhe pertence sem a minha assinatura.

As pupilas de Montoni cintilaram de cólera.

— Não posso perder tempo com discussões. Deve servir-lhe de lição o que a sua tia sofreu por causa da sua teimosia. Assine o documento, já lhe disse.

A resolução de Emília vacilou com a ameaçadora perspectiva apresentada pelo castelão; mas a recordação de Valancourt, o homem a quem amava e que estava talvez próximo para a proteger, fortificou-lhe a vontade e reacendeu o sentimento de revolta provocado pela injustiça. Com uma firmeza, imprudente talvez, mas nobre e digna, respondeu quando Montoni repetiu:

— Assine.

— Nunca! A sua maneira de proceder bastaria para provar os meus direitos, se eu os ignorasse.

Montoni empalideceu de raiva, os lábios tremeram-lhe e o arrebatamento, a sua explosão de cólera quase fizeram arrepender Emília pela sua ousadia.

— Desgraçada! — exclamou, soltando uma praga terrível — A minha vingança recairá sobre a sua cabeça e não demorará muito. Nem as propriedades do Languedoc nem as da Gasconha serão suas. Atrave-se a duvidar dos meus direitos? Duvida então da minha força? Preparo-lhe um castigo... um castigo terrível! Esta noite, fique sabendo, esta noite...

— Esta noite! — repetiu uma voz.

Montoni calou-se, de repente, pondo-se à escuta, enquanto Emília, estupefata, procurava, olhando em volta, sem ver coisa alguma.

— Ainda há poucos dias presenciou um exemplo de teimosia, seguido por tremendo castigo. Se isso não bastou para a ensinar, posso citar-lhe outros, cuja descrição a gelará de horror.

Foi interrompido por surdo gemido, que parecia sair do chão. Relanceou a vista em volta e, apesar da ira que lhe fuzilava nos olhos, na fisionomia transparecia leve sombra de medo. Emília deixou-se cair numa cadeira perto da porta, esmagada por tanta emoção, enquanto Montoni, após breve pausa, recuperava o domínio próprio e repetia ainda num tom mais feroz:

— Já lhe afirmei poder dar-lhe outros exemplos do meu poder e do meu caráter. No entanto, como falo a uma rapariga inconsciente, estas temíveis lições de pouco serviriam. A

minha decisão está tomada. Coisa alguma me demoverá. Vingar-me-ei, farei justiça por minha mão.

Novo gemido, surdo e prolongado, soou, ecoando pela sala.

— Saia daqui — ordenou ele a Emília, como se não tivesse ouvido coisa alguma.

Incapaz de implorar compaixão, Emília levantou-se, mas as pernas vergaram-lhe e, sucumbindo ao terror, recaiu na cadeira.

— Tire-se da minha presença — ordenou Montoni — Essa afetação de medo não fica bem a uma heroína que não receou provocar-me.

— Não... não ouviu nada? — balbuciou a pobre rapariga, toda trémula e incapaz de se manter em pé.

— Ouvi a minha voz — retorquiu com firmeza o castelão.

— Nada mais? — murmurou — Outra vez... não ouve? Meu Deus!

Os gemidos repetiam-se cada vez mais fracos.

— Obedeça — repetiu Montoni—Quanto a estas indignas brincadeiras, em breve saberei descobrir o seu audacioso autor.

Emília levantou-se e reuniu todas as suas forças para sair.

Montoni seguiu-a, mas em vez de chamar os criados e de lhes dar ordem para procurarem o brincalhão, como da primeira vez, dirigiu-se para a esplanada.

Emília, quando chegou ao corredor, parou junto de uma janela aberta. Avistou o destacamento de tropas de Montoni, descendo a encosta de uma montanha afastada e não pôde deixar de pensar nos infelizes prisioneiros que talvez trouxesse para o castelo. De regresso ao quarto, deixou-se cair numa poltrona, aterrada pelas novas ameaças que mais agravavam o horror da sua situação. Sem saber se devia aplaudir-se ou censurar-se pela firmeza demonstrada, concordava estar em poder de um homem que não conhecia outra lei senão a sua própria vontade. Afastando do pensamento os terrores supersticiosos que, por momentos a haviam assaltado, abandonou-se aos temores que a reflexão lhe sugeria.

Sobressaltou-se com o ruído de vozes e o relinchar de cavalos que o vento trazia do pátio. De súbito, o castelo foi abalado por confuso tumulto: eco de passos precipitados, idas e vindas nas salas, correrias pelas galerias e nos corredores. Na esplanada falavam com veemência. Entre outras, Emília reconheceu a voz de Montoni.

Correu à janela e avistou-o no meio de outros oficiais, debruçado no parapeito, examinando as seteiras e outros pontos de defesa, enquanto os soldados dispunham os canhões. Admirou-se com o desusado movimento, sem conseguir adivinhar-lhe a causa. Annette apareceu, mas sem ter conseguido saber qualquer coisa a respeito de Valancourt.

— Nenhum dos criados a quem interroguei ouviu falar em prisioneiros. Mas temos novidades de outro género. A tropa regressou e em que estado! Cheguei a acreditar que

vinham loucos e se iam esmagar uns aos outros. Era a ver quem chegava primeiro ao castelo. Vinham a fugir. Segundo parece, um destacamento inimigo persegue-os e dispõe-se a atacar-nos.

— Atacar o castelo?

— Exatamente. Vão cercar-nos. Suponho tratar-se de oficiais da justiça, aqueles homens terríveis que tanta vez encontrámos em Veneza.

— Bendito seja Deus! Ainda nos resta um raiozinho de esperança!

— Não diga isso, mademoiselle. Deseja cair nas mãos daqueles homens vestidos de preto, dos familiares do diabo? Tremia sempre que passava a seu lado e teria adivinhado de quem se tratava, mesmo que o Ludovico não me tivesse dito.

— Infelizmente, não poderemos encontrar-nos em piores circunstâncias do que estamos aqui. Que motivo tens tu para afirmar que se trata de oficiais da justiça?

— Vejo-os a todos numa desorientação e terror e, para pessoas como este homem, só a justiça os pode fazer tremer assim. Supus que só tivessem medo de fantasmas e não devem aparecer poucos, nos subterrâneos... Mas, valha-me Deus! Que tem, mademoiselle? Está transtornada e nem ouve o que lhe digo!

— Enganas-te, ouço muito bem — afirmou Emília, que seguia os seus próprios pensamentos — continua.

— Ia eu dizendo que todo o castelo está em alvoroço. Uns carregam os canhões, os outros vistoriam as ameias, transportam armas, gritam, praguejam... Que vai ser de nós, de mim, de si e do Ludovico? Em primeiro lugar, se os canhões começam a disparar, morro de terror. Se eu pudesse apanhar a porta grande aberta nem que fosse por um minuto, havia de conseguir fugir e ninguém mais me apanhava aqui.

Emília concordou:

— Com efeito, se apanhássemos a porta aberta, a minha vida e o meu repouso ficariam assegurados.

O profundo suspiro que soltou e a expressão de terror, assustaram Annette mais do que as próprias palavras. Pediu à patroa para se explicar e esta repetiu-lhe a conversa que tivera com Montoni, suplicando-lhe que não o contasse a ninguém, exceto a Ludovico.

— Talvez ele possa socorrer-nos, salvar-nos. Vai falar com ele, Annette, conta-lhe o que me espera se ficar no castelo e o que já sofri. Pede-lhe para ser discreto e fazer o possível para nos salvar. Se ele estiver disposto a fazer a tentativa, será bem recompensado. Não vou falar-lhe, porque poderia ser notada e isso iria levantar mais obstáculos à nossa fuga. Porém, tu, Annette, tu não inspiras desconfianças. Vai depressa e sê prudente. Aguardo o teu regresso com impaciência.

Impressionada com o perigo que ameaçava a patroa, a excelente rapariga ficou tão ansiosa por lhe provar a sua dedicação, como Emília por a experimentar. Sem perder um

minuto, foi procurar Ludovico.

Emília ficou sozinha a refletir nas suposições da criada.

— Como poderão os oficiais da justiça apoderar-se de um castelo tão bem fortificado? É impossível. Só auxiliados por homens de armas.

Depois pensou que Montoni talvez tivesse assolado a região e a população revoltada pegasse em armas e chamasse em seu auxílio os oficiais da justiça. “Aquele pobre gente — pensou — ignora a força desta praça e da sua guarnição. Que podem fazer? Toda a minha esperança reside na fuga”

Montoni, devemos dizê-lo, sem ser, propriamente, um capitão de bandidos como supunha Emília, no entanto, empregava as suas tropas em expedições tão criminosas como aventuras.

Não só haviam roubado os viajantes desarmados, como tinham saqueado as povoações da montanha. Nesta espécie de golpes, o chefe nunca aparecia; os soldados disfarçados passavam, ou por bandidos isolados, ou por restos dos bandos de tropas estrangeiras que inundavam os campos de Itália. Desta vez, não contentes em roubarem as casas sem defesa donde haviam trazido consideráveis despojos, reuniram-se a outros aventureiros para atacar um castelo fortificado. Os assaltados, porém, repeliram-nos e, por sua vez perseguiram-nos com o auxílio de tropas vizinhas. O bando de Montoni correu a refugiar-se em Udolfo, mas foi perseguido de tão perto pelos desfiladeiros da montanha que, mal atingiu os cimos que rodeavam a fortaleza, viu o inimigo principiar a escalá-los. Estavam separados apenas por uma escassa légua. Nesta emergência, apressaram-se a correr para o castelo a fim de avisar Montoni, e foi a chegada precipitada dos fugitivos que pôs tudo em alvoroço.

Enquanto Emília aguardava com ansiedade o resultado da tentativa de Annette, avistou as tropas inimigas a descer a montanha. A situação tornava-se cada vez mais crítica. Na esperança de ver Annette, abriu a porta e deu alguns passos pelo corredor. Mas em vez da criada encontrou Cario que, segundo afirmou, vinha da parte de Montoni para lhe dizer que se preparasse para abandonar Udolfo, que ia ser cercado.

Acrescentou que as mulas estavam aparelhadas para a conduzir com os guias a lugar seguro.

— Desde quando o senhor Montoni manifesta tanta solicitude por mim?

O discreto servidor baixou os olhos e não lhe respondeu.

Mil emoções diferentes assaltaram o espírito de Emília. A alegria, a dor, a desconfiança, o receio, dominaram-na, sucessivamente. Afigurava-se-lhe tão estranho o fato de Montoni a fazer abandonar o castelo que atribuiu a aparente precaução a um plano de vingança; não a tinha ele ameaçado com a sua cólera? Pouco depois, porém, sentia-se tão feliz só com o pensamento de abandonar Udolfo, fosse por que preço fosse, que se deixava embalar pela esperança. Depois, ao recordar que Valancourt podia estar ali e se via forçada a afastar-se,

sentia-se esmagada pela tristeza. Chegava então a desejar que a voz, escutada certa noite, não fosse a do infeliz rapaz.

Cario lembrou-lhe que não podia perder tempo, visto o inimigo se encontrar já perto do castelo. Emília pediu-lhe para lhe dizer para onde a conduziam, mas ele respondeu-lhe ter recebido ordem para nada dizer a tal respeito. Todavia, como ela insistisse, disse-lhe que, segundo todas as probabilidades, a levariam para a Toscana.

— Para a Toscana! — admirou-se ela — Por que motivo me levam para aí e não para outro qualquer ponto?

Cario declarou que não sabia dizer mais nada. No entanto, tinha ouvido dizer que a levavam para uma choupana, nos Apeninos.

Emília agradeceu-lhe e começou a preparar, com mãos trémulas, o pequeno embrulho das coisas que desejava levar. Estava ocupada nesta tarefa quando Annette apareceu.

— Nada a fazer, mademoiselle. O Ludovico afirma ser o novo porteiro ainda pior do que o Bernardino. Falar a semelhante malvado será o mesmo do que metermo-nos na boca do lobo. Pobre Ludovico! Está tão apoquentado por minha causa como eu própria. Acredita, como eu, que não posso sobreviver ao primeiro tiro de canhão.

Quando Emília lhe revelou a decisão de Montoni, começou a chorar e depois pediu-lhe para a levar consigo.

— Com todo o gosto, se o senhor Montoni consentir.

Annette correu, imediatamente, à procura de Montoni que se encontrava na esplanada, rodeado pelos seus oficiais. Fez-lhe o pedido que foi muito mal recebido. Montoni ordenou-lhe que se retirasse e como ela insistisse, impaciente, mandou a dois dos seus homens que a levassem, apesar dos seus protestos e súplicas.

Desolada, a pobre rapariga foi contar a Emília a forma como havia sido acolhido a pretensão, fato que a infeliz menina considerou de mau agouro para si mesma. Não tardou que viessem chamá-la, pois as mulas já se encontravam no pátio, assim como os guias. Emília tentou consolar Annette que chorava, protestando que nunca mais veria a sua patroa. De si para si, a viajante acreditava não serem estes receios infundados. Mesmo assim, tranquilizou a criada e despediu-se dela com aparente serenidade. Esta acompanhou-a ao pátio, viu-a partir com os guias e voltou sozinha para o castelo.

XXVIII

A Travessia na Floresta

Antes de partir, Emília examinou com surpresa o pátio, habitualmente deserto e agora animado com os preparativos da batalha, com as idas e vindas dos soldados e dos homens que trabalhavam nas muralhas. Quando, por fim, transpôs o pórtico e viu cair a grade que lhe causara tão grande terror no dia da chegada, quando, olhando em volta de si, não viu as altas torres, experimentou a sensação embriagante que pode sentir um preso posto em liberdade.

Logo depois, ao recordar o desconhecido que se encontrava encerrado dentro da fortaleza e ao pensar que podia ser Valancourt, uma nuvem de tristeza obscureceu toda a sua alegria. Atreveu-se a arriscar uma pergunta sobre o prisioneiro. Ugo, um dos guias declarou-lhe que, tendo estado fora toda a semana, não podia saber o que se passava no castelo.

— Tínhamos uma tarefa bem difícil a desempenhar. Não podíamos pensar noutra coisa — concluiu.

Finalmente, as montanhas ocultaram o castelo de Udolfo aos olhares de Emília. O cenário que tinha na sua frente era outro. O vento, assobiando por entre os pinhais que se debruçavam para os precipícios, o surdo rumor das torrentes que se despenhavam para os vales, o aspecto selvático da região, tudo concorreu para a mergulhar em tristes reflexões das quais em breve foi arrancada pelo troar surdo dos canhões que se repercutia pela montanha. O inimigo começava a atacar o castelo.

O som do canhão agiu sobre Ugo como o toque de clarim num cavalo de batalha.

Ansiava por tomar parte no combate e maldizia Montoni por o ter afastado. Quanto a Beltrão, o outro condottieri, mais parecia talhado para sinistras tarefas do que para proezas belicosas. Caminharam durante muitas horas, atravessando regiões, absolutamente desertas, cujo silêncio profundo não era perturbado sequer pelo ladrar de um cão ou pelo balir das ovelhas. Pela tarde, meteram por um caminho aberto no meio de uma floresta de abetos, ciprestes e pinheiros, à beira de precipícios, um local tão triste e desolado que, se a melancolia pudesse escolher a sua morada, por certo seria aquela. Foi então que os dois companheiros de Emília decidiram descansar. Obrigaram-na a descer da mula, sentaram-se junto de um penhasco e tiraram da sacola algumas provisões, que ela partilhou para ocultar os seus temores. As sombras da noite que, minuto a minuto, se tornavam mais espessas, o aspecto do local e a conversa dos dois bandidos não eram de molde a tranquilizá-la.

Falavam de Orsino e da aventura que o obrigara a fugir de Veneza. Ugo parecia estar ao fato de todas as particularidades do assassinato.

— Não é o primeiro caso do género que tem as costas — afirmou Beltrão — Mas quando um homem não encontra outro meio para se impor, tem de recorrer a esse.

— Com certeza. Só dessa maneira podemos obter justiça imediata. Se recorremos às leis, temos de esperar todo o tempo que os juízes entenderem e, no fim, ainda podemos perder a questão. Não há nada como afirmar os nossos direitos pelas próprias mãos e fazer justiça por nossa conta.

— Se não a fazemos, quem poderá fazê-la? Se me ofendem, quanta paciência e trabalhos serão precisos até chegar o dia da vingança, se chegar! Deiz contra um afirmarão estar a razão do lado do inimigo e que as culpas foram todas minhas. Ora adeus! Se alguém se apoderar de uma coisa que eu considero minha, morrerei de fome até que a justiça reconheça os meus direitos? Nada disso. Que devo fazer? Antes de mais nada, apoderar-me

do que é meu.

O terror de Emília, ao escutar estas palavras, maior se tornou quando compreendeu de que lhe eram dirigidas. Convenceu-se de que Montoni tinha talvez ordenado aos dois homens para exercerem sobre ela aquele género de justiça.

— Voltando a Orsino — continuou Beltrão — recordo-me que, há-de haver dez anos, teve uma questão com um fidalgo de Milão, a propósito de certa dama com quem esse cavaleiro casou. O marido e sua mulher adoravam-se e isso mais aumentava o despeito de Orsino. Um dia, soube que o casal devia dirigir-se a Pádua por uma estrada bastante deserta. Não perdeu a ocasião de se vingar. Deu as suas instruções a alguns homens, que surpreenderam os viajantes num desfiladeiro apertado entre duas montanhas. Ocultamo-nos com o arvoredo, atiramos, mas falhámos...

Ao escutar estas palavras, Emília não pôde deixar de empalidecer, depois supôs ter ouvido mal. Beltrão continuou a narrativa:

— O cavaleiro defendeu-se, mas não tardou a ser desarmado. Como voltasse a cabeça para chamar os seus homens, foi atingido pelas costas por três punhaladas. Nunca vi golpe mais hábil. Caiu do cavalo e foi morto no mesmo instante. Quanto à mulher, fugiu. Os criados levaram-na antes que déssemos por isso. “Beltrão” — disse o signor quando regressámos...

— Beltrão! — repetiu Emília gelada pelo terror.

— Eu disse Beltrão? — murmurou o bandido muito atrapalhado — Digamos Giovanni ou Roberto. É a mesma coisa. “Beltrão — ou qualquer outro nome — disse o signor — se todos os teus companheiros tivessem feito o seu dever como tu, eu não teria ficado sem a mulher. Toma, aqui tens para te divertir”. E deu-me... deu-lhe uma bolsa cheia de moedas de ouro. E devo dizer que foi pouco para o serviço que lhe prestaram.

— Tens razão — concordou o outro — Foi pouco, muito pouco.

Emília mal conseguia respirar. Logo de princípio, o aspecto dos homens e a sua ligação com Montoni bastaram para lhe despertar a desconfiança. Naquela altura, porém, quando um deles confessava ter sido um assassino, quando a noite se aproximava e se via ali sozinha com eles, no meio da floresta, sem saber para onde a levavam, invencível terror a dominou. Não seria de admitir que Montoni a tivesse entregado nas mãos daqueles miseráveis para a matarem? Não seria a melhor maneira de se apoderar dos bens cobiçados? Não pensou que o senhor do castelo de Udolfo onde, por certo, tantos crimes haviam sido já praticados, não precisava mandá-la para tão longe para executar os seus negros desígnios; desnorteada pelo medo, mal se atrevia a olhar para os rostos patibulares dos seus guias, meio ocultos nas sombras.

O Sol ocultara-se havia muito tempo. As montanhas e os vales confundiam-se nas trevas. Assustada, tentava descobrir a saída do desfiladeiro. Não se avistava qualquer povoado nem uma cabana. As estrelas não brilhavam no firmamento e em volta nem sequer

uma luz. Pesadas nuvens passavam por cima da massa dos ciprestes e pinheiros, cujos troncos vergavam com o vento. As espessas copas das árvores rumurejavam, surdamente.

— Onde está o archote? — inquiriu Ugo, levantando-se — Está a escurecer.

— Não o acendas já. Ainda se vê alguma coisa. Se o inimigo andar por estas paragens, o clarão poderia trair-nos.

Prosseguiram meio às escuras. Emília quase desejava que o inimigo os surpreendesse.

Uma mudança, fosse ela qual fosse, seria preferível à situação em que se encontrava, a mais terrível de toda a sua vida.

Pelo caminho, reparou em pequenina chama que brilhava na ponta da lança de Beltrão, uma chama idêntica à que vira acender-se na ponta da lança da sentinela, na noite em que a tia morrera. A estranha circunstância causara-lhe supersticiosa impressão.

— Acendamos o archote e procuremos um refúgio. Prepara-se tremenda trovoadas.

Repara na minha lança — acrescentou designando a arma [\[2\]](#).

— Não acredito em milagres, felizmente. Tenho notado que aparece sempre essa chama, quando se aproxima uma trovoadas. É infalível. Repara, os relâmpagos começam a rasgar as nuvens.

Se estas palavras dissiparam, em Emília, o receio pelo sobrenatural, por outro lado, não a tranquilizaram sobre a própria situação quando, à claridade lívida de um relâmpago, entreviu os rostos patibulares dos companheiros de viagem. Perguntou-lhes por que haviam tomado pelo bosque quando a estrada, durante a trovoadas, seria muito mais segura.

— Nós bem sabemos onde está o perigo. No meio do arvoredos não nos arriscamos a ser descobertos pelo inimigo se, por acaso, ele andar por aqui — respondeu Beltrão — Por S. Pedro e todos os santos do céu! Sou tão valente como os mais valentes e grande número de pobres diabos poderiam atestá-lo, se voltassem a este mundo. Mas um contra muitos como poderá defender-se?

— Que estás tu para aí a resmungar? — perguntou Ugo com ar de desprezo — Mesmo que sejam muitos, podem vir, pelo diabo, todos quantos possam alojar-se no castelo de Montoni. Eu lhes mostrarei quem é o homem com quem têm de lutar!

Um raio, estalando por cima das suas cabeças, interrompeu estas bravatas. O clarão azulado dos relâmpagos filtrava-se pelo arvoredos e envolvia as montanhas num halo lívido e sulfuroso.

Beltrão, muito pálido, persignava-se.

— Quem me dera estar no castelo! Por que teria o signor a ideia de nos encarregar desta maldita tarefa? Que barulho lá no céu, santo Deus! Por acaso terás um rosário, Ugo?

— Um rosário! Isso é bom para os frades e para os cobardes como tu — replicou o outro — Por mim, só uso espada.

— Há-de servir-te de muito contra a trovoadas!

Tremendo trovão, que rolou e se repercutiu pelas anfractuosidades da montanha, obrigou-os a calar. Ugo pretendia continuar, mas o furioso temporal fazia coro com a trovoada e desencadeava turbilhões contra as nuvens, que, por fim, se dissiparam. O ribombar dos trovões também se desvaneceu ao longe e depois de uma hora de caminhada, os elementos acalmaram. Os viajantes atingiram o cume de uma montanha. A seus pés desdobrava-se ridente vale que o luar nascente mal iluminava. Algumas nuvens corriam pelo firmamento e afastavam-se, lentamente, para a linha do horizonte.

Quando se encontrou fora da floresta, Emília sentiu-se mais segura. Pensava que, se os dois homens tivessem recebido ordem para a matar, certamente teriam executado a ignóbil tarefa no deserto que acabavam de abandonar onde nunca poderiam descobrir vestígios do crime. Tranquilizada por esta reflexão e pela atitude calma dos guias, atreveu-se a perguntar se estavam perto do fim da viagem. Ugo informou-a de que não se encontravam muito longe. — Paramos ali, naquele pequeno souto, perto do ribeiro que o luar prateia.

Pouco depois, atingiam o bosque. Através da folhagem avistaram uma luz. Partia da cabana para a qual se dirigiram, seguindo ao longo do ribeiro. As árvores que cresciam na margem interceptavam os raios do luar, mas a claridade que saía da choça traçava um rasto luminoso no solo tapetado de musgo. Beltrão foi bater à porta, chamando por Marcos. A janela donde partia a luz abriu-se e um homem perguntou o que desejavam. Reconhecendo os viajantes, abriu a porta e recebeu-o numa espécie de choça, muito limpa. Depois chamou a mulher e ordenou-lhe que fosse preparar alguma comida. Emília reparou que o dono da casa cochichava com Beltrão. De resto, a sua aparência não era de molde a inspirar confiança, mesmo a uma pessoa desprevenida.

Ugo impacientou-se e pediu a ceia.

— Esperava-os já há mais de uma hora — declarou o camponês — O senhor Montoni escreveu-nos. Mas como era muito tarde, já não contávamos com a sua chegada e deitámo-nos. Como puderam passar com a trovoada?

— Com muito custo — declarou Ugo com mau modo — E não nos sentiremos melhor aqui se não te apressares a servir-nos a ceia. Queremos vinho e também de comer, mas isso depressa.

Marco serviu-lhes tudo quanto havia em casa, isto é, toucinho, figos e uvas de prodigioso tamanho.

Quando Emília restaurou um pouco as forças, a dona da casa foi indicar-lhe o quarto.

Emília dirigiu-lhe algumas perguntas a respeito de Montoni, mas a mulher, cujo nome era Dorina, respondeu-lhe com reserva, afirmando desconhecer as intenções de Sua Excelência. Compreendendo não lhe ser possível saber o que desejava, Emília despediu-a e deitou-se. Mas as horas de ansiedade que acabava de passar e a perspectiva de todas as que pressentia ter de suportar ainda, perturbaram-na a tal ponto que, com a consciência da nova

situação em que se encontrava não conseguiu conciliar o sono.

XXIX

Uma Pastoral

No dia seguinte, ao abrir a janela, ficou encantada com a beleza da paisagem que a rodeava. A cabana encontrava-se no meio do arvoredor que o Outono tingira com os seus cambiantes variados. Os vinhedos estendiam-se pelas encostas, os prados verdejantes desdobravam-se nas margens do ribeiro, que serpenteava, refletindo o cenário, e corria para o mar. Para ocidente, águas e céu confundiam-se num tom uniforme e só as velas brancas batidas pelo sol marcavam a linha de separação.

As paredes da cabana estavam cobertas por pâmpanos e jasmims. Cachos maduros emolduravam a janela do quarto de Emília. A relva tapetava o solo, esmaltada por perfumadas flores campestres. Na margem oposta do ribeiro crescia um pomar de laranjeiras e limoeiros, cuja folhagem brilhante punha uma nota ridente na perspectiva deslumbrante do encantador cenário.

Pouco depois de se levantar, a filha do camponês veio chamá-la para almoçar. Era uma rapariga dos seus dezessete anos, de fisionomia agradável, formando estranho contraste com os rostos ferozes e sombrios daqueles que a rodeavam. As três mulheres almoçaram à mesa, enquanto Ugo, Beltrão e o dono da casa comeram sentados na soleira da porta. Quando terminaram, Ugo levantou-se e foi buscar a mula. Emília soube que regressava a Udolfo, enquanto Beltrão continuava a tomar conta dela. Não lhe causou estranheza, mas aterrava-a a ideia de ficar sozinha com o mais feroz dos dois bandidos.

Mais tarde, manifestou o desejo de dar um passeio pelo bosque, mas disseram-lhe que não poderia sair sem a companhia de Beltrão.

Preferiu recolher ao quarto onde Madalena teve licença para a acompanhar.

Conversando com ela, Emília ficou sabendo que o camponês e sua mulher viviam ali havia longos anos e que a choupana fora um presente de Montoni, como recompensa de um serviço prestado por Marco, próximo parente de Cario, seu mordomo.

— Já lá vão muitos anos-declarou a rapariga — e por isso não posso recordar-me.

Todavia, o favor prestado por meu pai devia ter sido muito grande, porque minha mãe diz muitas vezes ser esta casa o menos que lhe poderiam ter dado.

Emília escutava todos estes pormenores com profunda ansiedade, porque lhe revelavam, em parte, o sinistro carácter de Marco. Um serviço que Montoni recompensava com uma casa, não podia ter deixado de ser um crime. E voltou a pensar que a tinham desterrado para lhe ser vibrado o golpe, fatal.

— Não pode calcular — perguntou, recordando o desaparecimento da signora Laurentini

— há quanto tempo o seu pai prestou a Montoni o favor a que se referiu?

— Um pouco antes de vir morar nesta cabana onde eu nasci — respondeu Madalena —

Portanto, pelo menos, há dezoito anos.

Essa data condizia, pouco mais ou menos, com o desaparecimento da castelã. Emília pensou que Marco podia muito bem ter sido encarregado da misteriosa morte e, portanto, cúmplice num crime. Esse terrível pensamento levou-a a tão tristes reflexões que Madalena saiu do quarto sem ela dar por isso, tão alheada se encontrava de tudo quanto a rodeava. Decorreram muitos dias. Por mais de uma vez a infeliz rapariga esteve tentada a perguntar a Madalena se os pais falavam a seu respeito e dos desígnios de Montoni. Ao mesmo tempo, repugnava-lhe induzir a inocente rapariga a atraí-la. O meigo semblante de Madalena, os seus modos graciosos e delicados, constituíram para ela a maior das consolações, dando-lhe uma sensação de conforto como não experimentava havia muito tempo. E, como o tempo ia passando sem trazer qualquer modificação à sua vida, readquiriu um pouco de confiança no futuro.

Uma tarde esplêndida, seguindo-se a um dia de calor, despertou em Emília o desejo de passear, apesar da companhia de Beltrão. Pediu a Madalena para a acompanhar e saíram as duas. Estava uma temperatura suave e agradável. Seguiram pela margem do ribeiro, sob o arvoredado, e dirigiram-se para os lados do mar, ainda afogueado pelos tons rubros do ocaso. À direita, o vale terminava numa espécie de promontório, coroado por uma torre em ruínas, que servia de farol e também de refúgio para as aves marinhas. As ameias e a multidão alada que voava em sua volta ainda recebiam os raios do astro-rei, já em parte mergulhado no oceano, enquanto a base da torre e o rochedo que a suportava já estavam envoltos nas sombras do crepúsculo.

Emília contemplou com recolhimento o mar sem fim, calmo e silencioso, cujas vagas se enovelavam docemente e depois vinham expirar na areia. Recordou a França e os tempos passados. Como desejava que aquelas ondas a levassem para o seu país natal!

— Aquele navio que corta, majestosamente, as ondas e cujas velas branquinhas o vento enfuna — pensava — talvez se dirija para França. Como são felizes os que transporta! Profundamente comovida, não deixou de o seguir com os olhos, até que as sombras da noite o ocultaram à sua vista. O ruído monótono das vagas servia de acompanhamento à sua melancolia.

De súbito, um coro de vozes subiu na atmosfera. Depois uma voz de mulher destacou-se do conjunto e continuou a cantar sozinha. Emília desceu, contornou o rochedo e avistou uma espécie de baía, cercada por basto arvoredado. Dois grupos de camponeses descansavam ali, um debaixo das árvores, o outro junto da margem, rodeando uma rapariga que cantava, erguendo na mão uma grinalda, dispondo-se a atirá-la ao mar.

Surpreendida, Emília escutou a melodiosa evocação dirigida às ninfas do oceano! As expressões requintadas do idioma toscano adaptavam-se a uma música leve e alegre, acompanhada por um instrumento campestre.

O coro era repetido pelos outros. Quando acabaram, a grinalda foi atirada ao mar, as vozes e os instrumentos calaram-se e tudo recaiu no silêncio.

— O que significa isto, Madalena? — perguntou Emília, deliciada com a música.

— Estamos na véspera de uma festa e os camponeses divertem-se.

— Como podem eles conhecer as ninfas do oceano?

— Ninguém acredita nessas coisas— retorquiu Madalena, que não compreendia bem a surpresa de Emília — mas as nossas velhas canções falam delas, nós repetimo-las e atiramos com flores para o mar.

Desde pequena, o pai ensinara Emília a considerar Florença como o berço da arte e da literatura; mas o gosto daquela gente simples pela fábula clássica causava-lhe tanta surpresa como admiração. O traje, por assim dizer arcaico, das raparigas, dignas do pincel de Poussin, mais contribuía para a espantar. Trajavam uma saia curta, verde, enfeitada com fitas brancas, corpetes sem mangas, presos nos ombros com fitas e flores; os cabelos anelados caíam-lhes soltos pelas costas, também enfeitados com flores. Pequeno chapéu de palha, posto de lado, dava ao conjunto uma nota graciosa de garridice. Quando a canção terminou, algumas das cantoras aproximaram-se de Emília, levaram-na consigo e ofereceram-lhe, assim como a Madalena a quem já conheciam, alguns figos e uvas.

Beltrão opôs-se e quis obrigá-la a regressar, mas um dos homens ofereceu-lhe de beber e o patife não podia resistir a uma solicitação dessa natureza.

Pouco depois, ouviram sons de flauta e tamboril. Os camponeses dispuseram-se numa roda. Emília teria compartilhado dos folguedos se a sua situação estivesse de acordo com tanta alegria. A consciência da sua infelicidade não impedia que os considerasse com generosa simpatia. No entanto, não conseguiu espalhar a tristeza. Sentada um pouco aparte, escutava, vagamente, o som dos instrumentos e contemplava a Lua que subia no horizonte, projetando os seus brilhantes raios sobre as ondas e sobre os rochedos e bosques que bordam as costas da Toscana.

Desde essa noite, passeou muitas vezes e o seu espírito recuperou, gradualmente, toda a tranquilidade que a situação lhe permitia. O sossego daquela vida levou-a a acreditar que não alimentavam maus desígnios a seu respeito e, sem a recordação de Valancourt que, provavelmente, se encontrava em Udolfo, teria pedido a Deus para ficar naquela cabana até poder regressar a França. Nunca lhe ocorreu ter deixado, com a precipitação da partida, no castelo, os documentos relativos às propriedades do Languedoc. Quando, por fim, se recordou, sentiu-se dominada por viva inquietação. Depois, pensou que, no lugar em que se encontravam escondidos, nem o próprio Montoni daria com eles, e ficou mais sossegada.

XXX

Regresso ao Castelo de Udolfo

Voltemos a Veneza onde o conde Morano, no próprio dia do seu regresso, sofreu uma

perseguição organizada contra ele. Preso por ordem do Senado, ignorando qual o crime de que o acusavam, foi atirado para uma masmorra, num segredo tão rigoroso que nem os amigos conseguiram descobrir os seus traços. Quem seria o causador daquele cativo? Ignorava-o. Todas as suas suspeitas, porém, recaíram sobre Montoni, suspeitas não só muito verosímeis, mas bem fundadas.

Tendo conseguido escapar à tentativa de envenenamento, Montoni atribuiu o crime a Morano, sem, contudo, dispor de provas para poder acusá-lo. Desta forma, recorreu a outro meio para se vingar. Encarregou um dos seus homens de lançar uma denúncia na goela do leão, depósito aberto dia e noite para receber as cartas anónimas contra os conspiradores que ameaçavam o Estado de Veneza. Pela sua fortuna e altivez, Morano incorrera na antipatia das principais personagens do Estado. Denunciado, foi condenado a perecer numa dessas masmorras, terror dos venezianos, que se fecharam para sempre sobre o destino de tantas vítimas arrancadas às suas casas e à família.

Entretanto, Montoni defendia-se dos inimigos. O castelo fora cercado por tropas decididas, mas a guarnição soube resistir ao ataque. Defendeu-se, corajosamente, e como os assaltantes não dispunham de víveres suficientes nem podiam adquiri-los naquelas montanhas desertas, foram obrigados a retirar.

Logo que Udolfo recuperou a paz, o primeiro cuidado de Montoni foi mandar Ugo buscar Emília. Afastara-a do castelo onde, por infelicidade, o inimigo podia penetrar, para a pôr em lugar seguro. Passado o perigo, ansiava por prendê-la outra vez dentro das fortes muralhas da fortaleza.

Forçada a abandonar a cabana, Emília despediu-se da meiga Madalena. Os quinze dias passados na Toscana tinham representado para a pobre rapariga uma espécie de trégua ao seu sofrimento e foi com pesar que os viu terminados.

Do alto da montanha, relanceou a vista para a encantadora região estendida a seus pés e para o oceano muito azul que desejaria transpor para voltar a França. Todavia, o horror provocado pela ideia de ter de regressar ao teatro de tantos sofrimentos era compensado pela esperança de lá encontrar Valancourt.

Partiu já muito tarde da Toscana e era já noite escura quando chegou perto de Udolfo. O luar iluminava as torres e muralhas, deixando ver os estragos causados pelo cerco.

Encontrava-se junto do penhasco sobre o qual Udolfo fora construído. Pesados pedregulhos, desprendidos da muralha, haviam rolado até à floresta, de mistura com bocados de argamassa e estilhaços de rocha, arrastados com a queda. As árvores também haviam sofrido com o fogo dos canhões; muitas das mais belas estavam caídas por terra, outras inteiramente despojadas dos ramos mais altos.

— Temos de nos apear e conduzir as mulas à mão — declarou Ugo — Doutra forma, arriscar-nos-íamos a cair nos buracos cavados pelas balas. Deem-me o archote—

acrescentou, depois de terem desmontado — e tenham cautela com os maus encontros. Os inimigos ainda andam por aqui.

— O que diz? — perguntou Emília — Ainda há inimigos?

— Se não vivos, pelo menos, cadáveres — respondeu Ugo — A última vez que passei por aqui tropecei em três corpos caídos junto do tronco das árvores.

O archote iluminava, fracamente, o solo e os recônditos da floresta. Emília receava a cada passo deparar algum espetáculo terrível. O caminho estava juncado de troços de lanças e de armaduras quebradas.

— Aproximem a luz — pediu Beltrão — Tropecei em qualquer coisa que tiniu.

Ao clarão do archote, viram uma couraça de aço, furada de lado a lado e manchada de sangue. Beltrão apanhou-a, mas como Emília lhe suplicasse para continuarem, depois de alguns gracejos sobre o belo homem que devia ter sido o seu possuidor, atirou-a para longe e seguiu atrás deles.

Ao aproximarem-se do castelo, Emília pôde verificar o estado em que se encontrava, comparando-o com aquele em que o deixara. Uma das torres da entrada, completamente em ruínas, atestava os furiosos ataques do inimigo. Pelo que a fraca claridade do luar lhe permitia entrever, notou estar a torre, tanto como as suas fortificações, completamente demolidas.

Uma luz brilhou para lá das ameias e pelas largas fendas pôde ver passar um soldado com uma lanterna na mão, subindo a estreita escada praticada na torre, aquela que tinha subido na noite em que Bernardino a enganara com a esperança de ver madame Montoni. Beltrão gritou, deu-se a conhecer e o soldado desceu imediatamente.

As correntes desdobraram-se, os ferrolhos foram corridos e os viajantes entraram.

Emília encontrou-se mais uma vez sob a pesada abóbada do arco e ouviu cair a grade que a separava do resto do mundo. Ao penetrar no pátio do castelo, chegou-lhe aos ouvidos um rumor confuso e, à medida que se aproximava, reconheceu ser o de gargalhadas e gritos discordantes.

— Pelo que ouço — comentou Beltrão — o vinho da Toscana não deve faltar. Quem faz tanto barulho a esta hora?

— Sua Excelência e os amigos nunca dormem. Desde o cerco, passam as noites em festas.

Atravessaram o segundo pátio e encontraram-se à porta do vestíbulo. A sentinela deu-lhes as boas-noites e voltou ao seu posto. O tumulto era tão grande dentro do castelo, que Ugo bateu com toda a força, deu socos na porta e não conseguiu fazer-se ouvir. Entretanto, Emília tremia só com a ideia de encontrar àquela hora Montoni ou algum dos seus amigos. Como conseguiria chegar ao quarto sem ser notada?

Cario, por fim, abriu a porta. Beltrão e Ugo seguiram-no até à antecâmara, ansiosos por cear e esquecerem-se. Quanto a ela, ansiosa também por se encontrar nos seus aposentos,

procurou, na escuridão, a escada e depois a galeria. De vez em quando, parava para escutar, pois os gritos e as vozes pareciam persegui-la. Depois ouviu o bater de portas, essas vozes seguirem direções diferentes, como se, tendo terminado a orgia, os convivas dispersassem. Felizmente, apesar da escuridão, conseguiu encontrar o corredor na extremidade do qual se encontrava o seu quarto. Começava a respirar quando ouviu passos aproximarem-se ; teve a presença de espírito necessária para reprimir a sua emoção e ficar imóvel. Então, no fundo do corredor apareceu uma luz, transportada por um homem que cambaleava e falava sozinho, dizendo:

— Deve ser por aqui.

Com terror, reconheceu Varezzi, que se dirigia para o seu próprio quarto. Refugiar-se na pequena galeria, à esquerda, foi obra de um instante. Varezzi passou sem a ver. Mas como descrever o que sentiu quando, na extremidade oposta dessa galeria viu aparecer outra luz caminhando para ela? Se o medo não lhe tivesse roubado as forças para gritar, por certo o faria; quando, porém, reconheceu Annette, felicitou-se por não o ter feito. Correu para ela, o que foi uma imprudência, porque, ao vê-la, a criada soltou um grito e manifestou o seu contentamento, apertando-a nos braços. Emília, por fim, conseguiu falar e demonstrou-lhe o perigo que corriam. As duas apressaram-se a procurar refúgio no quarto da criada que ficava muito afastado dos outros. Logo que se encontraram em segurança, a primeira pergunta de Emília foi para indagar se Annette havia conseguido saber alguma coisa a respeito de Valancourt. A criada ainda não sabia coisa alguma e limitou-se a garantir-lhe que no castelo havia muitos prisioneiros. Em seguida, começou a descrever o cerco e o que tinha sofrido durante o ataque.

— Quando ouvi os gritos de vitória, soltados pelos homens — acrescentou — supus tratar-se do inimigo. O castelo fora tomado e a nossa última hora aproximava-se. Felizmente, enganava-me. Eram os nossos que bradavam: “vencemos o inimigo! No entanto, as muralhas ficaram em ruínas. Durante o cerco, o signor aparecia em toda a parte, segundo me disse o Ludovíco. Quanto a mim, não me deixava nem sequer espreitar e fechou-me num dos quartos no interior do castelo. Ele mesmo me levava a comida e ficava algum tempo a conversar comigo, quando podia. Sem o Ludovico, eu teria morrido, com certeza.

— E agora, como vai isto por cá? — perguntou Emília.

— Vivemos numa contínua festa. Os senhores não fazem senão comer e beber, dia e noite. Jogam e disputam todas as lindas coisas apanhadas nas pilhagens e têm questões terríveis a propósito dos ganhos e perdas. As damas ainda se encontram no castelo e confesso-lhe que me metem tanto medo como os homens, quando as encontro.

— Escuta, — interrompeu Emília — não ouves barulho? O que será?

Com efeito, alguém caminhava pelo corredor e parou junto da porta. Em seguida, tentaram abrir e uma voz chamou baixinho.

— Pelo amor de Deus não respondas! — pediu Emília — Deixemo-nos ficar muito

quietas. Apaga a luz para não atraíçoar a nossa presença.

— Isso não, não posso ficar às escuras nem que me dessem todo o oiro do mundo.

Entretanto, de fora chamaram mais alto, proferindo o nome de Annette.

— Virgem Santa! É o Ludovico.

Abriu a porta e o rapaz entrou. A fisionomia franca e simpática confirmou boa opinião que Emília já formava a seu respeito. Pediu-lhe proteção no caso de Varezzi continuar a persegui-la. Ludovico ofereceu-se para passar a noite no quarto contíguo, a fim de poder acudir-lhes ao primeiro grito de alarme.

Tranquilizada com a promessa, Emília conseguiu, por fim, descansar, conquanto o seu espírito estivesse muito preocupado para poder dormir. Recordava o terrível perigo a que escapara havia pouco, via-se encerrada num castelo onde reinava o vício e a violência, sem proteção das leis e da justiça, em poder de um homem cujas paixões violentas e ambiciosas substituíam os princípios; teve de reconhecer, mais uma vez, que seria loucura e não coragem, desafiá-lo e resistir-lhe. Decidiu ceder-lhe os bens que desejava, contanto que ele lhe permitisse regressar a França. Todos estes pensamentos a mantiveram acordada por muito tempo. Contudo, a noite passou sem que Varezzi lhe causasse novos terrores.

De manhã, teve prolongada conversa com Ludovico e manifestou-lhe o seu espanto por ele consentir em ficar no castelo e viver num meio que lhe causava horror. Quando o rapaz lhe afirmou que o abandonaria logo que pudesse, atreveu-se a perguntar-lhe se estaria disposto a auxiliá-la a fugir. Ludovico afirmou estar decidido a tentar, conquanto a empresa fosse muito difícil. A sua perda seria certa se Montoni os apanhasse antes de poderem sair dos desfiladeiros da montanha. Mesmo assim, prometeu estudar um plano de fuga e avisá-las logo que a ocasião se proporcionasse.

Emília confiou-lhe então o nome de Valancourt, pedindo-lhe para se informar e saber se entre os prisioneiros se encontrava alguém com esse nome.

A tênue esperança que a animou depois desta conversa, levou-a a deferir a entrevista com Montoni até que Ludovico pudesse saber alguma coisa. Não cederia os seus direitos ao ambicioso castelão senão quando se convencesse de que a fuga seria impossível.

Acabava de tomar esta resolução quando Montoni a mandou chamar. Quando entrou na sala de cedro encontrou-o sozinho.

— Acabo de saber que não passou a noite no seu quarto. Onde dormiu?

Emília descreveu-lhe as circunstâncias que tanto a haviam assustado e pediu-lhe proteção.

— Não ignora qual a condição imposta para lhe dar a minha proteção. Se a deseja, submeta-se.

A declaração afligiu-a. Via a sua honra posta a preço e isso demonstrou-lhe a

necessidade de ceder. Mesmo assim, perguntou-lhe se teria a liberdade de regressar a França, logo que tivesse assinado a cedência. Montoni jurou-lhe que a deixaria partir e apresentou-lhe o documento redigido por forma que todos os seus bens passariam para a posse do castelão.

Emília hesitou ainda por muito tempo, dilacerada pelos mais contraditórios sentimentos. Teria de renunciar à felicidade, ao amor, às suaves esperanças, a tudo quanto havia constituído o seu amparo durante a adversidade!

Montoni repetiu as condições do contrato, observando que o seu tempo era precioso e não podia perdê-lo com hesitações.

Reduzida ao último extremo, a infeliz rapariga assinou. Depois, aniquilada por tanta emoção, deixou-se cair numa cadeira. Quando, decorrido algum tempo, pôde recuperar as forças, pediu a Montoni que desse as suas ordens para a partida e licença para levar consigo Annette.

Dobrando, cuidadosamente, o documento e fechando-o numa gaveta, ele sorriu e declarou:

— Tive de a enganar para conseguir o que desejava. Deixá-la-ei ir embora, mas não imediatamente. Quando eu entrar na posse dos seus bens, ficará livre para voltar a França. A malvadez daquele homem, que assim violava um juramento solene, reduziu Emília ao desespero. O sacrifício fora inútil. Nunca mais recuperaria a liberdade. Desorientada, fixou Montoni com um olhar tão triste, que teria comovido uma fera. Ele desviou a vista e ordenou-lhe para se retirar e recolher aos seus aposentos. Sem forças, sem conseguir proferir uma palavra, nem mesmo chorar, a pobre rapariga parecia a estátua da dor.

— Não se abandone a essa dor infantil. Esforce-se por suportar com coragem aquilo que já não pode remediar. Tenha paciência e um dia poderá regressar a França. Agora vá para o seu quarto.

— Não me atrevo — respondeu ela, por fim— não posso conservar-me num aposento onde Varezzi entra com toda a facilidade.

— Não lhe prometi protegê-la?

— Prometeu... mas...

— Não lhe basta a minha palavra? — perguntou Montoni com severidade.

— Lembre-se da sua última promessa — retorquiu Emília a tremer — e reconheça que tenho razão para duvidar desta.

— Tome cautela! — exclamou Montoni com olhar chamejante— Repare no que diz ou retiro-lhe a minha proteção. Saia daqui ou não respondo por mim. Vá para o seu quarto. Volto a repetir-lhe que não teria nada a temer.

Emília chamou a si todas as suas forças e saiu devagar. Quando entrou no quarto, examinou todos os recantos com receio de que alguém lá estivesse escondido. Depois fechou

a porta e foi encostar-se à janela, para refletir e recuperar a calma.

O dia decorreu como tantos outros que passara ali. Quando a noite se aproximou, teria ido refugiar-se no quarto de Annette como na anterior, se um interesse mais poderoso não a prendesse, a despeito dos seus terrores: a esperança de escutar mais uma vez a misteriosa música. Desencadeara-se tremendo temporal. No entanto, o castelo resistia como se fosse um rochedo. Como sempre, Emília ouviu render a guarda e notou que as sentinelas haviam sido reforçadas, precaução tomada por causa do estado em que se encontravam as muralhas. No entanto, quando o vento acalmou por instantes, teve a impressão de ouvir os melodiosos sons de um alaúde. O temporal recrudesceu e de novo acalmou; então os sons tornaram-se mais distintos e uma voz acompanhou-os, uma voz cuja expressão comovente sobressaía ao ruído do vento que pouco a pouco abrandava.

Certa de que a música e o canto partiam do quarto por baixo do seu, Emília debruçou-se na esperança de avistar uma luz; as janelas, porém, estavam por tal forma recuadas dentro das paredes, que não conseguiu vê-las, nem aperceber-se da fraca claridade que brilhava através dos varões. Tentou chamar, mas o vento levava-lhe a voz para longe. Entretanto, Annette bateu à porta e foi abrir. Mal a criada entrou, chamou:

— Chega aqui, Annette, e não faças barulho. Não ouves música?

Escutaram muito caladas. A melodia mudou de ritmo.

— Meu Deus! — exclamou a criada — É uma canção da minha terra!

Era a balada que Emília já ouvira, mas não a canção de pescueiro da Gasconha.

— Quem está a cantar é francês! Talvez seja o senhor Valancourt.

— Por que dizes isso? Reconheces-lhe a voz?

— Eu? Não. Nunca o ouvi cantar...

Emília ficou desapontada por Annette ter feito aquela afirmação, simplesmente por a canção ser francesa. Pouco depois, a voz entoou a canção da Gasconha e em seguida ouviu o seu nome tantas vezes repetido que a própria criada o notou.

Sem forças, Emília deixou-se cair na cadeira. Annette debruçou-se para fora e chamou:

— Senhor Valancourt... senhor Valancourt!

Mas não obteve resposta.

— Deixa, Annette. Quero falar-lhe. Se for ele, há-de reconhecer-me a voz e responder-me-á ... Quem canta a esta hora? — perguntou em voz alta.

Seguiu-se prolongado silêncio. Repetiu a pergunta e supôs escutar leve murmúrio, que o vento arrastou para longe; sim, a voz respondera, mas não conseguiu perceber as palavras. Emília ficou louca de alegria. Se o desconhecido só tinha respondido quando a ouvira a ela, não podia ser outro senão Valancourt... Valancourt que a tinha reconhecido.

Entretanto, Annette continuava a gritar sem receber resposta. Emília, receando que os gritos, àquela hora, chamassem a atenção da sentinela, mandou-a calar, decidindo interrogar

Ludovico no dia seguinte, com mais descanso do que fizera na véspera.

As duas raparigas ficaram ainda muito tempo à janela, mas não tornaram a ouvir o canto ou a música. A sentinela passava na esplanada com o seu passo cadenciado; os outros dois, fatigados talvez, haviam adormecido encostados ao parapeito. Emília apurou o ouvido, ainda na esperança de escutar qualquer coisa, mas tal não aconteceu. Desanimada, fechou a janela e deitou-se.

XXXI

A Fuga

Decorridos alguns dias, Ludovico conseguiu saber por um dos soldados que havia um prisioneiro no quarto indicado e que esse prisioneiro era um militar francês, apanhado durante uma escaramuça.

Emília conseguira fugir à perseguição de Varezzi, fechando-se nos seus aposentos. Por vezes, atrevia-se a passear no corredor, mas o homem nunca mais apareceu. Começava a fazer-se sentir a proteção de Montoni, que cumpria melhor a segunda promessa do que a primeira. Além disso, não desejava abandonar o castelo antes de obter a certeza e saber se o prisioneiro era ou não Valancourt.

Um dia, Ludovico participou-lhe que tinha esperança de falar com o francês, graças à cumplicidade do soldado que o vigiava naquela noite. Com efeito, a pretexto de lhe levar água, entrou no cárcere, mas pouco se demorou com receio de ser surpreendido. A prudência aconselhou-o a ocultar à sentinela o verdadeiro motivo da visita.

Emília, enquanto esperava, contava os minutos. Ludovico prometera-lhe vir falar-lhe ao corredor logo a seguir à entrevista. Quando o viu aparecer, correu para ele e uma única palavra lhe fugiu dos lábios: Valancourt, e ficou toda trémula.

— O prisioneiro não quis confiar-me o seu nome — declarou — mas quando proferi o seu, ficou transportado de alegria, embora menos surpreendido do que eu calculava.

— Recorda-se de mim? — perguntou Emília.

— Muito bem. E demonstra ter tanto interesse por si como mademoiselle por ele.

Perguntou-me como descobrira que se encontrava aqui e se estava ali por seu mandado. Não pude responder à primeira pergunta, mas à segunda respondi com uma afirmativa. Se visse como ficou radiante! Cheguei a ter receio de que a sua atitude me prejudicasse aos olhos da sentinela.

— Entregou-lhe alguma coisa para me dar?

— Entregou — respondeu Ludovico, procurando nas algibeiras — Não dispunha de papel e lápis para lhe escrever, mas deu-me isto.

E entregou-lhe uma miniatura, que Emília recebeu com mão trémula. Como explicar o que sentiu quando viu o seu próprio retrato, o mesmo que sua mãe perdera no pesqueiro, pouco tempo antes de morrer!

— “Afirmar à sua ama — continuou Ludovico — que este retrato nunca me abandonou um momento e foi a minha única consolação nas horas de sofrimento. Trouxe-o sempre junto do coração e nem todos os poderes do mundo conseguiriam tirar-me. Separei-me dele para me dar a conhecer, com a esperança de que ela própria em breve me devolverá”. Foram estas as suas palavras. Nesse instante a sentinela entrou e o prisioneiro não pôde dizer-me mais nada. No entanto, ainda teve tempo para me pedir se conseguia proporcionar-lhe uma entrevista consigo.

— Como poderei recompensar a sua dedicação, Ludovico? Presentemente, não disponho de meios para o fazer. Quando volta a visitar o prisioneiro?

— Ignoro-o. Depende das sentinelas; entre eles só a dois me atrevo a pedir para entrar na prisão.

— Diga-lhe que recebi o retrato e que os meus sentimentos são aqueles que ele deseja. Diga-lhe também que tenho sofrido muito e ainda mais terei que sofrer.

— Posso dizer-lhe também que está disposta a vê-lo?

— Quando e onde?

— Depende das circunstâncias.

— Quanto ao sítio, não existe em todo o castelo outro onde possamos encontrarmo-nos em segurança como neste corredor — alvitrou Annette — Quanto à hora, teremos de escolher aquela em que os senhores estão a dormir... se por acaso dormem.

— Diga isto ao prisioneiro, Ludovico — decidiu Emília- Quanto ao resto, entrego-me ao seu critério e à Providência. Diga-lhe que o meu coração não mudou, e, principalmente, procure falar-lhe o mais breve possível. Será inútil dizer-lhe com que impaciência o espero. Ludovico despediu-se e retirou-se. Quanto a Emília, deitou-se, mas não conseguiu dormir. A alegria roubou-lhe o sono, tal como havia sucedido com os pesares. Montoni, a sua tirania, aquele horrível castelo, sumiram-se como terrível pesadelo e só a perspectiva da felicidade e as ilusões do amor lhe enchiam o pensamento.

Decorridos alguns dias, Ludovico veio participar-lhe que tinha conseguido falar outra vez com o prisioneiro. Tudo corria bem. Havia confiado ambos na sentinela que, a peso de ouro, lhe consentia meia hora de liberdade na noite seguinte, enquanto Montoni e os seus amigos se entregavam às habituais orgias. Este favor, segundo declarou Ludovico, podia comprometer o carcereiro, porque seria impossível o preso abrir as grades e a porta sem a sua cumplicidade. O cavaleiro implorava de Emília a felicidade de lhe falar naquela noite, nem que fosse só por um instante.

Emília estava tão comovida com a perspectiva de tornar a ver Valancourt, que durante algum tempo não conseguiu proferir palavra. Por fim, ficou combinado que o cavaleiro viria falar-lhe ao corredor, deixando a Ludovico a escolha do momento mais propício.

Pode supor-se como passou o dia, debatendo-se num misto de alegria, ansiedade e

impaciência. Contava as horas e espiava os passos dos soldados que rendiam a sentinela.

Finalmente, ouviu dar meia-noite. Abriu a porta do quarto, para se certificar se o corredor estava deserto. Chegou-lhe aos ouvidos o ruído de gargalhadas e de vozes animadas.

Montoni e os seus amigos encontravam-se à mesa. Estava na hora. Não tardou a ouvir passos leves e apressados que revelavam uma paciência idêntica à sua. Correu... e encontrou-se nos braços de um desconhecido! ... O rosto, o som da voz, tudo constituiu para ela tremendo desengano que os seus nervos não puderam suportar. Desmaiou.

Quando voltou a si, continuava nos braços do rapaz que a contemplava com um olhar de ternura e compaixão. Não teve forças nem para o interrogar nem para lhe responder; começou a chorar e libertou-se-lhe dos braços. O desconhecido mudou de semblante. Surpreendido e consternado, olhou para Ludovico como se lhe perguntasse a significação de tudo aquilo. Foi Annette quem a deu, até ao próprio Ludovico, que estava estupefato.

— Não é o senhor Valancourt! Como pudeste enganar-te assim, Ludovico? Que desilusão para a minha pobre ama! Nunca se consolará!

E começou a chorar também.

O desconhecido, que parecia muito agitado, tentou falar sem o conseguir. As palavras morreram-lhe nos lábios. Batendo no peito com desespero, retirou-se para a extremidade do corredor.

Annette enxugou as lágrimas e, dirigindo-se a Ludovico, lembrou:

— Talvez exista no castelo outro prisioneiro e Valancourt ainda se encontre lá em baixo.

— Não — respondeu Ludovico — Se não é este, Valancourt nunca esteve preso. Se o cavaleiro tivesse querido revelar-me o nome, nunca se teria dado este desagradável equívoco.

— Tem razão — concordou o rapaz em péssimo italiano— mas para mim era de extrema importância que Montoni o ignorasse. Mademoiselle — prosseguiu em francês, dirigindo-se a Emília — permita-me algumas palavras de desculpa pelo pesar que, involuntariamente, lhe causei e consinta que lhe diga, mas só a si, quem sou e quais as circunstâncias que me levaram a este deplorável erro.

Emília que, pouco a pouco, recuperava o sangue-frio, pediu a Ludovico para ir ver se alguém se aproximava. Quanto a Annette, disse ao desconhecido para falar em italiano, visto a criada não saber esse idioma. Desta forma, não saberia o que ia revelar-lhe. Refugiaram-se os três num recanto do corredor. O desconhecido soltou profundo suspiro e depois começou a falar:

— Mademoiselle, começo por lhe dizer que para mim não é uma desconhecida, embora eu tenha a infelicidade de o ser para si. Chamo-me Dupont, sou francês e oficial. Nasci na Gasconha e há muito tempo, mesmo muito, que a admiro ou antes, para que ocultá-lo, a adoro...

Com um gesto, Emília deteve estas efusões. O rapaz ergueu os olhos ao céu e

continuou:

— Com certeza, conhece a minha família, mademoiselle. Vivíamos a pouca distância do Vale e muitas vezes tive ocasião de a encontrar durante os seus passeios pela vizinhança. Deus me livre de a ofender, revelando-lhe o profundo interesse que me inspirou, o prazer que sentia em percorrer os sítios onde passava, a visitar, principalmente, o pesqueiro, e como lamentava as circunstâncias que me impediam de lhe confessar o meu amor. Tentei revelar-me por meio de versos ou pelos acordes do seu próprio alaúde; mal me atrevo a confessar-lhe a tentação que me levou a apoderar-me do inapreciável tesoiro, do retrato que há dias lhe confiei, na esperança que hoje foi, cruelmente, desiludida. Bem castigado estou! Conceda-me o seu perdão e, se não aceita o meu amor, aceite a minha desinteressada dedicação, embora, prisioneiro como estou também, de pouco lhe possa servir. Não importa. Confie nos esforços de um coração dedicado e não me recuse a ventura, a única a que posso aspirar, de tentar tudo para alcançar o direito ao seu reconhecimento.

Sensibilizada com tanta generosidade, ao escutar uma linguagem a que já não estava habituada, Emília estendeu-lhe a mão.

— Aceite os meus agradecimentos e perdoe-me se lhe recordo o perigo que afronta, prolongando esta entrevista. Será uma consolação para mim, acredite, quer as suas tentativas sejam infrutíferas ou não, a certeza de que um cavaleiro, um nobre coração, um compatriota, se empenha em proteger-me.

Dupont levou aos lábios a mão de Emília e beijou-a com respeito.

— Faço ardentes votos pela sua felicidade, sem tentar vencer uma paixão, cuja violência...

— Ensinar-te-ei a vencê-la! — vociferou um homem que, de súbito, apareceu no corredor, com um punhal na mão, atirando-se a Dupont, que estava desarmado.

Este, porém, com um movimento ágil, esquivou-se ao ataque, atirou-se a Varezzi — pois era ele — e conseguiu arrancar-lhe o punhal. Entretanto, Emília e Annette correram à escada para chamar Ludovico, mas não o encontraram. Enquanto a criada partia à sua procura, Emília voltou para junto dos dois adversários, tentando separá-los. Dupont, finalmente, aproveitando a embriaguez de Varezzi, que lhe diminuía as forças, atirou-o ao chão, onde ficou estendido, atordoado com a queda. Emília suplicou-lhe para fugir antes que Montoni ou algum dos seus aparecesse, mas ele recusou, pois não queria abandoná-la sem defesa. De súbito, ouviram passos na escada.

— Está perdido! — exclamou Emília — São os homens de Montoni.

Dupont amparou-a com um dos braços, enquanto erguia o outro armado com o punhal roubado a Varezzi. Mas em vez dos soldados viram aparecer Ludovico, que lançou em volta um olhar assustado.

— Sigam-me, sigam-me depressa! — intimou — Venham, se têm amor à vida.

Sem hesitar, seguiram-no. Desceram a escada e percorreram a passagem abobadada.

Emília perguntou por Annette.

— Está à nossa espera — respondeu Ludovico em voz baixa e arquejante — Depressa, depressa! Abriram a porta para entrar um destacamento que regressa da montanha e receio que a fechem antes de podermos alcançá-la. Cautela, mademoiselle — acrescentou, baixando a luz — há aí dois degraus.

Emília corria, tremendo, desde que sabia depender a fuga de alguns instantes. Dupont amparava-a e tentava animá-la.

— Fale baixo, senhor — aconselhou Ludovico — estes corredores fazem um eco que se ouve em todo o castelo — Cuidado com a luz também — recomendou Emília — Vai tão depressa que pode apagar-se.

Ludovico abriu uma porta atrás da qual encontraram Annette e desceram ainda alguns degraus. A medida que avançavam, o tumulto confuso que partia do pátio interior assustou Emília. — Não tenha medo — sossegou Ludovico — a nossa salvação está, justamente, neste barulho. Enquanto os homens do castelo se ocupam com os recém-chegados, temos probabilidades de fugir sem eles darem por nós. Calem-se — pediu ao aproximar-se da grade que fechava a saída para o pátio principal — Fiquem aqui um instante, enquanto eu vou ver se as portas continuam abertas e se alguém as guarda. O senhor — continuou, entregando a lanterna a Dupont — apague essa luz se me ouvir falar e deixem-se ficar aqui quietos, sem fazer barulho.

Abriu a grade e fechou-a atrás de si. Atravessou o pátio, que estava silencioso, enquanto no outro o barulho era insuportável.

— Coragem. Daqui a alguns momentos estaremos livres — segredava Dupont ao ouvido da companheira — Coragem. Tudo há-de correr bem.

De repente, ouviram Ludovico e outra voz que lhe respondia. Dupont apressou-se a apagar a lanterna. Mas o cão de Emília, que os seguira, começou a ladrar.

— O cão vai denunciar-nos. Vou pegar-lhe ao colo.

— Se não nos denunciou já — murmurou Emília. Felizmente, enganava-se. Depois de Dupont acalmar o animal, Ludovico continuou a falar com a sentinela.

— Eu fico no seu lugar — oferecia.

— Não é preciso. Mais alguns minutos e não terá essa maçada. Vão meter os cavalos nas cavaliças e fechar as portas. Depois já posso abandonar o meu posto.

— Não considero isso como maçada. Qualquer outro dia, prestar-me-á o mesmo serviço. Vá provar o vinho, ande. Os rapazes divertem-se e bebem-no sem esperar por si.

O soldado hesitou e chamou para saber se iam levar os cavalos e fechar as portas, mas, mesmo que pudessem ouvi-lo, os outros estavam muito ocupados para lhe responder.

— Não são tão tolos que interrompam tão agradável tarefa — observou Ludovico — Se

espera até que venham buscar os cavalos, já não encontrará vinho quando chegar. Eu já bebi a minha parte e, se o meu amigo não quer a sua, vou aproveitá-la.

— Isso não — protestou a sentinela — Fique aqui um bocadinho, não demorará muito tempo.

— Não se apresse — retorquiu Ludovico — Estou habituado a fazer sentinela, já sei o que isso é. Dê-me o mosquete.

— Aqui o tem, meu valente. Já viu das boas essa arma, Hei-de contar-lhe uma história a seu respeito quando tiver tempo.

— Contá-la-á melhor depois de beber.

— Tem razão — concordou a sentinela, afastando-se à pressa.

Ludovico dispunha-se a atravessar o pátio quando a sentinela voltou para trás.

— Não se afaste muito, meu amigo. Não sei se será melhor ficar aqui.

— Como queira. De resto, já não deve ter muito vinho. Segundo me parece, os seus companheiros vão voltar.

— Eu lá vou! — gritou o soldado, afastando-se a correr.

Ludovico, por sua vez, correu a abrir a grade. Emília quase desmaiava com a ansiedade causada por tão grande demora.

— Sigam-me, o pátio está livre.

Dupont e Ludovico apoderaram-se de dois cavalos que haviam saído do pátio interior para comer a erva que brotava no pátio principal.

Transpuseram, sem obstáculo, a porta e tomaram o caminho que conduzia à floresta.

Emília, Annette e Dupont seguiam a pé. Ludovico montara um dos cavalos e levava o outro pela rédea. Quando saíram do bosque, as duas raparigas saltaram para a garupa dos cavalos montados pelos seus protetores. Ludovico seguia na frente para indicar o caminho; fugiam tão depressa quanto lhes permitia a natureza do terreno, guiados pela fraca claridade derramada pela Lua, que acabava de aparecer.

XXXIII

Um Mistério que se Desvenda

Emília quase considerava como um sonho aquela fuga repentina e mal conseguia acreditar naquele desenlace tão feliz. E, com efeito, havia razões para temer. Antes de conseguirem sair da floresta, ouviram gritos que o vento arrastava até eles e, quando atingiram um ponto mais alto, avistaram luzes que se moviam, rapidamente, em volta do castelo. Dupont fustigou o cavalo para o obrigar a andar mais depressa.

— Pobre animal! — comentou Ludovico — Deve estar cansado. Andou por fora todo o dia. Fugamos para este lado. As luzes tomaram o caminho oposto.

Por seu lado, também chicoteou a sua montada, e a cavalgada partiu a galope. Depois de correrem por muito tempo, olharam para trás. As luzes ficavam já tão longe que mal se

distinguiam e os gritos haviam dado lugar a profundo silêncio. Os viajantes, então, pararam para concordarem numa resolução. Decidiram dirigir-se para a Toscana e daí alcançar o Mediterrâneo e embarcar para França. Dupont, certo de que o seu regimento também já regressara à pátria, resolveu acompanhar Emília. Tomaram pelo caminho que, tempos antes, Emília seguira com Beltrão e Ugo. Ludovico, o único dos quatro que conhecia os desfiladeiros da montanha, afirmou, haver pouco mais adiante, um cruzamento, onde uma das estradas conduzia, diretamente, à Toscana e que a pouca distância se erguia uma pequena cidade onde poderiam comprar tudo quanto lhes fosse necessário para o resto da viagem.

Avançavam sem pressas e em silêncio. Ainda não estavam bem refeitos do espanto que lhes havia causado a fuga inesperada. Absorvido nos seus pensamentos, Dupont só o interrompia para se informar sobre a direção a seguir. Outras vezes, Annette soltava uma exclamação a propósito de qualquer objeto a que o crepúsculo dava estranha forma. Por fim, avistaram luzes no sopé da montanha. Ludovico afirmou ser a cidade a que pouco antes se referira.

Satisfeitos com a perspectiva, voltaram a absorver-se nas suas reflexões.

Annette foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Meu Deus! — exclamou — Como arranjaremos dinheiro? Nem eu nem a minha ama possuímos um [cequim{3}](#) — O senhor Montoni guardava bem a sua fortuna.

Esta observação lançou-os em cruel embaraço. Dupont, despojado de quase tudo quanto possuía na altura de ser aprisionado, dera o resto ao carcereiro. Ludovico havia muito tempo não recebia o soldo e nunca tomava parte nas pilhagens; o que trazia consigo mal chegava para pagar as primeiras despesas na cidade para onde se dirigiam.

A circunstância era das mais inquietantes, pois poderia prendê-los por muito tempo naquela região onde, apesar de se encontrarem numa cidade, estavam mais ou menos em poder de Montoni. No entanto, não lhes restava outra solução senão prosseguir à mercê do destino. Caminharam através de florestas escuras, desertas e com aspecto tão selvático que lhes dava a impressão de nunca um ente humano ali haver posto os pés. Por fim, ouviram os chocalhos de um rebanho, o balir das ovelhas e avistaram algumas choças. Os viajantes estugaram o passo das montadas e descobriram um vale risonho dos Apeninos, cuja frescura e ridente aspecto contrastava com os cumes gelados das montanhas que o rodeavam.

Os primeiros alvares da madrugada tingiam o horizonte; a pouca distância, na encosta de uma colina, desdobrava-se a cidade que procuravam. O pequeno grupo alcançou-a em breve, mas não foi sem dificuldade que obteve alojamento decente e seguro. Emília pediu aos companheiros para não se demorarem ali senão o tempo estritamente necessário, pois o seu aspecto suscitava surpresa. Fugira sem chapéu, sem mesmo ter tempo para cobrir a cabeça com uma mantilha e, na penúria em que se encontravam, não podia pensar em comprar qualquer das duas coisas.

Dupont atreveu-se a revelar a situação ao hospedeiro, que lhe pareceu ser excelente homem. Este prometeu auxiliá-los em tudo quanto pudesse e ainda mais por serem prisioneiros fugidos das mãos de Montoni, a quem detestava por motivos pessoais. Propôs-se procurar-lhes cavalos para alcançarem a cidade mais próxima, mas como não era rico, não podia dar-lhes dinheiro. O problema inquietava-os, profundamente. Discutiam a maneira de o resolver quando Ludovico, que fora levar os cavalos à cavalaria, voltou radiante. Ao tirar o selim a um dos animais, encontrara uma pequena sacola, contendo o quinhão da pilhagem que pertencia ao condottier. Como é sabido, tinham acabado de regressar e como o animal saíra do pátio interior onde o dono se encontrava, levava consigo o tesouro do bandido.

Dupont declarou ser a soma mais do que suficiente para poderem regressar a França. Discutiram então em qual dos portos haviam de embarcar. Dupont sabia ser Livorno o mais próximo e também o mais propício à realização dos seus planos, pois todos os dias saíam dali navios para muitos e variados portos. Ficou, portanto, decidido que se dirigiriam a Livorno sem perda de tempo.

Emília comprou um chapéu de palha, tal como usam as camponesas da Toscana, e também alguns dos objetos mais necessários para a viagem. Trocaram os cavalos fatigados por outros melhores e, ao romper do dia seguinte puseram-se a caminho.

Depois de algumas horas de viagem por uma região bastante acidentada, começaram a descer o vale do Arno. Ao longe para oriente, avistaram Florença, cujas torres se recortavam no céu luminoso. Ao ocidente, fértil planície, semeada de laranjais e de vinhas, estendia-se até ao mar. Emília saudou comovida o oceano distante que ia transportá-la à pátria. No entanto, não tinha lar para a receber nem parentes que a recebessem; como um peregrino, voltava apenas para chorar junto do túmulo do pai. Como poderia esperar encontrar Valancourt? Apesar disso, saboreava de antemão a alegria de pisar de novo a região onde ele vivia, embora nunca mais voltasse a vê-lo.

Fazia excessivo calor. Era meio dia. Os viajantes abrigaram-se debaixo das árvores e deixaram os cavalos à vontade. Anette e Ludovico foram colher frutos silvestres e trouxeram também água fresca de uma fonte que corria próximo. Todos quatro comeram a frugal refeição sentados na relva verde. As duas raparigas, fatigadas com a viagem, dispuseram-se a dormir sob a vigilância dos dois companheiros.

Quando acordou, Emília viu Ludovico a dormir no seu posto. Quanto a Dupont, estava acordado e parecia entregue a tristes reflexões. Aproveitou a ocasião para lhe perguntar como tinha caído nas mãos dos homens de Montoni. Feliz com o interesse manifestado, o rapaz apressou-se a satisfazer-lhe a curiosidade.

— Vim para Itália com um destacamento de tropas francesas. Durante uma escaramuça travada nas montanhas com um bando de condottieri, ficámos derrotados e eu fui aprisionado com alguns dos meus companheiros. Quando me disseram que ia para o castelo do signor

Montoni, este nome não me pareceu estranho. Recordei-me de que sua tia havia casado com um italiano assim chamado e que mademoiselle os acompanhara a Itália. Decorrido algum tempo, adquiri a certeza de ser esse Montoni, na verdade, o marido de sua tia e que, portanto, aquela a quem eu amava se encontrava ali, próximo de mim. Como descrever-lhe a minha emoção quando a sentinela — a quem eu comprara — me fez estas revelações? O homem, infelizmente, não quis encarregar-se de lhe entregar uma carta nem sequer de lhe fazer conhecer a minha presença. Receava ser descoberto e a vingança do seu senhor. No entanto, proporcionou-me muitas ocasiões para a ver. Está admirada, mademoiselle? Vou explicar-me melhor. A minha saúde estava muito abalada com a falta de ar puro e de exercício. O meu carcereiro, tanto por compaixão como por interesse, proporcionou-me o meio de passear de noite pela esplanada.

Emília fez um gesto de surpresa e tornou-se mais atenta. Dupont continuou:

— Ao conceder-me essa facilidade, o homem bem sabia que eu não podia fugir. O castelo estava bem guardado e a esplanada estendia-se no alto da torre, construída sobre um rochedo a pique. Mostrou-me uma porta oculta com o revestimento das paredes e indicou-me a mola que a abria. Essa porta dava para estreito corredor praticado na espessura da parede, corredor que circulava por todo o castelo para ir terminar no parapeito da torre de leste. Mais tarde, soube existirem muitas destas passagens nas paredes maciças da formidável fortaleza, comunicações secretas, por certo, destinadas a facilitarem a fuga da guarnição, no caso de um cerco. Era por esse caminho que, durante a noite, eu alcançava a esplanada. Percorria-o com precaução, com receio de que o ruído dos meus passos me atraísse. As sentinelas estavam colocadas a muita distância umas das outras, porque, desse lado, a muralha não exigia grande vigilância. Num desses passeios, avistei uma luz que saía da janela situada por cima da minha prisão. Tive o pressentimento de ser ela a janela dos seus aposentos e, na esperança de a ver, parei mesmo em frente.

Emília recordou o vulto que, certo dia, avistara na esplanada e que tão grande susto lhe metera.

— Era então o senhor quem me provocava tão disparatados terrores? O prolongado sofrimento enfraqueceu-me por tal modo o raciocínio, que bastava o mais pequeno incidente para me assustar.

Dupont apresentou desculpas pelo medo que, involuntariamente, lhe metera, e continuou:

— Encostado ao parapeito da muralha, mesmo em frente da sua janela, absorvia-me em tristes reflexões sobre a sua situação e a minha. Foram as minhas exclamações e gemidos involuntários que a atraíram, pelo menos tive a impressão de a avistar. Não pode calcular a minha comoção nessa altura. Quis falar-lhe, mas um movimento da sentinela obrigou-me a fugir. Decorreu algum tempo antes que eu pudesse dar segundo passeio. Não me atrevia a sair da minha prisão senão quando o homem a quem eu comprara se encontrava de sentinela.

Entretanto, procurava informar-me e obter a certeza das minhas conjecturas sobre a posição dos seus aposentos. Quando chegou o dia de relativa liberdade voltei ao meu posto em frente da sua janela e via-a aparecer. Saudei-a com um gesto e dispunha-me a falar-lhe, quando uma sentinela apareceu de repente e me viu. Fugi e o homem seguiu-me; ter-me-ia apanhado se não me ocorresse ridículo estratagema. Sabia quanto aqueles homens eram supersticiosos. Soltei um grito lamentoso, na esperança de que deixaria de perseguir-me, como aconteceu. O soldado era sujeito a ataques epilépticos; o susto que lhe meti provocou um deles e facilitou-me a fuga. Desde esse dia, o sentimento do perigo já corrido, aumentado pela vigilância dos postos, que haviam dobrado, obrigou-me a desistir dos passeios pela esplanada. Mas, quando tudo adormecia, distraía-me a tocar num alaúde que o meu guarda me trouxera. Por vezes, cantava na esperança de ser escutado por si. Uma destas últimas noites realizou-se o meu desejo. Ouvi uma voz que me chamava. Não me atrevi a responder por causa da sentinela. Ter-me-ia iludido? A voz não era a sua?

— Era a minha, sim, mas...

Soltou involuntário suspiro e calou-se.

Dupont, adivinhando a dolorosa emoção que o assunto lhe provocava, tanto como a si mesmo, mudou de conversa.

— Certa vez, quando percorria o corredor a que me referi, escutei singular conversa. As vozes partiam de um aposento em cuja parede o corredor passava. Essas paredes eram tão delgadas e até arruinadas, que ouvi, distintamente, a conversa. Montoni e os companheiros estavam reunidos e bebiam. O signor começara a narrar a extraordinária história da castelã, a signora Laurentini, e as estranhas circunstâncias do seu desaparecimento. Não sei se falava verdade. Receio muito que a consciência o acusasse. Nesse instante, tremi por sua causa, pois ouvi alguns deles proferirem o seu nome. Sabendo que mesmo os mais atrevidos daqueles homens eram muito supersticiosos, imaginei assustá-los para lhes desviar o pensamento do atentado que planeavam. Prestei atenção, e quando Montoni narrava um dos pormenores mais estranhos da sua história, repeti as suas últimas palavras num tom surdo e ameaçador.

— Era o senhor! E não teve medo de ser descoberto?

— Não. Pensava que, se Montoni conhecesse o segredo do corredor, nunca me teria mandado fechar naquele quarto. De resto, afirmaram-me a sua ignorância a esse respeito.

Nos primeiros momentos, os turbulentos convivas não deram atenção à minha voz; por fim, o susto foi tão grande que todos dispersaram em desordem e Montoni ordenou minuciosas buscas que, como é de calcular, foram infrutíferas. Mais tarde, na altura em que proferia terríveis ameaças contra si, surpreendi-o também e interrompi-o.

— Recordo-me bem do terror de Montoni e confesso ter sido bastante tola para o partilhar.

Continuaram a conversar a respeito de Montoni, da França e do fim da viagem. Emília revelou a intenção de se retirar para o convento do Languedoc onde havia sido acolhida com muita amizade. Daí escreveria a seu tio Quesnel para o informar do que havia acontecido. Aguardaria que o Vale voltasse às suas mãos, na esperança de conseguir lá viver. Dupont garantiu-lhe que, visto ter conseguido fugir do seu perseguidor, os bens de que este se havia apoderado não estavam perdidos para ela. A perspectiva de poder recuperar a fortuna da tia e casar com Valancourt, inundou de alegria o coração de Emília, que tentou ocultá-la para não contristar Dupont, dando-lhe a certeza de ter um rival.

Quando o Sol começou a declinar, o Francês acordou Ludovico e de novo se puseram a caminho. Desceram até ao vale e encontraram-se nas margens do Arno. Atravessaram o rio numa barça, mas, para alcançarem a cidade de Pisa, impunha-se trocar os cavalos, completamente extenuados. Quando, por fim, a atingiram, sofreram o grande desapontamento de não encontrarem ali um navio que os levasse para França. Obrigados a prosseguir a viagem, sem tempo para admirarem os tesouros desta célebre cidade, nem a maravilhosa torre inclinada, aproveitaram a frescura matinal para atravessarem uma região rica e fértil. Os Apeninos, já muito distantes, haviam perdido a sua imponência e não eram mais do que o belo pano de fundo da bucólica paisagem. Quando chegaram a Livorno, Emília não se cansava de admirar a linda cidade e a sua vasta baía, coberta de navios.

Mal chegou, Dupont dirigiu-se para o porto. Indicaram-lhe diversos barcos franceses, um dos quais devia largar para Marselha daí a dias. Nesse porto, seria fácil encontrar outro para atravessarem o golfo de Lyon e atingirem Narbotine, cidade perto da qual ficava o convento onde Emília desejava recolher-se. Dupont combinou com o capitão o preço da passagem para Marselha e não se torna difícil adivinhar a alegria de Emília quando soube estar assegurado o seu regresso à pátria. Por seu lado, o oficial também adquiriu a certeza da volta do seu regimento a França, fato que lhe deu grande prazer, pois de outra forma não poderia acompanhar Emília sem incorrer no desagrado dos seus chefes. Ao mesmo tempo, soube dominar a sua paixão a ponto de não a dar a perceber a quem a despertara, decidido a obter a sua estima se não conseguisse o seu amor. Procurou distraí-la, mostrando-lhe a cidade, o rio e o cais por onde circulavam estrangeiros de todos os países. Emília interessava-se imenso pela entrada e saída dos barcos, partilhando com os amigos e parentes dos viajantes as alegrias do regresso e os pesares da separação.

XXXIII

O Solar de Blangy

Voltemos ao Languedoc, para junto do conde de Villefort, o herdeiro dos domínios do marquês de Villeroy, situados nas proximidades do mosteiro de Santa-Clara. Não esqueceram, por certo, que a propriedade não estava habitada quando o acaso levava Emília e o pai àquelas paragens. Recordam também a comoção de Saint-Aubert quando soube

encontrar-se perto do castelo de Blangy e das palavras que haviam despertado a curiosidade de Emília.

Em 1584, no ano em que Saint-Aubert morreu, Francisco de Beauveau, conde de Villefort, tomou posse do imenso domínio de Blangy, herdado por morte do marquês de Villeroy, seu parente, homem de caráter sombrio e modos extremamente reservados. Durante os últimos anos da sua vida, o marquês havia abandonado, completamente, o castelo. E como o velho porteiro e sua mulher, em vez de tomarem conta dele, o abandonaram também, este chegou ao mais triste estado de ruína. O conde decidiu-se, por fim, a passar ali o Outono, a fim de assistir às reparações, vencendo com muito custo a resistência da condessa sua mulher, que não desejava sair de Paris e afastar-se dos salões onde a sua beleza imperava. A sombra misteriosa dos bosques, a grandiosidade das montanhas, a solidão imponente dos grandes salões góticos e das compridas galerias cujos ecos o passo vacilante do velho criado mal conseguia despertar, as badaladas sonoras do antigo relógio, tudo isso constituía triste perspectiva para a elegante parisiense. Do seu primeiro casamento, o conde tinha um filho e uma filha, a quem resolveu levar consigo: Henrique, com vinte anos e já no exército, e Branca, que ainda não tinha dezoito anos e fora educada num convento em Paris, onde a madrastra a internara. O receio de que a beleza nascente da enteada ofuscassem a sua, levou-a a prolongar a reclusão de Branca; foi, portanto, com íntimo desgosto que teve conhecimento da resolução do marido. Consolava-a a ideia de que a enteada saía do convento para enterrar essa beleza num sítio ermo onde não poderia prejudicá-la.

Quanto a Branca, foi considerado como um dos mais belos dias da sua vida aquele em que abandonou o convento para gozar a sua liberdade num mundo onde — supunha — ela-reinava o prazer e a bondade. Quando a sineta tocou e ela viu no pátio o coche do pai, saltou de alegria, e a religiosa que foi buscá-la para a conduzir à sala onde a condessa aguardava, afigurou-se-lhe um anjo encarregado de lhe abrir as portas do céu. Isso não a impediu de chorar ao separar-se das condiscípulas e ao dizer adeus para sempre à clausura que supunha abandonar a rir.

A companhia do pai e as distrações da viagem deram novo curso aos seus pensamentos. Sem dar atenção à conversa que a condessa mantinha com mademoiselle Béarn, sua dama de companhia, entregou-se à contemplação das belezas que a Natureza radiosa desdobrava ao seu olhar.

Na tarde do sétimo dia, os viajantes avistaram Blangy, cuja situação romântica causou profunda impressão no espírito da rapariga. À medida que se aproximavam, notava os pormenores da arquitetura gótica do velho edifício: primeiro a torre fortificada que se erguia por cima do bosque, a arcada em ruínas da gigantesca porta. Quase o considerou um castelo feudal, teatro de antigas lendas, onde os cavaleiros traidores, espreitando pelas ameias, aguardavam a chegada do campeão, revestido com a sua armadura negra, que vinha arrancar

a dama dos seus pensamentos à tirania do seu rival. Lera uma aventura semelhante na biblioteca do convento que, como todas as dessa época, estava cheia de antigas crónicas. Os coches pararam diante da porta que conduzia ao parque. A grande sineta que devia servir para anunciar a chegada de visitas, não se encontrava no seu lugar. Um criado trepou ao muro meio arruinado para avisar os guardas do castelo da chegada do senhor.

A porta abriu-se por fim e o coche avançou pela alameda ladeada de frondosos castanheiros, que mal deixavam passar a claridade do dia. Era a mesma pela qual Emília se aventurara, no dia em que procurava auxílio para o pai doente.

— Que feia moradia! — comentou a condessa, à medida que avançava — Com certeza não vai obrigar-me a passar neste deserto selvagem todo o Outono? — concluiu, voltando-se para seu marido, que logo demonstrou o seu desagrado.

— Decidirei conforme as circunstâncias — replicou o conde — E este deserto selvagem, esta feia moradia, foram o berço dos meus antepassados.

O coche parou no pátio onde o velho porteiro aguardava o amo com os criados chegados de Paris dias antes, a fim de prepararem o castelo.

Branca notou que nem toda a habitação era de estilo gótico. Haviam-lhe acrescentado novas construções mais modernas. A sala imensa e escura onde entrou não era, porém, desse número, nem tão pouco a sala revestida de madeira de cedro onde a condessa se dispôs a descansar. O veludo verde dos estofos que cobriam os móveis antigos, adornados com franjas de oiro, mais contribuía para o aspecto lúgubre do estranho aposento.

Enquanto a condessa pedia para lhe servirem alguns refrescos e o conde com o filho visitava o resto da casa, Branca foi obrigada a presenciar o mau-humor da madrasta.

— Como conseguem viver nesta triste habitação? — perguntou a condessa à criada, quando esta entrou para a cumprimentar — Há quantos anos aqui estão?

— Faz vinte anos para o S. Jerónimo, senhora condessa- informou a velhota.

— E vivem sozinhos neste ermo, quase sem socorros?

— Não habitávamos o palácio. Quando o defunto senhor marquês partiu para a guerra e a casa ficou deserta, eu e meu marido julgámos morrer. Fomos viver para a orla da floresta, perto dos lenhadores e, de tempos a tempos, vínhamos aqui para ver como estava tudo. A guerra acabou, mas o senhor marquês aborreceu o castelo e nunca mais voltou a habitá-lo nem sequer o visitou. Como tudo está diferente do que foi noutros tempos! Como a minha falecida ama apreciava isto! Ainda me lembro do dia em que chegou aqui, recém-casada. Era tão linda! Nunca mais verei outra como ela!

A condessa ficou ofendida com as apreciações da boa mulher. Mandou-a embora com modos bruscos e recolheu aos seus aposentos.

Entretanto, Branca, aproveitando a pouca claridade do dia, que estava prestes a findar, corria de galeria em galeria, de janela em janela, admirando ora a majestade dos bosques, ora

os tons purpurinos do relvado, batido pelos raios do Sol já no ocaso, ora o distante oceano prateado pelo luar nascente. Era tudo tão belo que não podia dominar o seu entusiasmo.

— Como pude viver tanto tempo sem contemplar este espetáculo, sem experimentar estas deliciosas sensações? A mais humilde camponesa dos domínios de meu pai pôde admirar estas maravilhas desde criança, e eu, metida num convento, ignorava todos os esplendores da Natureza! Nunca, até hoje, assisti ao declínio do Sol e amanhã, pela primeira vez também, vê-lo-ei nascer em toda a sua glória. Como se pode viver em Paris, com as suas ruas sujas e os prédios altos e sombrios, quando aqui, em pleno campo, se contempla o azul do céu e as galas verdejantes da Natureza!

A sua exaltação foi perturbada pelo ruído dos passos de alguém que entrou na sala onde se encontrava. Voltou a cabeça e viu a velha Doroteia que se dispunha a fechar as janelas. Ao vê-la, recuou.

— Assustei-me. Ainda bem que, é a mademoiselle.

O tom em que proferiu estas palavras surpreendeu

Branca.

— Sim, parece assustada, Doroteia — observou.

— Não, não estou assustada. Mas sou velha e tudo me perturba, eis o que foi. Sinto-me feliz por o senhor conde se ter instalado aqui. Deus seja louvado, o castelo vai reviver. Mas... como veio ter a esta sala? Perdeu-se? Vou conduzi-la à outra ala do castelo.

Branca seguiu-a. Pelo caminho perguntou-lhe onde conduzia uma porta existente na extremidade de uma galeria que lhe indicou.

Doroteia empalideceu e persignou-se. Em voz sumida, elucidou que a porta abria para uma enfiada de aposentos onde, havia muitos anos, não entrava ninguém.

— Foi ali que faleceu a minha pobre ama — acrescentou — e desde então nunca mais tive coragem para lá entrar.

Branca absteve-se de fazer novas perguntas à velhota, cujos olhos estavam rasos de água. Retirou-se para os seus aposentos e, cheia de reconhecimento pelo Criador, ergueu aos céus uma prece mais fervorosa do que todas as que rezara no convento.

No dia seguinte, amarrado ao tronco de uma árvore, um barco preparado e enfeitado sob as ordens de Henrique, aguardava a família. A certa distância, a meio do arvoredado, erguia-se uma espécie de pavilhão, onde o conde mandara servir o café e alguns refrescos. Foi para ali que os remadores dirigiam o barco, seguindo ao longo da margem. Decorrida uma hora de passeio, desembarcaram e subiram o estreito atalho, atapetado de relva e de perfumadas flores. O pavilhão, sombreado pelo arvoredado, havia sido preparado à pressa; estava bonito, mas as pinturas das paredes e os estofos rasgados indicavam o abandono em que o haviam deixado. A refeição foi deliciosa. Os senhores do castelo tinham na sua frente o oceano, sob as suas cabeças uma abóbada de verdura, enquanto ao longe as trompas de caça acordavam

os ecos da floresta.

Após prolongado passeio a pé, regressaram ao barco. A beleza da tarde incitou-os a demorarem-se um pouco, e a afastarem-se mais para o largo. Quando já se encontravam a meio da baía, olharam para terra e viram, elevando-se por cima do arvoredor, as pesadas torres de um edifício e, ao mesmo tempo, chegou-lhes aos ouvidos um coro de vozes femininas.

— Cantam as vésperas — afirmou Branca — No convento, ouvia muitas vezes este hino.

— Estamos então perto de um mosteiro? — perguntou o conde.

Como, justamente nessa altura, o barco acabasse de dobrar um cabo bastante elevado, o convento de Santa Clara apareceu. Erguia-se mesmo à beira-mar, na margem de pequena enseada. O arvoredor que o rodeava deixava a descoberto grande parte do edifício: o grande portão de entrada, a janela gótica do claustro e um lado da capela. Um arco venerável que outrora ligava o convento e outras construções, agora demolidas, conservava-se ainda de pé como ruína majestosa, destacando do resto do edifício; das janelas da capela pendiam como grinaldas, hastes de hera e de outras plantas trepadeiras.

O conde ordenou aos remadores para pararem. As religiosas continuavam a cantar, acompanhadas pela harmonia solene de um órgão. Branca sentia-se comovida até às lágrimas e o seu pensamento subia para Deus, nas asas do canto. Silenciosos, dominados por estranho encantamento e respeito, os passeantes viram sair do claustro uma procissão composta de religiosas de hábito branco, que meteu pela floresta a fim de dar a volta ao edifício.

A condessa foi a primeira a falar:

— Tudo isto, a paisagem, o canto e as freiras, inspira mortal tristeza. E está a escurecer. Regressemos depressa ao palácio; quando lá chegarmos será noite cerrada.

O conde ergueu a cabeça e verificou ser a escuridão devida a pesadas nuvens amontoadas no firmamento. Aproximava-se forte trovoadas. As aves marinhas voavam baixo, fugindo, rapidamente, para algum refúgio ignorado. Os remadores deram toda a força aos remos, mas o primeiro trovão e algumas gotas de chuva determinaram o conde a procurar abrigo no mosteiro. O barco mudou de rumo. À medida que as nuvens caminhavam para ocidente, fortes relâmpagos sulcavam-nas em todas as direções. O arvoredor e o convento pareciam incendiados.

Os gritos de terror da condessa e de mademoiselle Béarn assustavam o conde e perturbavam os remadores. Branca, partilhada entre o terror e admiração, tentava do minar-se.

O barco parou em face do convento. O conde mandou um dos seus criados pedir asilo à superiora. A ordem de Santa-Clara não era das mais rigorosas; no entanto, só as mulheres puderam ser admitidas. Desembarcaram, atravessaram, rapidamente, o relvado ensopado pela chuva e foram recebidas pela superiora que estendeu a mão para as abençoar. Entraram

em seguida numa sala enorme onde encontraram algumas religiosas com hábitos negros e véus brancos. Entretanto, a superiora erguia um pouco o seu, deixando ver o sorriso doce, impregnado de calma dignidade. Conduziu a condessa, Branca e mademoiselle Béarn para a sala do convento, deixando o conde e Henrique no locutório.

Entretanto, os relâmpagos sucediam-se e os trovões ribombavam quase sem interrupção. O sino tocou, convidando as freiras para a oração. Passando junto de uma janela, Branca relanceou a vista para o mar largo e viu, à luz dos relâmpagos, um navio que, sacudido pelas ondas, tão depressa desaparecia no abismo como era elevado nas cristas das vagas altíssimas.

Pálida e trémula, ajoelhou na capela, no meio da comunidade, orando com fervor pelos viajantes em perigo. Entretanto, os criados do conde haviam seguido para o castelo a fim de trazerem carruagens. Chegaram quando o ofício religioso estava a acabar. A trovoadá abrandara. O conde e a família despediram-se da superiora e regressaram a casa, admirando-se Por ser tão Perto, pois as sinuosidades da estrada haviam-lhes feito acreditar estarem muito mais longe

Mal se encontravam reunidos na sala para descansar quando, entre dois trovões, se ouviu um tiro de canhão. O conde reconheceu o sinal de navio em perigo e Branca recordou o que tinha avistado da janela do convento. Correram à janela e puderam ver ainda, quando o céu se inflamava com a claridade azulada dos relâmpagos, o navio desarvorado, lutando com dificuldade contra o assalto das vagas. O conde deu imediatamente as suas ordens, enquanto Branca se lhe agarrava ao braço com olhar suplicante. Mandou acender fogueiras no cimo dos rochedos, como faróis para indicar os escolhos. Henrique saiu para dirigir os criados que corriam de todos os lados com os archotes acesos na mão; outros, também com archotes, desciam para a praia e soltavam grandes gritos, chamando os marinheiros do navio. Ouviam-se os apitos e as vozes sumidas da tripulação, que procurava responder, dominando o ruído do vento. Os gritos aumentaram o terror de Branca, cuja ansiedade diminuiu quando Henrique apareceu, correndo, para anunciar ao pai que o navio havia conseguido ancorar na baía. O conde mandou que preparassem o barco a fim de trazer para o palácio todos aqueles que não pudessem alojar-se no povoado mais próximo.

Neste número contavam-se Emília Saint-Aubert, Annette, Dupont e Ludovico que, tendo embarcado em Livorno, atravessavam o golfo de Lyon quando a tempestade assaltou o navio. Foram acolhidos pelo conde com extrema afabilidade. Emília desejava acolher-se no convento de Santa-Clara nessa mesma noite; mas, extenuada pelo cansaço e pelo terror, não conseguia dar mais um passo.

O conde reconheceu Dupont como um dos seus amigos e esse encontro foi festejado com alegria. Também conhecia o nome de Saint-Aubert e a forma como acolheu Emília desvaneceu o ligeiro embaraço que de início a tolhera. Os cuidados afetuosos de Branca

estabeleceram logo uma corrente de simpatia entre as duas raparigas, pois desde o primeiro instante, a órfã reconheceu na filha do conde uma alma gémea da sua. Entretanto, Annette descrevia aos outros criados os perigos por que acabavam de passar. Radiante por se ver livre de Montoni, assim como Ludovico, transmitiu com a sua presença e alegria, desusada animação aos companheiros, até que, irritada com a algazarra, a condessa os intimou a irem deitarem-se.

Emília recolheu ao quarto que lhe haviam destinado, no desejo de descansar, mas estava muito nervosa para poder dormir. O regresso à pátria reanimava-lhe fagueiras esperanças. A recordação dos dolorosos acontecimentos e de tudo quanto havia sofrido desde a sua partida, desvanecia-se ao pensar em Valancourt. Encontrar-se de novo na terra onde ele vivia, após tão prolongada separação, transportava-a de uma alegria sem nome. Mas quando calculava o tempo decorrido desde que recebera a última carta do rapaz, a sua ansiedade renascia. Pensar que Valancourt podia ter morrido ou, se vivesse, a esquecera, era tão terrível para o seu coração, que nem sequer podia admitir semelhantes hipóteses. Decidiu escrever-lhe logo no dia seguinte, a fim de o avisar do seu regresso. Tranquilizada com esta resolução e animada pela esperança de poder saber em breve que o noivo estava vivo e ainda lhe queria, o sentir-se tão perto dele, acalmou-a; conseguiu adormecer por fim e as doces ilusões continuaram em sonhos.

XXXIV

O Regresso

Branca afeiçoou-se tanto a Emília que lhe pediu, com autorização de seu pai, para ficar mais algum tempo no castelo. Depois, foram passear para o parque. A certa altura, avistaram as torres do mosteiro onde Emília tencionava recolher.

— Será possível! — exclamou Branca no auge do espanto — Eu acabo de sair do convento e a minha amiguinha vai encerrar-se noutro? Se soubesse o prazer que sentimos ao recuperar a liberdade, em poder contemplar o céu, os campos e os bosques, nunca teria concebido semelhante ideia.

Emília sorriu da vivacidade com que a filha do conde falava e afirmou não desejar enclausurar-se por toda a vida.

— Com certeza. Por agora não o deseja — replicou Branca — Mas ignora o poder de persuasão das religiosas. Eu sei, por experiência própria, como sabem mostrar-se boas e felizes, a fim de nos seduzirem com o seu exemplo. Vivi com elas muito tempo e por isso conheço bem toda a sua manha.

De regresso ao castelo, Branca foi mostrar à amiga todos os quartos que na véspera havia visitado. Emília não pôde deixar de comparar o mobiliário com o do castelo de Udolfo, muito mais antigo, mas, no entanto, muito mais belo, e rico. A velha Doroteia também lhe despertou o interesse; achava estranho que a criada não deixasse de olhar para ela com

atenção. Aproximando-se da janela, julgou reconhecer a paisagem, os campos, os bosques e o rio que atravessara com Voisin, depois da morte do pai, quando, depois do enterro, regressara à choupana. Reconheceu também o castelo e recordou os estranhos boatos que naquela altura lhe haviam contado.

Impressionada com a descoberta, ficou pensativa. Não podia também deixar de recordar a comoção manifestada pelo pai ao saber que se encontrava nas proximidades da misteriosa moradia. Curiosa, perguntou a Doroteia se ainda continuavam a ouvir música à meia noite.

— Continuamos, sim, mademoiselle.

— E ainda não conseguiram descobrir quem a toca?

— Seria impossível descobri-lo. No entanto, adivinha-se quem seja.

— Nesse caso, por que não perseguem o misterioso tocador?

— Persegui-lo! Como poderíamos perseguir um espírito?

Emília sorriu e, recordando os tormentos sofridos havia pouco tempo por causa das superstições, decidiu resistir à credulidade. No entanto, a despeito deste propósito, ficou receosa de levar mais longe a sua curiosidade. Branca, que as escutara em silêncio, perguntou de que música se tratava e desde quando se fazia ouvir.

— Desde a morte da nossa querida ama — elucidou a criada.

— Não quer dizer que aparecem fantasmas no castelo? — perguntou a filha do conde, num misto de ironia e receio.

— Nunca deixei de escutar essa música desde o dia em que lhes falei, é tudo quanto posso dizer-lhes. Pobre e querida senhora! Há quantos anos morreu e, no entanto, recordo-me de tudo como se fosse ontem. Esqueci outros fatos mais recentes, mas estes revejo-os como se fosse num espelho. Além disso — continuou, fixando Emília como nunca o fizera — esta menina, desde o primeiro instante em que a vi, recordou-me a senhora marquesa. O mesmo sorriso, os mesmos olhos, a mesma expressão ingênua e pura! Sim, quando veio para aqui, a minha ama ainda sabia sorrir!

— E depois já não era alegre? — perguntou Branca. Doroteia limitou-se a responder, abanando a cabeça.

Emília, notando que as lágrimas lhe corriam pelas faces, absteve-se de fazer novas perguntas; vendo o conde que passeava no jardim com a condessa e com Dupont, foi ter com eles para agradecer aos donos da casa a hospitalidade recebida e participar-lhes a sua intenção de recolher ao convento. Porém, as instâncias do conde foram tão calorosas que, apesar do seu desejo de rever as suas amigas do mosteiro e de ir rezar sobre a campa do pai, consentiu em ficar no castelo por mais algum tempo.

Mesmo assim, mandou dizer à superiora que se encontrava em casa do conde e escreveu a Quesnel e a Valancourt. Mas como não sabia para onde dirigir esta última carta, endereçou-a para o castelo do irmão, na Gasconha.

Desempenhados estes primeiros encargos, nessa mesma tarde dirigiu-se com Branca à choupana de Voisin. À medida que se aproximava, sentia-se dominada por sentimentos contraditórios de alegria e amargura. O tempo cicatrizara a ferida, mas as recordações, reavivadas por tudo quanto a cercava, reabriaram-na. Voisin ainda vivia e gozava os últimos dias de uma existência calma e sem mancha. Sentado diante da porta, vigiava os netos, animando-os com a voz e com o gesto. Reconheceu, imediatamente, Emília e mostrou-se muito satisfeito com a visita.

Emília não teve coragem para lhe pedir para visitar o quarto onde o pai morrera e depois de meia hora de conversa, despediu-se, contente com a felicidade daquela pobre gente. Outro espetáculo a aguardava no castelo. Não era sem pesar que assistia ao mudo sofrimento de Dupont. O seu abatimento impressionara o conde a quem o oficial confiara o segredo do seu amor sem esperança. O castelão lamentava-o e decidiu aproveitar todos os ensejos para o favorecer. Sem se opor, abertamente, ao desejo manifestado pelo rapaz de abandonar Blangy no dia seguinte, obrigou-o a prometer que voltaria ao castelo quando se sentisse mais calmo. Por seu lado, Emília, se não podia corresponder ao seu amor, apreciava-lhe as nobres qualidades e estava-lhe grata por todos os serviços que lhe prestara. Foi, portanto, com verdadeiro pesar que assistiu à sua partida. Quanto a Dupont, quando se despediu dela, manifestou tão profunda dor e amor tão violento, que o conde defendeu a sua causa com maior entusiasmo do que fizera até ali.

Poucos dias depois, Emília recebeu uma carta de Quesnel, uma carta seca e indiferente com que já contava, sem manifestar interesse algum pelos seus sofrimentos nem alegria por sabê-los terminados. Não perdia o ensejo para censurar a sobrinha por ter recusado o casamento com Morano, a quem teimava em apresentar como verdadeiro fidalgo, muito rico e considerado. Vociferava contra Montoni, a quem rodeara de adulações. Quanto à questão dos interesses de Emília, abordava-a por forma vaga. Comunicava-lhe que o prazo do aluguer do Vale estava a expirar e que a sua fortuna não lhe permitia habitá-lo. Por outro lado, não a convidava a ir viver em sua casa e, pelo contrário, aconselhava-a a ficar no convento de Santa-Clara. Não respondia às insistentes perguntas de Emília sobre Teresa e, no fim da carta, falava-lhe de Moteville, o homem em cujas mãos Saint-Aubert depositara a maior parte da sua fortuna, dando-lhe a entender que os negócios do banqueiro estavam mais bem encaminhados e, por consequência, Emília receberia mais do que esperava. Enviava-lhe também um cheque para levantar módica quantia em casa de um banqueiro de Narbonne. O conde de Villefort, a quem Emília revelou a sua situação, aconselhou-a a recorrer à justiça para exigir os bens que Montoni lhe roubara e ofereceu-se para escrever a um advogado de Aix, em cuja opinião poderia confiar. Emília, muito reconhecida, aceitou a oferta. Todas estas atenções tê-la-iam tornado muito feliz se tivesse a certeza de que Valancourt estava de saúde e ainda gostava dela. Decorreu mais de uma semana sem receber notícias.

Em pensamento, imaginava todas as hipóteses e, conforme o costume, as mais terríveis pareciam-lhe as mais prováveis. Passava os dias triste e abatida a ponto de fugir da companhia de Branca e ficar horas seguidas fechada no quarto.

Num desses períodos de melancolia, abriu um cofrezinho onde guardava as cartas de Valancourt e releu-as a fim de encontrar ali as expressões de uma ternura que havia sido o seu amparo nas horas de amargura. Naquela altura, porém, essas recordações mais lhe agravavam o sofrimento, pois comparava o passado com a situação presente. O amor de Valancourt teria cedido à influência do tempo e da ausência? A caligrafia do rapaz bastava para desencadear no coração da Emília tantos sentimentos contraditórios que, sem conseguir concluir a leitura da primeira carta, ocultou o rosto nas mãos e deixou correr as lágrimas. Nesse instante, Doroteia entrou-lhe no quarto a fim de avisar de que o jantar seria servido uma hora mais cedo. Emília estremeceu e apressou-se a guardar as cartas.

— Que é isto! — exclamou Doroteia, baixando-se para apanhar um objeto do chão — Virgem Santa, que vejo eu!

E, tremendo, deixou-se cair na cadeira que se encontrava perto.

— O que foi? — inquiriu Emília, assustada com o grito.

— É ela! — exclamou a criada — Ela tal como era pouco antes de morrer!

Cada vez mais assustada, Emília receou que a pobre mulher tivesse tido, de repente, um ataque de loucura. Com bons modos, pediu-lhe para se explicar.

— Onde encontrou este retrato? É ela, a minha querida patroa!

E atirou para cima da mesa a miniatura encontrada por Emília entre os papéis que Saint-Aubert pedira para serem queimados, o retrato que beijara, chorando, na véspera de abandonar o Vale. Ao recordar todos estes fatos, ficou tão comovida que mal teve forças para interrogar Doroteia. Limitou-se a perguntar-lhe se tinha bem a certeza de ser aquele o retrato da defunta marquesa.

— Se tenho a certeza! — protestou a criada, voltando a pegar na miniatura — São estes os seus olhos azuis com expressão tão meiga e bondosa, idêntica à sua, mademoiselle, a que tomava quando se fechava para meditar e para chorar. Mas nunca se queixava. Daí este ar resignado que me despedaçava o coração e me fazia adorá-la.

— Doroteia, o meu interesse é muito maior do que pode calcular e a minha curiosidade não é vã. Não se recuse a satisfazer-me.

— O seu rosto fala por si, mademoiselle. Parece-se tanto com a minha adorada ama, que me parece tê-la aqui diante de mim. Portanto, revelar-lhe-ei muita coisa que só confiei a meu marido, embora muitos tenham suspeitado do que aconteceu. Estive sempre junto da senhora marquesa durante a sua última doença e posso jurar que sei tanto como o próprio senhor marquês sabia. Pobre santa! Como era paciente ... Quando ela morreu, julguei morrer também! ... Contar-lhe-ei tudo quanto se passou nessa ocasião e tudo quanto suspeitei. Mas

promete-me, por todos os santos...

Emília interrompeu-a, jurando-lhe nunca revelar a ninguém o que ela lhe dissesse, salvo se lhe desse consentimento para isso.

— Muito bem. Mas agora sou forçada a retirar-me. Estão a tocar para o jantar.

— Volta esta noite?

— Deve ser difícil, porque festejam as vindimas e há baile. No entanto, se puder, não deixarei de vir.

— As festas da vindima! — murmurou Emília depois dela sair.

E lembrou-se de que nessa mesma noite, no ano anterior, ela e o pai se encontravam nas proximidades do castelo de Blangy. A recordação dos tristes acontecimentos que se haviam seguido entristeceu-a e perseguiu-a mesmo quando se encontrava com a família de Villefort a assistir à festa campestre. Tanta alegria importunava-a e fazia-lhe mal; afastou-se do baile e, lentamente, meteu-se pelo bosque; absorvida em tristes pensamentos, caminhava sem dar conta da distância. Por fim, notou que o som dos instrumentos deixara de se fazer ouvir e em volta dela reinava o mais profundo silêncio. Encontrava-se no extremo da alameda onde penetrara na noite em que chegara ali com o pai. Se nessa altura lhe parecera triste e abandonada, pior a via agora. Por todos os lados, arbustos derrubados e ramos quebrados. Aterrada com o pensamento de que aquele local sombrio podia servir de covil para bandidos, voltou para trás, no desejo de regressar ao baile. De repente, ouviu passos atrás de si. Cada vez mais assustada, começou a correr, mas os seus perseguidores ainda andavam mais depressa. Felizmente, ouviu a voz de Henrique. Tranquilizada, abrandou o passo para que ele pudesse alcançá-la. O filho do conde não vinha sozinho e uma exclamação do homem que o acompanhava sobressaltou Emília, fazendo-a vibrar até ao mais íntimo do seu ser. Julgou reconhecer a voz de Valancourt. Não se enganara... era ele mesmo! Pode calcular-se o que foi o encontro de duas pessoas que se adoravam e haviam estado separadas durante tanto tempo.

Na embriaguez daquele momento, Emília esqueceu tudo quanto havia sofrido. Valancourt, por seu lado, parecia esquecer todo o mundo para só ver a sua amada e Henrique, surpreendido, assistia à cena em silêncio.

Valancourt fez-lhe mil perguntas sobre Montoni, perguntas a que ela nem sequer

respondeu, querendo saber por que não tinha respondido à carta.

O rapaz explicou-lhe que só a recebera ao regressar de Paris. Partira nesse mesmo dia, mas, como tinha chegado de noite, resolvera alojar-se na hospedaria e escrever-lhe de lá. Felizmente, encontrara Henrique a quem já conhecia e este conduziu-o à presença daquela a quem não contava ver senão no dia seguinte.

Emília voltou ao baile na companhia dos dois rapazes. Henrique apresentou Valancourt ao pai; Emília, porém, teve a impressão de que este não o acolhia com a habitual amabilidade. Convidaram Valancourt para tomar parte na festa, mas este, depois de ter cumprimentado o conde, isolou-se com Emília a fim de poderem conversar mais à vontade.

Radiante por ter junto de si aquele a quem já considerava como perdido para ela, por quem chorara tanto, aquele cujas feições se conservavam bem vivas na sua memória, não se cansava de olhar para ele, de o observar à claridade dos balões suspensos das árvores e, com pesar, verificava não ser o mesmo. O fogo da paixão animava como dantes a sua fisionomia adorada, mas já não havia na sua expressão aquela simplicidade e franqueza que constituíam o seu principal encanto. Continuava a ser atraente, mas, por vezes, o semblante refletia inquietação e tristeza; por vezes, também, caía em profunda abstração da qual se arrancava com muito custo para contemplar Emília com olhar fixo e estranho, como se oculto receio o pungisse. Estava mais pálido, e o sorriso doce, impregnado de tristeza, conferia-lhe um cunho impressionante.

Emília descreveu-lhe todos os pormenores da sua vida, desde que abandonara a França. Valancourt manifestou, ora compaixão, ora indignação, quando lhe falou nas atrocidades praticadas por Montoni. Mais de uma vez se levantou para andar de um lado para o outro, como se oculta perturbação contribuísse, tanto como a cólera, para o agitar. Pouca atenção lhe deu quando Emília lhe comunicou a cedência de todos os seus bens e da pouca esperança que alimentava de os recuperar. Quando ela acabou de falar, ficou algum tempo absorvido nas suas reflexões, como que atormentado por oculto sofrimento e, de repente, afastou-se sem proferir palavra. Quando, pouco depois, voltou para junto dela, Emília notou que tinha chorado e pediu-lhe para não se afligir.

— Os meus tormentos acabaram — declarou — Consegui fugir à tirania de Montoni.

Sinto-me feliz e quero vê-lo feliz também.

Valancourt, porém, cada vez mais agitado, respondeu-lhe em voz surda:

— Emília, sou indigno de si, indigno, sim!

Estas palavras e ainda mais a forma como foram ditas, impressionaram-na profundamente. Aflita, olhou-o com inquietação.

— Não me olhe dessa maneira! — pediu ele, desviando o rosto — Não posso suportá-lo!

— Gostaria de o interrogar e de saber o que significa essa linguagem, mas verifico que, neste momento, as minhas perguntas mais o apoquentariam. No entanto, custa-me admitir, embora

seja por um momento, que se tenha tornado indigno da minha estima. Confio na sua lealdade e espero pela explicação, logo que se considere em estado de me dar.

— Essa lealdade que evoca, Emília, quantas vezes me levou a censurar-me a mim mesmo? ... Diga-me que ainda me ama e me perdoa a inquietação que lhe causei com as minhas palavras! — Perdoo-lhe de todo o coração. Quanto a amá-lo... sabe melhor do que eu se continua a merecer a minha estima. Sem ela nunca poderia confiar-lhe o meu coração. Escuso de dizer-lhe como sofreria se fosse obrigada a recusar-lhe.

Como os outros se aproximassem, não puderam continuar a conversar. Sentaram-se à mesa e comeram ao ar livre. Terminada a refeição, partiram para o castelo. No entanto, o conde não convidou Valancourt para entrar e este despediu-se de Emília e regressou à hospedaria. Este procedimento e a atitude de Valancourt, preocuparam-na por tal forma que nem sequer se recordou da promessa de Doroteia. Em vão tentou encontrar a chave do novo mistério que ameaçava a sua tranquilidade e o seu coração.

No dia seguinte, o conde encontrou-a numa das alamedas do jardim. Falaram de festa e do encontro com Valancourt.

— Aquele rapaz tem valor e quando me apresentaram em Paris simpatizei imenso com ele.

Calou-se. Emília desejava e temia ao mesmo tempo que o conde prosseguisse, mas não lhe deixou adivinhar o interesse que o assunto lhe despertava.

Foi o conde o primeiro a falar.

— Posso perguntar-lhe, mademoiselle, há quanto tempo conhece Valancourt?

— E eu -volveu Emília — posso saber por que me faz essa pergunta?

— É justo e vou revelar-lhe. Torna-se evidente que Valancourt a ama, fato que não é para admirar, pois acontece o mesmo a todos quantos a conhecem. Mas receio que, entre esses todos, seja ele o preferido.

— Onde nasce esse receio, conde? — insistiu Emília, cujo coração palpitava num sobressalto.

— Porque não o considero digno de si — replicou o conde com firmeza.

Perturbada e inquieta, Emília pediu-lhe para se explicar melhor.

— Vou fazê-lo, se acredita que o faço pelo interesse pela sua felicidade.

— Assim o creio, com efeito.

— Nesse caso, sentemo-nos aqui — propôs o conde, que notara a palidez de Emília.

Sentaram-se e o conde começou:

— Apesar de nos conhecermos há pouco tempo, o que tenho observado do seu espírito e caráter bastou para conquistar a minha estima. Merece ser feliz e desejo que o seja. Vou falar-lhe como falaria à minha filha.

Emília agradeceu-lhe com um gesto.

— A minha posição é delicada — prosseguiu o conde — mas o desejo de lhe ser prestável sobreleva todas as outras considerações. Quer revelar-me como conheceu Valancourt, se o assunto não lhe é muito doloroso?

Em poucas palavras, Emília descreveu-lhe o primeiro encontro. Em seguida, insistiu tanto que o conde não pôde deixar de satisfazê-la.

— Valancourt conheceu meu filho em casa de um camarada onde eu também o conheci. Convidei-o a vir a minha casa, ignorando a espécie de pessoas com quem convivia, homens que vivem do jogo, estroinas, uma verdadeira escória da sociedade... mas, que tem?... Devo continuar?

— Continue, peço-lhe.

— Vim a saber que as más companhias o haviam arrastado para uma vida de deboche da qual não tinha vontade nem desejo de se libertar. Perdeu ao jogo quantia enormes. O vício tornou-se paixão e ficou completamente arruinado. Soube mais tarde que, em face da sua habilidade, o iniciaram em certos segredos da profissão, dando-lhe também parte nos lucros...

— É impossível! — exclamou Emília, que emendou logo — Perdoe-me, conde, mas com certeza o informaram mal. Valancourt, com certeza, tem inimigos que tentam prejudicá-lo.

— Gostaria de poder acreditar nessa hipótese, mas não posso. Estou plenamente convencido do que afirmo e só o interesse que tenho pela sua felicidade me obrigou a fazer-lhe estas tristes revelações.

Emília manteve-se em silêncio. Recordava as últimas palavras de Valancourt que, exprimindo intenso remorso, pareciam confirmar as declarações do conde. No entanto, não se sentia com coragem para aceitar a cruel verdade; tinha o coração dilacerado. Saber que o seu amado era um criminoso, esmagava-a de dor. O seu estado de espírito tornava-se intolerável.

— Concebo as suas dúvidas — prosseguiu o conde — e considero-as muito naturais. É justo que lhe dê uma prova do que afirmo. Só uma certeza poderá restituir-lhe a calma para o futuro. Fique sabendo que meu filho foi muitas vezes testemunha do mau procedimento do cavaleiro Valancourt, cujo exemplo esteve tentado a seguir. Felizmente, pude salvá-lo do perigo quando estava prestes a perder-se. E diga-me se um pai a quem o exemplo do cavaleiro quase roubou o filho, não tem razão mais do que suficiente para acautelar as pessoas a quem estima e evitar que lhe confiem a sua felicidade? Eu próprio o vi jogando com homens cuja presença bastava para me fazer corar de indignação. Se ainda lhe restam dúvidas, fale com meu filho.

— Desde que o conde o afirma, não posso duvidar da sua palavra — replicou Emília, vergada ao peso da dor — Valancourt poderá ter-se entregado a excessos deploráveis, mas deixe-me acreditar que não voltará a fazê-lo. Se tivesse conhecido, como eu, a nobreza e lealdade do seu caráter, desculpava a minha incredulidade.

— Sei bem quanto se torna difícil dar crédito ao que nos aflige, mas não poderia animá-la com esperanças inúteis. A paixão do jogo tem atrativos irresistíveis; talvez o cavaleiro consiga resistir-lhes por algum tempo, mas, inevitavelmente, reincidira. Temo a força do hábito, receio até, lamento ser obrigado a dizê-lo, que o seu coração já esteja corrompido. Não posso esconder-lhe não ser o jogo o seu único vício. Existem ainda outros...

Hesitou e calou-se. Emília, cuja ansiedade crescia de momento a momento, mal podia aguentar-se e escutava as palavras do conde como quem ouve a sua sentença de morte. Seguiu-se prolongado silêncio. Por fim, Villefort, dominando a própria comoção, prosseguiu: — Depois de ter começado, seria cruel não lhe revelar tudo. Devo dizer-lhe que, devido às suas loucuras, o cavaleiro Valancourt foi preso duas vezes e em qualquer delas deveu a sua liberdade, segundo me afirmaram pessoas dignas de todo o crédito, às bondades de certa condessa bem conhecida com quem vivia quando abandonei Paris.

Era demasiado. Emília escorregou da cadeira e caiu no chão, desmaiada. O conde ergueu-a nos braços e gritou, pedindo auxílio, mas estava muito longe do castelo, para que pudessem ouvi-lo. Vendo uma fonte que perto corria, deixou-a encostada ao tronco de uma árvore e abandonou-a durante breves instantes a fim de ir buscar água. Emília voltou, lentamente, a si e quando abriu os olhos viu-se amparada, não pelo conde, mas por Valancourt, que espiava todos os seus gestos com expressão aterradora e lhe dirigiu a palavra com voz trémula.

O conde, ao regressar, tomou um ar severo e fez um sinal a Valancourt para se retirar. Este, porém, recusou afastar-se dali antes de Emília estar completamente restabelecida. Depois, adquirindo, pela atitude do conde, pelo estado de Emília e talvez pela voz da própria consciência, a certeza do que havia sido ele o assunto tratado na conversa de ambos, corou de indignação; em seguida, sucedendo-se a esse breve assomo de orgulho, refletiu-se-lhe no semblante tão intensa expressão de dor, que o próprio conde sentiu mais compaixão do que cólera. Emília, que recuperara por completo a consciência, ficou também tão comovida, que não conseguiu reprimir as lágrimas. Mesmo assim, apelando para toda a sua coragem, agradeceu ao conde e tomou o caminho do castelo, sem dirigir uma palavra a Valancourt. Este, ferido até ao mais íntimo da alma, deu alguns passos para ela e murmurou em voz sufocada:

— Santo Deus! Como pode inflingir-me semelhante humilhação e que lhe disseram a meu respeito para ter mudado assim?

Emília estugou o passo sem lhe responder. Valancourt, porém, teimou em a acompanhar e suplicou:

— Pelo amor de Deus, conceda-me uns momentos de atenção. Sinto-me tão desgraçado!

Conquanto estas palavras fossem proferidas em voz baixa, o conde ouviu-as. Dirigindo-

se ao cavaleiro, disse-lhe que mademoiselle Saint-Aubert estava ainda muito abalada para poder atendê-lo, mas que, provavelmente, no dia seguinte, se estivesse melhor, consentiria em recebê-lo.

Valancourt estremeceu e encarou-o enraivecido. Em seguida, relanceou a Emília um olhar, exprimindo tão dolorosa súplica, que esta não conseguiu resistir-lhe e confirmou:

— Amanhã, por certo estarei melhor. Se quiser aproveitar-se da autorização do conde, pode vir falar-me.

— A autorização do conde! — protestou Valancourt, voltando a Villefort um olhar altivo e colérico.

Mas, conseguindo dominar-se, dirigiu-se a Emília:

— Agradeço-lhe humildemente. Estarei aqui amanhã.

Nessa noite, para se preparar para a entrevista que por certo decidiria todo o seu futuro, a infeliz rapariga dirigiu-se ao convento de Santa-Clara, a fim de orar sobre a campa do pai.

XXXV

A Entrevista

No dia seguinte, o conde mandou chamar Emília que logo adivinhou do que se tratava.

Valancourt encontrava-se no castelo. Quando se aproximava do gabinete de trabalho do conde, a sua emoção foi tão forte que a obrigou a parar; no entanto, chamando a si toda a sua coragem, entrou no aposento. Com efeito, Valancourt encontrava-se ali. Quando a viram, os dois homens levantaram-se e depois o conde retirou-se, deixando-os sozinhos.

Emília conservava-se de olhos baixos e respirava a custo. Valancourt não se mostrava menos comovido. Por fim, foi ele quem quebrou o silêncio, dizendo em voz trémula:

— Desejei falar-lhe hoje, para sair da terrível incerteza que a sua mudança de atitude me causou. Em poucas palavras, o conde de Villefort acaba de me explicar em parte. Verifico ter inimigos invejosos, empenhados em me destruir a felicidade. Reconheço também que o tempo e a ausência enfraqueceram os seus sentimentos por mim.

Estas últimas palavras quase lhe morreram nos lábios. Emília não conseguiu responder-lhe.

— Que encontro o nosso! — exclamou Valancourt, erguendo-se e começando a passear de um lado para o outro — Que encontro este depois de tão longa separação”

Voltou a sentar-se e insistiu:

— Cruel Emília, por que não me responde?

E com uma das mãos ocultou o rosto, enquanto com a outra pegava na de Emília, que não lhe retirou. Vendo que ela não conseguia reprimir as lágrimas, o seu amor exaltou-se ao máximo, e um vislumbre de esperança iluminou-lhe a alma.

— Chora por minha causa! Nesse caso, ainda me ama, não mudou! Continua a ser a minha Emília! É assim que interpreto as suas lágrimas.

— Sim, choro por sua causa, mas como poderei amá-lo? Continua a ser o Valancourt de quem me orgulhava noutros tempos?

— Orgulhava... noutros tempos... o mesmo! Calou-se um instante, esmagado pela dor, para prosseguir quase logo: — Não, não sou o mesmo. Estou perdido! Já lhe disse que não me considerava digno de si!

E voltou a tapar o rosto com as mãos. Emília ficou muito impressionada com a confissão para poder responder-lhe imediatamente. Lutava contra o seu próprio coração e compreendia que corria o risco de fraquejar na presença de Valancourt. Em consequência, estava ansiosa por terminar a entrevista; contudo, quando pensava que, provavelmente, seria a última, toda a sua coragem a abandonava e esquecia tudo, menos o seu amor e sofrimento.

Valancourt, entretanto, esmagado pela dor e pelos remorsos, não tinha nem forças nem ânimo para expressar todos os sentimentos que o agitavam. Nem parecia dar pela presença de Emília. Apertava a cabeça nas mãos e soluçava.

— Poupe-me o desgosto de lhe repetir o que se passou. Temos de nos separar.

Encontramo-nos hoje pela última vez.

— Não! — protestou Valancourt — Não pensa o que diz! Não pode expulsar-me da sua presença para sempre!

— Temos de nos separar, repito. O seu procedimento obriga-me a afastá-lo para sempre.

— Diga antes que obedece ao conde — replicou ele com amargura — Com que direito ele se coloca entre nós?

Proferindo estas palavras, voltou a levantar-se e percorreu o aposento em largas passadas.

— Não se iluda — protestou Emília, não menos comovida — A resolução foi minha. O meu repouso assim o exige.

— O seu repouso exige que nos separemos para sempre? Nunca esperei escutar semelhantes palavras da sua boca!

Calou-se um instante e depois, na exaltação da sua dor, começou a chorar.

— Descai da minha própria estima, confesso — disse por fim — Mas, apesar das minhas culpas, a Emília não teria renunciado a mim com tanta facilidade se não tivesse deixado de me querer, se não cedesse às sugestões de outra pessoa, aos seus projetos, quem sabe. Não, Emília, não, não consentiria em semelhante coisa, se no seu coração ainda existisse uma centelha de afeto por mim. De qualquer forma, tentaria realizar a sua felicidade e a minha.

— A minha felicidade! Como pode falar assim? — protestou' ela — Eu teria desculpa se lhe confiasse? E se me estima, como pode aconselhar-me a fazê-lo?

— Se a estimo? — exclamou Valancourt-Como pode duvidar do meu amor? ... Pois bem, sim, faz bem em pensar assim. Receio menos perdê-la do que envolvê-la na minha ruína...

porque estou arruinado, sem recursos, crivado de dívidas.

O olhar era desvairado e exprimia profundo desespero. Emília, obrigada a fazer justiça à sinceridade de Valancourt, lutava contra os próprios sentimentos. Por fim, conseguiu recuperar um pouco de calma.

— Não podemos prolongar esta conversa, cujo resultado será sempre o mesmo e apenas serve para nos ferir. Valancourt... adeus!

— Não, não se vá embora, não me deixe assim! — protestou, impetuosamente — Não me abandone antes do meu espírito recuperar as forças para poder suportar este golpe! Aterrada com a expressão sombria do olhar, Emília disse-lhe em voz branda:

— Reconhece que devemos separar-nos. Se deseja provar que ainda me ama, terá de conformar-se.

— Nunca, nunca! — protestou ele, fora de si — Fui um louco quando me resignei. É demasiado, Emília. Confessei-lhe os meus erros, mas não são eles a barreira que nos separa. Não, não é isso, é a vontade do conde e ele, juro-o, não será por muito tempo obstáculo à minha felicidade! — Desgraçado!

— Agora é que fala como um louco. O conde não é seu inimigo, Valancourt. É meu amigo e esse título bastaria para o tornar sagrado a seus olhos.

— Seu amigo! — replicou Valancourt com vivacidade — Desde quando é ele seu amigo, um amigo com influência para lhe fazer esquecer o seu amado? É seu amigo por desejar que se incline para Dupont, para aquele que, segundo me contou, a trouxe de Itália e, sou eu quem o afirma, me roubou o seu coração? Não tenho o direito de a interrogar, eu sei. É livre para dispor dele à sua vontade. Mas o meu rival não aproveitará o seu triunfo por muito tempo, juro-o!

Aterrada com a exaltação de Valancourt, Emília suplicou:

— Acalme-se, seja razoável, peço-lhe! Nem Dupont é seu rival, nem o conde o protege. O seu único inimigo, Valancourt, é o senhor mesmo. Reconheço agora que já não é aquele Valancourt a quem tanto amei.

O rapaz não lhe respondeu. Com as mãos apoiadas na mesa, contemplava-a em silêncio, numa atitude acabrunhada. Por seu lado, Emília, muda e trémula, não se atrevia a sair da sala.

— Desgraçado! — exclamou ele de repente — Acuso os outros quando deveria acusar-me a mim próprio! Para que acedi a ficar em Paris? Por que não me defendi das seduições que me arrastariam e me tornariam desprezível a meus próprios olhos?

Voltando-se para Emília, reparou como estava pálida e calculou quanto devia sofrer.

Adivinhando-a tão infeliz como ele, acalmou.

— Não a importunarei por mais tempo, Emília — declarou com esforço — Mas, antes de partir, permita-me que lhe afirme: seja qual for o meu destino, por muito grandes que sejam os

meus sofrimentos no futuro, nunca deixarei de amá-la apaixonadamente! ... Vou deixá-la para sempre, Emília!

A voz sumiu-se-lhe, as lágrimas sufocaram-no e não conseguiu levantar-se. Por seu lado, Emília não tinha coragem nem para lhe dizer adeus nem para sair. Quase esquecia os erros de Valancourt. Sabia, unicamente, que sofria e tinha pena dele.

Conseguindo dominar-se, o rapaz prosseguiu:

— Sou um desgraçado, mas não quero ser covarde. Não tentarei modificar-lhe a resolução, evocando um amor egoísta. Renuncio a si, Emília. E se o Destino me for adverso, consolar-me-ei pensando que não a arrastei comigo. Na verdade, não tenho o mérito do sacrifício e nunca teria tido, sinto-o, a coragem de a libertar, se a prudência não me impusesse a separação.

Calou-se um instante e Emília, mal podendo reprimir as lágrimas, dispunha-se a dizer-lhe: “Reconheço, enfim, a linguagem de outros tempos!” Mas calou-se. Valancourt viu as lágrimas que, a despeito da sua vontade, lhe corriam pelas faces e com novo e violento esforço, conseguiu acrescentar:

— A recordação deste doloroso momento será a minha salvaguarda para o futuro. Desde este instante desafio os maus exemplos e a tentação. As lágrimas que chora por mim fortificar-me-ão a vontade e elevar-me-ão acima de todos os perigos.

Um pouco mais animada com esta promessa, Emília respondeu-lhe:

— Separamo-nos para sempre, Valancourt. Mas se deseja a minha felicidade, recorde-se de que coisa alguma neste mundo poderá contribuir tanto para ela como sabê-lo reconciliado consigo mesmo.

Valancourt pegou-lhe na mão e tentou despedir-se, mas as palavras foram sufocadas pelos soluços. Decorridos alguns instantes, Emília, num esforço, proferiu a palavra fatal:

— Adeus, Valancourt. Seja feliz.

E tentou libertar a mão. Ele, porém, prendeu-a e cobriu-a de lágrimas.

— Para quê prolongar estes momentos tão dolorosos para si como para mim? — observou Emília com voz sumida.

— Sim, muito dolorosos, muito! — exclamou Valancourt, largando-lhe a mão e deixando-se cair na cadeira.

Depois de algum tempo, empregado a lutar contra a dor, conseguiu reagir.

— Adeus, Emília — despediu-se em voz trémula — Será sempre a única no meu coração, sempre! ... E quando pensar em mim, seja com piedade, se não pode ser com estima. O que será para mim a vida sem o seu amor? ... Mas não, não quero prolongar as despedidas. Adeus, Emília!

Voltou a pegar-lhe na mão, beijou-a, contemplou-a demoradamente, e saiu da sala.

Emília ficou como que pregada ao chão, tão comovida que mal conseguia respirar.

Escutou o ruído dos passos que, pouco a pouco, se desvanecia. Foi arrancada aos seus tristes pensamentos pela voz da condessa que, no jardim, ria contente. Com olhar triste fixou a poltrona onde Valancourt se sentara pouco antes. A comoção da despedida havia sido muito forte e nem conseguira chorar. Naquela altura, porém, deixou correr as lágrimas e foi refugiar-se no quarto.

XXXVI

Uma Figura Humana

Voltemos a Montoni. Pode calcular-se o seu espanto e a raiva quando deu pela fuga de Emília. Estes sentimentos, porém, foram sobrelevados por cuidados mais insistentes. Os excessos e violências praticados por ele e pelos seus homens multiplicaram-se por tal forma, que o Senado de Veneza, composto por mercadores, não pôde suportá-lo por mais tempo. Importante corpo de tropas marchou contra Udolfo. O oficial que o comandava ocultou-se nos arredores e soube arranjar cumplicidades com diversos condottieri. Montoni e os acólitos foram surpreendidos por um destacamento, que se apoderou da ala onde viviam, enquanto o resto das tropas, após breve combate, obrigou a guarnição do castelo a render-se. Entre os prisioneiros encontrava-se Orsino que, como sabemos, se refugiara em Udolfo. Morano havia denunciado a sua presença no castelo e o desejo de se apoderar do assassino foi uma das principais razões que impeliu o Senado a preparar a expedição. Ficaram tão contentes com o bom resultado dela, que restituíram, imediatamente, Morano à liberdade. A rapidez e a facilidade do ataque foram grandes e Emília, então no Languedoc, não chegou a saber da derrota do seu perseguidor.

De resto, sentia-se muito acabrunhada e não tinha ânimo para pensar fosse no que fosse. Assim, decorreu muito tempo antes de poder desviar o pensamento de Valancourt para escutar a história que a velha Doroteia lhe havia prometido. Foi a própria criada quem lhe recordou. Certa noite, bateu-lhe à porta do quarto e, quando Emília lhe abriu, entrou toda a tremer.

— Passei agora diante da porta do quarto onde a minha pobre ama morreu. Estava tudo tão calmo e silencioso, que tive quase a sensação de a ver no seu leito de morte.

Emília obrigou-a a sentar. Quando recuperou um pouco de calma, começou a falar:

— Há mais de vinte anos que a senhora marquesa chegou ao castelo. Era mais ou menos da sua idade e, como já lhe disse, parecia-se muito consigo. Apesar de aparentar alegria, tive logo a impressão de não ser grande a sua felicidade. Uma vez, surpreendia-a no quarto a chorar. Não me atrevi a perguntar-lhe a causa do pranto, mas adivinhei o que se passava. O pai, segundo me disseram, obrigara-a a casar com o marquês, cuja fortuna era enorme; mas ela estava apaixonada por outro, que também a adorava. Chorava por tê-lo perdido, supus, embora nunca me tivesse falado a esse respeito. De repente, o senhor marquês começou a tratá-la com dureza. Talvez tivesse ciúmes. Fazia mal. A senhora

marquesa tinha muitos admiradores, mas era muito honesta para merecer a mais pequena suspeita. Entre os fidalgos frequentadores do castelo, havia um que me pareceu talhado para ela. Tão delicado, tão bondoso! Notei que a sua presença tornava o senhor marquês mais sombrio e sua mulher mais triste. Meteu-se-me na cabeça ser aquele a quem amara e com quem devia casar, mas nunca adquiri a certeza. No entanto, o marquês tornava-a muito infeliz. Não a deixava ver ninguém e abandonava-a. Era eu quem a servia e adivinhava quanto a pobre senhora sofria, conquanto ela nunca se queixasse. Decorrido um ano, a senhora marquesa adoeceu. De princípio, calculei que fosse de desgosto, mas depois comecei a recear ter a doença causa mais terrível...

— Como?

— Deram-se acontecimentos muito estranhos, mademoiselle. O senhor marquês ...

— Cale-se Doroteia! Não ouve?

A criada empalideceu. Escutaram as duas e ouviram uma voz de singular doçura.

— Não é a primeira vez que a ouço — murmurou Emília, recordando a voz que, na véspera da morte do pai tanto a impressionara.

— Julgo ter-lhe dito já que esta voz começou a fazer-se ouvir pouco depois da morte da senhora marquesa — murmurou a velha criada, muito comovida — Estava a pensar nela, tinha a impressão de a ver diante de mim, quando, de repente, no silêncio da noite, se elevou este canto. nunca esquecerei o que então senti. Acreditei ter sido a voz da minha pobre senhora! ... E nunca mais deixou de se fazer ouvir por intervalos. Ha meses já que se havia calado e agora recomeça.

— É extraordinário como ainda não conseguiram descobrir quem canta.

— Se fosse uma pessoa viva, há muito tempo o saberíamos. Mas os espíritos andam por onde querem. Hoje estão aqui, amanhã acolá e num instante desaparecem.

— Continue a falar-me da marquesa. Já se calou. Dizia que o senhor marquês...

— O senhor marquês tomava aspecto cada vez mais sombrio e a senhora piorava de dia para dia. Uma noite, pediu-me para ir chamar o marido e dizer-lhe ter ela um segredo para lhe comunicar. Quando ele entrou no quarto, mostrou-se muito aflito ao verificar o seu estado. Dispus-me a sair a fim de os deixar sozinhos e nunca esquecerei o olhar que a senhora me lançou nesse momento. Pouco depois, atraída pelos seus gritos, entrei no quarto e encontrei-a debatendo-se em convulsões. O senhor marquês ordenou-me para ir, imediatamente, chamar o médico e manifestou tão grande desespero, falou à doente com tanta bondade, pedindo-lhe perdão pelas suas suspeitas que, se de fato as havia concebido, deviam estar completamente desvanecidas. E, como se mostrava cheio de remorsos pela forma como a tratara, a senhora marquesa comoveu-se muito e desmaiou. Obrigámos o senhor marquês a sair do quarto. Ele cedeu e foi fechar-se no seu gabinete, atirando-se para o chão, sem querer ouvir ninguém. Entretanto, a infeliz expirava nos meus braços, com a calma de uma

criança e a serenidade de um anjo!

Calou-se, chorando. Emília chorava também, comovida com a história da marquesa e com os seus sofrimentos.

— O médico chegou demasiado tarde — prosseguiu Doroteia, pouco depois — Mostrou-se admirado ao ver a minha senhora, cujo rosto se tornara negro. Mandou sair toda a gente para me fazer estranhas perguntas sobre a falecida e sobre a natureza da sua doença. A cada uma das minhas respostas abanava a cabeça, como se adivinhasse mais do que deixava entender. Por meu lado, eu compreendi muito bem, mas guardei para mim as suspeitas ou, pelo menos, não o disse senão a meu marido, que me aconselhou a calar-me. Quando o senhor marquês soube da morte de sua mulher, fechou-se no quarto onde só deixou entrar o médico. Estiveram mais de uma hora fechados e depois disso o doutor nunca mais falou na senhora. Nunca assisti a desgosto tão profundo como o do senhor marquês. Tinha verdadeiros ataques de desespero que o desvairavam. Pouco tempo depois, foi reunir-se ao seu regimento e nunca mais voltei a vê-lo. Morreu lá para o norte da França, sem nunca mais voltar ao castelo, sem concluir a construção da ala mandada acrescentar para ocidente e que se conservou fechada até à chegada do senhor conde, seu herdeiro. Aqui tem a trágica história. Disse-lhe tudo quanto pensava; não se esqueça de que me prometeu não o repetir a ninguém.

— Cumprirei a minha promessa — assegurou Emília — A história interessou-me mais do que pode supor. Gostaria, simplesmente, de saber o nome do fidalgo que, segundo sua opinião, seria o apaixonado da marquesa.

Doroteia, porém, recusou-se a revelá-lo, dizendo poder a revelação ter muitos inconvenientes. Depois voltou a falar na semelhança de Emília com a marquesa.

— Existe outro retrato nos aposentos que se conservam fechados. Foi pintado antes do casamento e ainda se parece mais consigo do que a miniatura.

Emília mostrou muito interesse em o ver e, como Doroteia tivesse grande relutância em entrar no quarto, afirmando ser como uma profanação, recordou-lhe ter o conde deixado adivinhar a intenção de o abrir em breve. Em consequência, Doroteia, pensando ser preferível visitá-lo sozinha com Emília, prometeu vir buscá-la na noite seguinte.

Foi pontual à promessa e, à hora combinada, apareceu com as chaves do quarto, situado na ala norte, na parte primitiva do palácio. Para lá chegar impunha-se descer uma escada e subir outra, isto é, atravessar quase todo o castelo. Seguiram ao longo do corredor que contornava o salão, para onde davam os aposentos do conde, da condessa e de Branca. Quando chegaram junto da escada, Doroteia parou e olhou em volta de si.

— Escutemos. Não ouve ninguém?

— Quem poderia estar acordado a esta hora, exceto nós?

— Diz bem, mademoiselle. Justamente por nunca aqui ter vindo a semelhante hora, os

meus receios são justificados.

— Por que diz isso?

— Agora não há tempo para conversas. Subamos! A porta do quarto fica à esquerda.

Chegando diante da porta, Doroteia meteu a chave na fechadura.

— Como não se abre há muito tempo, talvez não o possamos fazer — disse, esforçando-se por dar a volta à chave.

Emília, mais habilidosa, experimentou por sua vez com maior êxito. Encontraram-se num quarto bastante amplo, em estilo gótico.

— A última vez que transpus esta porta foi atrás do corpo da senhora marquesa — murmurou a criada.

Percorreram uma enfiada de salas e chegaram a outro aposento, que apresentava ainda uns restos de magnificência.

— Paremos aqui um bocadinho — pediu Doroteia prestes a desfalecer — Vamos entrar no quarto onde a minha querida senhora morreu. A porta é esta.

Arrastaram duas poltronas das que mobilavam a sala e sentaram-se.

— Como isto me recorda o passado! — exclamou Doroteia — Parece-me que tudo se passou ontem.

— Que barulho é este? — perguntou Emília. Doroteia estremeceu e percorreu o quarto com a vista. Escutaram com atenção. Estava tudo sossegado. A criada prosseguiu, baixando a voz sem querer:

— Esta sala era uma das mais belas do castelo. Foi a senhora quem a decorou a seu gosto. Não pode apreciar as tapeçarias. Estão cobertas de poeira e a claridade é pouca. Como tudo isto era brilhante no tempo da senhora! Este móvel veio de Paris. Fizeram-no segundo um modelo existente no Louvre; os espelhos foram comprados em países estrangeiros, assim como os estofos, hoje debotados, mas, naquele tempo, com lindas cores e representando uma história completa, tirada não sei de que livro.

Um pouco mais calma com a conversa, Doroteia levantou-se e foi abrir a porta fatal.

Encontraram-se num quarto com os tetos muito altos, e as paredes cobertas com tapeçarias escuras. Era muito vasto e a claridade do candelabro que levava na mão não conseguia iluminar todos os recantos. Doroteia atirou-se para uma cadeira, muda, imóvel, comovida, mal se atrevendo a olhar para as coisas às quais se ligavam tantas recordações. A seu lado, dispersos sobre a mesa, viam-se diversos objetos de uso da marquesa; sobre a poltrona, um vestido e alguma roupa; no chão, um par de chinelas de cetim preto; em cima do toucador, um véu e um par de luvas. Estava tudo como se ela acabasse de sair dali. Emília olhou para a cama onde morrera a marquesa. Estava encostada à parede, ao fundo do quarto, abrigada sob um dossel de seda verde. Os cortinados estavam meio corridos, tal como os haviam deixado vinte anos antes e o leito coberto com um pano de veludo preto descido até ao

chão. Emília estremeceu, recordando o horror sentido no dia em que fora encontrar madame Montoni, expirando num dos quartos do castelo de Udolfo.

Ao mesmo tempo, Doroteia exclamou:

— Santo Deus! Tenho a impressão de ver a minha querida ama estendida ali, tal como a vi pela última vez.

Assustada, Emília olhou para o leito tapado com o negro pano. Doroteia encostou-se a uma das colunas, deixando correr as lágrimas.

— Encontrava-me aqui, precisamente, naquela noite terrível. Eu pegava na mão da minha adorada ama, escutando as suas últimas palavras. Apoiava a cabeça nesta almofada e tinha o rosto já desfigurado pela aproximação da morte. Com este pano preto cobriram o seu caixão e só depois o estenderam na cama.

Emília fixou o leito como se em pensamento ressuscitasse a cena. Viu a almofada alvejando sobre o veludo negro. Mas, enquanto, maquinalmente, olhava a cobertura sombria, teve a impressão de a ver agitar. Agarrou o braço de Doroteia que, surpreendida com o gesto e com o terror da companheira, também olhou para a cama e viu, distintamente, o veludo erguer-se e baixar-se ...

Emília quis fugir. Doroteia, gelada de medo, continuava a fixar o pano de veludo. Por fim, conseguia acalmar e sossegou:

— Não tenha medo, mademoiselle. Foi um sopro de vento. Deixámos as portas abertas.

Veja como a chama das velas se agita também. Foi o vento, com certeza.

Mal tinha acabado de proferir estas palavras quando a cobertura voltou a levantar-se.

Envergonhada por se ter mostrado tão medrosa, Emília quis verificar se, de fato, tinha sido o vento; aproximou-se do leito e afastou os cortinados; o pano de veludo voltou a mover-se, levantou-se, afastou-se um pouco, deixando entrever... um rosto humano.

As duas soltaram um grito e, deixando todas as portas abertas, fugiram tão depressa quanto lhes permitia a tremura que as fazia cambalear.

Chegando à escada, Doroteia abriu a porta do quarto onde dormiam duas criadas e caiu desmaiada em cima da cama. Emília, tendo perdido por completo a presença de espírito, deixou fugir algumas palavras, como explicação do seu terror. Pouco depois, quando Doroteia voltou a si, tentou gracejar a propósito da estranha aventura e Emília fez o mesmo; as criadas, porém, assustadas, não quiseram passar o resto da noite nas proximidades do misterioso quarto.

Doroteia acompanhou Emília aos seus aposentos. Mais calmas, comentavam ambas o acontecido. Emília quase chegaria a duvidar do testemunho dos seus olhos se a criada não confirmasse a realidade. Recordaram-se então do ligeiro ruído produzido na sala.

Emília perguntou se não seria possível alguém ter conseguido entrar naqueles aposentos e a criada respondeu que tal não poderia acontecer, pois as chaves nunca saíam da sua mão

e, quando vinha ao castelo passar revista, mais de uma vez examinara as portas encontrando-as sempre fechadas.

— Não, não é possível entrar ali alguém. E, mesmo se isso acontecesse, como se lembraria de se deitar num quarto tão triste e abandonado?

Por fim, afirmou não ter o rosto entrevisto por ambas nada de humano. Não era mais do que terrível aparição.

Fosse como fosse, o estranho incidente ocorrido no quarto onde a marquesa morrera, inspirou a Emília supersticioso terror. A explicação dada às vãs fantasias concebidas no castelo de Udolfo, devia ter-lhe servido de lição; no entanto, as circunstâncias terríveis que haviam acompanhado a morte da marquesa, fizeram grande impressão no seu espírito e não se encontrava em estado de raciocinar.

— Só o tempo pode explicar esta misteriosa aventura — decidiu — Aguardemos.

Doroteia concordou. De súbito, recordou-se de ter deixado todas as portas abertas, mas não se sentiu com coragem para ir fechá-las, nem mesmo a que dava para a escada. Emília ofereceu-se para a acompanhar e aguardar que ela subisse e a fechasse. Mais tranquila com esta promessa, Doroteia acedeu e ambas se dirigiram para o misterioso quarto. Quando chegou ao pé da escada fraquejou e parou alguns momentos para escutar. Tranquilizada pelo silêncio que reinava à sua volta, subiu a correr e, sem se atrever a olhar para dentro, deitou a mão ao puxador, fechou a porta e, arquejante, foi ter com Emília, parada ao fundo da escada à sua espera.

XXXVII

Velada

A discrição de Emília e de Doroteia não impediu que o terror se espalhasse entre os criados. Todos eles afirmaram ter ouvido ruídos estranhos no castelo. Reunidos na copa, depois da ceia, contavam uns aos outros histórias de fantasmas, cada qual a mais aterradora. Annette distinguiu-se entre todos, descrevendo não só os prodígios a que assistira no castelo de Udolfo, mas também outros inventados pela sua fantasia. Não esqueceu o estranho desaparecimento da senhora Laurentini, o que produziu funda impressão no espírito dos seus auditores. Ninguém ousava erguer os olhos; todos estremeciam ao ruído de uma porta a abrir-se e não se atreviam a percorrer as salas do castelo.

O conde foi informado do terror do pessoal; disseram-lhe que a ala norte estava assombrada por espíritos. De começo, riu destas loucuras, mas como ocasionaram grande perturbação e desorientação no serviço, proibiu, severamente, que falassem no assunto. A chegada de alguns amigos distraiu-os destas ideias. Entre eles, encontrava-se o barão de Sainte-Foix e seu filho, simpático rapaz que, tendo conhecido Branca no ano anterior, em Paris, aspirava à sua mão. Com estes convidados, o castelo tornou-se tão alegre como esplendoroso. O pavilhão do bosque recebia frequentes visitas quando o tempo estava

bom e à noite davam-se ali magníficos concertos. Emília, contudo, preferia passear sozinha pelo bosque, porque a solidão e a sombra fresca do arvoredo adaptavam-se melhor ao seu estado de espírito. Num alto, rodeado por árvores frondosas, encontrava-se um banco rústico feito com um tronco de carvalho. Nesse banco se sentava muitas vezes para pensar em Valancourt, sem poder calcular ter o rapaz escolhido aquele retiro onde ia muitas vezes, desde que não podia visitar o castelo.

Certa noite, Emília demorou-se ali até mais tarde, absorvida nos seus pensamentos.

Lentamente, a Lua subia no horizonte, infiltrando os seus raios prateados por entre a folhagem. De súbito, qualquer coisa a despertou: os sons afastados da música e da voz que já uma vez se fizera ouvir à meia noite. Sozinha como estava, sentiu-se comovida e, ao mesmo tempo, assustada. A música aproximou-se e por fim calou-se. Emília não se atrevia a fazer um movimento. A certa altura, viu um vulto sair do bosque e passar muito perto do banco, deslizando como uma sombra. Ficou tão impressionada que nem pôde distingui-lo bem.

Quando se sentiu mais calma, regressou ao castelo o mais depressa possível, prometendo a si mesma nunca mais voltar ali sozinha, principalmente a semelhante hora.

Recolhida no quarto, conservou-se a pé durante algum tempo. Quando decidiu deitar-se para descansar um bocadinho, levantou-se grande tumulto no corredor, acompanhado por surdos gemidos. Assustada, chamou para saber do que se tratava; as criadas, porém, reunidas num grupo, pareciam muito assustadas e não souberam responder-lhe. Por fim, Annette apareceu e disse-lhe que uma das criadas se sentira mal. Emília, disse-lhe para a trazer ao quarto e prestou-lhe os socorros necessários. Quando a rapariga conseguiu falar, afirmou que, ao subir a escada, tinha visto um fantasma no patamar. Conservara-se imóvel durante breves segundos e depois subira a escada, desaparecendo no quarto visitado, dias atrás, por Emília. Um som lúgubre acompanhara o prodígio.

— Só o diabo poderia entrar nesse quarto — afirmou Doroteia — pois fui eu quem fechou a porta e a chave está em meu poder.

A partir dessa noite, o terror dos criados cresceu por tal forma, que a maior parte decidiu despedir-se. Em vão o conde de Villefort metia a ridículo ou tentava demonstrar-lhes a infantilidade destes temores supersticiosos. Andavam todos com a cabeça perdida. Então, Ludovico aproveitou a ocasião para provar a sua coragem e, ao mesmo tempo, o seu reconhecimento pelas bondades do conde. Ofereceu-se para passar a noite num dos quartos do castelo, que diziam assombrados por fantasmas. Não temia os espíritos, dizia, e quanto aos vivos, se aparecessem, provar-lhes-ia não ter medo deles.

— És um valente, meu rapaz — observou o conde — a tua intrepidez será recompensada.

— Não peço recompensas, senhor conde — respondeu Ludovico — mas apenas armas para poder defender-me dos inimigos, se quiserem aparecer.

— Os espíritos não temem as armas — replicou o conde com ironia, olhando para os

outros criados — contra eles não valem barreiras ou ferrolhos. Um fantasma passa pelo buraco da fechadura, tão facilmente como por uma porta aberta.

— Dê-me uma espada, senhor conde, e eu me encarrego de despachar todos, se algum vier para me atacar.

— Descansa, terás a espada e também uma boa ceia. Espero que os teus camaradas ainda se sintam com forças para ficar esta noite no castelo; porque hoje, pelo menos, a tua ousadia chamará sobre a tua cabeça todos os malefícios dos fantasmas.

A curiosidade lutava contra o medo no espírito dos presentes. No entanto, decidiram aguardar o resultado da temeridade de Ludovico.

O conde ordenou para a porta ser aberta mais cedo, a fim de prepararem o aposento para a vigília do criado. Doroteia, porém, não se atreveu a obedecer, de forma que tudo se conservou fechado até à hora do rapaz se apresentar para passar ali a noite.

O conde reuniu os seus convidados e mandou buscar as chaves. Entregou-as a Ludovico e todos o seguiram, curiosos por visitar os aposentos assombrados. Quando chegaram à escada, muitos dos criados recusaram-se a ir mais longe; outros subiram, admirando a sua própria coragem. Ludovico meteu a chave na fechadura, enquanto os outros aguardavam com tanta ansiedade como se ele procedesse a qualquer operação mágica.

Entretanto, Ludovico, por não a conhecer bem, não conseguiu dar a volta à chave.

Chamaram por Doroteia que estava atrás de todos. A velhota aproximou-se e, vagarosamente, abriu, olhou para dentro e soltou um grito. Foi como um rastilho. Numa grande confusão, todos se precipitaram para a escada e só pararam no último degrau. O conde, Henrique e Ludovico entraram no aposento. Ludovico levava a espada desembainhada na mão, o conde a luz e o filho um cesto com provisões.

Tendo relanceado um olhar em volta sem encontrarem coisa alguma que justificasse tanto terror, passaram ao segundo quarto onde reinava a mais profunda calma. O conde perguntou ao criado onde desejava instalar-se.

— Segundo me disseram, num destes quartos existe uma cama. Se não vê inconveniente, passarei aí a noite, a fim de poder descansar se me sentir fatigado.

Prosseguiram a visita.

— Chegámos ao salão — declarou o conde quando entraram no aposento onde Emília e Doroteia se haviam sentado.

Pararam um instante a fim de admirarem os vestígios da antiga magnificência, entre os quais os grandes espelhos de Veneza, tais como nessa época não se fabricavam em França e que, noutros tempos, haviam refletido as mais brilhantes festas.

— Como tudo está mudado desde que deixei de vir aqui! — comentou o conde, voltando-se para o filho — Era novo então e a marquesa estava no apogeu da sua beleza. Quantos outros, damas ou cavaleiros, eu conheci em todo o seu esplendor e já deixaram de existir! Aqui

ficava a orquestra, além formávamos as contradanças ou nos entregávamos a animadas danças que duravam até de madrugada. Presentemente, os ecos destas salas apenas repetem os sons da minha fraca voz, que em breve, também, deixará de se fazer ouvir. Sim, meu filho, já fui novo como és agora e também tu passarás como passaram os que nesse tempo dançavam e cantavam nestes sumptuosos salões. Mas já basta de reflexões. De nada servem, salvo para nos demonstrar quanto são vãs as alegrias deste mundo em face da eternidade. Continuemos.

Ludovico abriu a porta do quarto de dormir e o conde ficou impressionado com a aparência fúnebre que ainda conservava. Comovido, aproximou-se da cama coberta com o pano de veludo e, voltando-se para Ludovico, perguntou-lhe com ar sério se, realmente, tinha a coragem de passar ali a noite.

— Tenho, sim, senhor conde — afirmou o intrépido rapaz—Vou acender o fogão e com as provisões que trago no cesto, conto passar muito bem o meu tempo.

— Seja — concordou o conde — Mas como conseguirás distrair-te se não queres adormecer?

— Tomei as minhas precauções. Trouxe comigo um livro.

— Muito bem. Espero que não aconteça coisa alguma. Mas se, pelo contrário, a tua coragem for posta à prova por motivo justificado, desiste. Não ficarei aborrecido contigo, descansa.

Ludovico abanou a cabeça, sorrindo.

— Ficar-te-ei devendo um favor, quando amanhã abrir a porta e os teus companheiros se convencerem da sua patetice. Boa noite, Ludovico. Até amanhã pela manhã.

— Boa noite, senhor conde. Dê-me licença para o acompanhar com a luz.

Reconduziu o conde e Henrique até à porta que deitava para a escada, depois fechou-a, cuidadosamente, e voltou para o quarto, examinando um após outro os aposentos que percorria, receando estar alguém ali escondido no intuito de o assustar. Deixou todas as portas de comunicação abertas e, antes de se instalar, visitou ainda um pequeno oratório cuja porta se encontrava junto da cabeceira do leito. Viu aí o retrato da defunta marquesa, o mesmo a que Doroteia se referira ao falar a Emília. Também Ludovico não pôde deixar de notar a semelhança existente entre as duas. Finalmente, regressou ao quarto, acendeu o fogão e instalou-se numa poltrona. O clarão do lume espalhou a sonolência que começava a vencê-lo, devido ao silêncio e à obscuridade. Chegou a poltrona para mais perto da mesa, abriu o cesto, tirou uma garrafa de vinho e carne assada e começou a cear. Quando acabou de comer, colocou a espada desembainhada em cima da mesa, ao alcance da mão e, como não estava disposto a dormir, abriu o livro em que falara ao conde. Tratava-se de um conjunto de contos provençais encontrado por Doroteia num canto da biblioteca e lhe emprestara para aquela ocasião. Começou a ler o conto bastante comprido e fastidioso, mas vamos resumi-lo

para o leitor poder fazer uma ideia do gosto e caráter da época.

“O CAVALEIRO FANTASMA”

Conto provençal

“No ducado da Bretanha vivia nobre barão, célebre pela sua magnificência e generosa hospitalidade. O seu castelo, defendido pelos mais ilustres guerreiros, tinha também como ornamento as mais belas damas daqueles tempos. A alta consideração por ele dada às proezas de cavalaria, incitava os cavaleiros de todos os países e visitá-lo para se medirem nas justas e torneios, realizados na liça mandada preparar de propósito e, deste modo, a sua corte podia considerar-se como uma das mais esplêndidas de todo o Mundo. Os sumptuosos banquetes que oferecia no castelo eram servidos em baixelas de ouro e prata. A profusão dos manjares, as brilhantes librés dos pajens, as ricas armaduras dos cavaleiros, os trajos e joias das damas, constituíam um espetáculo de um esplendor e riqueza Impossíveis de conceber neste século degenerado.

“Certa noite, quando depois de esplêndido banquete, o barão recolheu ao quarto, um pouco toldado pelos fumos dos vinhos generosos, ficou admirado ao encontrar ali um cavaleiro de nobre aspecto, mas cujo semblante refletia profunda tristeza. Supondo ter ele penetrado no castelo às ocultas para o assassinar, pois seria inadmissível que tivesse atravessado a antecâmara sem ser notado pelos pajens ou criados, gritou pelos escudeiros e, ao mesmo tempo, desembainhava a espada para se defender. O desconhecido, porém, aproximou-se, dele de vagar, afirmando não ter intenções hostis. A sua visita tinha, unicamente, como fim revelar-lhe terrível segredo que se impunha o barão conhecer.

“Tranquilizado com estes modos cortesês, o castelão observou-o em silêncio e acabou por embainhar a espada. Em seguida, pediu ao visitante para lhe explicar como tinha conseguido chegar até ali e também para lhe revelar o segredo a que aludia.

“Em vez de lhe responder, o desconhecido disse-lhe que, se quisesse ter a complacência de o acompanhar ao bosque, que ficava perto do castelo, ficaria convencido da importância desse segredo ...

“A proposta de novo despertara desconfiança do barão. O cavaleiro pretendia atraí-lo a um sítio isolado e ermo para o assassinar. Recusou, afirmando que, se as suas intenções eram boas, por certo não se importaria de as revelar ali, no aposento em que se encontravam. Ao mesmo tempo, observava-o com atenção; mas não descobriu no severo semblante sombra de contrariedade nem de perturbação. O desconhecido usava armadura e todas as insígnias de um cavaleiro. O seu porte era majestoso e todos os seus gestos impregnados de dignidade e nobreza. Sem revelar os motivos, continuou a insistir para levar o barão ao ponto indicado.

“- O mistério a que me refiro — acrescentou — só é conhecido por três pessoas

vivas e tem uma importância para si e para a sua casa que eu não posso descrever-lhe em poucas palavras. Tempo virá em que se recordará desta noite com satisfação ou com pesar, conforme a resolução tomada por si neste momento. Quer ser feliz? Siga-me. Sob a minha palavra de cavaleiro, juro-lhe que não lhe acontecerá mal algum. Quere comprometer todo o seu futuro? Fique e eu retirar-me-ei e sairei por onde entrei.

“O castelão começava a envergonhar-se dos seus temores e a sua curiosidade estava violentamente excitada...”

Ludovico, neste ponto, levantou a cabeça e relanceou um olhar em volta do quarto. Teve a impressão de ouvir ligeiro rumor; pegando na luz, levantou-se, observou todos os cantos e, como não notasse coisa alguma que justificasse os seus temores, voltou a sentar-se e pegou no livro e continuou a leitura:

“O castelão ainda hesitava.

“Diga-me quem é — pediu ao desconhecido.

“O cavaleiro franziu a testa e ficou calado durante breves instantes.

“- Sou um cavaleiro inglês — disse por fim — Chamo-me Bewis de Lancastre.

Regressava à pátria quando a noite me surpreendeu nesta floresta.

“-O seu nome é daqueles que a fama tornou célebres. Mas o meu castelo não está sempre aberto a todos os valentes cavaleiros? Por que motivo o seu arauto não o anunciou e não compareceu ao banquete onde teria sido acolhido com entusiasmo por mim e por todos os meus hóspedes, em vez de penetrar, à meia noite, no meu castelo e no meu quarto?

“O desconhecido limitou-se a relancear-lhe um olhar severo e, com um gesto, a renovar o convite para o seguir. O barão decidiu-se. Desembainhou a espada, pegou num candelabro e, com passo firme, seguiu o cavaleiro inglês que abriu a porta e atravessou a antecâmara e a galeria por entre os guardas e pajens adormecidos. Desceu a escada e dirigiu-se a pequena porta, que o barão supunha ser o único a conhecer, e depois de ter atravessado diversos corredores, atingiu a poterna que dava passagem para a muralha. Os dois encontravam-se então numa espécie de plataforma diante da porta principal do castelo. O local estava envolto em espesso nevoeiro, escuro e silencioso. O barão viu brilhar as luzes nas janelas dos aposentos dos seus hóspedes e teve saudades do seu quarto confortável, do calor do fogão...

Neste ponto, Ludovico largou o livro e curvou-se para espertar o lume.

“Próximo do bosque, o cavaleiro inglês voltou-se e levantou a cabeça como se pretendesse falar ao barão, mas cerrou os lábios e continuou a caminhar em silêncio. O barão levou a mão aos copos da espada e perguntou-lhe mais uma vez onde pretendia conduzi-lo.

“- Estamos a chegar. Repito-lhe que não lhe acontecerá mal algum, palavra de

cavaleiro.

“Tranquilizado, o castelão seguiu-o. Penetraram na floresta, num ponto onde os frondosos castanheiros formavam uma espécie de abóbada, que ocultava o céu, e os ramos mais baixos, entrelaçados, opunham uma barreira quase inacessível a quem pretendia avançar. O cavaleiro parou, voltou-se e, com olhar terrível, apontou para o chão. O barão viu o corpo de um homem caído e banhado em sangue. Tinha profunda ferida na cabeça e as feições transtornadas pela morte. Estremeceu de horror e ajoelhou para verificar se ainda dava sinais de vida. Mas qual não foi o seu terror quando, fazendo incidir a lâmpada no rosto do cadáver, notou a extrema semelhança entre ele e o desconhecido que o acompanhara. Não sabendo o que pensar, fixou-o, atentamente. De repente, viu-o empalidecer, alterar-se e desvanecer-se, até desaparecer como fumo...”

Ludovico estremeceu e largou o livro. Pareceu-lhe ouvir vozes no quarto. Olhou, atentamente, para a cama coberta de veludo, apurou o ouvido, retendo a respiração, mas nada viu; e quanto a ruídos, só o quebrar das ondas e o bater da chuva contra as janelas perturbavam o silêncio. Convencido de que se havia enganado, tornou a pegar no livro e concluiu a história:

“Enquanto o barão permanecia mudo de terror, uma voz misteriosa pronunciou estas palavras: “Este é o corpo de sir Bewis de Lancasíre, nobre cavaleiro inglês. Esta noite, quando regressava à pátria, vindo da Terra-Santa, perdeu-se e foi assassinado aqui. Respeita as leis da cavalaria e da hospitalidade. Dá sepultura sagrada ao seu corpo e castiga os assassinos. Conforme cumprires ou desatenderes esta ordem, a paz e a felicidade ou a guerra e a miséria, serão o teu quinhão na terra”.

“Desvanecido o terror, o barão voltou ao castelo e o seu primeiro cuidado foi o de mandar buscar o corpo de sir Bewis. No dia seguinte, foi sepultado com todas as honras devidas numa campa aberta na capela do castelo. Em seguida, empregou todos os seus esforços para descobrir os assassinos, que foram apanhados e enforcados”.

Tendo acabado a história, Ludovico pôs o livro de parte. Espertou o lume, bebeu um copo de vinho, acomodou-se na poltrona e caiu numa espécie de sonolência. Por duas ou três vezes foi arrancado deste torpor pela sensação de que alguém estava junto dele, observando-o. Essa sensação foi tão intensa que, ao abrir os olhos, quase julgou encontrar outros muito perto dos seus. Pôs-se de pé e foi obrigado a olhar em volta para se convencer de que havia sido vítima de uma ilusão.

XXXVIII

Irmã Inês

O conde dormiu pouco e levantou-se muito cedo. Ansioso por saber notícias de Ludovico, correu para a ala norte. A porta da escada estava fechada por dentro. Bateu e chamou cada vez mais alto, mas nem as pancadas nem os gritos foram atendidos. Supôs o

rapaz adormecido e retirou-se disposto a voltar mais tarde. Decorrida uma hora repetiu a tentativa com idêntico resultado. Começou a temer que tivesse acontecido alguma coisa ao criado ou estivesse desmaiado com um susto. No entanto, como a porta que deitava para a escada ficava muito longe do quarto onde se instalara, podia muito bem não ter ouvido chamar. Fizeram muito barulho debaixo da janela desse quarto e gritaram por Ludovico. Resposta nenhuma. O conde não hesitou e mandou arrombar a porta. Foi o primeiro a entrar, seguido pelo filho e pelos criados mais corajosos; os outros aguardaram no fundo da escada. Nas salas, o silêncio era profundo. Passando de uma para a outra, o conde ia chamando, mas não obteve resposta. Chegou ao quarto de dormir. Nem o mais leve ruído, nem mesmo o da respiração, indicava a presença de alguém, dormindo ou acordado. No entanto, as janelas estavam fechadas e o aposento mergulhado em profunda escuridão, que não deixava distinguir coisa alguma.

O conde ordenou a um dos criados para abrir uma das janelas. O rapaz obedeceu. Ao atravessar o quarto, tropeçou num objeto, caiu e soltou um grito, que assustou toda a criadagem. Henrique foi em pessoa abrir a janela. Quando a claridade entrou, viram ter o criado esbarrado com a poltrona onde Ludovico se instalara, mas o quarto estava vazio e o rapaz não se encontrou em parte alguma. O conde procurou na cama, pensando encontrá-lo ali, mas enganou-se. Contudo, exceto a poltrona atirada ao chão pelo criado, tudo estava em ordem; a mesa perto do fogão onde o lume se apagara, a espada desembainhada, o candelabro, o livro e meia garrafa de vinho; no chão, o cesto ainda com algumas provisões e um molho de lenha.

O conde não ocultou o seu espanto. Possivelmente, sob o império de medo, Ludovico fugira do quarto durante a noite, mas não pela porta, que encontrara fechada por dentro. Quanto às janelas, eram defendidas por varões de ferro, demasiado unidos para darem passagem a um homem. De resto, Ludovico não precisava de arriscar a vida, tomando esse caminho para fugir, quando tinha a porta à sua disposição. Sendo assim, só existindo uma porta secreta. E como explicar a fuga? Estava tudo em ordem e nos seus lugares.

Todos eles, o conde, o filho e os criados, começaram a levantar as tapeçarias no desejo de encontrar saída, mas não conseguiram descobri-la. Desapontado, o conde saiu e fechou a porta à chave. Ordenou em seguida minuciosas buscas por todo o castelo e nas vizinhanças, buscas que resultaram inúteis. Em consequência, o terror dos criados cresceu a tal ponto que muitos abandonaram, imediatamente, o castelo, enquanto os mais corajosos acederam a ficar, mas só até o conde encontrar quem os substituísse. A pobre Annette estava desesperada.

Emília, cujo espírito já se encontrava muito abalado com a triste morte da marquesa e com os misteriosos laços que supunha existirem entre ela e seu pai, ficou impressionadíssima com tão extraordinário acontecimento. Mais do que nunca, desejava refugiar-se no convento, principalmente quando teve conhecimento da próxima chegada de Dupont cujos sentimentos,

segundo afirmava o conde, continuavam a ser os mesmos. Emília não podia dar-lhe esperanças nem recusar-lhe a sua compaixão, por isso decidiu separar-se dos seus amigos e recolher ao convento de Santa-Clara. Foi acolhida com maternal ternura pela abadessa e com fraternal carinho pelas outras freiras. A comunidade já estava ao fato do estranho desaparecimento do criado. Nessa noite, depois da ceia, pediram a Emília para a descrever com todos os pormenores. No fim da narrativa, todas concordaram em a atribuir a uma influência sobrenatural.

— Durante muito tempo — afirmou uma das freiras, chamada Francisca — se acreditou que o castelo estava assombrado por espíritos e ficámos até muito admiradas quando soubemos ter o conde decidido habitá-lo. O antigo castelão tinha, segundo penso, algum pecado na consciência. Deus permita que as virtudes do atual possam atenuar o castigo merecido pelo primeiro, se, de fato, ele era um criminoso.

— Oremos pela sua alma! — pediu em voz surda uma das religiosas, que até ali guardara silêncio — Se foi criminoso, o que sofreu neste mundo deve ter aplacado a cólera de Deus.

Estas palavras foram proferidas num tom solene que impressionou Emília.

— Qual o crime de que o acusam? — perguntou uma noviça, sem ter notado a interrupção.

— Não me atrevo a dizê-lo — replicou a irmã Francisca — Ouvi contar muita coisa estranha a respeito do marquês de Villeroy. Pretendem, por exemplo, que logo a seguir à morte de sua mulher, abandonou o castelo para nunca mais voltar. Não me encontrava aqui nessa altura e falo apenas pelo que me disseram. Quando professei, a marquesa já tinha morrido havia muito tempo e com a maior parte das irmãs que aqui estão aconteceu o mesmo.

— Comigo não — protestou a religiosa que já falara e se chamava irmã Inês.

— Conhece circunstâncias que nos possam revelar se o marquês era ou não um criminoso? — inquiriu a noviça.

— Conheço, mas quem se atreverá a penetrar-me os pensamentos e violar o segredo da minha consciência? Poderei ser juiz dos seus atos? Não, esse juiz será Deus, só Deus, e esse homem já compareceu perante o tribunal divino.

Emília olhou com espanto para a irmã Francisca, Esta fez-lhe um sinal significativo.

— Vamos orar a Deus! — repetiu a irmã Inês, levantando-se e soltando profundo suspiro. Depois saiu.

— Que significa isto? — perguntou Emília depois dela sair.

— Não se admire — respondeu irmã Francisca — está muitas vezes assim. As suas ideias são um pouco incoerentes. Tem o cérebro desarranjado. Nunca assistiu a um dos seus ataques? — - Nunca — afirmou Emília — Por vezes, via-lhe no olhar uma expressão melancólica e alucinada, mas nunca notei qualquer coisa de estranho na sua linguagem. Pobre

mulher! Rezarei a Deus por ela.

— As suas orações, minha filha, juntar-se-ão às nossas. A pobre irmã precisa muito delas, infelizmente.

— Minha mãe-perguntou a noviça, dirigindo-se à abadessa — Posso saber o que pensa do defunto marquês? Os estranhos acontecimentos desenrolados no castelo excitaram-me a curiosidade. Perdoe-me a pergunta. Qual o crime de que o acusam? A que castigo se referia a irmã Inês?

— Minha filha — respondeu a superiora com ar grave e reservado — É sempre perigoso arriscarmos suposições sobre assunto tão delicado. Não tomarei a responsabilidade de acusar o marquês nem de revelar o crime que lhe atribuíram. Quanto ao castigo de que a irmã Inês falou, presumo querer ela referir-se ao cruel tormento imposto pelo remorso. Tomem cautela, minhas filhas, nunca incorram em semelhante e terrível castigo. é ele o verdadeiro purgatório nesta vida de provas. Imitem antes a santa marquesa de Villeroy, que foi modelo de virtudes neste mundo, mesmo para quem viva neste convento. Os seus despojos mortais foram sepultados na nossa igreja, mas a sua alma, não duvidem, subiu para os céus. Quando acabava de proferir estas palavras, a sineta tocou. A abadessa levantou-se.

— Vamos orar por todos os infelizes e por todos os pecadores. Confessemos também os nossos pecados e procuremos purificar a nossa consciência para merecer o céu onde a santa marquesa nos precedeu.

Emília ficou comovida com a exortação e, recordando o pai, murmurou:

— O céu onde ele me espera também!

E, reprimindo as lágrimas, seguiu a comunidade para a capela.

Entretanto, o conde de Villefort recebeu uma carta do advogado de Aix, incitando Emília a fazer valer os seus direitos à fortuna de madame Montoni. Pouco mais ou menos na mesma altura, Quesnel escreveu à sobrinha sobre o mesmo assunto, afirmando não se tornar necessário recorrer à lei, visto a única pessoa que podia opor obstáculos às pretensões da herdeira, já não existir. Um amigo, residente em Veneza, participara-lhe a morte de Montoni. Julgado ao mesmo tempo do que Orsino, foi declarado cúmplice deste na morte do nobre Veneziano. Orsino, considerado culpado, foi condenado e executado na roda. Quanto a Montoni, não encontraram bases para o condenar à morte. Mas o Senado, que o considerava, por diversos motivos, um homem perigoso, não achou conveniente pô-lo em liberdade e, pouco tempo depois, o Italiano morria na prisão por forma bastante misteriosa. Suspeitou-se de que o veneno apressara o seu fim. Fosse como fosse, a sua morte era certa e Quesnel dizia a Emília ser suficiente reclamar a herança da tia para a obter, acrescentando que a auxiliaria a cumprir todas as formalidades necessárias. Ao mesmo tempo, informava-a de estar quase a terminar o aluguer do Vale, aconselhando-a a instalar-se no palácio de Toulouse, que passara a pertencer-lhe, onde iria visitá-la, pois a prosperidade da sobrinha

despertara-lhe súbita ternura pela herdeira, desprezada quando não passava de uma pobre órfã.

Porém, aquele para quem Emília desejara ser rica, já não podia gozar essa fortuna. Este pensamento ensombrou bastante a alegria causada pela reviravolta do Destino. No entanto, não deixou de agradecer a Deus tão grande benefício e ao conde as suas bondades. Quando este veio comunicar-lhe a resposta do advogado, não pôde deixar de notar a tristeza refletida na sua fisionomia e não hesitou em perguntar-lhe o motivo.

— É sempre o mesmo — replicou o conde — Continuo preocupado com a sorte do pobre Ludovico. Apesar de tudo quanto tentámos, eu e meu filho, não conseguimos descobrir coisa alguma a seu respeito nem a causa do seu desaparecimento.

E como Emília lhe perguntasse se considerava os antigos aposentos da marquesa assombrados pelos espíritos, tomou grave expressão. Depois de ter refletido durante algum tempo, tentou sorrir:

— Minha querida Emília, não se deixe influenciar por semelhantes ideias. As freiras chegariam a persuadi-la da existência de um fantasma em cada quarto desabitado. Mas, acredite-me — concluiu, soltando fundo suspiro — os mortos não voltam a este mundo por motivos frívolos, nem para se divertirem a assustar os pobres mortais. Só por causa muito grave. Deus consentiria que eles viessem até nós.

Calou-se um instante e logo concluiu:

— Não falemos mais nesse assunto.

Quando ele se retirou, Emília foi ter com as freiras e ficou surpreendida ao saber uma circunstância que o conde lhe ocultara: ele e seu filho Henrique tinham ousado passar uma noite no quarto de onde Ludovico havia desaparecido. Quando saíram de lá, no dia seguinte, ambos estavam pálidos e pensativos. Mostraram-se muito reservados nas respostas dadas a todas as perguntas que lhe fizeram, suplicando para não os interrogarem mais a tal respeito. As religiosas tinham conhecimento de todos estes pormenores pelos camponeses que iam levar fruta ao convento e os sabiam pelos próprios criados do castelo.

Emília escutava em silêncio os comentários das freiras sobre a temeridade do conde. A maior parte delas condenava-a, afirmando que penetrar nos domínios do demónio, era o mesmo do que provocá-lo. A irmã Francisca, pelo contrário, afirmava ter o conde demonstrado a bravura de uma alma nobre e generosa. Não sendo culpado por qualquer crime, não podia temer o espírito maligno, pois tinha direito à proteção de Aquele que castiga os maus e premeia a inocência.

A irmã Inês, cujas pupilas cintilavam, exclamou:

— Os culpados não podem invocar essa proteção: o conde deve examinar a sua consciência e verificar se tem direito a ela. Quem, entre os mortais, se pode considerar inocente de culpas? O mais inocente, só por comparação pode sê-lo, porque existe muita

distância entre uma falta pequena e o crime. Em que abismos podemos ser precipitados, santo Deus!

E soltou doloroso suspiro que impressionou o coração de Emília. Erguendo a vista deu com o olhar da religiosa fixo em si.

— É nova e inocente — afirmou irmã Inês, pegando-lhe na mão — quero dizer, inocente de grandes crimes, mas tem em si o germe das violentas paixões, como todos nós. As paixões são como serpentes que dormem enroscadas no nosso coração. Procure não as despertar. Mordê-la-ão mortalmente.

Comovida com estas palavras e com a forma como haviam sido proferidas, Emília não conseguiu reter as lágrimas.

A irmã Inês observava-a com acuidade, e, por fim, mostrou-se perturbada.

— Chora? Tão nova e já infeliz? Somos então irmãs? Irmãs! Que disse eu? Os criminosos podem ter irmãos?

E, com olhar desvairado, acrescentou:

— Nunca mais terei repouso, paz e esperança! E todos esses bens os possuí. Os meus olhos já não sabem chorar, queimam. A minha sorte está fixada, acabaram-se a fraqueza e as lágrimas! — Minha irmã — exortou uma das religiosas — oremos e arrependamo-nos. Ensinam-nos que a oração e a penitência podem salvar-nos. A esperança não morre na terra nem no céu para o pecador arrependido.

— Para todos, mas não para mim! — replicou a irmã Inês, num tom lúgubre e aterrador.

E, bruscamente, exclamou:

— A minha cabeça arde, estou doente! O passado! Se pudesse apagá-lo da memória! Estas sombras que se erguem diante de mim para me atormentarem, vejo-as quando durmo, quando velo, por toda a parte e sempre! Lá estão elas... aqui!

E ficou imóvel, com o dedo estendido, numa atitude de horror.

O seu olhar percorria o quarto, como se seguisse qualquer coisa. Uma das freiras pegou-lhe na mão para a levar consigo.

Inês acalmou, passou a mão pela testa e exclamou com um suspiro de alívio:

— Foram-se embora... partiram! Quando tenho febre não sei o que digo. Estou muitas vezes assim, mas isto passa. Daqui a pouco já estarei boa. Este toque é o das vésperas, não é assim?

— Não — respondeu a irmã Francisca — já terminaram. A irmã Margarida vai conduzi-la à cela.

— Tem razão — concordou a irmã Inês — lá estarei melhor. Boa noite, irmãs. Lembrem-se de mim nas suas orações.

E deixou-se conduzir, docilmente. Depois dela sair, a irmã Francisca, vendo a comoção de Emília, explicou:

— A nossa irmã tem muitos destes ataques, mas nunca a vi tão exaltada como hoje.

Habitualmente, entrega-se à melancolia.

— De princípio, falava com sensatez — observou Emília — Os seus pensamentos eram coerentes e lógicos.

— É o costume. Já a tenho ouvido raciocinar assim e, momentos depois, falar como uma louca.

— Parece não ter a consciência muito tranquila. Sabe como chegou a tão deplorável estado?

— Sei — afirmou a religiosa em voz baixa para não ser ouvida pelas outras — Mas agora não posso dizer-lhe. Se quiser saber mais, vá ter comigo à minha cela na hora da meditação, antes ou depois das matinas.

Era mais de meia-noite quando Emília foi procurar a irmã Francisca. Encontrou-a de joelhos a orar diante de uma mesa sobre a qual se via uma imagem ao lado de alguns ossos humanos, uma ampulheta e pequena lamparina. Quando ouviu abrir a porta, voltou-se e, vendo Emília, fez-lhe sinal para entrar. Esta, sem proferir palavra, sentou-se na cama da religiosa e aguardou o fim da oração. Pouco depois, a irmã Francisca levantou-se e foi sentar-se-lhe ao lado.

— A curiosidade, minha irmã — disse sorrindo — tornou-a pontual. Mas eu pouco mais tenho a dizer-lhe de especial a respeito da irmã Inês. Evitei falar diante das outras irmãs por não poder denunciar, publicamente, uma pecadora.

— Agradeço a confiança que me demonstrou e não abusarei — afirmou Emília.

— A irmã Inês pertence a nobre família. Já o devia ter adivinhado pela dignidade do seu porte. Não serei eu quem desonre o seu nome, revelando-o. O amor foi a causa da sua desgraça e do seu crime. Amava um fidalgo pobre e o pai obrigou-a a casar com outro muito rico e a quem detestava. Não teve coragem para vencer a paixão, esqueceu os seus deveres e profanou o santo sacramento do matrimónio. O crime foi descoberto e o marido ultrajado tê-la-ia sacrificado à sua vingança, se o pai não interviesse, levando-a para um convento onde teria de professar. Correu o boato da sua morte e o pai, para a subtrair a novas tentações, confirmou-o. Agora já sabe tudo, minha irmã. Acrescentarei que a luta desencadeada no coração da irmã Inês, entre o amor, o remorso e a noção dos deveres impostos pelo hábito, acabou por lhe transtornar o cérebro.

Emília ficou impressionada com a história que, em parte, lhe recordou a da marquesa de Villeroy, também obrigada pelo pai a renunciar ao homem a quem amava. No entanto, pelo que Doroteia lhe contara, nada fazia acreditar ter a marquesa deixado de trilhar o caminho da honra. Desta forma, Emília, embora condoída com o sofrimento da religiosa, não pôde deixar de considerar com maior simpatia os infortúnios da outra vítima. Além disso, recordando certas palavras da irmã Inês, teve a impressão de existir outro crime a pesar naquela

consciência já tão carregada. Perguntou à irmã Francisca se na sua mocidade a irmã Inês tinha sido muito formosa.

— Não estava aqui quando ela professou — respondeu a religiosa — mas recordo-me de que, quando a vi pela primeira vez, ainda podia considerar-se uma linda mulher.

Atualmente, se o seu porte ainda é elegante, as feições estão envelhecidas e a custo se descobrem os vestígios da beleza de outrora.

— É singular — murmurou Emília — Há momentos em que me parece reconhecê-la. Vai considerar-me ridícula, com certeza, pois nunca a vi antes de entrar neste convento. Talvez tivesse encontrado, em qualquer parte, uma pessoa muito parecida com ela, mas o seu rosto não me é estranho.

— Talvez efeitos da sua imaginação, impressionada com o estado em que a irmã Inês se encontra. Nunca saiu do convento para onde entrou antes da minha Irmã nascer.

— Pouco mais ou menos na altura em que a marquesa de Villeroy morreu?

— Tem razão ... como lhe ocorreu essa ideia?

— Não sei dizer-lhe — declarou Emília.

Ficaram ambas caladas e pensativas até que a sineta, tocando a matinas, as arrancou da abstração.

Alguns dias depois, Emília recebeu a visita do conde, que lhe pareceu preocupado e sombrio como nunca o vira.

— Estou desorientado — respondeu quando Emília o interrogou — Vou ausentar-me durante algum tempo a fim de recuperar a tranquilidade. Minha filha e eu vamos acompanhar o barão de Sainte-Foix ao seu castelo, situado nos Pirenéus, perto da Gasconha. Pensei que, se está na disposição de regressar ao Vale, poderíamos fazer juntos parte da viagem. Seria para nós um grande prazer acompanhá-la a sua casa.

Emília agradeceu, lamentando não poder aproveitar tão agradável companhia, pois se via forçada a ir primeiro a Toulouse. Mas, quando se encontrasse no Vale, visto estarem tão perto uns dos outros, contava tornar a vê-los.

Alguns dias decorridos depois desta conversa com o conde, Emília recebeu nova carta de Quesnel, insistindo pela sua visita a Toulouse antes de se instalar no Vale, que já se encontrava desabitado. Emília não hesitou. Despediu-se das suas amigas do convento e, acompanhada por Annette e por um criado de confiança posto pelo conde à sua disposição, meteu-se ao caminho.

XXXIX

Vestígios do Passado

Emília atravessou sem incidente as planícies do Languedoc. Ao chegar a Toulouse, donde tinha saído com madame Montoni, não pôde deixar de recordar com tristeza o desgraçado fim da infeliz senhora que, sem a sua imprudência, ainda podia viver. Também

recordava o próprio Montoni tal como o vira nos seus dias de triunfo, orgulhoso, imperioso e altivo. Poucos meses haviam decorrido e o seu perseguidor já não podia prejudicá-la. Outros pensamentos e outras emoções despertaram à medida que se aproximava do teatro dos seus primeiros amores. Atingiu o ponto, na montanha, onde, ao partir para Itália, se despedira da paisagem querida e o sítio onde, nessa manhã da partida dissera adeus a Valancourt. Tornou a vê-lo, pálido e abatido, no momento em que trocavam palavras de ternura e de esperança, e depois, encostado ao tronco da árvore, seguindo o coche com olhar desolado. Todas essas recordações lhe esmagaram o coração. Recostou-se no banco e absorveu-se nos seus pensamentos até o veículo parar diante da porta do palácio que fora da tia e agora era seu.

O porteiro abriu o portão. O coche deu a volta ao pátio e parou junto da entrada. Emília apeou-se e, atravessando o vestíbulo, entrou na sala com as paredes revestidas de cedro onde, em vez do tio, encontrou uma carta, apresentando desculpas pela sua ausência, pois um negócio importante o obrigara a sair de Toulouse dois dias antes da chegada da sobrinha. A ausência de Quesnel não a desgostou, pois via nela mais uma prova da indiferença que sempre lhe testemunhara.

Annette entrou trazendo uma bandeja com refrescos.

— Como esta casa me parece triste comparada com o que foi outrora! — comentou — Como é desagradável não existir aqui alguém para nos receber.

Emília, solicitada por sentimentos confusos e contraditórios, não se encontrava em condições para lhe responder. Resolveu recolher ao quarto e deitar-se. O sono restaurou-lhe as forças e, ao mesmo tempo, descansou-lhe o cérebro.

O dia seguinte foi consagrado a regularizar certos assuntos, mencionados nos apontamentos deixados por Quesnel. O seu primeiro cuidado foi informar-se da situação dos habitantes dos seus novos domínios e prover às suas necessidades. À tarde, considerou-se bastante forte para poder visitar o jardim, tantas vezes percorrido ao lado de Valancourt. Atravessou o pátio, seguiu pela alameda, testemunha da separação, e alcançou a escadaria que conduzia do jardim ao terraço. Sentia-se muito agitada e ainda hesitou, mas, por fim, subiu-a.

— Aqui estão as mesmas árvores, os mesmos maciços de flores, as roseiras e os jasmims que floriam a seus pés! Eis o banco e as plantas que Valancourt tratava com tanto cuidado. Nada mudou! Só ele...

Parou sem conseguir reprimir as lágrimas. Ainda deu alguns passos pelo terraço, mas sentiu-se muito fraca e foi obrigada a encostar-se ao muro do jardim. A tarde estava linda e calma. O Sol declinava no horizonte e os seus raios, atravessando espessa nuvem, coloriam com os mais variados tons o cimo das árvores e as plantas do caramanchão. Quantas vezes, com Valancourt, admirara os mesmos efeitos de luz e à mesma hora! Fora também naquele

mesmo sítio que, na noite antecedente à partida, escutara os lamentos, os avisos e as apaixonadas súplicas do rapaz. Recordava as dúvidas sobre Montoni, dúvidas em breve confirmadas pelos acontecimentos! O seu amor profundo, a sua dor tão sincera, o desânimo, tudo revivia no espírito de Emília, tudo lhe recordava quanto havia sofrido quando, ao afastar-se de Valancourt, se afastava da ventura entrevista, quando a razão, mais forte que a paixão, a desviara do casamento secreto por ele exigido.

— Pobre de mim! — lamentava — Que ganhei eu com a renúncia? Valancourt afirmava que nunca seríamos felizes, sem poder calcular ser o seu próprio procedimento o verdadeiro obstáculo à nossa felicidade e a única causa do mal pressentido.

Em seguida, o coração revoltava-se e sugeria-lhe desculpas para o infeliz rapaz.

Acusava as circunstâncias de se terem conjugado para o perder, arremessando-o para um meio tão diferente das suas inclinações e hábitos. Recordou a observação tantas vezes feita por Saint-Aubert: “Aquele rapaz nunca esteve em Paris”. Naquela altura, não compreendera quanta gravidade encerravam estas simples palavras, mas presentemente ... E então lamentou:

— Se um amigo como meu pai se encontrasse perto de ti em Paris, Valancourt, nunca a nobreza do teu caráter se macularia assim!

O Sol sumiu-se no horizonte. Emília prosseguiu o seu passeio, respirando a frescura da tarde e o perfume das flores. Involuntariamente, encaminhou-se para o pavilhão, situado numa das extremidades do terraço. Ali esperavam-na outras recordações. Aí tinham decorrido os momentos mais felizes da sua vida, quando a tia aprovara o seu amor e formara o projeto de os casar. Ela bordava e ele lia ou tocava. Outras vezes, conversavam ou ficavam calados, mergulhados num silêncio mais eloquente do que as palavras. E que entusiasmo ele manifestava quando lia certas passagens de um poeta inspirado! Que generoso enternecimento quando falava de uma nobre ação! Seria possível que um espírito e um coração como os dele tivessem sido arrastados pela abjeta depravação de uma grande cidade? E as doces recordações tornaram-se muito dolorosas para ela.

Para fugir às miragens de uma felicidade perdida, abandonou o pavilhão e tomou o caminho do castelo. De repente, ao atravessar o terraço, avistou ao longe, por entre as árvores do parque, um homem que passeava, lentamente, com ar abatido. A meia luz do crepúsculo não lhe permitiu distinguir quem fosse. Tomou-o por um dos criados da casa. Depois, quando se aproximou e ele voltou a cabeça, julgou reconhecer] Valancourt.

Fosse quem fosse, meteu pelo atalho, à esquerda, e desapareceu.

Sem poder desviar a vista do ponto onde o vulto se sumira, Emília ficou tão trémula e comovida que não conseguiu dar um passo. Precisou de algum tempo para recuperar as forças e a serenidade. Apressou-se a entrar em casa e não se atreveu a perguntar qual dos criados se lembrara de passear pelo jardim àquela hora. Causava-lhe espanto que Valancourt

— se, de fato, tivesse sido ele — se encontrasse em Toulouse, mas sempre que se dispunha a perguntar se alguém deixara entrar um estranho no parque, receava trair-se e calava-se. A noite passou-se na incerteza e em vãos esforços para desviar o pensamento do incidente. Tentava persuadir-se de que não desejava tivesse sido Valancourt, mas o coração parecia apostado em provar-lhe o contrário. Em todo o caso, a prudência e a delicadeza foram superiores à fraqueza. Para evitar novos encontros com o desconhecido, decidiu abster-se de passear pelo jardim durante alguns dias.

Decorrida uma semana, resolveu dar uma volta acompanhada por Annette, mas limitou o passeio às alamedas perto da casa. Estremecia ao mais leve agitar das folhas, receando encontrar alguém. Como a patroa se mantivesse calada, Annette, incapaz de suportar tão prolongado silêncio, observou:

— Está tão inquieta, mademoiselle! Por acaso, está ao fato da aventura?

— Qual aventura?

— A que se passou na noite de anteontem.

— Não sei coisa alguma. Explica-te.

— Entrou um ladrão no jardim.

— Um ladrão! — repetiu Emília, estremecendo.

— É o que todos supõem. Não sendo ladrão, quem seria?

— Onde o viram? — perguntou Emília, olhando em volta.

— Não fui eu quem o viu, mas sim o João, o jardineiro. Era meia noite quando, atravessando o pátio para recolher ao quarto, descobriu um vulto a passear na alameda, mesmo diante da porta. Calculando ser um ladrão, foi buscar a espingarda.

— A espingarda!

— Exatamente. Depois voltou para o pátio a fim de espiar o intruso. O homem aproximou-se, encostou-se à porta e começou a examinar as janelas uma por uma, como se escolhesse aquela por onde devia entrar.

— E a espingarda ... a espingarda? — insistiu Emília.

— Lá chegaremos, mademoiselle. Tudo vem a seu tempo. O João viu-o abrir a porta para entrar no pátio. Chegara a altura de o interpelar. Foi o que fez, intimando-o a dizer quem era. O homem não lhe respondeu e afastou-se. O João, confirmadas as suas suspeitas, meteu a espingarda à cara e disparou.

— Santo Deus!

— Foi assim mesmo. Atirou-lhe um tiro, mas. Virgem Santa... sente-se mal? Tranquelize-se. O homem não morreu, posso garantir-lhe ou, então, os companheiros levaram o corpo. De manhã, o João foi procurá-lo e não o encontrou. Viu apenas um rasto de sangue que atravessava o jardim, seguia pela relva e....

Emília, desmaiara e teria caído se Annette não a amparasse a tempo, levando-a para

um banco onde a estendeu. Quando recuperou os sentidos, recolheu ao quarto e mandou Annette embora para poder refletir mais à vontade. Tentou recordar-se do homem a quem avistara no parque; a sua imaginação só lhe representava Valancourt. Tinha a certeza de que o jardineiro atirara sobre ele. A narrativa de Annette não indicava que tivesse sido um ladrão, pois um ladrão não viria sozinho atacar um palácio.

Quando supôs ter recuperado por completo as forças, mandou chamar o jardineiro. O homenzinho, porém, não pôde dar-lhe qualquer indício por onde reconhecesse a pessoa atingida pelo tiro. Censurou-o, severamente, por ter usado a arma com tanta precipitação, ordenou que tirassem informações na vizinhança, mas quando João saiu não se encontrava mais sossegada. Toda a sua ternura por Valancourt despertara de novo ao pensar no perigo por ele corrido. Já não tinha dúvidas. Havia sido ele o atingido. Quanto mais pensava, mais se convencia disso. Valancourt viera ao jardim para, como ela, suavizar o desgosto com as recordações do passado. Depois tentou raciocinar para acalmar a sua ansiedade. Se, de fato, fosse Valancourt, tinha vindo sozinho e, portanto, ninguém o auxiliara a sair do jardim, o que não poderia ter feito se o ferimento fosse grave. Entretanto, os criados procediam a indagações, mas o dia decorreu sem conseguirem obter mais esclarecimentos. Emília, por fim, sucumbiu ao peso de tanta aflição e tormentos e uma febre lenta começou a miná-la. A conselho de Annette, mandou chamar o médico que lhe receitou exercício e distração. Mas como encontrá-la? Pensou ser o único meio para ocupar o pensamento dar aos outros a felicidade agora já perdida para ela. Passou a visitar as choupanas dos pobres, realizando os desejos dos seus habitantes, muitas vezes antes de terem tempo para exprimi-los.

Entretanto, a doença e os assuntos a tratar prolongaram a sua permanência em Toulouse muito para além do prazo fixado. Por outro lado, não se resolvia a afastar-se do único sítio onde poderia obter esclarecimentos sobre o deplorável acontecimento. Chegou, no entanto, um momento em que a partida se impôs. Recebeu uma carta de Branca, indicando-lhe a data em que ela e a família a visitariam. Respondeu-lhe que antes desse dia estaria em sua casa e começou a fazer os preparativos para a viagem, consolando-se com a ideia de que, se alguma coisa tivesse acontecido a Valancourt, já o teria sabido.

Chegou ao Vale ao anoitecer. A casa onde tinha vivido com os pais e que presenciara os anos descuidados da sua infância, era para ela o refúgio ambicionado pelo seu coração. O tempo suavizara-lhe a dor. Parecia-lhe que os pais adorados ainda viviam ali onde tinham sido tão felizes os três. Foi sentar-se na poltrona que o pai costumava ocupar e começou a recordar os dias passados, já tão longe dela.

Um dos seus primeiros cuidados foi procurar Teresa, a antiga criada da casa.

Recordava-se do que o tio a despedira quando tinha alugado o Vale, sem mesmo se lembrar de a socorrer por qualquer forma. Disseram-lhe que vivia numa casita perto. Foi imediatamente visitá-la, sentindo-se feliz quando, ao aproximar-se, verificou, o excelente

aspecto e magnífica situação de pobre moradia, erguida numa espécie de clareira, tapetada de relva e rodeada por frondosos castanheiros. O interior não desdizia do exterior. Encontrou a velha criada ocupada a construir uma latada. Quando reconheceu Emília, a velhota saltou-lhe ao pescoço e quase ia morrendo de alegria.

— A minha querida menina! Quando soube que a levavam para um país estranho, julguei nunca mais a ver neste mundo! E quanto sofri durante esse tempo! Como poderia eu imaginar que, na minha idade, me expulsariam de casa do meu falecido patrão?

Emília prometeu velar para que, de futuro, não lhe faltasse coisa alguma e congratulou-se por a ver instalada em tão linda casa.

Teresa agradeceu-lhe com as lágrimas nos olhos.

— É muito bonita, não acha? Vivo aqui graças ao amigo caridoso que me tirou da miséria. Mademoiselle estava muito longe para poder valer-me e foi ele quem me amparou. Nunca contei que... mas não falemos mais nisso.

— Como se chama esse excelente amigo? Seja quem for, passarei também a estimá-lo.

— Proibiu-me de divulgar a sua boa ação e ainda menos o seu nome. Como está mudada, desde que nos separámos! Tão pálida e magrinha! Mas sempre o mesmo sorriso bondoso, o sorriso de seu pai! Meu pobre senhor! Mademoiselle não é a única a chorá-lo. Os pobres também ficaram órfãos quando ele morreu.

Como Emília se mostrasse muito comovida, a velhota mudou de assunto.

— Ouvi dizer que madame Chéron tinha casado com um cavaleiro estrangeiro e fora viver para a terra dele?

Emília confirmou e revelou-lhe a morte da tia.

— E aquele cavaleiro tão simpático, tão bom, o senhor Valancourt, como está ele?

Emília ficou muito perturbada com a pergunta para poder responder-lhe.

— Que Deus o abençoe — continuou Teresa — Não tome esse ar severo, mademoiselle.

Sei muito bem que se amavam. Depois da sua partida, ele vinha muitas vezes ao castelo, passeava pelas salas, queria entrar em todos os quartos. Por vezes, sentava-se numa poltrona e para ali ficava horas e horas calado, como se estivesse a sonhar. Preferia o gabinete da ala sul por eu lhe afirmar ter sido o seu. Demorava-se a admirar os seus desenhos, a tocar no seu alaúde, a ler os seus livros. Quando anoitecia, voltava para casa do irmão e então...

Emília quis interrompê-la, mas não se tornava fácil fazê-lo.

— E como ele gostava de falar a seu respeito, por vezes comigo, outras sozinho.

Sozinho, sim. Um dia, ao aproximar-me do gabinete, ouvi uma voz. Quem poderia ser? Não tinha deixado entrar ninguém senão o cavaleiro. Mas era ele quem chamava por si a chorar, afirmando que nunca mais a veria! ... Recreei que estivesse louco. Não quis que me visse e retirei-me devagarinho.

— Basta, Teresa! Não me interessam essas tolices — declarou Emília, tomando um ar severo.

— Tolicses! — protestou a velha criada no auge do espanto — Quando o senhor Quesnel alugou o castelo a estranhos, supus que o cavaleiro morresse de desgosto.

— Basta, já te disse. Não quero saber disso. Nunca mais pronuncies esse nome diante de mim.

— Não falar dele! Eu, que estimo o cavaleiro quase tanto como a seu pai e a si!

— Receio, Teresa — declarou Emília que mal conseguia reprimir as lágrimas — que tenhas empregado muito mal a tua afeição. Eu e o cavaleiro Valancourt nunca mais nos veremos.

— O que diz, mademoiselle! — exclamou Teresa, mal podendo acreditar no que ouvia — Nunca mais verá um rapaz tão atraente? E acha que empreguei mal a minha afeição? Pelo contrário, ninguém a merece mais do que ele, pois foi, justamente, o senhor Valancourt quem me deu esta casa e amparou a minha velhice desde que o senhor Quesnel me expulsou do castelo.

— Será possível! — exclamou Emília a tremer — Foi o cavaleiro Valancourt, dizes tu?

— Ele mesmo. Tinha prometido guardar segredo, mas como guardá-lo quando ouço dizer mal dele? Deve arrepender-se e chorar, mademoiselle, se o tratou severamente. Não conheço coração mais bondoso, mais dedicado e generoso. Encontrou-me na miséria e não só me deu a casa como de três em três meses me envia uma pensão para eu viver. Quem poderia ter feito mais? Receio, simplesmente, que tanta generosidade ultrapassasse os seus recursos, pois o trimestre acabou e, pela primeira vez, eu não recebi a pensão. Não chore, mademoiselle, e não se zangue comigo por eu lhe contar estas coisas.

— Zangar-me! — exclamou Emília que não podia contar as lágrimas — Mas dize-me, há quanto tempo não o vês?

— Há muito tempo.

— E não recebeste notícias?

— Nenhumas, desde que acabou o trimestre. Não veio nem me mandou a pensão. Começo a recear não lhe tenha acontecido qualquer coisa.

Emília estremeceu.

— Se estivesse mais perto de Estuviére — continuou Teresa — ou se pudesse andar melhor, já teria ido informar-me; infelizmente, não posso nem tenho ninguém para lá mandar. A ansiedade de Emília era indescritível. Não podia, sem infringir as conveniências, entrar em comunicação com o irmão de Valancourt; mas pediu a Teresa para mandar alguém em seu próprio nome, sem mencionar o dela, falar com o intendente para saber do cavaleiro. Em seguida, entregou-lhe o dinheiro necessário para viver sem privações e voltou ao Vale, radiante e, ao mesmo tempo, desolada com o que tinha sabido. Como seria possível um

coração tão generoso como o de Valancourt estar maculado pelo vício? E a bondade para com a criada daquela a quem adorava, não constituiria uma expiação para as suas faltas?

XL

Os Contrabandistas

O conde e Branca passaram quinze dias muito agradáveis no castelo de Sainte-Foix.

Ficou combinado com o barão e com a baronesa que o filho casaria com Branca quando regressassem a Blangy. Entretanto, dispuseram-se a visitar o Vale, conforme o prometido. A estrada que conduzia de Sainte-Foix à residência de Emília, atravessava a parte mais agreste dos Pirenéus; erma e isolada, nunca um coche a percorrera. O conde alugou mulas para si e para Branca, assim como para o pessoal, contratou dois guias bem armados, que diziam conhecer todos os desvios da montanha, todos os atalhos da floresta e a mais humilde cabana de caçadores ou pastores, em todos os pontos por onde deviam passar.

Partiram cedo, no desejo de passar a noite numa hospedaria indicada pelos guias, a meio caminho entre o castelo e o Vale. Os almocreves espanhóis costumavam descansar ali quando vinham a França. Não tinha muitos recursos, mas não havia por onde escolher. Após um dia de fatigante jornada, os viajantes encontraram-se num vale coberto de arvoredos e cercado por altas montanhas. O Sol escondia-se no horizonte e as sombras da noite estenderam o seu véu uniforme sobre todos os objetos. Branca perguntou ao pai se a hospedaria ficava longe e se a estrada era segura durante a noite. O conde repetiu as perguntas aos guias, mas as respostas obtidas foram vagas. Seria bom aguardarem o nascer da Lua — disseram. E acrescentaram que devia aproximar-se uma tempestade. Olhando em volta na esperança de encontrarem um abrigo, distinguiram, no meio das trevas, uma sombra, avultando no alto de uma rocha. Não duvidando de que se tratasse da cabana de um pastor, encaminharam-se para lá. Mas quando atingiram o alto, encontraram-se diante de uma cruz, erguida como indicação de que naquele ponto fora cometido um crime.

Voltaram para trás. A Lua nascera, o vento soprava com força e ouviam-se trovões ao longe. O conde e os guias não sabiam para onde se dirigir, quando lhes pareceu ouvir um cão a ladrar. Persuadidos de vir o som da hospedaria que procuravam, prosseguiram o seu caminho nessa direção. Quando caminhavam por estreito desfiladeiro, avistaram uma dessas torres de observação, que era uso erguer-se nos Pirenéus a fim de assinalar a aproximação do inimigo, por meio de fogueiras acesas nos picos mais altos.

— Muitas destas torres — explicou o conde, dirigindo-se a Branca — foram abandonadas e servem agora de refúgio aos caçadores e pastores. Outras tornaram-se covil de contrabandistas franceses ou espanhóis. Esses bandidos infestam estas montanhas e várias vezes têm mandado tropas para os prender; mas como, acima de tudo, não desejam ser perturbados no seu negócio, raramente atacam quando a sua segurança não está em perigo.

Teria sido preferível continuarem até encontrar a tal hospedaria. Porém, os guias confessavam terem-se perdido e, por outro lado, a trovoadá aproximava-se. De resto, não tinham motivo para ter medo. O grupo era numeroso e bem armado. Resolveram, portanto, procurar abrigo na torre.

Começaram a subir um atalho, cavado na rocha, ladeado por silvas. Depois de muita fadiga, conseguiram, não sem perigo, atingir o planalto e encontraram-se diante da torre em ruínas, ainda imponente, não obstante o seu aspecto de abandono. Alguns destroços das muralhas estavam espalhados pelo recinto imenso, solitário e coberto de ervas. A fortaleza devia ter sido das mais importantes e dominar todo o vale. O conde admirou-se por a terem abandonado assim.

Como se aproximassem, teve a impressão de ouvir vozes, partindo do interior da torre. Pouco depois, um cão ladrou, o mesmo que os guiara até ali. O conde ordenou a um dos seus criados que batesse na porta de entrada. À pancada sucedeu-se um murmúrio de vozes confusas e depois profundo silêncio. Bateram novamente.

Ouviu-se um passo pesado e uma voz perguntou:

— Quem bate?

— Amigos — respondeu o conde — Pedimos guarida por uma noite.

Correram os ferrolhos, a porta abriu-se e apareceu um homem armado, trajando como um caçador. — Entrem.

Dois outros, com trajo idêntico, apareceram por sua vez e convidaram os viajantes a passar a noite na torre e a partilhar a sua ceia. Conduziram-nos a uma sala imensa, sem móveis, mal iluminada pelo clarão do lume que ardia no fogão, colocado numa das extremidades.

No brasido assavam pedaços de carne.

— Sentem-se — convidou um dos homens — E tu, Jacques, esperta o lume.

Mademoiselle, prove a nossa aguardente, a melhor que até hoje foi metida num barril.

Branca recusou com um sorriso, enquanto o pai, alegremente, levava o copo à boca.

Sainte-Foix, sentado ao lado da noiva, apertava-lhe a mão, animando-a com o olhar. Branca, porém, preocupava-se com o homem a quem haviam chamado Jacques, que não deixava de observar o rapaz.

Nessa altura, lá fora, uma trompa soou, seguida por alguns gritos de apelo.

— São os nossos companheiros que regressam — explicou um dos homens.

Dois outros apareceram à porta, com a espingarda ao ombro e pistolas no cinto.

— Boa caça? — perguntaram os primeiros, aproximando-se dos recém-chegados.

— Excelente, com todos os demónios! Mas... que diabo têm vocês aqui? —

acrescentaram em mau espanhol, designando o conde e os seus — Onde os encontraram?

— Um encontro muito agradável — afirmou em francês o homem que recebera os

viajantes — Este fidalgo e os seus perderam-se no caminho e pediram-nos para passar aqui a noite.

Os outros não responderam e começaram a abrir os sacos para mostrar a caça que tinham apanhado. Uma das sacolas caiu, produzindo um som metálico e algumas moedas de ouro espalharam-se pelo chão. Admirado, o conde examinou o portador da singular presa. Era um homem alto, robusto, com fisionomia inquietante. Em vez de traje de caçador, envergava um uniforme de soldado, bastante usado. Deste rosto, que não prometia nada de bom, o conde passou para o de Jacques e, assim como Branca, notou que não perdia de vista o filho de Sainte-Foix. Tudo isto lhe deu que pensar, mas era muito tarde para voltar para trás; tratava-se agora de não mostrar medo e estar alerta.

O soldado e Jacques saíram da sala, voltando pouco depois para comunicar que a ceia estava servida na galeria. Os outros caçadores convidaram o conde e o seu grupo a segui-los. De princípio, recusaram. Branca desejava ficar perto do lume e Sainte-Foix não queria deixá-la. Mas tanto insistiram e com modos tão corteses, que não foi possível recusar por mais tempo, salvo se desajassem manifestar uma desconfiança perigosa. Os dois homens seguiram adiante com a luz a fim de mostrar o caminho. O conde ia ao lado de Sainte-Foix e Branca caminhava atrás deles. A certa altura, o vestido prendeu-se-lhe num prego da parede. Parou a fim de o soltar. Entretanto, o grupo cortou para um corredor em ângulo reto e Branca encontrou-se sozinha e na escuridão. Gritou, mas um trovão cobriu-lhe a voz. Conseguiu, por fim, desprender o vestido e meteu pelo corredor por onde supunha ter o pai seguido. Uma luz, ao longe, confirmou-lhe a suposição; correu para uma porta aberta, calculando ser a da galeria. Ouviu algumas vozes e parou, no intuito de verificar se não estava enganada e, de repente, iluminados por um candeeiro suspenso no teto, viu três homens sentados a uma mesa, como se discutissem importante assunto. Um deles era Jacques. Falava com veemência, dirigindo-se aos outros dois, um dos quais era o soldado. Aterrada por se ver separada do pai e tão perto de desconhecidos, Branca dispunha-se a fugir, quando estas palavras a fizeram mudar de ideias:

— Quem lhes fala em perigos? Sigam o meu conselho e não correm nenhum.

Apoderemo-nos dos dois, é o principal.

Branca parou toda trémula e pôs-se à escuta.

— Não seria melhor matá-los a todos? A nossa vida é tão preciosa como a deles. Se os poupamos, mandar-nos-ão enforcar; é preferível a morte para eles do que a forca para nós.

— Reconheci o filho logo que o vi — afirmou Jacques — ele não me conheceu. Quanto ao outro, não me lembro dele.

— É o barão? Não o reconheci, eu. No entanto, fui um dos que o atacaram com os nossos companheiros que morreram.

— Isso não importa! — interrompeu o terceiro — É raro termos destas pechinchas.

Quando nos arriscamos para passar algumas jardas de seda ou para roubar um pobre viajante, não vamos agora deixar fugir tão boa presa. Sejam quem forem, são ricos. Deveriam ter muito dinheiro. Tratemos de os apanhar.

— Já os contaste? São nove ou dez, bem armados e nós, neste momento, somos apenas seis. Como atacá-los?

— Se têm medo, podemos empregar outros meios. Administremos a poção que tu conheces a alguns deles. Os outros serão, facilmente, vencidos.

— Vou indicar-lhes ainda outro — afirmou o terceiro — Aproximem-se um pouco.

Branca, que escutara a conversa com profundo terror, deixou de ouvir os três bandidos, pois começaram a falar em voz baixa. A esperança de salvar o pai e os companheiros restituiu-lhe as forças e tentou encontrar a galeria. Mas, apenas tinha dado alguns passos, tropeçou num degrau e caiu. Os malfeitores ouviram e correram para fora. Antes que Branca pudesse levantar-se, agarraram-na e arrastaram-no para o quarto e, como gritasse, vociferaram contra ela terríveis ameaças.

Consultaram-se entre si para saber o que deviam fazer. Aterrada, Branca pediu-lhes que a poupassem, ofereceu-lhes dinheiro e prometeu não dizer coisa alguma do que tinha ouvido se a levassem à família.

Os bandidos sorriram com ar significativo e dispunham-se a aproximar-se dela quando um barulho lhes chamou a atenção. Um deles apertou, fortemente, o braço de Branca como se receasse que fugisse e, como ela gritasse por socorro, puxou o punhal e ordenou-lhe para se calar. Entretanto, o barulho aproximava-se.

— Fomos atraídos! — exclamaram — Salvo se são os nossos camaradas de regresso das montanhas.

Ouviu-se uma descarga de fuzilaria, o chocar de armas, o tumulto de vozes e prolongados gemidos. Os salteadores prepararam as armas; a um toque de trompa, dois deles deixaram Branca à guarda do terceiro e correram para fora da sala.

Enquanto aterrada e trémula, a prisioneira implorava a proteção de Deus, reconheceu a voz de Sainte-Foix que a chamava; a porta abriu-se e o rapaz apareceu coberto de sangue. Quis correr para ele, mas não viu nem ouviu mais nada, porque acabou por cair desmaiada. Quando voltou a si, à fraca claridade que reinava à sua volta, verificou encontrar-se no mesmo quarto; supôs-se sozinha quando, a seu lado, soou débil gemido. Levantou-se e viu um corpo estendido no qual reconheceu o noivo, pálido e desfigurado, com os olhos semi-cerrados. A mão em que pegou estava gelada e coberta de suor. Chamou-o e gritou por socorro. Alguém acorreu, mas não o conde. Com grande surpresa, reconheceu Ludovico! Sem perder tempo a falar a Branca, examinou os ferimentos do rapaz. Chegando à conclusão de que a perda de sangue era a única causa da sua fraqueza, correu a buscar água. Entretanto, apareceu o conde de Villefort, ofegante, com a espada desembainhada,

gritando pela filha e esta correu a lançar-se-lhe nos braços. Acalmados os primeiros transportes de alegria, ocuparam-se de Sainte-Foix, que começava a dar sinais de vida. Ludovico regressou, trazendo água e aguardente. Enquanto Branca lhe derramava algumas gotas nos lábios, Ludovico banhava-lhe a testa. Pouco depois, tiveram a satisfação de o ver abrir os olhos e perguntar pela noiva. A alegria que sentiram foi perturbada por Ludovico que lhes demonstrou a necessidade de saírem dali imediatamente. Os homens do conde, vitoriosos na luta, haviam fechado os bandidos na torre; mas os que estavam fora podiam regressar de um momento para o outro e libertá-los.

Não havia tempo a perder. O som das trompas dos camaradas por certo os sobressaltara e depressa os veriam regressar. Pensaram então na forma de transportar o ferido, que não suportaria o andar das mulas, embora pudesse montar. Mas nem isso. Ludovico foi buscar uma pele de urso, estendeu-a em duas compridas estacas, cobriu-a com outras peles de carneiro, arranjando assim uma espécie de maca onde o deitaram. Os guias levantaram-na nos ombros e todos se puseram a caminho, pois, conquanto alguns dos criados do conde tivessem sido feridos, depois de tratados, encontravam-se em estado de poder andar.

Desceram ao vale, por um caminho fácil que os primeiros alvares do dia lhes permitiam distinguir.

— Evitemos os desfiladeiros para oriente — aconselhou Ludovico — os bandidos, esta manhã, seguiram para esse lado.

Percorrida uma légua, Sainte-Foix começou a queixar-se. Pararam para descansar.

Ludovico trouxera consigo algumas garrafas de vinho generoso, que distribuiu por todos a fim de os reanimar. O ferido, porém, não sentiu grande alívio com isso e a febre que o devorava redobrou. Todos ansiavam por chegar à hospedaria já procurada na noite antecedente.

Enquanto descansavam à sombra dos pinheiros, o conde pediu a Ludovico para lhe contar como havia desaparecido do quarto do castelo de Blangy, como caíra nas mãos dos bandidos e também como aparecera tanto a propósito para o salvar e a todos os seus.

Ludovico dispunha-se a falar quando um tiro os sobressaltou e os obrigou a partir com precipitação.

XLI

História de Ludovico

Emília aguardava com ansiedade notícias de Teresa para conhecer o resultado da sua tentativa e saber notícias de Valancourt. Encostada à janela, pensava no destino dos dois, unidos por tão fortes laços, e depois separados por tantos obstáculos. De repente, Annette entrou ofegante e quase sem poder falar; deixou-se cair numa cadeira, apertando as mãos uma contra a outra.

— Minha Nossa Senhora! — conseguiu por fim exclamar — O seu espírito! — Que estás

a dizer? — perguntou Emília com impaciência.

— Atravessou o vestíbulo quando eu ia a sair da sala! — afirmou Annette.

— A quem te referes? Quem atravessou o vestíbulo?

— Trajando como tantas vezes o vil Quem poderia imaginar semelhante coisa!

Emília dispunha-se a censurar-lhe a tola credulidade, quando um criado entrou para lhe comunicar que um desconhecido desejava falar-lhe. Annette estremeceu e exclamou:

— É ele! Nesse caso, vive. Ludovico ... Ludovico! Precipitou-se para fora do quarto, regressando pouco depois com Ludovico. No auge do espanto, Emília manifestou-lhe a sua alegria por voltar a vê-lo são e salvo. A sua emoção redobrou quando abriu e leu as cartas do conde de Villefort e de Branca, que lhe contavam a sua aventura e a informavam da demora forçada na hospedaria dos Pireneus, devido ao ferimento de Sainte-Foix e ao estado de Branca. A última carta, acrescentava que o barão de Sainte-Foix acabava de chegar e, dessa forma, Branca e o conde iriam aguardar no Vale o completo restabelecimento do rapaz. Comunicava-lhe a sua chegada no dia seguinte e, entretanto, deixava a Ludovico a tarefa de descrever as suas aventuras.

Emília teve a paciência de esperar que o rapaz fosse comer e os transportes de Annette acalmassem um pouco. Pediu-lhe então para lhe dizer como tinha ido parar à companhia dos bandidos.

Ludovico apressou-se a satisfazer-lhe a curiosidade e começou:

— Lembra-se, mademoiselle, como o conde e o filho me acompanharam ao quarto onde devia passar a noite. Quando eles se retiraram, acendi o fogão, instalei-me numa poltrona e abri o livro que tivera o cuidado de levar comigo. Confesso não ter podido, por vezes, evitar uma sensação muito parecida com o medo.

— Vou mesmo a apostar — interrompeu Annette — que, se quiseses ser franco, terás de dizer que tremias da cabeça aos pés.

— Não era tanto assim — protestou Ludovico a sorrir — No entanto, de longe em longe, parecia-me ouvir barulho e algumas vezes me levantei para examinar todos os recantos. Como só visse as figuras das tapeçarias que pareciam fazer-me caretas, voltava a sentar-me. Decorreu mais de uma hora e eu acabei por adormecer com o livro na mão. De repente, fui despertado pelo ligeiro ruído que já ouvira e me deu a impressão de vir do lado da cama. Não sei se a história lida pouco antes me perturbou o espírito ou se recordei tudo quanto contavam a respeito daquele quarto; sei apenas que, ao olhar para a cama, supus ver o rosto de um homem...

A estas palavras Emília estremeceu, recordando o dia em que fora visitar o quarto com Doroteia.

— Confesso, mademoiselle, que, naquela altura, me faltou a respiração. O barulho voltou a fazer-se ouvir e distingui, perfeitamente, o girar de uma chave na fechadura. Mais do que

tudo, causava-me espanto não ver porta alguma. Pouco depois, porém, o reposteiro que ficava por trás da cama arredou-se para o lado e vi um homem sair de pequena porta rasgada na parede. A aparição ficou algum tempo imóvel, com o rosto meio oculto pelo reposteiro. Em seguida, apercebi, distintamente, a cabeça de outro homem espreitando por cima do ombro do primeiro. Não sei porque, estando a espada ao alcance da mão, não tive forças para me servir dela. Pelo contrário, não fiz um movimento para assim me suporem adormecido e continuei a observá-los por entre as pálpebras semicerradas. Creio ter conseguido iludi-los, porque os ouvi falar em voz baixa. Outros vultos apareceram na abertura da porta e as vozes elevaram-se.

— Causa-me espanto a existência da porta — observou Emília — ouvi dizer que o senhor conde, surpreendido com a sua desapareição, tinha mandado levantar as tapeçarias a fim de verificar se, oculta com elas, não existiria alguma passagem.

— Não me admira ele não ter dado pela porta — replicou Ludovico — Está disfarçada com a madeira que reveste a sala e, mesmo se a tivesse descoberto, o senhor conde não podia saber que comunicava com outra abertura e com um corredor aberto na espessura da parede. Mas, voltando aos homens reunidos junto da tal porta; eles não me deixaram muito tempo na incerteza do meu destino. Entraram todos ao mesmo tempo e rodearam-me. Eu deitei mão a espada, mas como podia defender-me de tantos? Em breve fui desarmado. Depois amarraram-me os braços, puseram-me uma mordaça e levaram-me consigo. No entanto, tiveram o cuidado de deixar a espada em cima da mesa para defender, comentaram rindo, aqueles que pretendessem, como eu, lutar com os espíritos. Seguimos por diversos corredores estreitos, abertos na espessura das paredes, calculei, pois que não os conhecia. Descemos várias escadas e, por fim, encontrámo-nos nos subterrâneos do castelo. Abriram nova porta, confundida com a própria muralha, seguimos por um caminho talhado no rochedo sobre o qual o castelo está construído, e então os bandidos arrastaram-me para um barco, que estava à nossa espera. O barco dirigiu-se para um navio ancorado na baía e, enquanto dois dos que me acompanhavam subiam comigo para bordo, os outros voltaram para a praia com o barco pequeno. Levantámos ferro e fomos desembarcar no Roussillon. Levaram-me então para o forte onde estive fechado até que o senhor conde apareceu. Tiveram o cuidado de me vendar os olhos. Precaução inútil, pois a região era tão agreste que eu nunca poderia ter reconhecido o caminho, se conseguisse fugir. Vivi no forte como prisioneiro. Nunca saía sem ser escoltado e a vida tornou-se-me tão aborrecida e triste, que só pedia a Deus para lhe pôr termo.

— Essa agora! — protestou Annette — Nem sequer te animava a esperança de voltares a ver-me?

Emília sorriu e perguntou a Ludovico por que motivo os homens o haviam raptado.

— Em breve adivinhei serem eles piratas que escondiam os seus roubos nos

subterrâneos do castelo, isto é, na parte da abóbada oculta sob o próprio edifício. A sua situação, à beira-mar, favorecia-lhes os planos. Mas impunha-se libertarem-se de visitas importunas. Fizeram então correr o boato de que o castelo estava assombrado pelos espíritos e, como tinham conseguido descobrir a passagem secreta para o quarto da ala norte, fechado desde a morte da marquesa, não se lhes tornou difícil confirmá-lo com as suas manobras. A porteira e o marido, as únicas pessoas que ali habitavam, assustados com os estranhos ruídos ouvidos durante a noite, recusaram-se a permanecer no castelo por mais tempo. O fato confirmou a existência dos espíritos, tanto mais, tendo a marquesa, morrido por forma estranha, e o marquês desaparecido depois da sua morte.

— Por que não se contentavam os piratas com as caves e foram guardar os roubos debaixo do próprio castelo? — perguntou Emília.

— Às caves desciam, constantemente, os criados e, dessa forma, logo seriam descobertos. Pelo contrário, debaixo da abóbada estavam seguros enquanto acreditassem que os espíritos assombravam o castelo. Levavam para ali os roubos feitos no mar e guardavam-nos até poderem vendê-los. Estes piratas estão combinados com os contrabandistas dos Pirenéus e o negócio entre eles é considerável. Não sei dizer-lhes o que senti quando vi aparecer o senhor conde. Considerei-o perdido e ainda mais quando, daí a pouco, escutei os bandidos, planeando matá-los a todos. Consegui chegar até onde se encontravam os criados do conde e contei-lhes o que se preparava. Entretanto, o conde, assustado com a ausência da filha, perguntou onde estava. As respostas recebidas não o satisfizeram. Irritados, ele e o barão de Sainte-Foix, elevaram a voz. Considerei a altura propícia. Eu e os criados entrámos no quarto gritando: “Traição, senhor conde! Defenda-se!” O conde e o noivo da filha desembainharam as espadas, e travou-se tremenda luta, que terminou com a nossa vitória. O resto já sabe, mademoiselle.

— A aventura foi estranha e perigosa — comentou Emília — Devemos-lhe agradecimentos e elogios, Ludovico. No entanto, referindo-me ainda aos quartos da ala norte, existem coisas que não sei explicar. Ouvi os bandidos descreverem alguma vez os meios por eles empregados para afugentar as pessoas do castelo?

— Não, mademoiselle. Só uma vez os ouvi falar da velha governante que, por pouco, não tinha surpreendido um deles. Este fez-lhe uma partida das suas e descreveu-a, rindo com gosto.

Levemente corada, Emília pediu para lhe repetir o que ouvira.

— Certa noite, esse homem encontrava-se no quarto da marquesa, quando alguém entrou na sala. Receando não ter tempo para levantar a tapeçaria e abrir a porta falsa, escondeu-se na cama, bastante assustado, assim o depreendi. A governanta e outra pessoa aproximaram-se. O homem receou que o descobrissem e lembrou-se de as assustar. Levantou e baixou o pano de veludo e acabou por mostrar o rosto. Então as duas mulheres—

contou o pirata-fugiram como se tivessem visto o diabo; quanto a ele, pôde retirar-se com todo o descanso.

Emília não pôde deixar de sorrir com a explicação do incidente que tão grande terror lhe inspirara. Restava-lhe ainda, no entanto, um receio supersticioso quando recordava a misteriosa música que à meia-noite se fazia ouvir perto do castelo de Blangy. Perguntou Ludovico se, por acaso, soubera alguma coisa sobre o assunto.

— Sei apenas não ser ela obra dos piratas. Muitas vezes falavam a esse respeito, afirmando que o diabo os ajudava.

— Admira-me terem os bandidos continuado no castelo depois da chegada do conde.

Deviam calcular que, mais tarde ou mais cedo, seriam descobertos.

— Segundo depreendi, mademoiselle, contavam ficar ali apenas o tempo suficiente para transportarem os seus tesouros. Estavam lá tratando disso, mas como só dispunham de algumas horas por noite, levava tempo. Quando me raptaram tinham retirado menos de metade. E tencionavam, enquanto não conseguiam tirar o resto, fazerem tudo para confirmar os boatos que corriam sobre o castelo. Umas vezes divertiam-se a descrever a consternação manifestada pelos habitantes de Blangy com o meu desaparecimento e para eu não os atraiçoar levaram-me consigo. Soube, no entanto, que uma noite estiveram quase a ser apanhados.

Acabavam, segundo o costume, de soltar os gritos lúgubres que tanto medo inspiravam aos criados e dispunham-se a abrir a porta falsa quando ouviram vozes no quarto de dormir. Era o senhor conde que se encontrava ali com o filho. Apressaram-se então a repetir os gemidos e os soluços. O senhor conde confessou-me ter ficado muito impressionado com isso. Mas como o repouso da família exigia que ninguém o soubesse, impôs-se, assim como ao filho, a mais absoluta discrição.

Emília recordou a mudança operada no conde depois da noite passada nos aposentos da marquesa e compreendeu então a causa dessa mudança. Depois de mais algumas perguntas a Ludovico, mandou-o embora e dispôs-se a preparar tudo para receber os amigos.

À tarde viu entrar Teresa e empalideceu. Que notícias trazia ela?

— Está vivo! — foram as primeiras palavras da boa mulher.

Emília respirou. Já podia escutar com tranquilidade tudo quanto tivesse para lhe contar. Não se enganara. Havia sido, de fato, Valancourt quem se encontrava em Toulouse e já lá estava quando Emília ali chegara. Para iludir o desgosto e as saudades passeava pelo parque onde passara tantas horas felizes junto da noiva. Pode calcular-se a sua emoção, quando, certa tarde, viu aparecer a sua amada. Afastou-se imediatamente. Mas a sua presença mais o atraiu; como única consolação, percorria os caminhos que tinha percorrido a seu lado e vagueava em volta da casa onde Emília se encontrava. Foi num desses passeios noturnos que o Jardineiro, tomando-o por ladrão, lhe atirou um tiro, ferindo-o num braço. O

acidente obrigara-o a permanecer em Toulouse, entregue aos cuidados de um cirurgião. E como havia muito tempo respondia com absoluto silêncio à frieza dos seus parentes, em cujo desagrado incorrera, todos ignoravam o sucedido. Quando se encontrou em estado de poder viajar, regressou a Estuvière, passando pelo Vale e por casa de Teresa, a fim de lhe dar a pensão e ao mesmo tempo saber notícias de Emília.

Pedia, simplesmente, àquela a quem tanto amava e a quem nunca mais tornaria a ver, para guardar o anel que lhe enviava e para recordar o seu desgraçado possuidor quando olhasse para ele. Emília sentiu-se profundamente comovida quando viu o anel usado por Valancourt em tempos mais felizes. No entanto, censurou Teresa por o ter aceito e recusou-se a recebê-lo.

Teresa pediu, suplicou, descreveu o abatimento do rapaz na altura em que lhe dera o anel e afirmou temer as consequências do seu desespero quando lhe devolvesse. Fez ainda algumas considerações sobre a sua idade e sobre os serviços prestados a Emília, o que lhe dava o direito de intervir no assunto. Conquanto lhe achasse razão, Emília persistiu na recusa, não lhe dando mais explicações sobre os motivos que lhe inspiravam tal resolução. Limitou-se a dizer a Teresa que a sua insistência a afligia e a afirmar ter razões sérias para não aceitar o anel, pedindo-lhe para o devolver, sem mais desculpas. Pediu-lhe ainda para, se tinha empenho na sua amizade e estima, nunca mais se encarregar de qualquer recado de Valancourt.

Mas esta resolução custou-lhe tanto que foi fechar-se no quarto para poder chorar à vontade.

XLII

A Morte de uma Pecadora

No dia seguinte, a chegada dos Blangy serviu de derivativo à tristeza de Emília. O Vale voltou a ser acolhedor e a sua dona recebeu os seus amigos com a mais graciosa hospitalidade. No entanto, a desagradável aventura dos Pirenéus inspirou ao conde o vivo desejo de regressar quanto antes a sua casa. Demoraram-se alguns dias em casa de Emília que, por sua vez, decidiu acompanhá-los ao Languedoc. Entregou o Vale aos cuidados de Teresa, renovando as recomendações feitas a respeito de Valancourt.

Partiram juntos para Blangy onde a condessa, Henrique e Dupont — a quem Emília ficou muito surpreendida por encontrar-os receberam com a maior alegria—. Emília verificou que o conde não havia desanimado o rapaz, cujos sentimentos por ela eram mais vivos do que nunca. Na tarde do segundo dia, o conde de Villefort chamou-a de parte para lhe apresentar de novo o pedido de Dupont, observando, em face da sua tristeza e abatimento, que por uma afeição mal colocada se arriscava a envenenar os mais belos dias da sua vida. Terminou, dizendo:

— Não desejo insistir, mademoiselle. Tenho esperança de que um dia deixará de

desesperar um homem a todos os respeitos digno da sua estima e que muito a ama.

Sem lhe dar tempo a responder, continuou o seu passeio. Por seu lado, Emília, absorvida em tristes pensamentos, encontrou-se, de repente, sem dar por isso, no bosque que rodeava o convento de Santa-Clara. Lembrou-se então de ir ver a superiora e as religiosas tão suas amigas.

Introduzida no locutório, ficou algum tempo sozinha, no meio de profundo silêncio, até que uma religiosa apareceu muito agitada, supondo encontrar ali a superiora a quem desejava avisar de que iam começar a oração dos agonizantes pela irmã Inês, que estava a morrer. A religiosa descreveu-lhe o sofrimento da moribunda. Primeiro fora atacada por terríveis convulsões e depois mergulhara num desespero tão profundo, que nem as próprias orações às quais toda a comunidade unira as suas, nem as palavras amigas do confessor puderam dar-lhe repouso e acalmá-la.

Emília escutou-a com muito interesse, recordando o ar desvairado e sinistro muitas vezes observado na irmã Inês e a história contada pela irmã Francisca. Como já era tarde, não pôde vê-la. Encarregou a religiosa de cumprimentar por ela as outras irmãs e regressou ao castelo pelos rochedos, refletindo, tristemente, no que acabava de ouvir.

No dia seguinte, convenceu Branca a acompanhá-la ao convento. Parado à porta, viram um coche que, provavelmente, acabava de chegar, a ajuizar pelas narinas fumegantes dos animais e pela espuma que os cobria. Profundo silêncio reinava nos claustros e pelo pátio. Ao entrarem no locutório, encontraram uma das religiosas que lhes disse estar a irmã Inês ainda viva e com todos os seus sentidos, mas que, possivelmente, não passaria daquela noite.

Durante a conversa, entrou a superiora, cujo aspecto grave as impressionou.

— A nossa casa — disse, após os primeiros cumprimentos — hoje está de luto. Uma das nossas irmãs paga, neste momento, o seu tributo à Natureza. Não ignoram estar a irmã Inês a morrer?

Emília manifestou o seu pesar pelo acontecimento.

— Os últimos dias da irmã Inês — continuou a superiora — foram exemplares; possam eles contribuir para a remissão dos seus pecados. Os seus sofrimentos têm sido terríveis e, por certo, lhe alcançarão o eterno descanso. Deixei-a com o confessor e com um cavalheiro cuja presença ela desejava com ansiedade e que chegou agora de Paris. Deus permita que eles lhe proporcionem a calma de que o seu espírito tanto necessita!

Emília afirmou serem esses também os seus desejos.

— Durante a doença — declarou a superiora — muitas vezes pronunciou o seu nome.

Talvez a sua presença represente uma consolação para as-suas últimas horas de vida. Se tem coragem para isso, quando ficar só, subiremos a vê-la. Visitas deste género são comoventes, concordo, mas devemos acostumar-nos a elas, porque fortificam a alma contra os sofrimentos futuros.

Emília ficou pensativa. Estas palavras recordaram-lhe o supremo adeus do pai adorado. Acudiam-lhe à memória muitos pormenores dos seus últimos momentos: a emoção manifestada quando soube estar tão próximo do castelo de Blangy, o pedido para ser sepultado na igreja do convento, a ordem para queimar, sem os ler, todos os papéis que encontrasse no seu gabinete. Recordou também as palavras misteriosas que, involuntariamente, tinha lido. Nunca lhe acudiam ao pensamento sem perguntar a si mesma, com profundo terror, a sua significação e o motivo que inspirara a ordem do pai. Contudo, pensar que as havia cumprido à risca, representava uma consolação para ela.

A sua meditação e o silêncio da superiora foram interrompidos pela aparição do cavaleiro que acabava de sair do quarto da irmã Inês. De Bonnac — era esse o seu nome — parecia muito comovido, mas as suas feições, segundo Emília observou, refletiam mais horror do que pesar. Chamou a superiora de parte e falou-lhe durante alguns momentos, findos os quais se despediu e saiu. Esta pediu então a Emília para a acompanhar ao quarto da moribunda, pedido a que ela acedeu, deixando Branca sozinha no locutório.

Uma religiosa velava junto do leito da doente. Encontrou a irmã Inês tão mudada que, conquanto já o esperasse, não a reconheceu. O rosto estava lívido, com horrível expressão, os olhos, afundados nas órbitas, fixavam o crucifixo que apertava convulsivamente contra o peito. Alheia ao que se passava em volta de si, não deu pela entrada da superiora e de Emília. Por fim, voltando-se devagar, pousou o olhar em Emília e bradou com desespero:

— Esta visão não deixará de perseguir-me até ao meu último suspiro?

A visitante recuou e olhou espantada para a superiora, que a sossegou com um gesto e se aproximou da cama da moribunda:

— Minha filha, trago-lhe mademoiselle Saint-Aubert. Tive a impressão de que gostaria de a ver.

A religiosa não lhe respondeu. Continuava a fixar Emília com olhar desvairado.

— É ela, sim, é ela. Não veem aquela expressão doce, que era um dos seus encantos e me perdeu? Que pretende de mim? Vamos, diga. Uma reparação? Não a teve já? Há quantos anos a conheci? O meu crime deve ser muito recente, embora eu tenha envelhecido, pois está nova ainda e bela, com essa beleza insolente que me impeliu ao crime mais nefando. Se eu pudesse esquecê-lo! ... E de que me serviria esquecê-lo, se o cometi?

Impressionada, Emília quis retirar-se. A superiora pegou-lhe na mão, suplicando-lhe para ter paciência. Depois, tentou acalmar a doente, mas esta não lhe deu ouvidos.

— Para que me serviram tantos anos de remorsos e de orações, se não conseguiram apagar a nódoa do crime? Onde está ela? ... Está aqui, neste quarto. Não a veem?

O olhar vagueou pelo aposento e acabou por fixar Emília.

— Por que me persegues até aqui? Não estou já bem castigada? Não olhes para mim com essa expressão implacável. Que mais temos agora? Olhares de compaixão, para quê?

Deixa-me! E esse sorriso, esse sorriso... sorrisos para mim? Mil vezes a tua cólera. Santo Deus! Que gemidos são estes?

E tombou para trás como se a vida a tivesse abandonado. A superiora e a outra religiosa apressaram-se a socorrê-la. Emília, que mal se podia ter de pé, quis falar.

— Sossegue, minha filha, o delírio acabou. Está melhor agora. Há muito tempo, irmã — perguntou, voltando-se para a religiosa — que a doente se encontra neste estado?

— Há muitas semanas que não a vejo assim — afirmou a outra — Talvez a presença do cavalheiro a quem tanto desejava ver a tenha agitado.

— Sim, deve ser essa a causa deste ataque.

Nesse momento, a irmã Inês recuperou os sentidos. Fixou Emília, mas não com a anterior expressão alucinada, antes com profunda dor. Decorreu algum tempo antes de conseguir falar. Por fim, murmurou em voz fraca:

— Estranha semelhança! Isto é mais do que imaginação! Diga-me, por favor... a despeito do nome de Saint-Aubert que usa... não será filha da marquesa?

— Qual marquesa? — perguntou Emília com espanto.

— Qual marquesa? — protestou Inês — Não conheço outra senão a de Villeroy.

Recordando a comoção do pai e o desejo manifestado por ele de ser sepultado perto dos Villeroy, Emília sentiu-se dominada por extraordinária perplexidade e pediu à doente para se explicar melhor.

— Tragam-me o meu cofrezinho. Vou dizer-lhe tudo — pediu Inês.

A religiosa entregou-lhe o pequeno cofre; Inês abriu-o e tirou uma miniatura em tudo semelhante à que Emília encontrara junto dos papéis do pai. Contemplou-a durante algum tempo, depois ergueu os olhos ao céu e começou a rezar em voz baixa. Por fim, entregou-a a Emília.

— Guarde-a, dou-lhe. Tem direito a ela. A semelhança entre as duas muitas vezes me impressionou, mas nunca como hoje me esmagou a consciência. Fique, minha irmã — pediu dirigindo-se à religiosa — Não leve ainda esse cofre. Encerra outro retrato.

A superiora quis levar Emília, mas ela não acedeu.

— Venha — insistia a abadessa — a irmã Inês continua a delirar. Quando se encontra neste estado não conhece ninguém e acusa-se de crimes imaginários.

Emília, contudo, julgou adivinhar naquele desvairamento mais alguma coisa do que loucura. O nome da marquesa e o retrato despertavam-lhe demasiado interesse para renunciar a obter mais esclarecimentos.

A religiosa pôs, de novo, o cofre em cima da cama. Inês carregou numa mola e descobriu segundo retrato.

— Eis uma lição para a sua vaidade. Olhe para este retrato e diga-me se encontra alguma semelhança com o que fui outrora e sou hoje.

Emília pegou na miniatura e, quando a examinou melhor, os seus dedos trémulos quase a deixaram cair. Era a cópia exata do retrato da signora Laurentini, o quadro que vira no castelo de Udolfo, da mulher que desaparecera por forma tão misteriosa e de cuja morte acusavam Montoni.

Muda de surpresa, olhava ora para o retrato, ora para a moribunda, tentando encontrar uma semelhança que deixara de existir.

— Sim, olhe bem para mim e verifique os estragos causados pelo meu crime. Nesse tempo, era uma rapariga inocente. Minha irmã — continuou, apertando entre as mãos geladas a de Emília, que estremeceu — tome cautela com as paixões. O seu Ímpeto é violento e rápido, se não as dominamos a tempo arrastam-nos a ações que nunca mais poderemos apagar. Uma paixão violenta absorve todas as outras, apodera-se por completo do nosso coração, é como um demónio que nos possui e nos faz proceder como demónios, que nos torna insensíveis à piedade, surdas à voz da consciência; e quando a sua obra está completa, mais do que nunca impiedosa, entrega-nos nas garras dos sentimentos que havia adormecido sem os sufocar, às torturas da compaixão, do remorso e do desespero! Despertamos então como de um sonho, encontramos-nos tal como havíamos sido noutro tempo, mas num mundo diferente, espantadas, aterradas; o crime já fora cometido e nem todas as forças do céu e do inferno reunidas conseguiriam apagá-lo. O que representam a riqueza, todas as grandezas e até a própria saúde, comparadas com o tesoiro inapreciável de uma consciência pura? E o que representam a dor, o desdém dos outros e a miséria, comparados com os tormentos de uma consciência culpada? Inocente, supunha ter esgotado a taça do sofrimento, de todos os males: o amor desprezado, o ciúme, a cólera; mas esses tormentos podiam considerar-se como bens comparados com os do remorso! Saboreei o que chamam as delícias da vingança, mas como elas são passageiras! Como desaparecem com o objeto que as fez nascer! Lembre-se sempre disto, minha irmã. A paixão tanto pode gerar o crime como a virtude! A escolha depende de si. Desgraçados daqueles que não conseguem moderar os tumultuosos impulsos do coração!

— Sim — concordou a superiora — desgraçados daqueles que desconhecem a nossa santa religião!

Emília escutava a religiosa em silêncio, com respeito, mas não conseguia desviar a vista da miniatura.

— Este rosto não me é desconhecido! — afirmou, dirigindo-se à doente.

— Está enganada. Com certeza nunca o viu.

— Então era muito parecido.

— Impossível. Onde o viu?

— No castelo de Udolfo.

— Em Udolfo! — exclamou a moribunda muito comovida—Esteve no castelo de Udolfo?

Quantas recordações esse nome me desperta! Cenas de felicidade, de sofrimento e de horror! Nesse instante, Emília recordou o terrível espetáculo, entrevisto um dia numa das salas do castelo. Olhou para a signora Laurentini — podemos dar-lhe esse nome, agora — com um sentimento de horror. Não acabara ela de dizer que muitos anos de penitência e de oração não podiam apagar a mancha de um crime? E estas palavras, se não eram resultado do delírio, tinham sido ditadas pelo remorso. Estremeceu. Tinha então uma assassina diante dos seus olhos? ... E a desordem do seu espírito, a perplexidade em que se debatia, traduziram-se em palavras sem nexos.

— O seu brusco desaparecimento do castelo... — murmurou.

A signora Laurentini soltou fundo suspiro.

— Todos os boatos que correram — continuou Emília — a sala vermelha ... a cortina preta ... o singular espetáculo por ela oculto... quando os crimes se descobrem...

— E depois? — bradou a Italiana com olhar esgazeado, tentando erguer-se — Voltas do túmulo? Sangue e mais sangue? Não, não houve sangue, não podes afirmá-lo. Sorris? Não sorrias com esse ar de compaixão, não sorrias, digo-te eu!

E caiu, debatendo-se numa convulsão. Não podendo suportar por mais tempo cena tão violenta, Emília fugiu da cela, pedindo a algumas das religiosas para irem acompanhar a superiora.

Reuniu-se com Branca no locutório e teria saído logo do convento se não desejasse saber como estava a signora Laurentini.

Decorrido algum tempo, vieram dizer-lhe que estava melhor. Regressou então ao castelo com Branca e encontrou aí o senhor de Bonnac, que era amigo de Dupont. A esse título, o conde e o filho convidaram-no a passar alguns dias no castelo. Era um oficial adido, ao serviço da França. Devia ter, aproximadamente, cinquenta anos, porte distinto, a fisionomia agradável e franca. A melancolia que a ensombrava resultava mais de desgostos do que de natural disposição. Não se tornava difícil adivinhar os esforços feitos, durante a ceia, para aparentar boa disposição.

Separaram-se cedo. Quando recolheu ao quarto, todas as cenas presenciadas acudiram à memória de Emília, que as reviveu com extraordinária nitidez. Numa religiosa moribunda encontrara a signora Laurentini! E esta, longe de ter sido vítima de Montoni, dava a entender ter ela mesmo cometido um crime medonho! Quanto assunto para meditação e surpresa! As alusões à sua semelhança com a marquesa, a estranha suposição sobre o seu nascimento, representavam outros tantos motivos de interesse de natureza diferente. A história da irmã Inês, contada pela irmã Francisca, em toda a evidência devia ser falsa. Mas com que intuito a teria ela inventado? Ainda mais lhe excitava a curiosidade o mistério que envolvia as relações entre a marquesa e seu pai. Por vezes, admitia que Saint-Aubert tivesse sido aquele a quem ela amava, quando a obrigaram a casar com o marquês. Mas não podia conceber ter o pai

deixado essa paixão sobreviver. No entanto, não podia duvidar de que os papéis cuja destruição o pai lhe ordenara, fossem relativos a essa ligação e, se não tivesse tanta confiança na rígida moralidade de Saint-Aubert, convencer-se-ia ter desaparecido o segredo do seu nascimento com os documentos que poderiam atestá-lo.

Parte da noite foi passada nestas reflexões e quando conseguiu adormecer, sonhou com as lúgubres cenas desenroladas no convento e com a Italiana, expirando, esmagada pelo remorso, debatendo-se entre orações e blasfêmias.

No dia seguinte, soube que a irmã Inês tinha morrido, mas sentia-se muito indisposta para poder visitar a superiora.

De Bonnac recebeu a notícia com emoção. Emília, no entanto, reparou estar ele menos abatido do que na véspera. A notícia da morte não o impressionou tanto como as confidências recebidas e talvez lhe servisse de consolação o legado que, segundo se dizia, a falecida lhe fizera. Tinha numerosa família e as loucuras de um filho haviam-no obrigado a sacrificar grande parte da sua fortuna. Chegou até a ser preso. Dupont conhecia todos os pormenores desta desdita. A prisão durara meses, sem esperança de recuperar a liberdade. Felizmente, um dos companheiros de infortúnio, logo que se viu livre, interessou-se por ele e conseguiu livrá-lo. Quando saiu da prisão, de Bonnac procurou o seu libertador, mas não conseguiu encontrá-lo.

— Receio muito—concluiu—que a sua generosidade causasse mais uma vez a sua prisão, pois nunca mais consegui saber o que tinha acontecido ao pobre Valancourt.

— Valancourt! — repetiu Dupont — A que família pertence?

— Valancourt, condes de Duvernay.

A emoção sentida por Dupont, quando descobriu no rival o benfeitor do amigo não pode descrever-se. Acalmada a primeira surpresa, tranquilizou de Bonnac, revelando que Valancourt se encontrava no Languedoc. O seu amor por Emília levou-o a indagar sobre o procedimento de Valancourt. De Bonnac podia informá-lo. Valancourt, segundo disse, nos primeiros tempos havia sido atraído pelas seduções do vício e sacrificava todo o seu tempo a certa marquesa e a casas de jogo para onde os amigos o haviam levado. Conforme o costume, perdera grandes quantias para ganhar muito pouco. Fora a uma dessas partidas infelizes que o conde e Henrique tinham assistido. Por fim, arruinara-se. Irritado, o conde seu irmão recusou-se a auxiliá-lo. Valancourt foi preso por dívidas e o irmão não o soltou, na esperança de que o castigo o levaria a refletir e a emendar-se. Foi o que aconteceu. De Bonnac estava mesmo convencido de que Emília, com a sua inocência e pureza, voltara a imperar no coração do rapaz, expulsando as paixões impuras. A corrupção não criara raízes fundas no seu espírito; o hábito não fortalecera as cadeias do vício e Valancourt teve a energia bastante para as quebrar. Libertado pelo irmão, o seu primeiro ato foi de bondade, generosidade e também de audácia. Arriscou ao jogo quase todo o dinheiro que possuía, com

o fim de restituir à família o seu infeliz companheiro de cativo. A fortuna foi-lhe favorável e, desde esse dia, Valancourt tomou a resolução de não tocar mais numa carta ou num dado. De resto, era falso ter Valancourt aproveitado alguma vez as liberalidades da marquesa de Champfort, como o conde de Villefort havia suposto. Tal afirmação representava uma dessas calúnias que, muitas vezes, acompanham a verdade para esmagar ainda mais os infelizes. O conde havia sido enganado por pessoas a quem considerava dignas de crédito e Valancourt, ignorando as acusações, não pudera contestá-las.

Quando de Bonnac revelou a conduta do amigo generoso, unicamente culpado de imprudência e falta de energia, Dupont, na sua lealdade, resolveu sacrificar-se e, embora sofresse com isso, unir Emília ao seu amado, que ainda era digno dela. Revelou o projeto ao conde de Villefort que, desolado por ter dado ouvidos a informações mentirosas, deplorou as consequências da sua credulidade. A primeira reparação a oferecer a Valancourt seria proporcionar-lhe o meio de se explicar com Emília. Escreveu-lhe logo, pedindo-lhe perdão pela involuntária ofensa e convidou-o a visitar o castelo de Blangy. Achou mais conveniente não revelar a Emília as preciosas revelações recebidas sobre o procedimento do rapaz, deixando-a também na ignorância da sua próxima visita. Queria poupar-lhe, até à chegada de Valancourt, inquietações prematuras, sem pensar que a entrevista planeada podia ser anulada por um ato de desespero do interessado.

XLIII

História da “Signora” Laurentini de Udolfo

Estranhas circunstâncias distraíram Emília das suas preocupações, despertando-lhe tanta surpresa como horror.

Poucos dias depois da morte da Italiana, o seu testamento foi aberto na presença da superiora do convento e de Bonnac. Verificaram que legava um terço da sua fortuna à parente mais próxima da marquesa de Villeroy e essa parente era Emília.

Havia muito tempo que a superiora conhecia o segredo, mas Saint-Aubert, ao confiá-lo ao padre que lhe assistira nos últimos momentos, pedira para nunca o revelarem à filha. No entanto, as singulares palavras proferidas pela signora Laurentini e a confissão feita à hora da morte tornaram necessária uma explicação entre a superiora e Emília. Ficou então sabendo pormenores que muito a impressionaram.

Como a narrativa da superiora não mencionou certas circunstâncias, que podem interessar o leitor, e como a história da religiosa estava, estreitamente, ligada à da marquesa de Villeroy, substituiremos a conversa das duas por uma narrativa sucinta da vida da falecida irmã Inês.

A signora Laurentini era a única descendente da casa de Udolfo. A primeira infelicidade da sua vida, a origem de todas as outras, foi a indesculpável indulgência dos pais que, em vez de moderarem a violência das suas paixões nascentes, deixaram desenvolver, livremente,

todos os seus instintos. Para mais, a morte prematura levou-os, deixando-a numa idade perigosa, nova e bonita. A Italiana adorava os divertimentos, embriagava-se com os elogios e desprezava a opinião pública, sempre que esta se encontrava em contradição com as suas inclinações. Possuía espírito brilhante, vivacidade e todo o encanto próprio para subjugar os outros. O seu procedimento foi de molde a deixar adivinhar que a fraqueza dos princípios igualava a força das paixões.

Entre os seus numerosos admiradores, figurava, em primeiro lugar, o marquês de Villeroy, um dos mais atraentes fidalgos franceses. Encontrou Laurentini em Veneza e apaixonou-se, loucamente, por ela. Por seu lado, a signora ficou logo subjugada pela boa aparência e qualidades do marquês. Soube tão bem ocultar-lhe os defeitos de caráter e as manchas da passada conduta, que o fidalgo pensou desposá-la.

Porém, antes do casamento, foi obrigada a ir ao castelo de Udolfo e o noivo acompanhou-a. Ter-se-ia ela mostrado menos prudente, menos cautelosa do que fora até ali, a ponto de o marquês conceber certas dúvidas sobre a conveniência daquele casamento? Fosse como fosse, abriu um pouco os olhos sobre os perigos que a sua honra poderia correr, e a mulher que devia ser sua esposa tornou-se, simplesmente, sua amante.

Depois de passar algumas semanas em Udolfo, foi chamado a França. Partiu contrariado, pois continuava sempre muito apaixonado pela Italiana a quem prometeu regressar logo que os seus negócios estivessem resolvidos e até levar por diante o projeto de casamento.

Animada com a promessa, Laurentini não opôs obstáculos à partida. Entretanto, Montoni visitou Udolfo e renovou as propostas de casamento já rejeitadas em tempos e de novo rejeitadas naquela altura. O marquês de Villeroy era o único senhor do seu coração. Exaltada pelo delírio da paixão, contava os dias e as semanas que a separavam da época provável do regresso do amante. Porém, o prazo terminou e o marquês não apareceu. Então tornou-se insuportável e o seu cérebro, preso a uma ideia fixa, começou a dar indícios de desarranjo. Decorreram muitos meses e não recebia notícias de Villeroy. Os seus dias passavam-se em violentos ataques de desespero ou em períodos de extremo abatimento. Isolava-se, fechava-se no quarto semanas seguidas, sem querer ver ninguém. Escrevia cartas, relia as que em tempos recebera do marquês e contemplava o seu retrato, ora para lhe dirigir ásperas censuras, ora para o cobrir de lágrimas e protestos de amor.

A certa altura, correu o boato de ter Villeroy casado em França. Devorada pelo ciúme, louca de cólera, decidiu partir para esse país e, se fosse verdade, vingar-se. Confiou o projeto à criada de quarto a quem convenceu a acompanhá-la. Reuniu todas as suas joias, cujo valor era imenso, partiu em segredo para Livorno e daí embarcou para França.

Quando chegou ao Languedoc soube que, de fato, o marquês estava casado havia algum tempo. A notícia quase lhe roubou a razão. Concebia projetos sobre projetos para logo os

abandonar, pensando apunhalar o marquês, sua mulher, e até apunhalar-se a si mesma.

Acabou por decidir-se a procurá-lo, censurar-lhe a indignidade e matar-se a seus pés. Mas quando encontrou o homem que sempre fora o alvo dos seus pensamentos e do seu amor, a cólera desvaneceu-se, a coragem enfraqueceu e, vencida pelo embate de tantos pensamentos contraditórios, caiu desmaiada a seus pés.

O marquês não ficou insensível a tanta beleza e paixão. O ardor dos antigos sentimentos despertou, pois tinha sido a razão e não a indiferença que o havia afastado da amante.

Reconheceu não lhe consentir a honra desposá-la e afastou-se. Escolheu uma companheira digna, por quem professava profunda estima e de quem gostava com uma afeição calma, sem transportes de paixão. Por seu lado, a nova marquesa, não conseguiu, com as suas virtudes e ternura, ocultar-lhe uma espécie de frieza. O marido começara a suspeitar de que o coração de sua mulher já estava preso antes de casar com ele, quando a Italiana apareceu. Desde o primeiro encontro, esta adivinhou não ter enfraquecido o império que exercia no coração do amante e, acalmado o ciúme com esta convicção, resolveu envolvê-lo cada vez mais na teia dos seus encantos para o levar a cometer um crime diabólico. Seguiu à risca este plano com infernal dissimulação e imperturbável paciência, acabando por afastar o marquês da bondosa e honesta esposa, cuja tímida meiguice formava completo contraste com os ardentes transportes da Italiana. Procurou excitar nele o ciúme do orgulho e amor próprio, visto não existir amor, chegando a ponto de lhe apontar o homem com quem, afirmava, a marquesa o atraía. Ao mesmo tempo, exigiu-lhe a promessa de não tirar vingança do rival; era, segundo calculava, o meio de concentrar toda a cólera vingativa do marido sobre a cabeça de sua infeliz mulher e prepará-lo para executar o horrível crime tantas vezes meditado, única forma de destruir o obstáculo que a separava da felicidade.

Entretanto, a inocente marquesa verificava, com doloroso espanto, a mudança operada nos modos do marido. Tornou-se pensativo, reservado, tratando-a com frieza e até com dureza. Quantas vezes a deixava lavada em lágrimas, abandonada durante muitas horas, lamentando a sua indiferença e formando mil projetos para lhe reconquistar o coração. Este procedimento desprezador e injusto feria-a ainda mais porque, tendo casado com o marquês por obediência ao pai, lhe sacrificara sem pensamento reservado outra afeição na qual esperava encontrar a verdadeira felicidade. A cruel Laurentini, ao fato deste segredo, soube tirar partido deste primeiro amor, tão corajosamente dominado pela marquesa de Villeroy. Apontou ao marquês tantas provas da aparente infidelidade da esposa, que, no auge da cólera provocada pelo suposto ultraje, este proferiu odiosas ameaças, que significavam uma sentença de morte. Ministrou um veneno lento a sua mulher, que morreu vítima do duplo ciúme, ou antes, da aliança de um ódio hábil e de culposa fraqueza.

Porém, o triunfo da Laurentini pouco durou e o instante que supunha ser o da felicidade foi, de fato, o início de um suplício que durou toda a sua vida.

A sede de vingança, uma vez satisfeita, deixou-a a braços com o remorso inútil e profunda compaixão pela vítima. Os anos de felicidade, que sonhara ter junto do marquês, foram ensombrados por tristes recordações, porque também ele vergava ao peso dos remorsos e a sua cúmplice tornou-se-lhe odiosa. As provas consideradas irrefutáveis, com o tempo tornaram-se em simples fantasias e, aterrado, descobriu, quando já não havia remédio, ter castigado uma inocente.

Sob o impulso do desespero, pensou entregar-se à justiça com a pérfida a mulher que o impelira para o abismo. Atenuada esta crise, mudou de resolução, mas quando voltou a encontrar-se com a Laurentini, amaldiçoou-a, como responsável pelo crime. Afirmou poupar-lhe a vida apenas para que ela a dedicasse a expiação, à oração e à penitência. Esmagada pelo ódio e desprezo do homem por cujo amor se manchara com um assassinio inútil, cheia de horror por si mesma, esta vítima de uma paixão desenfreada, abandonou o mundo e professou no convento de Santa-Clara.

O marquês abandonou o castelo de Blangy onde nunca mais voltou. Tentou adormecer os remorsos no tumulto da guerra e nas dissipações da capital, mas em vão. Como final de uma vida de dolorosa agitação, que os amigos não conseguiam explicar, morreu dilacerado por torturas morais idênticas às da antiga amante. O médico, que examinara a marquesa depois de morta, fora reduzido ao silêncio a peso de ouro. As suspeitas dos criados não passaram de vagos boatos e o caso nunca mais foi falado. Se ele chegou aos ouvidos do pai da marquesa e não perseguiram o marido por falta de provas, ninguém pôde afirmá-lo. A família chorou-a sinceramente, sobretudo Saint-Aubert, seu irmão — era este o parentesco entre o pai de Emília e a marquesa — que suspeitou da causa da morte da irmã adorada. Por várias vezes escreveu ao marquês que lhe respondeu e esta correspondência, conjuntamente com as cartas da marquesa, confiando ao irmão os seus desgostos, constituíam os papéis que Saint-Aubert, ao morrer, pedira à filha para destruir. O interesse pelo seu repouso inspirou-lhe o desejo de mantê-la sempre na ignorância desta trágica história. Por outro lado, o desgosto provocado pela morte prematura da irmã impediu-o de falar nela, principalmente diante de Emília, cuja excessiva sensibilidade receava. Exigira também à outra irmã, madame Chêron, que guardasse segredo e esta cumpriu, escrupulosamente, este desejo.

Ao ler as cartas da irmã e ao beijar o seu retrato, Saint-Aubert chorara na véspera da partida. O cruel fim da infeliz explicava a comoção sentida quando Voisin proferira o nome da marquesa e desejou ser sepultado junto do mausoléu dos Villeroy, porque a marquesa ali dormia o seu último sono.

Na altura em que chegou a França, a signora Laurentini ocultou, cuidadosamente, o seu nome e, quando professou no convento de Santa-Clara, para dissimular a sua verdadeira história, inventou outra, a mesma que mais tarde a irmã Francisca contou a Emília. Os remorsos e a recordação do seu fatal amor acabaram por lhe transtornar o juízo. Às violentas

crises de desespero sucediam-se períodos de profunda melancolia. Durante muitos anos comprazia-se em vaguear pelo bosque, tocando alaúde e cantando com voz melodiosa. O médico que a tratava recomendou à superiora que não a contrariasse, para não provocar ataques mais perigosos. Deixavam-na, portanto, de noite, percorrer os bosques em redor do castelo, acompanhada pela criada de quarto que levava consigo. Mas como esta tolerância era contrária a todas as regras da ordem, combinaram mantê-la secreta; eis por que a música, além de outras circunstâncias misteriosas, confirmou o boato de ser o castelo e seus arredores frequentados pelos espíritos.

Antes de pronunciar votos, a signora Laurentini fez testamento. Além do importante legado feito ao mosteiro, dividiu a sua fortuna entre a esposa de Bomnac e a mais próxima parente da marquesa de Villeroy.

Contudo, o crime que, iludida pela confissão e remorsos da Italiana, Emília supôs ter ela cometido no próprio castelo de Udolfo, não passava de imaginação. O espetáculo terrível, que tão grande impressão lhe causara, não era verdadeiro.

Por certo, se recordam de existir numa das salas do castelo de Udolfo um quadro coberto com uma cortina preta, que Emília se atrevera a levantar. E o espetáculo gelou-a de horror. Em vez de quadro viu um corpo cujo rosto estava desfigurado pela lividez da morte, meio coberto com uma mortalha e deitado numa espécie de caixão. O fato do corpo aparentar estar já roído pelos vermes, tornava o quadro ainda mais tremendo. Tanto nas faces, como nas mãos tornavam-se evidentes os vestígios dessa destruição. Compreende-se como Emília não se atreveu a olhar duas vezes para coisa tão repugnante. Deixou cair o cortinado e nunca mais lá voltou. No entanto, se tivesse tido a coragem de o observar melhor, o terror e o erro ter-se-iam desvanecido e reconheceria não passar o suposto cadáver de um boneco de cera. Não era raro encontrarem-se figuras como esta, naquela época em que a humanidade vivia subjugada pela superstição monástica. Um dos membros da casa de Udolfo atreveu-se a ofender a supremacia da Igreja e foi condenado a contemplar, durante algumas horas em cada dia, a figura de um cadáver, feita de cera. Esta penitência, destinada a lembrar-lhe a sorte inevitável de todos nós, era o castigo do seu orgulho que tanto ofendera Roma. Não só ele o suportou, rigorosamente, como pensou transmiti-lo aos seus herdeiros. Exigiu fosse o boneco conservado e encaixado numa espécie de nicho na parede do seu quarto. Infelizmente, os seguintes senhores de Udolfo pouco ou nenhum caso fizeram deste instrumento de mortificação.

Emília, que ouvira falar na estranha desapareição da castelã e tendo fortes razões para suspeitar de Montoni, facilmente acreditou ser aquele corpo o dela e o Italiano o seu assassino.

Sabendo ser a marquesa de Villeroy irmã de seu pai, foi dominada por sentimentos bem diversos. À tristeza causada pelo fim prematuro de uma pessoa tão' infeliz, sucedeu-se a

alegria por ver desvanecidas as suspeitas sobre o seu nascimento e honra de seus pais. Custava-lhe duvidar dos princípios rígidos de Saint-Aubert e de admitir ser filha de outra mulher que não fosse aquela a quem sempre respeitara e adorara como sua mãe. No entanto, a sua semelhança com a defunta marquesa, o procedimento de Doroteia, as exclamações da signora Laurentíni e os misteriosos laços que supunha existirem entre a marquesa e o pai, tudo isso lhe inspirara dúvidas cuja confirmação a razão não podia admitir nem por outro lado destruir; quando, porém, as viu desvanecidas, sentiu-se imensamente feliz. Restou-lhe no coração uma compaixão infinita pelo infortúnio da sua infeliz tia e pelo terrível castigo sofrido pela culpada, o que constituía proveitosa lição. A indulgência para com os seus defeitos, conduziu gradualmente a Italiana a um crime, cuja hipótese, no princípio da sua vida, bastaria para a fazer recuar espavorida e cuja recordação não pôde ser apagada, nem mesmo atenuada na sua consciência, por muitos anos de penitência e de remorso.

XLIV

Explicações Indispensáveis

Depois destas descobertas, Emília foi tratada pelo conde e pela sua família como pertencente à casa dos Villeroy e recebeu, se fosse possível, ainda maiores provas de afeição.

O conde, preocupado e surpreendido por não receber resposta de Valancourt, felicitava-se pela prudência que o impelira a ocultar de Emília a tentativa de aproximação.

Além disso, o casamento de Branca, cuja data estava próxima, solicitava-lhe grande atenção.

Faziam-se brilhantes preparativos para receber os Sainte-Foix esperados no castelo de um dia para outro.

Emília desejaria tomar parte na alegria que a rodeava, mas todos os seus esforços se tornaram inúteis. Alarmada, recordava as palavras de Teresa ao descrever-lhe o estado em que ficara Valancourt quando lhe devolvera o anel, o desespero produzido pela sua recusa em recebê-lo. Censurava-se pela sua dureza, receando as suas prováveis consequências, e o seu coração estremecia de dor e de medo. As dúvidas concebidas sobre a saúde e até mesmo sobre a vida daquele a quem, apesar de culpado, continuava a amar, a necessidade de ocultar estes pensamentos até poder regressar ao Vale, tudo isto lhe tornava a situação intolerável. Havia momentos em que receava não poder esconder a sua ansiedade. Então fugia do castelo para ir procurar nos bosques ou à beira-mar um pouco de calma para o seu tormento. O murmúrio das vagas rolando pela areia ou o rumorejar do arvoredo harmonizavam-se com o seu estado de espírito.

Certa tarde, quando passeava na praia, lembrou-se de entrar na velha torre. Subiu a escada de caracol e encontrou-se numa sala menos arruinada do que o resto do edifício.

Quantas vezes admirara daquela janela a maravilhosa perspectiva das montanhas e do oceano! O Sol, ocultando-se naquele momento por trás dos Pirenéus, na parte que separa o Roussillon do Languedoc, os bosques e as ondas, desdobrando-se a seus pés, tudo tomava o tom purpúreo do astro no seu declínio. Inspirada pela beleza do cenário, pegou no alaúde e cantou uma dessas canções simples que outrora Valancourt tanto gostava de escutar. O tempo estava sereno, agradável e nem a mais leve aragem encrespava a superfície das ondas. Ao longe, passava um barco, cuja vela se coloria com os últimos reflexos do dia. O som melancólico do alaúde mais profunda tornou a tristeza de Emília. Entoou diversas canções e as recordações que lhe despertaram tornaram-se-lhe cada vez mais pungentes. Então, abandonando o instrumento, deixou correr livremente as lágrimas.

O Sol desapareceu. Era quase noite e, contudo, Emília não se decidia a abandonar a torre e continuava mergulhada em tristes reflexões. De súbito, ouviu passos e percebeu que alguém subia a escada. A porta abriu-se e um homem, cujas feições não pôde distinguir, devido à escuridão, entrou na sala. Mas como não o reconhecer quando lhe ouviu a voz, essa voz que sempre a perturbava? Era Valancourt! Trémula de espanto e de alegria, pôs-se de pé, mas logo voltou a sentar-se. Agitada por sentimentos contraditórios, mal ouviu as palavras tímidas e carinhosas com que ele tentava reanimá-la. Ajoelhado a seus pés, pedia-lhe perdão pelo excesso de impaciência que o levava a surpreendê-la tão bruscamente. Acabava de chegar e, não tendo encontrado o conde no castelo, fora procurá-lo ao parque. Ao passar pela torre, reconheceu a voz de Emília e não conseguira resistir ao desejo de subir. Tendo conseguido, por fim, recuperar a calma, Emília dispôs-se a repelir as atenções do rapaz e perguntou-lhe, com o máximo da frieza que conseguiu demonstrar-lhe, qual era o fim da visita.

Interdito, Valancourt não soube responder-lhe. Emília insistiu, demonstrando a sua surpresa. A devolução do anel não representava a proibição de voltar a vê-la?

Valancourt afirmou não ter recebido o anel. Doutra forma, teria morrido de desespero.

Emília respirou e quase abençoou Teresa por lhe ter desobedecido e mentido. No entanto, manteve a atitude de aparente frieza.

— Meu Deus! — exclamou Valancourt — O seu procedimento destrói todas as minhas esperanças. Quando me retirou a sua estima, Emília, deixou também de me querer?

— Com certeza — afirmou Emília com voz trémula — E, se tivesse em conta essa estima, não voltaria a dar-me motivos para descontentamento.

A fisionomia de Valancourt transtornou-se e à dúvida sucedeu-se o espanto e o desânimo. Ficou calado durante algum tempo e, por fim, murmurou:

— É então verdade ter perdido a sua afeição? Como foram cruéis aqueles que me prometeram acolhimento diferente! Nunca mais poderá restituir-me a sua estima e o seu amor? O conde não devia ter feito isto. Matou-me duas vezes.

Por sua vez, Emília ficou espantada. Trémula, pediu-lhe para se explicar melhor.

— Para quê? — replicou Valancourt — Ignora quanto fui caluniado e serem as ações que me imputaram ... como pôde degradar-me a esse ponto, Emília... ignora considerar eu essas ações baixas, desprezíveis? Ignora ter o conde descoberto a falsidade das infames acusações que me roubaram aquilo que considero como o único tesouro neste Mundo e me escreveu, convidando-me para vir ao castelo a fim de me justificar? Ignora tudo isto, de fato, ou mais uma vez fui iludido por uma falsa esperança?

O silêncio de Emília' parecia confirmar esta suposição. A escuridão que os envolvia não permitiu a Valancourt ver no seu rosto o reflexo da surpresa e louca alegria que a agitavam.

Por fim, profundo suspiro lhe fugiu dos lábios e conseguiu falar:

— Ignorava tudo isso, Valancourt. Sinto-me profundamente comovida. Supunha não poder continuar a estimá-lo e, contudo, não conseguia esquecê-lo, meu amigo.

— Deus poderoso! Será possível! Tanta alegria depois de tanto sofrimento? Ainda me quer, Emília?

— Preciso repetir-lhe? Será necessário? É este o meu primeiro instante de felicidade desde que nos separámos e com ele sinto-me indemnizada de tudo quanto sofri!

A comoção de Valancourt era tão profunda que não conseguiu responder-lhe. Apertou-lhe as mãos entre as suas, beijou-as e as suas lágrimas foram mais eloquentes do que as palavras.

Recuperando um pouco a calma, Emília propôs o regresso ao castelo, mas nem ela nem Valancourt poderiam dizer como lá chegaram. Se uma varinha mágica os tivesse transportado não teriam dado menos pelo caminho. Encontraram-se no vestíbulo antes de terem tempo para pensar existir mais alguém no Mundo além deles. O conde acolheu-os com alegria e pediu a Valancourt perdão pela injustiça praticada. De Bonnac, por sua vez, reuniu-se ao feliz par, manifestando o seu contentamento pelo encontro.

A condessa e Branca acolheram Valancourt com amabilidade. Branca, principalmente, sentiu-se tão contente com a felicidade de Emília que, por momentos, esqueceu a ausência do noivo. Foi este que lhe despertou a memória, chegando horas depois, já curado dos ferimentos recebidos na perigosa aventura desenrolada na montanha. Trocaram-se felicitações e a ceia que os reuniu a todos foi das mais animadas e cordiais. Só uma pessoa, entre eles, se sentia triste e desolado, mas, não querendo ensombrar a alegria dos outros, esforçou-se por se dominar. Essa pessoa era Dupont que, sabendo ser Valancourt ainda digno do amor de Emília, se afastou, abandonando no dia seguinte o castelo de Blangy. O seu procedimento inspirou a Emília profunda estima e também compaixão.

Entregue à sua felicidade, o conde e os seus hóspedes não deram pelo correr das horas, o mesmo acontecendo na copa. Quando Annette soube da chegada de Valancourt, quis ir vê-lo, e Ludovico teve grande trabalho para a convencer do contrário e impedir que corresse à

sala para manifestar a sua satisfação. Afirmava que, depois do regresso de Ludovico, não se sentira ainda tão feliz como naquela noite.

XLV

Conclusão

O casamento de Emília e de Branca realizaram-se no mesmo dia, no castelo de Blangy, com um esplendor pouco habitual naquela época.

O salão foi revestido com tapeçarias novas, representando Carlos Magno e os Doze Pares. Viam-se os altivos sarracenos, marchando para o combate, assim como todos os encantamentos mágicos do feiticeiro Merlim. Os sumptuosos estandartes da casa de Villeroy, tirados dos armários onde por tanto tempo haviam estado encerrados, voltaram a esvoaçar ao vento, no alto das janelas ogivais de vitrais coloridos. A música, soando por todos os lados, despertava, alegremente, os ecos das compridas galerias.

Annette afirmava nem nos mais belos contos encontrar descrições tão esplêndidas, e que os próprios duendes não faziam melhor quando se reuniam. Quanto à velha Doroteia afirmava ter o castelo regressado ao esplendor de outros tempos.

Depois de ter contribuído para a magnificência destas festas, Emília e Valancourt despediram-se dos seus amigos e regressaram ao Vale, onde a velha Teresa os acolheu com sincera alegria. Naquele agradável retiro encontraram recordações que, de futuro, podiam encarar sem amargura. Percorrendo o castelo onde tanto tempo vivera com o pai e a mãe, Emília mostrava ao marido os lugares preferidos por eles e supunha vê-los ainda a seu lado, sorrindo-lhe.

Valancourt conduziu-a para junto do plátano onde pela primeira vez lhe confessara o seu amor. A recordação dos desgostos, dos perigos e das tristezas, sofridos depois desse dia, mais profunda tornava a sensação da atual felicidade. Naquele ponto, tão querido por Saint-Aubert, juraram um ao outro tornarem-se dignos dele, imitando a sua bondade, não só nos seus gestos de caridade, como também na sua vida sem mancha, consagrada a honrar Deus e a servir a Humanidade.

Logo depois do regresso do casal ao Vale, o irmão de Valancourt visitou-os para os felicitar e apresentar as suas homenagens a Emília. Ficou tão encantado com as perspectivas de felicidade proporcionadas ao irmão pelo casamento, que lhe doou, imediatamente, metade da sua fortuna e, como não tinha filhos, considerou-o herdeiro do resto.

As propriedades de Toulouse foram vendidas. Emília comprou a Quesnel o antigo castelo do pai. Dotou Annette e instalou-a em Espourvillec com Ludovico. Quanto a ela e Valancourt, preferiram o Vale a qualquer outra residência. Todos os anos, porém, respeitando a memória de Saint-Aubert, passavam algumas semanas na moradia onde decorrera a sua infância. Emília consultou o marido, pedindo-lhe para ceder à família de Bonnac o legado recebido da signora Laurentini. Valancourt compreendeu quanta delicadeza havia na cedência da

avultada herança a um amigo que lhe era devedor. Desta forma, o castelo passou a pertencer à esposa de Bonnac, a mais próxima parente dos senhores de Udolfo, e esta família, tanto tempo infeliz, pôde enfim alcançar o repouso e a prosperidade de que era digna. Gostaríamos de falar ainda de Valancourt e de Emília, descrever a sua alegria ao sentirem-se livres da opressão, vingados das injustiças e restituídos ao amor um do outro! Contar como, avançando de mãos dadas pela estrada do bem que conduz à felicidade, saborearam em comum os prazeres de uma inteligência cultivada e da bondade ativa, e como os arvoredos do Vale se transformaram numa espécie de templo consagrado à sabedoria e à tranquilidade doméstica.

Possa ao menos esta história demonstrar uma verdade útil: o crime pode obter passageiro triunfo, mas a virtude, amparada com a paciência, mais cedo ou mais tarde acaba por vencer a injustiça e a desgraça.

E se a mão que a escreveu conseguiu, com as suas descrições e consoladora moral, suavizar momentos de tristeza, e reanimar a coragem de algum infeliz, os seus esforços não terão sido inúteis e o autor terá recebido a sua recompensa.

Fim

[{1}](#) mercenários

[{2}](#) Hoje são bem conhecidos os efeitos da electricidade atmosférica.

[{3}](#) Antiga moeda de ouro fabricada e utilizada na Itália.

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Pequena Biografia da Autora](#)
- [I. O Castelo do Vale](#)
- [II. O Retrato](#)
- [III. Encontro](#)
- [IV. O Ferido](#)
- [V. O Castelo das Torres](#)
- [VI. Supremo Adeus](#)
- [VII. A Orfandade em Emília](#)
- [VIII. Solidão](#)
- [IX. Um Lampejo de Felicidade](#)
- [X. O Italiano](#)
- [XI. Em Veneza](#)
- [XII. Preparativos para o Casamento](#)
- [XIII. O Castelo de Udolfo](#)
- [XIV. O Retrato Velado](#)
- [XV. Visita Noturna](#)
- [XVI. Uma Voz](#)
- [XVII. Valancourt](#)
- [XVIII. O Mistério Continua](#)
- [XIX. A Torre de Leste](#)
- [XX. Sons Misteriosos](#)
- [XXI. Entrevista Noturna](#)
- [XXII. A Cilada](#)
- [XXIII. A Aparição](#)
- [XXIV. Ainda a Aparição](#)
- [XXV. Presságio de Morte](#)
- [XXVI. A Canção da Gasconha](#)
- [XXVII. Novamente a Voz Misteriosa](#)
- [XXVIII. A Travessia na Floresta](#)
- [XXIX. Uma Pastoral](#)
- [XXX. Regresso ao Castelo de Udolfo](#)
- [XXXI. A Fuga](#)
- [XXXII. Um Mistério que se Desvenda](#)
- [XXXIII. O Solar de Blangy](#)
- [XXXIV. O Regresso](#)
- [XXXV. A Entrevista](#)
- [XXXVI. Uma Figura Humana](#)
- [XXXVII. Velada](#)
- [XXXVIII. Irmã Inês](#)
- [XXXIX. Vestígios do Passado](#)
- [XL. Os Contrabandistas](#)
- [XLI. História de Ludovico](#)
- [XLII. A Morte de uma Pecadora](#)
- [XLIII. História da “Signora” Laurentini de Udolfo](#)
- [XLIV. Explicações Indispensáveis](#)
- [XLV. Conclusão](#)